Emilio de San Bruno

Zambeziana

SCENAS DA VIDA COLONIAL

LISBOA

1927

Zambeziana

EMÍLIO DE SAN BRUNO

Zambeziana

SCENAS DA VIDA COLONIAL

LISBOA
TIPOGRAFIA DO COMÉRCIO
Rua da Oliveira, ao Carmo, 8

1927

PRÓLOGO

Em um domingo, no princípio do ano de 1925, dia que eu tinha escolhido para fazer uma visita de pura cerimónia a um conhecimento de moderna data, que morava num prédio da Rua Damasceno Monteiro, depois daquele dever de cortesia acabado, subi ao Largo da Graça, com a intenção de ali esperar o *electrico* para a Baixa.

Emquanto esperava o carro, um aguaceiro despontou, mal a propósito, e mal encarado no horisonte limitado pelos telhados do casario do bairro, cresceu célere, e começou caíndo; e eu, tendo visto no princípio da Rua da Verónica, a uma janela, a clássica bandeirinha vermelha anunciadora de leilão, logo um assômo de curiosidade, e também o desejo de me recolher da chuva, fez com que subisse com cautela e sem pressa a um terceiro andar de dois inquilinos, onde, em quatro pequenos compartimentos do lado direito do patamar, se leiloava o recheio modestíssimo de um lar desabitado.

Havia pouca concorrência e, na ocasião em que entrei, o pregoeiro anunciava à licitação uma pequena caixa de madeira de cânfora, contendo diversas bugigangas exóticas, africanas e orientais, sem valor.

Foi revolvendo com indiferença, e com a ponteira da

bengala, aquele lixo colonial, que entrevi no fundo da velha caixa uns cartões bafientos a capear umas folhas manuscritas.

¿Que seria?...

Peguei no empceirado maço de papéis, mirei-o com atenção e curiosidade, e, não temendo sujar os dedos, desatei com esforço os cordéis apodrecidos, e o volume subdividiu-se em quatro fascículos. Cada um dêles tinha o seu título. O primeiro exibia em letra grossa num bocado de papel colado à face externa:

Gadir e Mauritânia, por Emílio de San Bruno

O segundo:

Zambeziana

O terceiro:

A velha magra da Ilha de Loanda

O quarto:

O caso da Rua Vo-long, n.º 7, em Macau

Havia ainda folhas dispersas com apontamentos, croquis, datas, etc., sem título especial.

Gulosamente decidi logo ficar com a caixa de cânfora e seu conteúdo bizarro, o que consegui sem esfôrço, porque o agente da venda estava com pressa de acabar o insignificante leilão, e largou o lote sem demoras nos lanços, que aliás nenhum dos *cabeças de pau* no *cambão*

presentes teve interêsse em *picar*... E eu, chamando um moço postado na esquina da Estação de Bombeiros que ali demora em frente do pequeno largo, enviei o lote apetecido para minha casa.

Li com vagar e desfastio os apontamentos dos folhetos, evidentemente escritos sob o pseudónimo de Emílio de San Bruno, e depois atirados com desapêgo para o fundo de uma velha caixa de cânfora...; e, tendo satisfeito o capricho curioso, pus tudo de parte, e bem depressa caía o achado literário no olvido das coisas passadas.

Ao percorrer com a vista uma destas manhãs um «Diário de Notícias», eis que se me depara em maiúsculas o seguinte título — *Pró Colónias — Duas interessantes iniciativas.* — Vi, que o «Diário» entrevistando o activo e enérgico Agente Geral das Colónias — são as palavras do jornal — explicava aos seus quinhentos mil leitores: — «Que tendo aquele senhor verificado que o maior mal das nossas Colónias é não serem suficientemente conhecidas de nacionais e estrangeiros, o ilustre funcionário, que é um colonial distinto, iniciou desde que tomou conta do seu lugar uma obra de propaganda que vai dar decerto os mais proveitosos resultados.»

«Como se sabe, há ainda entre nós alguns milhares de pessoas para quem a África continua sendo, em pleno século XX, a costa negra, povoada de perigos do tempo das descobertas. E se os estranhos não pensam assim, a ignorância sôbre o esfôrço colonizador dos portugueses e as ambições que os reunem à posse desses riquíssimos domínios, levam-os a criar àcêrca dêles uma atmosfera de desconfiança e de mentiras, verdadeiramente deploráveis.»

Mais adiante, o ilustre entrevistado pugnava pela propaganda dos nossos territórios de Além-mar, não desdenhando a obra puramente literária, nem a utilização do cinema, com as seguintes frases:

«Acha estranho o distinto funcionário que, tendo Portugal um tão rico e extenso Domínio Ultramarino, a nossa literatura colonial seja de tal modo reduzida, que mal se dá por ela. A Inglaterra e a França têm hoje uma literatura admirável ligada às suas Colónias, estando a seguir-lhes o exemplo a Bélgica, a Holanda e a Itália.»

«A literatura é, de facto, um dos factores de propaganda de resultados mais seguros e mais rápidos, interes sando a maior parte pelos assuntos coloniais devido á maneira romanesca como são apresentados.»

Ler aquelas linhas, aqueles períodos donde se evolava um perfume de patriotismo altamente simpático, e lembrar-me dos papiros esquecidos na poeira das pratateleiras inúteis, foi acto contínuo. E a mim perguntei se não seria azado e oportuno o momento de fazer conhecido do grande público, qualquer dos fasciculos encontrado, que às nossas Colónias se referiam, agora que tanto nelas se falava...

Daria assim ocasião, aos amantes de novelas, policiais, sentimentais, históricas, amorosas, de capa-e-espada e de abracadabrantes psicologias de tarados, de desviarem um pouco a sua atenção delas, e participando do meu achado de acaso, conhecerem os diferentes aspectos pitorescos da vida ultramarina, por meio da novela colonial...

Era mais um especimen de novelas... ¡ Se êle há tantos!

Ora se o público aceitasse a bem intencionada edição, eu, Carlos Crispim da Cunha Carvalho — o nome não importa, mas sempre é bom apontá-lo à gratidão dos pós-

teros — seguiria com a publicidade dos outros folhetos que constituem, como os títulos indicam, aspectos romanescos e inéditos do que observou o tal autêntico desconhecido Emílio de San Bruno nessas terras longínquas e ignoradas naqueles tempos, e pelo visto, e pelo falar do «Notícias», ainda hoje no mesmo estado de ignorância, para o português erudito em novelas e contos brincados de estilos extravagantes.

Se não... se o seu destino é tornar para a prateleira das coisas inúteis... ao lixo tornará o despojo do leilão pobríssimo, e será a lógica solução de tudo o que nasceu...

¡ Lembra-te que és pó !
¡ E que ao pó tornaràs !

E eu, Carlos Crispim da Cunha Carvalho, ex-chefe duma secção colonial num Banco, que neste malfadado ano de 1925 fechou as suas portas, não terei mais que dizer (como o Rei David depois de confundido pelas parábolas do profeta Nathan) — *peccavi !*

E não pensarei mais em colónias, ou emprêgos coloniais...

Em todo o caso, não se diria que a semente lançada ao turbilhão da publicidade do «Notícias» tivesse ido cair tôda em rocha escalvada e agreste onde não podesse frutificar.

E quem dera que os escritores profissionais queridos do público que gosta de lêr, aplicando a sua divina arte, o sortilégio do livro, aos aspectos curiosíssimos do terrível drama que há séculos acompanha a nossa vida colonial, despertassem a emoção no público português indiferente a tanta riqueza de que é possuidor ignaro.

Talvez êle lendo, a perfeição das descrições, o poder da figuração, a psicologia das personagens que habitam as nossas Colónias, o interêsse forte do enrêdo e da intriga, meditando as lindas frases que só êles lhe saberiam dizer, quer fôsse ao ouvido de Madame em subtilezas de bom casuista, quer fôsse gritando alto em períodos rubros de côr, explodindo sonoros e retumbantes como estridências de clarins, sentisse vibrar assim o apático e apagado sentimento dos indiferentes...

Ah! se êsses escritores beneméritos soubessem, entretendo, deleitando, insinuar no espírito público um patriótico e alegre despertar da sua consciência nacional...

¡Já era bonito!...

Lisboa, 1925.

Carlos Crispim da Cunha Carvalho

I

> **Criou-me Portugal . . . .**
> **. . . . .**
> **Corri terras e mares afastados**
> **. . . . .**
> **Mas aquilo que, enfim, não dá ventura**
> **Não o dão os trabalhos arriscados**
>
> CAMÕES, soneto C

Numa manhã tórrida, de sol deslumbrante, asfixiadora de calor tropical, Paulo desembarcou no cais antigo e meio arruinado da antiquíssima vila de Quelimane, capital do Distrito da Zambézia.

Atrás dêle seguia o *Rato-cego*, um grumete que lhe tinha pedido para o acompanhar, e êle e um negro sobraçavam sem esfôrço a sua exígua bagagem: um fardo de roupa embrulhado numa *manta-de-leão,* um daqueles bem conhecidos *couvre-pieds* de indústria barata alemã, que era moda todos os marujos comprarem nas lojas dos *monhés* [1] em Lourenço Marques, uma caixa de folha, estreita e comprida como um esquife, com os uniformes, a espada metida na sua clássica capa de baeta verde, as caixas de folha das dragonas e do chapéu armado, e a caixa de madeira polida do sextante inglês (Gaupp & Son).

Ainda vinha depois uma velha maleta de coiro, can-

---

[1] Naturais da Índia que imigram para a Costa Oriental a fazerem negócio com os negros.

çada de todos os tombos e balanços dos oceanos infindáveis e melancólicos, cheia de livros e roupas, e por fim, levado com cuidado e prazer pelo *Rato-cego,* o moringue de barro, comprado na Praça da Figueira, alceado [1] a bordo do *Africa,* o velho transporte da Marinha de Guerra Portuguesa.

O moringue, na bagagem de um marinheiro prático na navegação daquele tempo, era uma prevenção acertada, quando a viagem era feita com *plantões* [2] à *jarra* [3].

Todos sabiam que depois de Cabo Verde a ração diária de água seria de um litro para lavar e um litro para beber e que os *quartos* da maruja de primeira viagem começariam a lavar-se com água de *estibordo,* e a beber da *jarra,* e mesmo para mais tarde seria da *chupeta* [4] quando o imediato assim o entendesse...

O moringue representava então o papel providencial de reserva de água, sempre cheio à custa dos aguaceiros das trovoadas equatoriais, e água fresquinha na evaporação do barro poroso, na sombra do camarote ou da coberta, ou do castelo de proa, naqueles tempos em que o gêlo era um mito.

---

[1] *Fazer alça,* têrmo náutico que designa: passar um cabo em redor de um objecto, e unir os chicotes (extremidades) de modo que fique um anel para suspender ou encapelar (enfiar).

[2] Sentinela armada só de sabre para policiamento interior do navio ou estabelecimento militar.

[3] Pequeno depósito de ferro com as dimensões calculadas para conter a água doce necessária para bebida à guarnição durante o prazo de tempo marcado prèviamente

[4] Quando a água se esgota da jarra antes do prazo calculado, solda-se um tubo por onde todos aspiram os goles de água, disciplinando assim o gasto.

Paulo viera parar ali, naquela manhã escaldante de calor húmido. Viajara a bordo do *Adjutant*, um ordinário *cargo* de umas tresentas toneladas, se tanto. Vinha substituir o jovem tenente Nascimento, comandante de um vago vaporzinho, o *Chirua*, em que na Divisão ninguém falava e talvez andasse pelo rio dos Bons-Sinais ¡ Talvez !...

O jovem Nascimento, inteligente, estudioso, e bem orientado por competências talentosas no saber experiente da vida, tinha naturalmente ordem de regresso à metrópole, em um dos bons paquetes da carreira da Africa Oriental.

Provocaria mais uma vez o murmurar irritado dos *camaradinhas* da Estação, amarrados anos inteiros aos navios meio-podres da Divisão Naval, e que seguiam para Lisboa, ou em fracos e desconjuntados *chavécos*, com guarnições anémicas e febrís, ou então esperando pela volta do transporte *Africa*, mal alojados, mal comidos, aliviando do serviço os oficiais da lotação dêste navio pois que entravam na escala geral dos quartos e na de todas as fainas de bordo.

Pois dêste mesmo modo é que Paulo embarcara em Lisboa no *Africa*, naquele *Africa* que tantos anos tinha sido pertença do *Sant'Ana da Pera*, oficial de marinha da *velha guarda*, orgulhoso acima de tudo de uma pera de compridos cabelos que constantemente afagava, passando-lhe a mão em concha a todo comprimento.

Por uma questão de pouca importância com um ministro impaciente e atribiliário — uma carga de retorno das Colónias com a marca V. J. — êle arredara-o do comando e agora o velho transporte estava entregue à responsabilidade do *Gato-Bravo*, um bom comandante e um

perfeito cavalheiro, mas soturno, reservado de maneiras, sempre a soprar irritado, pelas câmaras e pelo tombadilho, em fortes e prolongados sopros de protestos e contrariedades da profissão.

Paulo fizera o serviço a quartos [1] até Lourenço Marques, pagara logo no dia da chegada cincoenta e cinco escudos de rancho, importância exagerada, em relação ao que depois os oficiais privativos da guarnição recebiam de *inteirações,* quando chegassem a Lisboa, e isto eram contos largos, mas clássicos, naquelas viajatas do *Africa.* Seguira imediatamente no vapor alemão *Kaiser* para a Beira onde ao tempo estacionava a corveta *Afonso de Albuquerque.* Lá fossara, *trombara,* seis meses de *imediatice* inglória e trabalhosa, enervante e ingrata; e um dia, recebera uma *guia de marcha* para a Esquadrilha do Zambeze, a fim de, a toda a pressa, ir render o inteligente e sagaz Nascimento que retirava para a metrópole na porfia, gloriosa e remuneradora, dos destinos altos que a envergadura do seu talento, do seu estudo, do seu esfôrço e do seu interêsse pelos assuntos coloniais, especialmente da rica província da Zambézia, lhe dariam, num futuro próximo, o merecido e justo prémio.

Recebida de sobressalto a *guia de marcha,* Paulo embarcara à pressa no *Adjutant,* muito admirado de que se tivessem lembrado dele naquela colmeia de abelhas zumbidoras que era a *Divisão;* dele ¡ que não trouxera de Lisboa a mais ligeira benignidade de favor! E, intrigado,

---

[1] Pessoal que fica responsável durante quatro horas pela navegação, manobra e polícia do navio.

surprêso ao fazer as malas, contente subira a escada do portaló do insignificante *cargo*. Ia de ânimo leve e prasenteiro por ter ocasião de variar de horisontes, já que a *Afonso de Albuquerque* não navegava com aquele actual comandante, agarrado à boia como um mexilhão, à espera de acabar o tempo de tirocínio de comando, para ir depois para o Pôrto percorrer os mercados a tirar *kodaks* às carrejeiras desenvoltas de linguagem, e de tamanquinha airosa e ressoante, pronta a saltar do pé para a mão...

¡Ia então ver essa Zambézia ignorada, e tôrva de paludismos mortais! Terra de maravilha e de mistério, alfobre de heróis e de ladravazes, pretexto de intrigas internacionais, essa Zambézia tão falada nas câmaras dos navios em Lourenço Marques.

Aí, era discutida com cubiça e interêsse essa Zambézia dispensadora de economias pobretonas, as chamadas *economias de estação* que, para os oficiais subalternos, apenas chegavam para pagar as dívidas a alfaiates e camiseiros, divertir um pouco, tomar águas medicinais e... seguir outra vez para Estação, mais endividados que da primeira vez...

Andavam na boca de todos, os nomes dos cubiçados comandos das lanchas de guerra que navegavam por aqueles rios da nossa Africa Oriental, a *Cherim*, a *Obus*, a *Granada* e até a *Maravi* que se sabia desmantelada e servindo de batelão de carga...

Tanto se alimentava o desejo de conseguir a *Diogo Cão*, que navegava no Rio Tijungo, como logo se trabalhava para se conseguir a *Pero Anaia* que navegava no Rio dos Bons-Sinais, como logo se mudava para a *Cuama* que navegava no Limpopo.

O caso era apanhar alguma...

Em Lisboa, as intrigas entre camaradas e os empenhos nas secretarias ferviam em tôrno dos ministros e almirantes para apanhar as *vagas*, e por fim, o comandante da Divisão em Lourenço Marques, cercado, businado, seringado, assaltado por tantas e tão desencontrados pedidos, insinuações, empenhos, recomendações, e até cartas timbradas do Paço, que começavam: «Seria muito agradavel a El-Rei...», despachava um *simples*, e assim ficava livre, se não era pessoa política categorizada, de todos os pretendentes grandes e massudos.

Sucediam às vezes destas coisas, porém era raro.

¿¡ Seria um dêsses acasos, o que se dera com êle !?

Não podia ser.

O comandante da Divisão da Africa Oriental e Mar das Índias era um político categorizado, marechal de um forte partido de tradições firmes, a quem os jornais do partido adverso tratavam injustamente por *almirante suisso*.

Injustamente sim, porque êsse comandante pelo seu tempo de embarque e viagens perigosas não merecia a designação que o Mariano de Carvalho lhe tinha dado no «Diário Popular», e porque êste senhor não sabia que houve realmente um almirante na Suissa, comandante das forças no Lago Leman..

Tinha sido ministro prestigioso e ilustre, pertencia à casa militar de El-Rei, e era assíduo freqüentador do club dos Macavencos, na sala baixa do Teatro da Rua dos Condes.

Paulo cogitava nisto a bordo do *Adjutant*, e lembrou-se que tinha um amigo certo, junto do Almirante, a bordo do *Adamastor*, e que êle o conhecera a bordo do *Vasco*

numa viagem a Marrocos, viagem pitoresca e cheia de peripécias imprevistas, ocasionada pela luta travada entre dois filhos do Sultão para obterem o sultanato, e que as Potências europeias aproveitaram para demonstrações de fôrças navais e influências diplomáticas. Mas continuava ignorante dos motivos ocasionais da sua nomeação.

¡Estava porém bem satisfeito! Imaginava que ia viver em vastos sertões, observar estranhos e misteriosos costumes regionais, e isto aguçava-lhe a curiosidade excitada e o espírito de aventura existente em todo o jovem de vinte anos que escolheu a profissão de marinha.

O pequeno *Adjutant* da *Deutsch-Ost-Africa-Linie* fazia a grande cabotagem entre os portos de Lourenço Marques, Beira, Inhambane, Chinde, Quelimane, Angoche e Moçambique, carreteando carga e passageiros, fazendo atroz concorrência, com os seus fretes baratinhos, aos pequenos vapores ingleses: o *Peters*, o *Matabele* e o *Induna* que se empregavam na mesma cabotagem.

Eram duas horas da tarde e o *Adjutant* ia largar da amarração. A chaminé soltava grossos rolos de fumarada negra e espessa. A bordo havia a costumada confusão da partida, gente que saía apressada, carga ainda mal arrumada e que impedia a circulação. Ouvia-se o roncar do vapor, e a sereia começou a apitar com tal estridência que pôs zunidos irritantes nos ouvidos. Os pretos de bordo, cobertos de suor, cançados e molengos, içaram as últimas cargas dos batelões atracados.

Enfim, o navio largou lentamente do fundeadouro, abarrotado de volumes, e Paulo notou que uns gigantescos caixotes, grades e embalagens, levavam pintados, nas fortes tábuas, as letras *B.C.* Para se distrair preguntou a

um preto que ia passando, o que seriam aqueles grossos caracteres *B. C.*, mas o negro atarefado e bronco não respondeu, nem mesmo talvez o percebesse...

Encolheu os ombros, desanimado. O navio afastava-se agora com velocidade, e Paulo contemplava o *Victoria Hotel*, pobre barracão de improvisadas tábuas pintadas a almagre e coberturas de zinco ondulado, caiado a branco; via as casas abarracadas da Beira, alinhadas em diferentes direcções sôbre o areal escaldante, com tabuado a servir de passadiço a uma população heterogénia, esquisita, composta de aventureiros estrangeiros em marcha para o interior; o céu enfumaçado, as pontes cais desertas, ainda em construção, e já com *Bar-maids* e taboletas em inglês, *Old gin — English Library* — e *Marines Rest*; observava os armazens das diferentes Companhias e casas de negócio, onde bandeiras estrangeiras, na calmice da atmosfera, caíam inertes ao longo dos mastros muito altos, desnacionalizando o aspecto da terra portuguesa e os costumes portugueses, de que os antigos tanto impregnavam a nossa colonização.

Agora, que o vapor já ia fora da barra e que a terra habitada desaparecera, Paulo desviou a vista da longa fita negra e amarelada, fita interminável da nossa costa africana e pousou-a no enorme carregamento do navio que, mal arrumado e todo a uma banda, o fazia adornar a estibordo.

Evidentemente, ao comandante pouco o devia preocupar aquilo; estava-se em Março, e nestas regiões do Canal de Moçambique, o vento da monção nordeste sopra moderamente; mas depois, de Maio a Setembro prevalece a monção do sudoeste, que sopra com fúria, e há anos em que por vezes desencadeia tempestades terríveis de Junho a Julho.

Não devia ser portanto o comandante do *Adjutant* dos que se ralavam com a carga mal arrumada, no mês de Março, era o que Paulo já via.

Conhecia por certo muito bem as condições náuticas, de estabilidade, e outras do seu navio e, para maior expediente e cumprimento de horários de partidas e chegadas, fecharia os olhos sabedores, desprezando o perigo de uma qualquer borrasca repentina naquele mar traiçoeiro, em que muitas vezes, nada fazendo pressagiar mudança de tempo, termómetro e barómetro fixos, céu limpo e claro, mar estanhado, etc. etc., *elas* se armam do pé para a mão...

Paulo olhou para o comandante, de pé, junto ao varandim da ponte.

Viu um alemão alto, um mocetão espadaúdo, frisado e louro como uma *fräulein* que usasse uma barba anelada, a barba anelada das estátuas dos heróis gregos no jardim de S. Pedro de Alcântara...

Sorriu-se... tão longe estava agora do jardinzinho burguês com a sua cascatazinha arrancada dos jardins do Palácio da Bemposta, os seus banquinhos de ferro, e a sua desafogada vista sôbre a cidade...

O comandante, vendo-o a olhar para êle, dirigiu-se-lhe em inglês, num inglês de que Paulo não percebeu patavina... Mas, pela sua mímica forte e insinuante, percebeu que êle lhe oferecia a sua camarinha *to rest and to sleep* e os seus olhos azuis pareciam irradiar a bondade ingénua de uma *Gretchen* campesina..., os olhos azuis dos alemães, que, juntamente com o seu sorriso comercial, vão espancando os olhos firmes e a imperturbável sisudez inglesa, por êsses mercados do mundo ..

Paulo aceitara, e o *Rato-cego*, que andava por ali, foi

mandado pôr lá a bagagem, ainda a *granel* no convés, entre dois sacos de correspondência do correio para Quelimane, única carga que êle descortinara para aquele pôrto, e então não pôde deixar de estranhar ir tanta carga com a marca *B. C.* e nenhuma se destinar a Quelimane!...

¡¿Não podia ser! ¡¿Só aqueles solitários sacos, e a sua exígua bagagem?!... com certeza nos porões iria mais carga. Era de prever...

E sempre no horizonte, aquela fita negra contínua, marcando a terra portuguesa, continuava a correr separando a água do céu azul, e Paulo, há tanto tempo de pé, entrou na camarinha do comandante para descansar.

Era situada sob a ponte do comando como é de uso na maior parte dos navios mercantes.

Sentou-se num pequeno sofá que havia junto do beliche, puxou de um cigarro, acendeu-o com vagares preguiçosos, enquanto cá fora um surdo côro de pretos numa toada dolente e discreta de gente cansada, vinha até êle através duas janelas que na antepara de vante se abriam para a proa.

Paulo relanceou os olhos em volta. A camarinha era alegre, toda pintada de branco, bem ventilada. Logo se interessou por uma fotografia de uma jovem senhora que apresentava, orgulhosa e séria, um rechonchudo bébé vestido à maruja. A fotografia emmoldurava-se numa boia de salvação onde se destacava, em letras douradas, a palavra *Kaiser*.

O espadaúdo mocetão de barba olímpica, louro e rosado como uma *fräulein* encaixilhara com certeza a imagem da mulher e do filho numa boia de salvação onde a palavra *Kaiser* brilhava em caracteres de ouro. Senti-

mentalismo simbólico à cabeceira do seu exíguo beliche de marinheiro!

Paulo puxou do cigarro húmido o fumo áspero de tabaco mafarrão. Achava bonita a idea da boia de salvação! Era marinheiral .. estava certo na câmara de um marinheiro e a palavra *Kaiser* é que... talvez fôsse a idea da pátria, da obsecação do *Deutsch über alles* simbolizado naqueles caracteres, e o alemão tinha ali as imagens da família emmolduradas dentro da idea da pátria, o *Kaiser* dominador, o *Kaiser* omnipotente. ¡Talvez... fôsse um símbolo!...

Passou adiante, e viu então que havia mais símbolos na camarinha do alemão das barbas louras e aneladas, de sorriso bondoso e olhos azuis, muito azuis e muito claros...

Em frente, sôbre a mesa que servia de secretária, havia um tinteiro de balanço, uma pasta para papéis, e uma caixa de charutos vazia. Estava pregada na antepara uma pequena mísula de madeira dourada e em cima exibia-se uma velha estatueta de factura pobre de linhas artísticas, um barro barato de *bazar* que representava um homem idoso, calvo, uma grande calva mesmo, de óculos de grosso aro cavalgando-lhe o nariz forte. Em mangas de camisa, de braços arregaçados, um avental de couro passado na frente do busto atarrracado, fazia menção de bater com um pesado martelo, um martelo enorme, um malho descomunal, a ponta de um ferro em forma de lança, posto em brasa, sôbre a face lisa da bigorna.

A estatueta era com certeza muita velha via-se pelo desbotado das tintas, em certos sítios rachada a superfície do verniz, um dedo de uma das mãos, partido... !¿Uma estatueta de um ferreiro a bordo de um navio?! ¡Isto também será símbolo? pensou Paulo, ¿será um *bibelot* fa-

miliar, herdado de geração em geração, e conservado com carinho e respeito?

Sorriu-se da sua fantasia devaneadora... podia ser... visto que o espadaúdo nórdico gostava de símbolos; talvez representasse o esfôrço, o trabalho violento e áspero, figurado num homem de fisionomia avelhantada e olhos cansados, mas robusto e corajoso na luta pela vida. E Paulo, olhando com atenção a estatueta, comprada em alguma *kermesse* aldeã, posta bem à vista sôbre a pequena mísula doirada como um *icone* sagrado, achou que significava talvez a religião do trabalho. Parecia-lhe ver por-detrás da insignificante escultura derrubar-se o tabique frágil da antepara sôbre o qual ela estava pregada, e aparecer numa claridade ofuscante de apoteose, toda a legião disciplinada dos obreiros da grande Alemanha, tenazes, trabalhadores, organizados poderosamente, argutos e utilitários, avançando à conquista do mundo latino, incauto e despreocupado, írreverente e fútil...

E êsses obreiros, vinham enquadrados nas legiões inúmeras de guerreiros cruéis e sanguinários, que cobriam todos os espaços até aos horisontes longínquos da terra portuguesa, e com método e sciência iam estendendo no horisonte nublado, impenetrável de mistério, um clarão vermelho, sangue e labaredas, que ia aumentando, e já manchava todo o céu europeu...

Era a grande guerra que se aproximava lentamente, mas lentamente preparada para uma solução matemática de *Deutsch über alles!*

Dois balanços desencontrados, interromperam-lhe brutalmente o devaneio fazendo com que Paulo se agarrasse ao pequeno sofá com toda a força, a-fim-de não ser baldeado ao chão. Mas èle via sempre na sua frente o velho

ferreiro batendo com tenacidade e força o ferro da lança guerreira, a lança alemã que havia de ferir de morte o flanco desprevenido da raça latina...

O *Adjutant* continuava navegando, fantasticamente adornado a estibordo, e ao longe, no horisonte, ia sempre correndo a ininterrupta linha do domínio colonial português! ¡Podia navegar-se dias e dias assim, sempre à-vista da terra portuguesa!

¡Como era grande ainda ali, a conquista dos portugueses!...

Ia já baixando o sol e do continente começava agora a suprar o terral forte, e Paulo, muito isolado na camarinha do alemão sentimental e simbolista, deixou se descair numa vaga sensação de abandono que invade, por vezes, aqueles que desde muito novos se costumaram a poucos convívios e avaras trocas de expansões íntimas.

Continuava fumando, e agora olhava, sem ver, outras fotografias que se penduravam pelas anteparas. Um pequenino bordado em linha branca, destas rendas subtís que as senhoras costumam fazer na doce quietação das longas noites de inverno, ou numa amorável sesta de verão, estava emoldurada num caixilho dourado, também coberto de renda, e de cada lado, dois golfinhos de louça donde se erguiam umas verduras finas, refrescavam com elas a austera e modesta camarinha.

Começava agora o crepúsculo rápido das tardes tropicais, e o *stewart* bateu com os nós dos dedos no tabique avisando que o jantar ia servir-se.

Paulo ergueu-se do pequeno sofá, onde estivera repousado e sonhador, fez uma ligeirissima *toilette* e desceu à câmara de jantar.

Um cubículo acanhado, uma mesa a meio, bancos em redor, um candieiro de suspensão oscilando ao sabor do balanço, pendendo do teto acaçapado sôbre as cabeças, e, sentados nos bancos, cinco homens que Paulo ainda não tinha visto.

Um acenar de cabeça de Paulo correspondido com uma leve mesura dos comensais, traduziu indiferença e reserva. Apareceu o alemão de barba anelada e o *stewart* entrou com uma travessa de arroz cosido com peras-passas, que depois era adubado no prato com um môlho amarelento de açafrão, acre e apimentado.

Emquanto comia, calado e desconfiado com o *menú*, diligenciando tragar o arroz tão distante do paladar dos *cozinhados* portugueses, foi reparando nos comensais.

Dois, eram modestas pessoas de feições cançadas, anémicas, a julgar pelo decalque que o clima e as febres lá tinham deixado. As vezes trocavam entre si, em vóz baixa, rápidas palavras e pareciam não apreciar também o arroz de peras-passas. Havia mais três comensais gordos e sisudos que comiam cem grande apetite, e outro ainda, rapaz de olhar vivo, de barbas negras de azeviche, uma longa cabeleira bem tratada, uma boca risonha, que mostrava uma bela fiada de dentes de jovem lobo, e que, a propósito de qualquer pretexto, meteu conversa com Paulo.

Disse que era marselhês, engenheiro de máquinas. Estivera muito tempo em Madagascar, e agora ia com aqueles companheiros, e designou o resto dos comensais, para a Companhia de Borozinga. Dois eram portugueses, e os outros suissos. Ele ia montar umas máquinas, para uma oficina de distilação, e os portugueses eram empregados de escritório. E o marselhês, dando estalinhos com

os dedos, ria-se... Alcool! muito alcool para preto!... era ainda o que rendia mais nas Africas...

E Paulo julgou então perceber que êles acompanhavam toda aquela carga que fazia adornar o navio, marcada com o tal *B. C.* — Borozinga Company —. Os maquinismos seriam ingleses ou carregados na Europa, nalgum porto inglês... ora aí está!

O *stewart* servia agora ervilhas verdes guizadas com rodas de cenoura e de nabo, tudo de *latas*, e polvilhado de assucar cristalizado.

Mas o marselhês rira-se muito daquela interpretação a respeito das marcas *B. C.* Não! não era nada disso; ¡ não era *Borozinga Company*, mas sim *British Chinde!* E com um largo riso irónico, que lhe mostrava quási os trinta e dois dentes alvos e unidos como os de um jovem lobo, cofiando a sua bela barba negra de azeviche, o olhar risonho e malicioso, explicou: - que sabia alguma coisa de Africa, e, que aquela questão do *B. C.* era apenas uma questão de pautas alfandegárias, pois havendo um posto de alfândega no Chinde português, ia tôda a carga dirigida para o Chinde inglês .. *¡ voilà!...* E ria-se o prazenteiro rapaz olhando para Paulo, que o fixava interrogativo.

Porém, êste, um pouco *encavacado*, perguntou:

— ¿ Mas, então .. tudo isto que aqui vai, marcha para a terra inglesa, antes de entrar na portuguesa? não percebo!

— Sim, retorquia o marselhês, é mais fácil, é só por causa da facilidade do despacho, isto é, para a *British Central Africa*, só paga dez por cento *ad valorem...* depois lá em cima, lá para o Chire, vira tudo para as terras de Portugal

Aquele — vira tudo — é que Paulo não percebia... cheirava-lhe a contrabando ¡ emfim ! era assim mesmo...

Mas o marselhês ria... ria... e fazendo com os dedos umas bolinhas de pão, a que aplicava piparotes sob o olhar surprêso do alemão robusto, continuava:

Mas é que no Chinde português, em Quelimane, em Tete, etc., enfim nos portos portugueses...

— ¿ O que era, o que acontecia?

— Ora!... é que os portugueses para protegerem as suas indústrias nacionais, arranjavam umas tabelas de impostos tão fantasticamente proïbitivas, que afinal só serviam os interêsses das alfândegas estrangeiras... e o marselhês ria... ria... sempre *bon enfant*, mas concordou depois que também favorecia a Companhia de Moçambique, e a ela também porque... E o marselhês calara-se...

Paulo, entrando de repente neste ambiente comercial e colonial, fora do meio onde até à data sempre tinha vivido, não percebia o que queriam dizer aquelas palavras, aquelas reticências, mas não queria dar a conhecer a sua completa ignorância. Os portugueses escutavam a conversa, estavam a tomar atenção à verbosidade alegre do marselhês, e o *stewart* servia agora carneiro assado e compota de alperche e ginja.

Paulo estava sôbre brasas com aquela conversa do marselhês, e, para disfarçar, sentindo uma rajada de vento fazer assobiar lá em cima o cordame do barco dirigiu-se ao comandante num mau ínglês :

— ¿ Está a levantar-se vento forte para de noite? perguntou-lhe.

— Oh!... isto não é nada! murmurou êle com um bocado de carneiro entalado entre os dentes não é mesmo

nada eh! .. eh!... vento!?... isto?—e calou-se, mandibulando rijo.

Mas o verboso e alegre marselhês continuou, virado para Paulo resignado e compungido...

— *Monsieur le sous-lieutenant*, sabe que a principal receita alfandegária do distrito é a taxa aduaneira sôbre os algodões estrangeiros, por isso que os algodões nacionais a-pesar-da protecção que lhes concedia a pauta em vigor pagavam em geral três por cento *ad valorem* e não podem concorrer com os de Manchester e Bombaim. Paulo aquiescia com um movimento afirmativo da cabeça...

— Ora os direitos sobre o algodão branco estrangeiro são de duzentos reis por quilo e o do algodão tinto é de tresentos e cinqüenta réis. Ora veja então — dizia o marselhês lambendo os bocados de pão de aveia molhados na gordura do assado — veja *Monsieur le sous-lieutenant!*

- Basta o despachante fazer na alfândega do Chinde um despacho de reexportação para qualquer alfândega da Companhia de Moçambique, e chegado o material lá, *fingir* que descarrega, para obter um abatimento de vinte por cento sôbre os direitos a pagar. E' por isso que os algodões veem acompanhados do despacho de reexportação e portanto sugeitos ao abatimento de vinte por cento.

— E o que se diz com os algodões diz-se com diverso material—concluiu o marselhês a rir-se, dando um piparote noutra bolinha de pão que acabara de enrolar entre os dedos.

- Ah!... e não falo aqui na facilidade de descarga em qualquer ponto das margens dos rios portugueses, como contrabando sistemático dos *monhés* ladinos... Bem vê que é relativamente fácil, com a falta de fiscalização proveniente das lanchas estarem às vezes em demoradas

reparações nas oficinas da Catembe, ou do Sombo, ou de Quelimane, etc...

— ¿De modo que tôda esta carga marcada com o *B. C.* passa por terra inglesa antes de ir para a Companhia de Borozinga?

— ¡Pois está claro! — dísse o marselhês assinando com o lapis, mais um *ticket* de cerveja, que o *stewart* lhe apresentava.

Paulo também pediu mais um *ticket*. ¿Iam então todos para a Companhia do Borozinga fazer alcool de preto, em grande?

— Pois! era mais uma fabrica de distilação, quási todos os prazos tinham aquela indústria, era mais uma a juntar às outras, visto que era a índústria mais rendosa no momento actual em todas as Áfricas. .

— ¿Conhece *Monsieur le sous-lieutenant* por acaso a Companhia do Borozinga?

Paulo respondeu que conhecia... de nome...

— Ah! é uma Companhia que deve dar num futuro próximo muito dividendo aos senhores accionistas... ah! ah! Por ora não, a terra absorvia tudo, estava-se em começo...

Fundada no ano anterior, com um capital de quinhentos e quarenta contos tendo a dirigi-la tecnicamente um estrangeiro, de iniciativa, de energia e de saber, a Companhia obtivera os *prazos* de Nameduro, Licungo e Macuse... e ia para a frente com toda a coragem a desenvolver plantações, a criar indústrias...

— ¿Como a do alcool para preto? — perguntou Paulo com inocência fingida.

— Não! mas as que possam ser aplicáveis à díversidade de aptidões culturais dos terrenos que se estendem por léguas desaproveitadas até à data.

Agora o *stewart* servia farinha de aveia cosida em leite com assucar, e Paulo, que já tinha comido doce com a carne assada, farto de pratos assucarados, rejeitou a cremosa doçura, morto por ver o marselhês pelas costas. O balanço aumentara e a atmosfera estava já densa e irrespirável dentro do acanhado cubículo, onde sete pessoas se empilhavam havia uma hora, em que o marselhês nunca deixara de falar.

Lá em cima a ventania aumentara fazendo vibrar a cordoaria em zuada e assobios que se elevavam a cada rajada mais forte, portas batiam descompassadas, e Paulo não se sentia muito bem..

Deliberou sair do recinto, logo que o comandante se levantasse, largando por mão as explicações do marselhês risonho e falador.

Anoitecera por completo. No convés, Paulo estava agora rodeado de treva, o vento fustigava-lhe o busto, e alguns salpicos salgados vinham molhar-lhe a cara; o navio seguia adornado, sem perder nada do seu andamento certo, e a vaga do vento carregado de humidade crescia a açoutar o casco do navio, desfazendo-se em catadupas de água, que enxovalhava a proa e saía pelos embornais, e Paulo que naquele dia se tinha erguido de madrugada na Beira, no seu exíguo camarote da *Afonso*, para pôr em ordem papéis, fazer a bagagem e entregar o seu encargo de oficial imediato, estava cheio de sono e cansaço.

Daí a pouco, estendido no pequenino sofá da camarinha do alemão da barba anelada, como a dos heróis da Odisseia, olhando já numa inconsciência a delicada renda branca, na sua moldura doirada, o velho ferreiro *batendo o malho*, e a fotografia da senhora orgulhosa e séria que

lhe mostrava de dentro da boia de salvação, o rechon-
chudo bébé vestido à maruja, Paulo, cerrou as pálpebras
rendido à fadiga que produz um dia inteiro bem movi-
mentado, e bem sacudido dos balanços dum pequeno na-
vio a navegar no mar de Moçambique.

II

Paulo só acordou na madrugada seguinte, já com o navio fundeado em frente do Chinde, esse território português de séculos, pura costa de Africa portuguesa onde o inglês tinha imposto a Portugal um protectorado, e portanto um cônsul, um agente alfandegário, um director de correios, e uma lancha de guerra.

Paulo, observando pelo binóculo a mancha esbranquiçada de uma ponta de areia onde alguns coqueiros se destacavam no fundo vago do horisonte, continuava ignorantíssimo da razão porque é que o inglês tinha ali uma porção de terreno a que chamava protectorado. ¿Então a Zambézia não era já nossa? ¿Como é que na costa portuguesíssima, de posse, de tradição, e de lei, aparecia ali um protectorado inglês? ¿Afinal, que inútil aliança esta, que desde séculos só servia os seus interêsses? ¿Que desastrosa política colonial teria dado pretexto a este vexame? E Paulo prometia-se na primeira ocasião tirar-se das trevas onde jazia. ¡Pois se nunca tinha na sua vida pensado no Chinde! Tinha sido preciso ver as letras *B.C.* nos fardos para a Companhia do Borozinga e ouvir a facácia do marselhês para o interessar.

Saíu da camarinha para a *ponte* a-fim-de ver melhor o aspecto da terra longínqua, mas ainda era muito cedo, havia pouca claridade e só se distinguia a fita negra da terra prolongando-se infindável para o norte e para o sul. Avis-

tou vagamente o vulto de uma boia branca pela proa do barco, e depois, mais longe, uma faixa horisontal branca que aumentava e diminuia com intervalos regulares, que conjecturou ser a rebentação dos bancos da barra.

Meteu-se outra vez para dentro da camarinha, a-fim-de fazer uma *toilette* mais cuidada, apesar do forte balanço que por vezes o fazia bater com a cabeça nas tábuas duras do beliche.

¡Já estava aborrecido, e ainda não tinha chegado!

Enfastiava-o a sua ignorância da geringonça colonial. A necessária prática para suprir instruções, que lhe faltava, e a preparação que devia possuir para lidar com coloniais batidos naqueles assuntos, falhavam por completo.

¡Ah! se êle estivesse nas condições do Nascimento, a quem ia render no serviço!... Preparadinho de antemão para a carreira de Governador, com rumo certo para os altos destinos de colonial distinto ¡ outro galo lhe cantaria!... Mas assim! ¿Porque seria esta nomeação de acaso? No entanto, ía ganhando mais uns cobres... Sentia-se com saúde, nunca fôra dado a achaques nem a impaludismos... Talvez fizesse agora a estreia no cemitério dos brancos, como êle ouvia chamar à Zambézia... Talvez!

Corriam no horisonte as primeiras macias claridades de uma serena aurora, sumindo-se os últimos raios das estrêlas, e começavam a aparecer iluminadas de amarelo claro as manchas distantes da longa, interminável linha da costa de Moçambique. Uma humidade morna saía das águas movediças, e a luz ia aumentando ràpidamente arrancando reflexos scintilantes às águas esverdeadas, batidas pelo vento quente da noite, que agora, com a calmice própria da madrugada, se iam tornando mais tran-

qüilas à medida que a maré subia, aumentando os fundos.

Quási de repente, o grande globo esbraseado do sol surgiu num ponto do horisonte, dentre a vaga longínqua, ¡e então foi um encanto! O astro começou subindo ràpidamente, diminuindo de diâmetro, aumentando em calor irradiado, colorindo as nuvens, as águas, e a longa fita da terra distante, de côres vivas ofuscantes de luz.

Á proa, um galicho infeliz, prisioneiro em capoeira que não se descortinava, saudou o sol que nascia, com o seu cantar estridente, e os pretos da tripulação começaram, um a um, a surdir à boca de uma estreita escotilha, resignados e bocejantes, coçando as carapinhas sujas com lentidão e preguiça.

Paulo encostou-se ao varandim que deitava sôbre a tolda e, súbito, sentiu atrás de si o silvo agudíssimo de um apito, trinando um chamamento.

Voltou-se rápido para trás e deparou-se-lhe o alemão olímpico que o cumprimentava, risonho, vermelhaço, sorrindo de dentro da barba anelada e loura de herói de Homero...

Apareceu um preto e êle gritou-lhe numa voz forte e áspera — *Geben mir Kaffee!* — e desapareceu depois para a câmara.

Começou então a limpeza do barco que continuava adornado a estibordo. Ia aumentando o calor. ¡Que seria algo pela volta do meio dia! ¡Nem pensar em tal! ¡Nem dentro de um forno de cal!

Ouviu-se outro trinado do apito, e dali a pouco o cabrestante de proa começava metendo dentro a amarra. Ia-se avançar para a boca do Chinde, a atacar as ondas da rebentação sôbre os bancos, e Paulo, do varandim sô-

bre a tolda, procurou descortinar os enfiamentos que o barco demandava. Para além da rebentação, uma boia marcava-lhe a directriz, enfiada com duas *marcas* construídas em terra, e o *Adjutant* atacou decidido os primeiros turbilhões de ondas alterosas e espumantes que envolveram o casco, levantando-o como se fôsse uma ligeira pena, deixando-o cair de chofre no cavado da vaga. Isto produziu nos intestinos de Paulo uma sensação especial, como se um vácuo enorme lhe sugasse as entranhas... O mar estrugia atroador, tudo em roda era espuma, e o homem do leme com uma atenção imperturbável, de olhos fitos nas *marcas*, agüentava o navio na direcção devida. Qualquer desvio podia ser fatal. Uma última vaga veio rápida, levantou-o de pôpa no meio de um esfarelar impetuoso de espumas revoluteantes, doidas, e correu com êle, depondo-o com duas sacudidelas fortes na serenidade das águas do rio; e Paulo olhando para trás, viu junto a um dos bancos os destroços de uma barca inglesa ali naufragada havia tempos.

Agora, uma boia preta indicava o fácil caminho a seguir, marcando o limite da Ponta Liberal, onde um espesso palmar se elevava com a sua vegetação escura Em frente, a Ponta Mitahune aparecia coberta de mangal cerrado que entrava pela água. Depois, o *Adjutant* virando para bombordo seguindo a curva do rio, veio fundear em frente da margem, perto de um barracão onde, num mastro, estava içada a bandeira da *Deutsch-Ost-Africa-Linie.*

Por detrás de um banco de areia que luzia ao sol côr fulva do seu espinhaço a descoberto, viu Paulo *Chaimite* hasteando altiva à pôpa a bandeira nacional, imediatamente começou o serviço de descarga em bate

lões que pretos rebocavam com grande grita. Os guinchos começaram a ranger, e os *B. C.* a descarregar.

Um oficial atracou num escaler embandeirado à pôpa. Era o médico que vinha à visita de saúde. Encontrando-se com o Paulo, explicou-lhe que o comandante não estava a bordo porque tinha ido para a *Intendência* onde havia nessa tarde um jantar oferecido pelo *Intendente* às autoridades dos dois Chindes, por motivo de ser o dia do aniversário do príncipe D. Luís Filipe, e convidou-o para jantar na *Chaimite*, seguindo então ambos no escaler. Logo o jovem doutor indicou, gracejando, as curiosidades da terra, os monumentos principais, representados nos *palazzos* da casa da Esquadrilha, o da Intendência e as barracas da Companhia da Zambézia, e depois mostrou ao Paulo desapontado e desgostoso, a forte palissada da demarcação do *British Chinde*...

Seguindo ao longo dos barracões da alfândega, foram ter a um *Bar*, e então aí se demoraram os dois jovens a beber um aperitivo, fumando cigarros em cordial convívio e conversando sôbre casos da metrópole, ouvidos sempre com o máximo interêsse, da bôca de quem acaba de chegar.

Os dois jovens oficiais tinham voltado para a porta do *Bar*, depois de terem jantado na camarinha da *Chaimite*, e agora conversavam placidamente sentados em cadeiras de jardim, amesendados em frente de duas cervejas; e Paulo, todo atento, ouvia o doutor contar casos locais.

Foi então que preguntou com fingida indiferença, por que é que ali havia um Chinde britânico.

O jovem doutor olhou surprêso.., e, emquanto acabava de fumar o cigarro de tabaco do oriente, comentou com fisionomia um pouco irónica:

—Olhe que talvez seja maçada... ¡eu explicar-lhe história colonial!

— Ai! não é maçada, ¡ pois se eu é que peço por obséquio!

— Bem! já que quere, então ouça...

Bebeu mais um trago de cerveja, cruzou a perna, e condescendente, com simplicidade e clareza, fazendo com a mão um gesto vago para a banda dos terrenos ingleses começou:

— *Isto* representa uma concessão feita pelo Governo português à Inglaterra pelo tratado de 1892...

— Ah!—cortou Paulo—deve ter sido uma concessão feita com a faca aos peitos, e uma mão nas guelas a apertar... apertar... gentil aliada!...

— ¡Não tenha dúvida! A expansão inglesa, quer na bacia do Zambeze, quer nas regiões do Niassa, tinha-se tornado terrivelmente assustadora para Portugal. Fôra mesmo êste susto que dera causa às expedições sucessivas para a região do Niassa, sob o comando do *Cardoso-das-pilhérias*, um ilustre oficial de marinha, e a do Muofuli, dirigida pelo coronel Paiva de Andrade, e ainda outra dirigida através os territórios entre os rios Panheme e Sanhete, comandada pelo tenente Victor Cordon.

Paulo escutava interessado, e o médico, sacudindo a cinza do cigarro de tabaco inglês, continuou:

— Naquelas horas tristes, Portugal tratou de organizar apressadamente e um pouco tarde o distrito do Zumbo, com territórios já desmembrados do antigo distrito de Tete, e alcançou em França padres missionários para Maponda, o que conseguiu depois de muito trabalho diplomático. O cardial Lavigerie cedeu cinco padres, os célebres *padres brancos* das missões Lavigerie.

— Mas... perdão!—interrompeu Paulo—¿Então nós não tínhamos padres nos nossos colégios de missionários, o Colégio do Espírito Santo, por exemplo, que é o encarregado do serviço das missões?

— Havia; porém, quando o Govêrno português *deitou bando*, e mandou fazer *o toque de formar*... por causas que ignoro, ninguém apareceu nas fileiras... ninguém se ofereceu para ir.

— Ah!... ¿e então os franceses é que foram?

— Os franceses foram em ar de mártires, e até houve uma cerimónia solene nas vésperas da partida, em que o cardial Lavigerie lhes beijou os pés a um por um ¡como se já estivessem em apoteose de santidade!...

— Também se arranjou uma missão de estudos entre Chibisa e Matope, ordenou-se uma vigilância maior sôbre o Gungunhana, o famoso régulo de Gaza, que ainda há poucos anos estava mais poderoso do que nunca, todos tremendo diante do seu poder... e ¿sabe? isto deu em resultado os ingleses intensificarem a política da intriga com os pretos das margens do rio Chire, e açularem os régulos, com o Milaure à frente, contra os portugueses. ¿E sabe porquê?... Porque o Govêrno Português o que desejava era armar à boa paz. .

— A final, toda a gente inclusivé os próprios pretos ¡o que queriam era guerra!

— Pois o tal régulo Melaure, não teve a ousadia e a arrogância de dizer aos enviados do major Serpa Pinto que não queria presentes dos portugueses ¡mas sim guerra!... E Serpa Pinto fez-lhe a vontade, e quando em 1889, hasteando a bandeira inglesa, o tal Melaure atacou a expedição de estudos comandada pelo engenheiro Álvaro Pereira Forjaz, o ataque foi repelido, a bandeira

inglesa foi-lhe arrancada e Serpa Pinto mandou, logo que isto soube, reunir toda a gente de guerra e encaminhou-se decidido para o Chire. Foi aí então que se cobriu de glória e que o João Coutinho tomou Chilomo com os seus marujos, onde hasteou a bandeira portuguesa, em Nebiza, Maceia e Catega, o que importou a derrota completa dos pretos makololos, que eram uma prenda que nos tinha deixado Livingstone depois da sua última campanha de exploração. Esses pretos tinham em breve sugeitado ao seu poder os fracos habitantes daquela região pouco guerreira até àquela época. Seguiu-se a pacificação das terras do Massingire do Chire, o que veio depois a influir poderosamente no tal tratado com a Inglaterra.

— ¡Traz mais cerveja!—interrompeu o doutor, dirigindo-se a um moleque aceado e ladino que tinha saído detrás do balcão.

— Isto aqui,—explicou êle—falar e fumar ¡ faz uma sêde diabólica! Depois, como o senhor tenente sabe, a evaporação do sangue pelos poros da pele leva-nos o liquido todo... temos que o substituir rapidamente, e, se lhe quizesse agora impingir sciência, dir-lhe ia que o sol provocando uma sudação exagerada, mas insuficiente, faz penetrar no nosso organismo um excesso de calor que actua sôbre o sistema nervoso periférico, dando secura da pele pela abolição dos reflexos secretórios, palidez dos tegumentos, fluxões viscerais (teoria de Hestrés)... ¡ naturalmente não conhece!

Paulo sorriu-se .. e o doutor continuou:

— Veio depois a Conferência de Berlim e aí Portugal nada lucrou... Era Nação pequena e fraca, a Alemanha impunha-se, a Inglaterra impunha-se, a França impunha-se, e, segundo a teoria em moda, lançada por Sa-

lisbury, às Nações pequenas e fracas, não havia que considerá-las... e por isso as negociações assumiam o caracter de intimação a que Portugal deveria obedecer; os nossos representantes torciam-se, gritavam, argumentavam, expunham belos documentos de posse, de tradição, de legítima defesa dos seus direitos, mas nessas ocasiões, a ilustre Assemblea desinteressava-se. A iniciativa da Conferência tinha sido da Alemanha, que estava com um enorme apetite de alargar o seu exíguo território colonial, e então apareceu a discussão sôbre o direito de posse — se a posse não fôsse efectiva e as dificuldades, dúvidas, emendas, ponderações, ergueram-se de todos os lados como rochas brutas e rijas.

O jovem doutor, tendo emborcado o copo de cerveja, pausadamente exgotou o líquido, e virando-se para o Paulo que escutava, escutava sempre, disse-lhe:

— ¡Mas eu estou a maçá-lo, senhor tenente! Quando se começa a falar nestas coisas, elas vêm vindo umas atrás das outras...

Porém Paulo estava interessado, ¡não sabia nada!... ¡andava por alí pela Africa Oriental, sem conhecer aqueles factos que tinham dado brado! Retorquiu:

— Ah! não! imagina lá, como isso me interessa! Venho viver um pouco da minha vida nestas terras tão disputadas, tão cheias de heroísmos, de lutas, e de intrigas, que bem vê doutor, não podiam deixar de me interessar todos êsses factos que já pertencem à história.

— Bem! então, ouça lá mais—e o doutor, tendo descançado o copo na mesa, continuou sem se enfadar:

— Os incidentes ocorridos com o pessoal dos estudos nas margens do Chire, deram origem a reclamações por parte da Inglaterra representada por Lord Salisbury. Este

estava coacto pelos dirigentes da Colónia do Cabo que ameaçavam a Inglaterra com um movimento separatista, se não desse apoio às suas cubiças à posse dos vastíssimos territórios para além da confluência do Ruo e do Chire.

Paulo cortou:

— ¿Mas o que tinha a Inglaterra a reclamar? ¡Talvez Serpa Pinto fizesse mal! Havia de apanhar dos pretos e ficar a consultar Lisboa... ¡¿e esperar o Vapor com a resposta, se havia ou não de lhes dar castigo?!

— ¡Está claro que não! Da parte da Inglaterra não havia razão alguma, visto que os makololos tinham atacado os portugueses, hasteando a bandeira inglesa, é verdade¡ mas tinham atacado ao sul do Ruo, isto é, em território indiscutivelmente nosso, ¡e que não nos era disputado!

— ¡É um cúmulo! — disse Paulo, pasmado...

— À agressão, Serpa Pinto respondera com um castigo exemplar, o que era justo, ¡e mais que justo! — um dever indeclinável, ¡um acto de puro patriotismo!

— ¿Pois sabe o que fez Salisbury? Apresentou uma queixa, em que queria que Serpa Pinto fôsse castigado pelo Govêrno, por ter atacado um povo que estava sôb a protecção da Inglaterra..

— Quando o Govêrno recebeu a queixa em Lisboa, Barros Gomes enviesou mais os olhos e pôs as mãos na cabeça¡ coitado! E respondia nota a nota, e a nada o Presidente inglês se movia... Por fim, cansado de lutar, propôs uma arbitragem feita pelas Potências signatárias da Conferência de Berlim.

— E então?

— Então, o Govêrno inglês não concordou, não quis concordar, e, antes que houvesse tempo para os nossos ministros e embaixadores tratarem do assunto nas respec-

tivas Côrtes... apareceu o ultimatum! essa grande bofetada atirada às nossas ventas pacíficas. E o ministro inglês abandonou Lisboa, apareceram logo esquadras em Cabo Verde, em Zanzibar e um grande couraçado em Vigo. Nós chamavamos *piratas* aos ingleses, e berravamos, mas não tinhamos fôrça ¡ nem para pegar num gato pelo rabo! ...quanto mais num couraçado como o *Enchantress*.

— Bonito nome.

— O pobre Barros Gomes agora arrancava os cabelos e... cedia. ¿¡Que havia êle de fazer!? A imprensa do Cabo, assanhada contra nós, aconselhava à Inglaterra que, aos portugueses, nem o litoral se lhes devia conceder, e Salisbury dizia num discurso que ficou célebre, ser sua opinião que as pequenas Nações não tinham razão de existir e deviam ser absorvidas pelas grandes...

— Esse é que era diplomata—disse Paulo puxando uma fumaça.

— O Ministério em Lisboa caía no meio de uma tempestade de gritos e insultos, as janelas do prédio onde o Barros Gomes habitava eram apedrejadas pela multidão ignara, a estátua de Camões apareceu uma manhã coberta de crépes, e os *piratas*, como então se lhe chamava, não andavam seguros pelas ruas de apanharem qualquer vexame do povoléu irritado. Então o Barjona foi mandado a Londres, depois do novo Ministério pedir a todas as Potências que levassem a Inglaterra amiga a aceitar a arbitragem. Pedia-se até ao Papa... Ah! que horas tão tristes! que vergonhas!...

— Entrou-se efectivamente em novas negociações, mas as exigências eram inúmeras, e vexatórias para o brio nacional. Ora uma dessas exigências era o arrendamento *ad perpetuum* com o *exclusivo* da navegação do Zambeze,

desta ponta de areia chamada Chinde, onde estamos agora a cervejar pacíficos e encalmados.

¡ Paulo sabia, emfim, a origem do protectorado!

— O Barjona conseguiu fazer um tratado, com uns limites muito bem definidos havendo uma faixa comum que ligava as duas colónias portuguesas de Angola e Moçambique, velho e revelho ideal de todos os Govêrnos portugueses desde o tempo das conquistas, ficando assim equilibrado entre as duas nações o mapa *côr de rosa* alemão, sôbre o qual a Inglaterra se tinha encolerizado até ao rubro, e ficavam livres para a navegação internacional o Chire e o Zambeze; e Portugal obrigava-se, a pedido, — e que pedido! — do Govêrno inglês, a conceder-lhe de arrendamento por cem anos, dez acres de terreno na embocadura do Chinde para efeitos comerciais. Ainda havia mais uma questão de um caminho-de-ferro inglês que atravessava terrenos nossos, o diabo!...

— ¿ E então ficou isso assente?

— Isso, sim! Ninguem queria! Nem o nosso Parlamento, onde houve sessões tumultuosas, com grande alarido e carteiras quebradas, muito insulto e muita oratória, e a Inglaterra, também não queria, e a Colónia do Cabo, também não, e o Barjona, em Londres, andava enrascadíssimo. Então na Colónia do Cabo, berravam todos — ¡ que a Inglaterra não nos devia fazer concessão alguma!

— Barjona, com a sua lógica, o seu talento, as suas manhas diplomáticas, conseguiu então um *modus vivendi*, para se fazer outro tratado. A Inglaterra não se importava, mas o *modus vivendi* só era aceite se ficassem de pé as mais importantes modificações do outro: trânsito livre nos rios Zambeze, Chire e Pungue, manutenção do *statu quo* dos limites do tratado. Nesta tempestade, neste

torvelinho de ódios políticos, de vexames, de perturbações de espírito, o Ministério caíu e Cecil Rhodes preparava-se para atirar-se em som de guerra para cima dos nossos territórios, segundo a moderníssima teoria posta por êle em prática, — ¡ que Portugal nem à costa tinha direito!... E começaram os desacatos quási diários à nossa soberania, de tenção feita e rixa velha, e graves como o que deu origem ao combate de Massakesse, sabe?

Paulo fechou os olhos, calado e comovido... ¡Não sabia!

— E o embarque para Lourenço Marques de uma expedição militar, mal armada, mal conduzida, mal vestida, e mal treinada, foi resolvido à pressa. No fim de tudo, não houve remédio senão ceder, e os ingleses estabeleceram-se aqui na nossa casa, à porta da nossa casa, para fins comerciais, dizem êles, mas o senhor tenente sabe bem, que onde êles assentam a *racket*, o *whisk and soda*, e o *God save the King*...

E o jovem doutor ficou-se calado e pensativo um grande intervalo, aspirando a brasa do cigarro inglês, e olhando para o fundo vazio do copo ¡ com melancolia, e com mais sêde!

Estava uma noite muito clara e uma leve brisa vinha do mar tão quente e húmida, que não conseguia refrescar o ambiente, ainda que fizesse ondular ligeiramente os leques da folhagem das palmeiras metidas em barricas, servindo de fresca ornamentação à entrada do *Bar*. Emquanto o doutor estava calado, Paulo via bem quanta dedicação, quanto valor seria necessário para pôr ao abrigo das cubiças das Nações estrangeiras os grandiosos restos da nossa Africa.

Só esta colónia abrangia uma superfície de 180 000

quilómetros quadrados aproximadamente, com uma costa marítima de cêrca de 2 000 quilómetros ¡ uma superfície nove vezes maior que a de Portugal, e uma extensão de costa quási tripla da do nosso País!

¡ E a metrópole não pensava nos perigos para o nosso domínio, e nos vexames vergonhosos para o nosso brio de Nação colonial que essa falta de atenção lhe poderia acarretar!... Com certeza não pensava, porque a maior parte dos portugueses, ignoravam... e, quem não sabe é como quem não vê... diz o povo.

Porém, ouviram-se passos, rangendo na areia húmida, que se dirigiam para o *Bar*, e então um rapaz loiro de aparência distinta entrou no estabelecimento. Cumprimentou afável com um gesto, de mão levada ao boné, cortezmente apertou a mão ao doutor, e Paulo reparou que trazia vestida jaqueta branca de bom corte, colete branco debruado a galão de ouro e calça azul. Empunhava um chicotinho de cavalo marinho com castão dourado, e na cabeça, trazia um boné largamente agaloado no bordo da pala de polimento preto. No pulso esquerdo, os reflexos brilhantes de duas pulseiras de marfim polido e branco, atraíram mais a atenção de Paulo.

— ¿ Quem é êste rapaz de pulseiras de marfim e tantos doirados no boné?— interrogou curioso.

– E' o cônsul inglês... E' filho do Ministro de Inglaterra em Lisboa, e naturalmente vem do jantar do Intendente.

— ¡ Então o pai arrumou para aqui o filho!... ¡para um areal deserto!

— Não sei. ¡Não tem muito trabalho, e ganha muito bem! Anda sempre em caçadas com amigos de Lou-

renço Marques. Não o chore!—e o doutor puxou pelo relógio:

— Meia noite—disse—e vem aí um cacimbo grosso a toda a fôrça. Vou-me embora.

Efectivamente, uma baforada morna e húmida que vinha caminhando por cima da superfície do rio, obrigava a condensar-se uma ligeira neblina esfumando assim as sombras espessas entre as margens onde o mangal crescia emmaranhado imergindo da água.

A barraca ia fechar, e o doutor, pedindo desculpa das tiradas maçadoras sôbre a concessão do Chinde, tiradas aliás provocadas por Paulo, despediu-se, dizendo que ia pernoitar à casa da Esquadrilha onde tinha um quarto.

—¿E' mais fresco do que a bordo?—perguntou Paulo admirado.

—Não, mais fresco não é; isto é sempre a mesma coisa... No Chinde as variações nyctemerais são de uns oito graus e décimos, quere dizer que não há diferenças muito sensíveis de dia e de noite.

Paulo ficou só, ergueu-se, pagou as cervejas e fumando um último cigarro, indireitou lentamente para o local onde tinha visto de manhã umas embarcações, acordou um preto que dentro de uma delas dormia enrolado nos panos e em uma esteira *de saco*, e, tendo sabido que pertencia à *esquadrilha*, deu-lhe ordem para o pôr a bordo do Vapor. Chegado lá, depois de dar a gorgeta ao preto submisso, topou no convés com uma grande cadeira indiana, e cheio de calor que o nevoeiro mais condensava, deixou-se caír sôbre ela, num vago de sonho, que o nevoeiro alimentava fazendo diluir o alto mangal das margens, as águas do rio e o céu, numa côr neutra, acinzen-

tada, negra nos fundos distantes, onde nenhum pont
luminoso marcava a vida humana, e ali ficou aquela noit
sob o tôldo abarracado do *Adjutant*, sentindo o fato pega
joso da humidade, e a escorrência de gotas de suor pel
peito abaixo.

III

O *stewart* do *Adjutant* veio de manhã entregar a Paulo um bilhete enviado da parte do comandante da *Chaimite*.

Leu. Era um convite para ir almoçar com êle.

—Explendido!—monologou—êste amável camarada livra-me da falácia do amigo marselhês, e do arroz cozido com peras-passas do *menu* alemão.—De boa vontade lá irei à hora marcada.

Antes de se dirigir para bordo da *Chaimite*, encaminhou-se por sôbre a areia ardente da praia para a casa Intendência, um dos *palácios* que o jovem doutor lhe tinha indicado na tarde antecedente.

Era um vasto barracão construído sôbre o areal, e Paulo, ao aproximar-se, avistou, com surprêsa, nos quatro ângulos do telhado, alvejantes de brancura, quatro gigantescas caveiras.

— Ora não há! ¡Isto já me parece, a cubata de honra na aringa de um chefe indígena! — murmurou.— E' a côr local, o camarada tem gosto! Isto fica bem numa paisagem africana, esta moda de arvorar ao alto das palhotas os troféus dos animais abatidos nas grandes caçadas, êstes motivos ornamentais do estilo arquitectónico regional devem ser aproveitados. Na simples, elegante e harmoniosa arquitectura grega, lembra-me que nos frizos dos entabla-

mentos aqueles artistas divinos aproveitavam como motivo ornamental caveiras de carneiros estilizadas e ligadas entre si por festões e grinaldas de frutos e flôres—e Paulo caminhava pela areia escaldante sob a mordedura incisiva da soalheira atróz, olhando com curiosidade o caveirame extravagante que brilhava sob a luz intensa do sol.

Chegou à pequena escada por onde se subia à varanda que circundava toda a barraca, e logo viu mais caveiras em exibição de cada lado do degrau, e, à porta da Repartição da Intendência mais outras duas, que poderiam servir de tamborete para assento.

¡Paulo não conjecturava para que era que o camarada Intendente fazia gosto em se ver rodeado de tantas caveiras de cavalo marinho!... Usos!

E por entre os gigantescos despojos dos *hipos*, Paulo penetrou no escritório onde o seu camarada pontificava de Intendente do Chinde.

Viu uma sala vasta, o chão coberto de esteiras indígenas, uma secretária de mogno, antiga; junto da janela ampla, uma carta de Moçambique de 1894 da Comissão de Cartografia, pendurada em um dos tabiques; e uma figura, alta, magra, toda de branco vestida desde os pés ao pescoço, a qual com um sorriso largo e acolhedor, exclamou cordial, assim que o avistou:

—¡Ora viva o senhor Paulo! então como está? então por aqui, hein!?

—E' verdade cá estou; desta vez vim parar à Africa Oriental; faz por cá algum calor.

—Oh! muito calor. Isto é muito quente, não imagina...

—Imagino... imagino... ou por outra, sinto na realidade.

—¿Então vem para que lancha?

—Se o senhor não sabe... eu também não sei. Venho render o Nascimento.

—Ah!... ¡o Nascimento vai-se embora! não sabia...

—¿Como, não sabia?

O Intendente, fez um trejeito leve com a boca:

—Ah! é o Nascimento que se vai embora, mas isso não é lancha, é um Vaporzinho de recreio, o *Chirua.*

—¿Um Vaporzinho de recreio? Mas isso é de primeiríssima ordem!

—Tem uma metralhadora à proa, mas creio que agora está todo desarmado, não pode andar

—Ah!.. não pode andar!... — fez Paulo desapontado.

—Olhe, senhor Paulo, eu não sei porquê, nunca o vi, nas o tal vapor creio que está desarmado há muito tempo. Não sei mesmo se alguma vez andou. ¡Se andou não dei por isso! Isso são coisas lá do Governador, do Garcia Pombeiro. Ele é que é o Governador da Zambézia gora...—e o Intendente dizia isto com um *rictus* um pouco desdenhoso na face barbeada.

—Ai!... ¿o Garcia Pombeiro é que é o Governador?

—E', infelizmente, é—disse o Intendente encolhendo s hombros subitamente mal humorado—é um cavalheiro najor *pintado*, tem honras de general de brigada, ou con-ra-almirante e comanda uma esquadrilha! — e o Intenente sorriu-se com ironia.

Paulo começou a perceber que aquela cousa do Vapor *hirua* e do Governador, não era assunto da predilecção o Intendente, não quis profundar mais.

—Pois eu vinha apresentar os meus cumprimentos, omo era meu dever, e perguntar-lhe se desejava alguma ousa para Quelimane, para onde parto logo às quatro oras.

—Nada, meu caro senhor; para Quelimane não quero nada. Que tenha por lá muita saúde, e seja muito feliz - disse o Intendente que ao princípio se tinha mostrado tão acolhedor, mas que depois da conversa sôbre o *Chirua* e o Garcia Pombeiro, se tornara indiferente, reservado.

Paulo despediu-se com a cortezia oficial dos funcionários, e tornou a passar por entre as caveiras lustrosas. Levava desta primeira visita oficial a uma autoridade zambeziana uma impressão vagamente penosa... Ainda, por assim dizer, não tinha posto o pé em terra e já via desenhar-se no horizonte um pretexto de amuos.

Era com certeza influência do micróbio africano, do clima de Africa que actua no sistema nervoso do colono, irritando o... Paulo já conhecia êste sistema debilitante, que escangalha a boa arrumação dos neurones... e, satisfeito com esta explicação, dirigiu-se mal impressionado para bordo da *Chaimite*, onde o comandante o esperava para o almôço.

Estava agora à mesa na câmara da *Chaimite*.

Sentado entre o amigo comandante e o oficial imediato, notou que êste só respondia por monossilabos, quando calhava Paulo dirigir-se-lhe a propósito de qualquer assunto.

—Mau!—pensou Paulo também êste está atacado do mal da bilis... encerrou-se voluntàriamente numa gravidade teimosa, indicativa de um mau humor exibicionista...

—¿Como estarei eu também daqui a alguns meses... sugeito a esta influência deletéria do clima?...

Mas o comandante parecia não dar por isso, conversando animado, como que encontrando um derivativo em

ter alguém com quem falar durante essa refeição... e foi êle quem expôs a Paulo com saber e interêsse a nova balizagem que andava fazendo nos bancos da barra,e exibiu planos, e mostrou as dificuldades vencidas.

O Comandante da *Chaimite* era provisoriamente o comandante da Esquadrilha, visto que o actual Governador, por ser oficial de marinha, chamava a si esse encargo, para aumento de gratificações.

—Ah! o Governador acumulava?.. ¿e se não fôsse o Governador quem era?—perguntou.

—Era o oficial mais antigo... Não estando eu, seria o Intendente.

—Ah!.. —e Paulo julgou ver então, uma das razões do "infelizmente governador" da conversa inda agora na casa das caveiras.

—Mas o Governador anda lá para cima para Tete, e o Nascimento anda com êle. Chegam breve. Eu espero por êles aqui para os levar a Quelimane, e emquanto espero vou corrigindo a balizagem da barra. As boias andavam um pouco fora do seu lugar .. Podes entregar-me a tua guia de marcha e ficas assim apresentado na Esquadrilha, e passas a ganhar mais uns cobres desde hoje.

—Bem preciso!...

Mas o oficial imediato—o dos monossilabos—com um sorriso irónico, recebera a guia, visara-a, e tornara a entregar-lha sempre encerrado num mutismo impertinente.

Paulo sorriu-se: era a acção maléfica do microbio!... não havia dúvida. Talvez dali a dois meses, êle estivesse já naquela afinação...

Observava a camarinha, bem arejada por quatro largas vigias, alegre no forro das suas madeiras polidas, de cores claras, com a sua pequena mesa de trabalho e de jantar,

posta com gôsto, cheia de metais niquelados, e de cristais de reflexos discretos na luz doce que se coava através as pequenas cortinas das vigias; tinha um aspecto convidativo de sossêgo e recolhimento, com os seus largos sofás, cada um a seu bordo.

De um lado ficava o camarote do comandante, e do outro, abrindo para um pequeno corredor, o do imediato, e mais à pôpa, o do oficial maquinista, e um outro com dois beliches, para passageiros. Era um mimo da subscrição Nacional, da Grande Subscrição, a que dera causa o *ultimatum*; e ela aí estava nas águas do Chinde arvorando a bandeira portuguesa em frente da Concessão inglesa.

—Você sabe?—disse o comandante—¿que a *Chaimite* foi construida nos estaleiros da firma Parry & Sons no Ginjal?

—Sei! Foi a Comissão Executiva da Grande Subscrição Nacional que a destinou à polícia e fiscalização da costa de Moçambique, e sobretudo a estabelecer comunicações entre as esquadrilhas do serviço fluvial e as capitais dos distritos de Lourenço Marques e Zambézia. Quanto desloca?

—Trezentas e quarenta toneladas. As máquinas têm 480 cavalos de fôrça, dão 11 milhas, mas aqui nunca podem dar mais de 10. Dizem que a culpa é dos fogueiros, e da qualidade do carvão... Ignoro... E' tôda de aço, com o tombadilho e o castelo, como Você vê, em forma abaulada, o que os ingleses chamam *turtle back*. Posso meter mantimentos para vinte praças durante sessenta dias, água para quarenta dias e combustível para doze, e tenho além disso dois paióis independentes que podem levar vinte e cinco toneladas de carga. Já não é mau! A

proa tenho um sólido gaviete para fundear e içar boias, com um cabrestante a vapor para os serviços de balizagem dos portos... E a propósito! Você daqui a nada tem que se ir embora, porque eu quero ir ali abaixo, aproveitando a maré, ver se fundeio na orla do banco de leste uma boia. Suponho que já não está no seu lugar, a outra... Você desculpe, depois em Quelimane a gente encontra-se, e eu tenho que ir lá por causa do Garcia Pombeiro. Creio que deseja que eu transporte uns colonos para Lourenço Marques.

—E artelharia?—perguntou Paulo.

—Tem duas peças de tiro rápido Hotchkiss de 47 milímetros com escudo de protecção, montadas em redutos centrais, que, em caso de combate, são fechados por chapas de abrigo, e tem duas metralhadoras Nordenfelt de 11 milímetros instaladas no convés, mas que, em caso de necessidade, podem ser transportadas para os cestos de gávea.

—O navio, a-pesar dêsse luxo todo de artelharia, parece pequeno - disse Paulo com intenção ao comandante.

Mas êle, picado, redarguiu logo:

—Oh! meu caro! ¡Tem quarenta metros de comprimento e oito de largura na boca máxima! ¿Pois achas pequeno? Para êste género de serviço .. já não é poeira naval... Ouves?...

Paulo porém, não respondeu e agradeceu a amável recepção do bom camarada, e, junto ao portaló, o comandante repetiu a rir:

-E' pequeno?... Tomara-lo tu!

IV

Às quatro horas em ponto, o *Adjutant* suspendia até pôr a amarra a pique, [1] emquanto o capitão, passeando com impaciência a sua barba anelada de loiro herói da Odisseia, ia e vinha de um para outro lado, e só por momentos descançava do passeio para se arrimar aos varões de ferro da ponte, bamboleando a perna esquerda, de pé descalço, porque se tinha acabado de fazer uma ligeira baldeação depois da descarga terminada, e apoiava-se alternadamente ora num ora noutro pé.

A *sereia* apitava chamando os passageiros retardatários e então apareceu lento, e com aspecto cansado e sofredor, a subir a escada do portaló, um oficial do exército, acompanhado de uma senhora ainda nova. Uma molequinha carregava-lhe com os pertences. Eram os passageiros por quem se esperava, para seguir viagem.

As quatro horas e meia largou o navio, e dali a pouco estava-se a contas com os baixos da barra. Repetição de sacudidelas bruscas, pulos e *culapadas* [2] sôbre as vagas, esbravejando em redor do pequeno casco do barco, num rumor de águas revoltas a chocarem-se com violência, e

---

[1] Ter a amarra proximamente vertical.

[2] Pancadas sêcas com a pôpa na vaga que fazem estremecer com violência o casco.

a desfazerem-se em espumas sujas, e por fim, o mar vasto, de dorso arfante, em ondulação larguíssima vinda do horisonte ilimitado....

E o alemão olímpico veio dizer a Paulo, que, em vista de ter embarcado uma senhora, se êle cedia a camarinha para ela se recolher com mais confôrto.

—¡Mas com certeza! com prazer! ficarei aí em qualquer cadeira que me emprestem. ¡Lá em baixo é que me falta o ar!—respondeu Paulo, e, neste momento, ao virar a cabeça, viu aproximar-se o marselhês, o da Companhia do Borozinga. Vinha sorridente, e Paulo resignado, deixou-se cair na cadeira indiana onde tinha passado a noite.

Tinha de ser... efectivamente o marselhês entrou logo no seu assunto favorito a Companhia do Borozinga — e falou então no grande accionista, o senhor Cuisinier.

Paulo conhecia.

—Conhecia?—perguntou o marselhês interessado.

Conhecia... Andava em todas as esquinas de Lisboa. Eram os dois, o *Amer Cuisinier* e o *Amer Picon*, belos aperitivos, das cinco às sete, tomados ali no Café Suísso no Largo de Camões, o café mais preferido pela boémia lisboeta, ao passo que o do lado, o Martinho, era o preferido dos políticos e dos literatos, a quem algumas vezes o eterno criado, o Valentim galego, emprestava umas coroas ..

Ah! que saudades!

O marselhês riu-se. Era milionário o *monsieur* Cuisinier, e havia de, com certeza, consumir muita aguardente de cana de assucar. A Companhia do Borozinga ia ser melhor administrada, com mais largas vistas que a Companhia da Zambézia.

—Porquê?

—Porque a Companhia da Zambézia só se limitava a viver dos rendimentos do *mussôco* e apenas tinha em estado de valorização, pela agricultura, o pequeno prazo de Colane.

O marselhês, sentado junto de Paulo que não largava a cadeira, ia falando, e Paulo ouvia, não se atrevendo a retorquir. ¿O que era um prazo?

¿O que era a Companhia do Borozinga?...

¿O que era o mussôco?... ¡Sabia lá alguma coisa disso!...

O marselhês continuava:

—A Companhia do Borozinga tinha, quando se constituíu, achado já muito trabalho feito e muita cultura nos antigos prazos que tinham andado arrendados ao simpático *Monsieur Valdezano*.

Paulo concordou. Era simpático o senhor Valdezano, e gostaria de se encontrar com êle...

Mas o marselhês atalhou: pena era que tivesse falecido, coitado! quando estava juntando uma fortuna colossal...

Anoitecia ràpidamente, e o *stewart* veio anunciar o jantar. Paulo, porém, que tinha almoçado tarde e abundantemente na *Chaimite*, não quis descer ao cubículo onde se acumulariam ainda mais duas pessoas, o oficial do exército e a senhora, e pediu ao criado lhe trouxesse para ali umas sandwiches. O marselhês tinha-se erguido do banco improvisado onde estivera sentado e desaparecera; e Paulo continuou de posse da cadeira, resolvido a não a abandonar senão no dia seguinte; passaria ali a noite com receio que ela apetecesse a qualquer passageiro ...

A' meia noite, o *Adjutant* fundeou perto de uma boia.

Com a noite sem luar, mas luminosa de estrêlas, pouco se distinguia para longe, e apenas se via o piscar indeciso da luz de um farol, que devia ser o da Ponta Tangalane. Soprava algum vento, e como se fundeara em pouca fundura e o vapor estava mais leve da carga que tinha alijado no Chinde, dava balanços curtos e desencontrados, rápidos e estonteantes, que não deixavam nem dormir, nem estar em posição fixa, e quando Paulo já tinha tomado certas precauções de segurança para não cair e ia a adormecer, veio um balanço tão forte, que todas as seguranças falharam, a cadeira virou-se completamente derrubando-o sôbre o convés, e em seguida o cadeirão, como que tomado por repentina furia maldosa, deu um pulo e caíu-lhe com todo o seu peso sôbre as costas, contundindo-o ao mesmo tempo numa perna, com uma das grossas réguas de teca que prolongavam os encostos, o que o obrigou a soltar um rugido de dôr seguido de uma enérgica exclamação, espécie de desabafo que todo o português tem em ocasiões críticas, e que efectivamente parece que alivia...

Mas da camarinha um grito lhe respondeu... e Paulo sentiu um restolhar e tilintar de vidros partidos e objectos a rolarem, ao mesmo tempo que uma voz angustiada e muita aguda gritava:

—Ai! Augusto! que isto tomba .. ¡ o navio tomba!...

Então uma voz grossa, em baixo cantante, respondeu lamentosa e aborrecida:

— ¡ Tem paciência Marucas!—e Paulo, com a perna dorida fazia esforços desesperados para se levantar de sob a pesadíssima cadeira de boa teca indiana, e segurá-la em equilíbrio sôbre os quatro pés. .

—¡Lá se foram os *símbolos* do comandante, o ferreiro a bater o malho!... e os caixilhos e os golfinhos, foi tudo

para o chão, com certeza, feito em cacos! — murmurou Paulo.

Porém, depois dêste balanço o mar socegou mais, e Paulo, o Augusto e a Marucas lá se poderam ageitar melhor até de manhã.

Assim que os primeiros alvores da madrugada, os primeiros clarões de luz, começaram a iluminar o horizonte, o alemão herói de Homero, apareceu com os seus trinados de apito, e os seus *ach* guturais, mandando levantar ferro. Dali a pouco divisavam-se já bem nítidas as sinuosidades da costa.

Ia-se a entrar o rio. As margens de lôdos e terrenos pantanosos, cobriam se de mangal rasteiro e denso. Um calor esbraseante amolentava as águas amarelas que faziam lembrar uma calda morna donde saíam eflúvios de plantas pôdres.. Para o interior entreviam-se tetos de palhotas, de cubatas, e alguus palmares escuros, e a mesma atmosfera de estufa ia aumentando de intensidade à medida que o barco se ia internando.

Por cima das margens apareciam grupos de pretos olhando curiosos o Vapor, e fumos brancos ou negros subiam direitos na atmosfera resplandecente, ofuscante de luz.

Paulo amolentado com a alta temperatura ia olhando em redor com curiosidade e então pensou no calorzinho que fazia àquela hora lá em baixo junto às caldeiras do barco . . um horror! ¡ Pois se êle, ali ao ar livre, sob um tôldo de lona, quási não podia respirar!...

Já para trás ficavam a Ponta de Tangalane e a Ponta dos Cavalos Marinhos, e os terrenos que apareciam alagadiços, cobriam-se sempre de mangal, como se o navio caminhasse entre duas muralhas de uma vegetação som-

bria. Eram três léguas a navegar antes de chegar a Quelimane e apareciam agora mais palmares, palhotas de cafres, palmeiras e coqueiros esguios e negros.

¡ Enfim ! numa volta do rio, avistou as casas de Quelimane, muito brancas, vergastadas de luz, embebidas numa neblina vibrante de calor húmido, em fundos de vegetações frondosas.

Na vila, em diferentes residências iam sendo visíveis bandeiras lentamente içadas em altos mastros, e o *Adjutant* foi fundear em frente de um edifício de paredes de alvenaria e telhado de telha mourisca caiado a ocre.

¡ Chegara !

No pôrto estavam surtos dois pangaios, [1] dêsses pangaios que desde tempo remotíssimo fazem as carreiras da India e havia alguns batelões, barcos indígenas, escaleres e almadias, pertencentes às casas de comércio e ao serviço da Alfândega amarrados em frente do cais, e tudo era sossegado, sem movimento de labuta, imóvel sob a ardência do sol tropical.

¿ Então não vem ninguém ?—pensava Paulo, sempre junto à amurada, sob o tôldo que o calor traspassava.

Os passageiros esperavam também impacientes que alguém aparecesse a *desimpedir* o navio, e o marselhês risonho e afável, veio despedir-se dêle.

Os companheiros — disse — tinham ficado no Chinde a tomar conta do material desembarcado. Ele ainda tinha que fazer umas coisas em Quelimane antes de seguir

---

[1] Embarcações de vela, da Índia, que fazem carreiras comerciais aproveitando os ventos das monções, para as viagens de ida e volta a Moçambique.

para o interior, e voltaria depois ao Chinde, mas por terra, em machila. E todos os seus cuidados agora, eram para um papagaio que trazia empoleirado em uma das mãos, e que Paulo via pela primeira vez, e o marselhês explicou, rindo-se e mostrando os belos trinta e dois dentes aguçados como os de um jovem lobo,—que aquilo era uma afeição, uma mascote, um feitiço! Eram companheiros velhos...

—*Au revoir!*...

—*Au revoir!* ..

—¡¿Então não vem ninguém!? — murmurava Paulo... indignado e encalmado, o suor a escorrer-lhe pelas fontes...

Viu um escaler pintado de branco que, junto ao cais, uns pretos preparavam com demoras irritantes, que lhe pareceu uma embarcação de navio de guerra. No fim de um certo tempo apreciável para a impaciência de Paulo, hasteou à pôpa a bandeira portuguesa; e um marinheiro militar, de capacete branco na cabeça, saltou para dentro da embarcação, que logo desatracou do cais.

—Deve ser aquilo... — rosnou Paulo.

O escaler dirigiu-se para o Vapor. Efectivamente era o *cabo de mar* que vinha trazer o desembaraço—explicou êle, logo que deu com a vista no oficial.

— ¿Mas então?... — preguntou Paulo.

—Vossa Senhoria tem esta canoa para ir para terra. Vossa Senhoria era esperado com impaciência. O senhor tenente Nascimento não queria perder o Vapor para a Europa...

—Ah! sim?... Olhe, diga-lhe que já cá estou, não chore; vou mandar pôr a minha bagagem na canoa..

—Sim, senhor!...

Dali a pouco seguia para terra, depois da despedida ao alemão das barbas de herói grego, que lhe faziam sempre lembrar os bustos do jardim baixo da alameda de S. Pedro de Alcântara... ai! que longe estava agora.. Era mesmo ocasião azada de se lembrar de Lisboa... e Paulo, com a sua manta-de-leão, os seus atados de roupa, a sua caixa de lata dos uniformes e o moringue alceado à marujal, seguiu no escaler puxado a quatro vigorosos remadores negros, em direcção ao cais da antiquíssima vila de Quelimane, a primeira estação dos navegadores do tempo das conquistas, a arcaica Quelimane ..

¡Chegara!...

O cabo de mar deu a Paulo a indicação da casa da Esquadrilha. Era ali adeante, coisa de uns cincoenta passos; e, perfilando-se, concluíu:

—E se o senhor tenente não determinava mais nada, êle deixava-o porque tinha de ir à Capitania levar os papéis de bordo.

—Pois não!... Vá!... Vá!...

E Paulo ficou no cais, sòsinho com o *Rato-cego* e mais um preto remador, sob os raios ardentíssimos do sol que lhe caíam de chapa sôbre o boné e sôbre as costas, mordendo-o na pele como brasas...

Era o primeiro aspecto de Quelimane. Enfiou por uma larga rua bordada de magníficas árvores que mitigavam com a sua exuberante ramaria e folhagem, a ardência do calor do meio dia tropical. A larga rua marginava-se de casas de um só andar, tendo tôdas à frente um terreiro mais ou menos cuidado, e tôdas as janelas cerradas à luz e ao calor; luz ofuscante, calor de fornalha; Paulo não via ninguém, não se ouvia o rodar de um carro, uma voz humana, o piar de um pássaro; e Quelimane

àquela hora parecia, naquele silêncio, sob a onda de calor do meio dia, um burgo abandonado...

Viu a casa, onde num mastro se mostrava a bandeira portuguesa.

Dirigiu-se imediatamente para lá, atravessou um pequeno cercado abandonado de trato, onde as ervas cresciam à vontade, subiu três degráus, passou sob um largo alpendre, e, vendo duas portas abertas de par em par, entrou.

Uma ampla sala de jantar... ninguém... nenhum som de vida... O *Rato-cego* atrás dêle depôs no chão a bagagem, e o preto desapareceu sem ruído, caminhando no tejolo do pavimento com os pés descalços.

Viu uma vasta cadeira indiana igual à que o tinha magoado na véspera, sentou-se nela dizendo ao *Rato cego*:

—Entra tu por aí dentro, bate as palmas, talvez apareça alguém—e continuou monologando...

—Já vejo que Quelimane é pouco habitado; olho e não vejo ninguém... chamo, ninguém me responde, e é tão sossegado que não ouço ruído de vida, tudo quieto... ¡ Isto parece a casa da Bela Adormecida!...

Olhou pela larga abertura das portas que se escancaravam à luz.

Na rua, em frente, também ninguém passava... ¡ parecia uma terra de encantamento! ¡¿ Então nem a chegada de um Vapor, conseguia tirar esta gente de dentro das tocas onde se aninhavam!? —interrogava-se Paulo, incomodado pela temperatura que continuava a ser de estufa, a-pesar de estar agora à sombra, debaixo de um teto de grande pé direito... parecia-lhe que estava sempre à boca de um forno!... E um torpor o invadia, uma sonolência o tomava.

Para espertar, enrolou um cigarro, acendeu-o e esperou quieto.

Ninguém aparecia...

—Isto é novo! ¡¿ Então, para onde se sumiria também o *Rato-cego*!?...

Paulo, esperando, pensava: ¡isto à vista do movimento de Lourenço Marques, moderníssimo em relação a Quelimane, e da Beira que é de ontem, com aquela estrangeirada tôda num vaivem contínuo pelas ruas na ânsia da ganhuça! Que diferença!...

—Esta Quelimane ao meio dia, tem o aspecto de uma cidade morta, lembra Pompeia e Herculanum... depois de desenterradas e com mais calor... Aqui o movimento é todo de agricultura, não admira, lá para o campo é que deve haver actividade. .

Esperou .. esperou, e, cansado, moído da noite mal dormida a bordo na cadeira indiana que dava pulos, com a perna dorida da pancada que apanhara durante os balanços desencontrados, adormeceu profundamente, tendo em roda de si os volumes da sua exígua bagagem de modesto oficial erradio e vagabundo:—a manta-de-leão, as latas das dragonas e do chapéu armado, a lona, a caixa do sextante, a espada e as maletas, e o moringue comprado na Praça da Figueira, em Lisboa, alceado a bordo do *Africa* à moda marujal.

V

¿Quanto tempo dormiu?...

Paulo não o sabia... meio acordado, num torpor flácido e morno, um olho aberto e outro ainda meio cerrado à luz, a respiração custosa e as pernas moles sob o domínio de um despertar lento, que era uma sensação de acordado e ainda a dormir, onde havia coisas confusas a dançarem-lhe por entre as pálpebras, uma baga de suor a escorrer lhe pela face, não reparou que os volumes da bagagem que tinha deixado em redor da cadeira onde se sentara opresso de calor e cansado de esperar, já tinham desaparecido.

Mas atraiu-lhe a atenção um vulto avantajado, todo vestido de branco, que passeava silencioso de um lado para o outro, calçado com umas grandes botas de lona branca que deslizavam sobre os tejolos polidos do pavimento da casa de jantar, interrompendo cada passeio para ir até uma das portas a observar o exterior e o céu; e, caso esquisito! naquele momento o que lhe prendia mais a atenção, era o movimento regular e deslizante daquelas botifarras brancas, que iam e vinham a todo o comprimento da sala.

Já desperto, observou com curiosidade o avantajado vulto. Estava agora de costas, de perna aberta, bem fincado no solo à moda dos marinheiros, e com a grossa mão segurava um pequeno chicote indígena de cavalo ma-

rinho com que batia distraído, pequenas e brandas pancadas na barriga da perna direita. Alto, espadaúdo, gordo sem ainda ser obeso, via-se-lhe no alto do crânio uma larga tonsura, mancha de pele avermelhada do calor, que se adivinhava incipiente e já rápida em avarias na cabeleira negra.

Vestia um dolman branco enfeitado na gola e nas mangas a largo galão entrançado e debruado a *soutache* branca; nos ombros largos havia, enfiadas numas presilhas estreitas, umas passadeiras onde assentava um galão de primeiro tenente de dourado já fôsco do uso. Paulo murmurou:

—¡Enfim, aparece alguém!... um camarada!..,

Ergueu-se e, ao ruído leve do arrastar dos pés da cadeira de teca onde estivera adormecido, a figura espessa e branca, virou-se de-repente para trás...

Paulo reconheceu-o logo. Era o Lucena!... ¡O imponente Lucena! ¡um dos *antigos* do seu tempo na Escola Naval!

Avançou logo sem largar da mão papuda o chicote ameaçador e, com ar afável, exclamou:

—Oh!.. ¡não o quiz interromper! mas em verdade lhe digo que era um sono profundo!...

—Muito obrigado... mas cheguei aqui um pouco cansado... Foi uma noite mal dormida, aos trambulhões sôbre o mar, em um convés pouco confortável... Não vi ninguém... adormeci a esperar...

Ele interrompeu solícito:

—Sabe! Eu não fui esperá-lo ao cais, nem fui também a bordo porque sou agora o único oficial de Marinha em Quelimane... Já vê, sou também capitão do pôrto... tinha que estar na Capitania... Quando cheguei aqui já

o senhor cá estava, e, segundo me parece, entrou na Zambézia com muito sono! —rematou êle sorrindo...

— Foi do calor... do cansaço. Isto aqui está quentinho!...

—Sim — respondeu — quentinho a esta hora nesta época do ano... Mas olhe que chega a haver frio...

—Não acredito.

—Sim senhor, lá para Junho, Julho e Agosto, quando o sol está ao norte do equador...

—Ah!... sim, é possível, mas agora estamos em Março...

—Sim, está a findar a época quente e das grandes chuvas, que vai de Outubro a Março. Este ano tem entrado por Março dentro... está o sol ao sul do equador, ainda...

— Ah!... sim é possível, é bem aborrecido...

— O que?...

— Ora! o equador...

— Agora, calmas quentes e húmidas; quando há vento, é nordeste quentíssimo, de vez em quando a sua trovoada mas é lá longe, lá para as montanhas do interior, e às vezes uma viraçãozinha do mar, que é o que nos vale... De resto... calor... calor... calor...

E o Lucena de cada vez que dizia a palavra calor, batia com o chicote em si mesmo.

Paulo, acompanhando com a vista as manobras do chicote, murmurou:

— Não é mau! há pior!...

O Lucena continuou falando:

— Já me tinham dito que o senhor tinha chegado bem... ¿Quere ir ver o seu quarto, provisório por ora, emquanto o Nascimento não se vai embora para Lisboa?...

— Pois não... vamos lá.

— Já mandei para lá as suas malas...

Então o Lucena seguíu adiante, acompanhado por Paulo, que observava a casa.

Era uma construção antiga, de grossas paredes de alvenaria, de pavimento levantado cêrca de um metro acima do solo. Os compartimentos tinham bom pé direito, eram todos ladrilhados a largas placas de tejolo. Os telhados eram de boa telha de Alhandra. Do terreiro, entrava-se na habitação por duas altas e largas portas sob um alpendre de telha, subindo por três largos degráus de tejolo para um ampla sala que era a casa de jantar. De cada lado dessa sala abriam duas portas para dois quartos de dormir; o da direita, era ocupado pelo jovem Nascimento, e seria de futuro o quarto de Paulo; o da esquerda, o do amigo Lucena.

Ao fundo da sala, um corredor ía dar a um espaçoso pátio.

Nesse pátio ficavam sob alpendres amouriscados, as fornalhas das cozinhas dos oficiais e do restante pessoal, e, em redor, as capoeiras desertas, e mais dependências de serviço, tais como: a casa de lenha, o depósito de material naval, etc.; e, do lado direito do pátio, uma porta rasgada no muro dava para um casarão que servia de caserna às praças da Armada pertencentes aos diferentes serviços da Capitania e da Esquadrilha, alojamento para as praças em trânsito para o Chinde, ou para o Tijungo etc.; mais dois quartos interiores com porta para o corredor central, serviam para hóspedes de categoria em caminho de diferentes comissões.

Tornaram para a sala de jantar, e então o Lucena, sempre de pé, nunca largando da mão o chicote, explicou: Que tinha de ir ao Arsenal. — A lancha de que era

comandante estava em reparações, beneficiação da caldeira, limpeza de fornalhas, muros e grelhas novas, etc. O Governador não estava em Quelimane, achando-se lá para o Alto Zambeze, esperava-se dali a uns três ou quatro dias, e o Nascimento tinha-o acompanhado. Eram três ou quatro dias que Paulo tinha de esperar para se fazer a entrega... Eram estas as actuais condições em que estava a Esquadrilha.

— ¿De modo que, emquanto não chegar o Governador e o Nascimento?... — insistiu Paulo.

— O senhor espera... e não ganha senão como oficial em trânsito... mas vai vendo isto... toma conta do rancho... dos pretos... vai até às oficinas, etc....

— Está bem... sim senhor...

— E tem a sua machila e os seus machileiros, para girar por aí. São os do Nascimento, naturalmente fica com os mesmos.

— Fico — disse Paulo de animo leve.

— Mas olhe que tem de lhes pagar do seu bolsinho particular...

— Hein!? — exclamou Paulo.

— Tem que lhes pagar — disse o Lucena sorrindo-se e batendo negligentemente com o chicote sôbre a palhinha da cadeira.

— Ah!... então não quero!... o senhor bem vê, não tenho dinheiro para ter trem às ordens...

Mas o Lucena, olhou para Paulo com um certo modo enigmático, encolheu os ombros... e, ciciando muito os *ss*, respondeu:

— Bem... Isso é lá entre o senhor e o Nascimento... Vocês é que têm de combinar. — Depois, virando-se para

o corredor, bateu de rijo as palmas metendo o chicote debaixo do braço.

— Dá licença? — perguntou — eu agora vou ao Arsenal.

— Pois não...

Vindo do pátio, apareceu então um negrinho aí de uns catorze anos, com a crescida carapinha apartada em dois lóbulos espessos a meio da cabeça por uma risca impecável, os braços nús, um cordão de contas de vidro azuis, onde trazia pendurada uma chavinha dançando-lhe em redor do pescoço esguio. Vestia uma camisinha branca e um pano de algodão azul estampado a círculos brancos, e apertado à cintura por um cinto de cabedal vermelho. O seu olhar era malicioso, sorrateiro, móvel como o de um bugio, e todo êle respirava asseio.

Esperou ordens, empertigado em frente do Lucena, deitando para Paulo um olhar entre zombeteiro e respeitoso.

Então o Lucena disse, sêco:

— Chamá máxilêro! hein! Eu vai no Arsinal! — e meteu-lhe a ponta do chicote por baixo do nariz achatado.

— Si .. siô! .. plonto! — respondeu o moleque, recuando dois passos e fazendo a continência à militar; e depois deslizou sôbre os tejolos, sem ruído, e saiu meneando os quadris estreitos onde o pano se apertava muito.

Emquanto esperava o cumprimento da sua ordem, o alentado Lucena foi explicando:

— Aqui, o regimen de vida é: levantar muito cedo, quanto mais cedo melhor, para aproveitar a ligeira frescura da madrugada... E' o que faz toda a gente. Toma-se uma chávena de café ou chá com pão... e vai-se para o serviço...

O pão é daqui do nosso vizinho, o Zanáglia. Creio

que é um italiano. Depois, aí pelas onze horas, onze e meia... e tal, almôço.

Sesta até às duas, em que nem pretos nem brancos trabalham. Depois, mais serviço até às cinco da tarde, jantar às sete, e cama às dez horas...

Paulo escutava mediocremente interessado, e o Lucena rematou com indiferença:

— E' todos os dias a mesma coisa...

— Não é mau! — disse Paulo com voz sumida...

— Hein!?

— Digo que... é muito bom... Podia haver pior...

Nisto, junto do terraço, vieram postar-se quatro pretos, desempenados, altos, explendidamente musculados. O peito, os braços e as pernas nuas, tinham tatuagens esquisitas, traziam umas ligas por baixo dos joelhos donde caiam, à frente, uns penachos feitos com pêlos de caudas de animais, e, enrolados em redor dos quadrís, panos vermelhos às riscas brancas e pretas, amarrados com correias estreitas à roda dos rins possantes.

Um dêles segurava delicadamente entre a forte dentuça branca de esmalte puro... a haste fina de uma flôr vermelha. Dois suspendiam com o ombro boleado e luzidio como se fôsse de pau santo encerado, um comprido e grosso bambu, onde se pendurava, por correntes de latão reluzente de brilhos, uma armação de madeira leve, em forma de cadeira sem pés, de costas e assento em palhinha, cadeira que assentava numa faixa de lona que se prolongava de uma a outra extremidade do bambu.

Então o Lucena olhou com satisfação o aspecto magnífico da equipagem, desceu lentamente os três degráus da entrada da casa e despediu-se de Paulo, com um sêco — até às seis — e, logo que êle fez menção de embar-

car no aparelho, os quatro pretos a um tempo, como se estivessem num exercício de manejo de armas, meteram os ombros em simetria, e em fila, às extremidades do grosso bambu, e ficaram hirtos, à espera que o alentadíssimo Lucena acomodasse dentro daquele primitivo meio de transporte a sua vasta compleição física...

Depois, a um gesto do chefe batendo fortemente com a palma da mão no polido bambu para dar o sinal da partida, abalaram num passo certeiro e rápido, compassado e ligeiro sem mostrar esfôrço no transporte de tão corpolenta criatura. E Paulo viu do terraço, de entre os umbrais da casa, a ponta do chicote que saindo fora da machila oscilava ameaçadora a cada passada dos pretos.

Voltou lentamente para dentro da sala de jantar, sentou-se outra vez na cadeira de teca, e um sentimento de melancolia subitamente o invadiu...

¿¡Então era esta a maravilha zambeziana!?... ¡Estava bem servido!... ¡todos os dias a mesma coisa!... levantar cedo depois de uma noite de asfixiante calor, prêsa inerme do mosquito de picada dolorosa... ir para o serviço. Que serviço?... Voltar para casa às onze, almoçar em frente de um pretoide velhaco, ladrão e bronco, ficar para ali a remanchar até às duas horas, essas horas mais quentes do dia, essas tristes horas em que até a natureza parece que sucumbe diante da fornalha aberta que é a estação dos grandes calores e das grandes chuvadas, felizmente quási a terminar... Ah!... essas horas tristes já êle as conhecia, do Golfo da Guiné, no tempo da campanha francesa contra o Behazim, o tirano do Dahomey... e conhecia-as de outras e outras estações na Africa Ocidental... a bordo dos navios fundeados, modorrentos, cobertos de toldos, refrescados de meia em

meia hora a jactos de agulheta... em que todas as pinturas estalavam em grossas bolhas logo que a mordedura ardente do sol se cravava nelas e as peças de ferro chegavam a queimar as mãos como se estivessem em brasa...

Depois voltar para o serviço. Que serviço?... Recolher às seis para jantar, *mangalear* por ali a fumar cigarros de umas cadeiras para as outras e a abrir a boca de tédio... e — gemeu Paulo — ¡ ter diante de si a perspectiva de todos os dias ser a mesma coisa!...

Mas... ¿e o tal vaporzinho? ¿¡ onde estava êle, que o Lucena nele não lhe tinha falado!? era um *mito*!?.

Paulo traçou a perna, atirou-se para trás num espreguiçamento longo...

Ah!... E para isto tinha êle querido de boa vontade arrancar-se ao convívio daquela bela e meiga rapariga que tinha deixado em Lisboa tão amorosa e tão leal... e que agora só lhe enviava de longe a longe umas palavras de discreta cortezia que encobriam uma indiferença sempre crescente.

Arrependido!?... não! não estava... era afinal uma prisão... eram grilhões, dourados sim ¡ mas cadeia de prisão!... Ele obedecera aos fados... como diziam os moiros de Marrocos quando êle lá tinha ido numa comissão de serviço a bordo do Vasco da Gama.

Ergueu-se da cadeira, precisava de ir buscar o tabaco para fazer um cigarro, para se distrair. Estava enfastiado... e seguiu para o quarto interior a-fim-de desafivelar as malas. Poria em ordem o seus livros, aqueles de que gostava de se fazer acompanhar; sentia-se só, seriam êles os seus companheiros...

O seu quarto provisório não tinha janela, deitava por uma porta, para o corredor central donde recebia a luz.

Ao centro, havia uma cama de ferro com colchão de arame enferrujado e partido, desprovido do respectivo colchão de palha. Estava coberto com um mosquiteiro tão sujo de poeira que parecia negro. A um canto, havia um lavatório de ferro com seu balde e regador, enferrujados e faltos de tinta.

As maletas e bagagem lá estavam no chão, postas a granel.

Paulo entregou-se então à faina de passar em revista os volumes da bagagem, a fim de fazer uma instalação rápida e provisória, e, ao abrir a primeira maleta, logo entre as roupas os seus dedos que procuravam impacientes as onças de tabaco, tactearam o assetinado de um masso de cartas e tocaram na dureza de um cartão.

Ah!... era uma fotografia dela!... Eram as suas últimas quatro cartas...

Retirou-as da mala, e ficou-se a contemplar a fotografia.

Ah! ¡como já estava longe, tão longe... daquele encantamento!... E via naquele retrato êsse lindo passado, até ao momento em que lhe aparecera a ordem de embarque no *Africa*, e assim viera parar a esta terra longínqua, de péssima fama climatérica.

Viveria mais uns tempos da sua vida entre gente de outro meio, de outros costumes, talvez hostil, e suportaria aí o calor da fornalha ardente em que o sol esbraseante convertia todos os dias a terra que êle pisava com indiferença e o ar que respirava, e se não ia d'ora-avante viver nas solidões adustas de um sertão cheio de perigos misteriosos, sentia-se contudo já imensamente só naquele ambiente novo em que entrara pela primeira vez sem preparação especial...

E Paulo, num cansado anseio, atirou para o lado com

o cartão da fotografia e o maço das cartas, como que dissolvendo no seu íntimo aquelas recordações de um passado tão próximo ainda... [1]

Aquela fotografia acabava de o fazer entrar em recordações que êle não desejava...

¿ Para que a trouxera?

¡Pois ainda mais uma vez! ¡não era èle mesmo sem imposições, que tinha feito o requerimento para o enviarem para uma estação, e, quando obtivera pronto deferimento — ¡o contrário é que seria de admiração! — ficára satisfeito!

¿Não era por sua culpa que agora se tornava um viajante atormentado?

Então!?... tínha o que queria. Tinha desejado ver-se só, êle aí estava sòsinho no deserto da gente que o rodeava.

E era êsse talvez o sentimento que o fizera cair na quela melancolia súbita que se apoderara do seu espírito e que o dispunha mal para o enfado da sua ocupação. E Paulo murmurou com ironia as palavras do Lucena: levantar cedo, etc. etc... todos os dias a mesma coisa...

Sentado na barra dura do ferro da cama sem colchão, Paulo procurava com vagar solícito um qualquer velho lençol apropriado ao estreito beliche de bordo, para mandar fazer a cama sôbre o duro entrançado do arame. Não havia outro remédio... E fazendo esta busca, maquinalmente reparou que o cartão da fotografia ficara por um acaso, encostado ao maço das cartas com a imagem da rapariga voltada para êle, a sorrir-lhe na *pose* ingénua

---

[1] *Gadir e Mauritânia*, do mesmo autor.

escolhida pelo fotógrafo .. Então no seu olhar absorto passou a nuvem duma maguada lágrima... que o penetrou de uma amarga saudade...

Sim... era justo... Numa afeição entre duas pessoas há sempre uma que se afeiçoa mais do que a outra, e essa corrente de simpatia mútua, transporta em si, de um lado, uma feição activa, do outro uma feição passiva .. Era o seu caso.

Recebera mais do que dera: era justo, era lógico que lhe acontecesse agora aquele isolamento que êle próprio tinha preparado.

Continuava rebuscando nas malas a onça de tabaco, mas pareceu-lhe que uma queda de luz tinha obscurecido o quarto, já não muito claro... Não via muito bem, havia sombra a mais, parecia que se tinha corrido uma cortina na porta... virou a cabeça para o lado do corredor e ficou surpreendido, porque efectivamente uma sombra espessa invadia rapidamente a brancura da parede daquela passagem e, ao mesmo tempo o calor aumentara.

Despiu o casaco, sentia-se um pouco opresso. Mais alguns momentos se passaram e Paulo, emquanto diligenciava achar o sítio onde estaria o tabaco que teimava em não aparecer, — a pesar de êle ir jurar, de olhos fechados, que o tinha metido com outros pequenos objectos na maleta pequena do Grandela — outra recordação — começou a sentir, a ouvir um sussuro monótono, contínuo... tornou a voltar a cabeça para o lado do corredor... o ruído continuava um pouco mais forte, e a parede branca de cal do corredor, tornara-se plúmbea...

— ¡E' que não vejo nada! — exclamou — só acendendo uma vela... ¿Onde estará o tabaco?... ¡ só se já mo roubaram!... ¡ mas que sussurro! vou ver o que é isto...

Chegou à porta, a transpirar e em camisola, e então notou que, para um lado e outro, havia um nevoeiro denso. Para o lado do pátio já não se via nada, apenas uma claridade lívida. Correu à porta do terraço atravessando a casa de jantar, rescaldado pelo calor abafadíssimo e então viu com pasmo cataratas de água a despenharem-se em pêso do céu ¡que parecia desfazer-se em água! ... Com o choque violento das águas caíam das arvores, que mal se enxergavam por entre a diluviana chuva, folhas e ramos, e todo o terreiro estava já inundado e tudo vibrava sob as pancadas contínuas daquelas enormes massas de água a caírem sem interrupção. Era o dilúvio!.. era o caos! ... era magnífico! Dos beirais do alpendre uma cortina de água descia ininterrupta, e, caindo nos degraus ressaltava em milhares de jactos, salpicando para dentro da casa e depois em cascatas precipitatava-se pelos degraus, indo engrossar as outras torrentes que redemoinhavam no terreiro procurando os declives, e toda esta água caía serenamente, sem vento, numa calmice asfixiante, sem deixar espaço para circular o ar. Era a casa bloqueada por massas compactas de água, que continuavam a cair sem interrupção e aquela água tôda rolava estrepitosa em torrentes sujas, negras, arrastando consigo ervas, folhas, tronquinhos e imundícies... E durante um bom quarto de hora choveu assim...

Paulo, como isto, ainda não presenciara... já tinha apanhado os aguaceiros pesados da Serra Leoa, ao largo de Freetown, no golfo da Guiné, catadupas de água que caíam sôbre um mar imóvel, côr de estanho derretido; mas era a bordo, e os aguaceiros coavam-se pelas testas das gáveas escurecendo o céu, numa imobilidade impressionante, e contudo não lhe fizera tanta surpresa como aqui,

nesta Zambézia escaldante, sob o alpendre amouriscado da casa da Esquadrilha, vendo toda aquela chuva diluindo as arvores, ocultando as casas e os muros dos quintais, ensombrando de tal modo a terra, que parecia o prenúncio do aniquilamento final de tudo o que ainda se distinguia através do nevoeiro denso que se levantava do solo empapado em lama. Sentia-se opresso. O espectáculo era triste, deprimente pela monótona serenidade com que tanta água caía, como se tudo se desfizesse em líquido, e o único som, que outro não se podia ouvir, era o sussuro das pesadas cordas de água a baterem no chão alagado. ¡E a pesar de tanta chuva, não se sentia frescura no ambiente!

Paulo ficou um bocado a ver este novo aspecto de Quelimane, uma Quelimane submersa sob um pesado aguaceiro.

Agora, vapores fortes exalavam-se de toda a vegetação castigada por aquele excesso de humidade que já não podia absorver, e aquela água morna, de côr cinzenta, caindo brutalmente, era bem um espectáculo depressivo.

¡Deveriam ser assim as chuvas antediluvianas que os primeiros homens observaram com pavor na terra ainda convulsa! E havia um quarto de hora que estava chovendo assim; depois, veio outra vez a claridade, a ronda fúnebre passou, a sombra desvaneceu-se, e o sol apareceu outra vez ardente e deslumbrante... E logo toda aquela inundação começou a transformar-se em vapores que arrastavam para a atmosfera as podridões dos charcos, as exalações maléficas das plantas, os cheiros desconhecidos que saiam das terras encharcadas e das ervas molhadas, e tornavam mais opressivo o calor de estufa, húmido, concentrado sob as arvores, que iam fazer aparecer no ar as febres, essas febres que derrancam os europeus, que os anemiam e que tantas vezes os matam.

VI

O Sambô, um negro do Mahindo, a terra dos bons *machileiros*, [1] gigante criança, membrudo e imponente chefe de machila, dirigiu-se a passo compassado e grave para o sítio onde estavam os dois companheiros, com um certo ar preocupado e enigmático que costumava adoptar nas novidades de peso.

Chegou-se junto de Paulo e, muito hirto, dominando-o de toda a sua altura, com voz respeitosa e branda, murmurou:

— Siô!...

Logo pronto, prevendo caso insólito, Paulo interrogou sereno:

— Que é?... Sambô... que queres?

— Quipéra querê falá a *mosungo*... [2]

— Quipéra!? ¿O que deseja êsse digno Quipéra?

— Quipéra dizê... cansou!

— Cansou? Quipéra cansou? ora essa! Está ao meu serviço apenas há dias...

— Siô... cansou. Quipéra querê ile no mato.

---

[1] Homens que carregam com a machila, para transporte de pessoas.

[2] Senhor, tratamento de homem preto ou mulato baptisado, que quere ser tratado como branco.

— Quando?

— Logo... hoje ..

— ¿ Mas então quem faz amanhã o almoço?

— Siô... sim... Sambô nã pole sabê...

— ¿ Então quem háde saber?

— Siô... sim.

Sim o quê?... Vocês respondem sempre que sim à gente...

— Sim... moleque Afonso... pole sabê...

— E depois?...

— Siô... nõ sabele...

— Irra!... ¡Então quem é que sabe?. .

— Siô... sim, machilêro Cancuné cleanço, pole sabê.

— Criança o Cancuné!?... ¡ seu patife, então você, chama criança a um rapaz, um homem alto como um pinheiro, forte como um touro!... um latagão!...

O preto teve um largo sorriso, guardou no cinto o pauzinho com que estivera limpando os dentes fortes e alvíssimos, e com afirmativa respondeu:

— Siô, Cancuné sêle cleanço, nã têle...

— Não ter o quê? o que é que êle não tem?...

— Rapaliga... mulhê...

Paulo riu... e continuou:

— Está bem! visto que você quere que êle seja criança, seja... ¿ mas então êsse maroto do Quipéra, aqui bem agasalhado, bem alimentado, recebendo boa soldada, fora o que rouba, êsse patife quere ir embora? ¿ não está contente?

O Sambô ficou um bocado calado, e depois afirmou com segurança:

— Siô! Quipéra estale molto contente..., sim, Quipéra cansou...

— Bem, — voltamos ao princípio!...

—Ora vão lá percebê-los! Como perceber estes cabeças de alcatrão, como diziam os antigos negreiros e tanganhões [1] do mato — disse Paulo virando-se para o tenente Lucena, que assistia calado e sério ao diálogo travado com o preto machileiro.

Ele encolheu os ombros, fez ouvir um estalinho entre os dentes e deu com força no ar uma forte arrochada com o chicote de cavalo marinho que lhe brincava na mão descuidada.

Surdamente irritado, Paulo despediu o gigante machileiro com um sêco aceno de mão.

— Bem! está bem! amanhã veremos isso, mas diz ao Quipéra que não pago, não vê *mosuna*, *masaruco* [2] sem ter outro cozinheiro.

— Siô... sim...

Estavamos sentados, ou antes deitados em largas e frescas cadeiras indianas que todos os viajados por aquelas paragens conhecem bem, colocadas no terraço ladrilhado com tejolos em frente da casa, sob o largo alpendre de telha mourisca que traves de teca sustentavam apoiando-se sôbre quatro pilares de tejolo argamassado, e sentiamo-nos enlanguescidos pela cálida e húmida aragem que dificilmente corria por entre as frondosas acácias, as célebres acácias da rua principal de Quelimane, maravilhas vegetais quando se vestem com as suas lindas flores.

No entardecer rápido que é próprio dos climas tropicais, depois de um dia inteiro de sol ofuscante de clari-

---

[1] Homens que vão ao mato comprar ou vender escravos.
[2] Dinheiro.

dade e abrasador de calor, fatalmente seguido de uma noite húmída e quente que faz transpirar abundante e continuamente durante um sono pesado, é apreciado e apetecido prazer o lenitivo de um repouso nos largos cadeirões de palha em terraço sombreado, ladrilhado de frescos tejolos.

— Pois, camarada! — respondeu o companheiro de Paulo à interpelação indignada — quando algum dêstes negros nos vem dizer que cansou... que quere ir para o mato, etc., ainda que Você o mandasse açoutar a cavalo marinho, ainda que o mandasse palmatoar rijo por êsse seu Sambô, trezentas rijas palmatoadas — e o Lucena ciciava muito os *ss* — enfim se quizesse mesmo persuadi-lo a ficar ao serviço por outros meios mais interesseiros, prometendo-lhe o dôbro do *poço*, isto é do mantimento, e o dobro da *mosuna*, isto é do vencimento, esteja Você certo, não desistia da idea de lhe fugir na primeira *sota* [1] que para isso tivesse: cansou... pronto! escusa o camarada de contar mais com êle.

— Mas... ¿se eu o mandar amarrar na cozinha?...

— Foge!... é assim mesmo; assim que puder, foge. O mêdo do castigo cruel de uma *dona* ou *sinhara* qualquer a quem pertença, é superior a tudo o que Você imagina.

— Oh! — disse Paulo num tom de voz incrédulo.

— E' assim mesmo! — retorquiu o companheiro — aquilo é ordem da *dona* [2] que está precisando dêle. Você não conhece êstes moleques; são escravos sempre de

---

[1] Termo náutico — ocasião.

[2] Descendente de branco, com fortuna e posição superior.

qualquer destas *donas* que vivem por aí por êsses *luanes*,[1] por essas quintas espalhadas pela fértil e vastíssima Zambézia. Elas mandam-os chamar quando dêles precisam, e êles, por muito bem que se achem, têm que ir... senão...

— ¿Senão o quê?

— Senão espera-os sempre um castigo, que ¡eu sei lá! pode ir até ao *lagarto*, que é como aqui se chama ao jacaré e ao crocodilo; pode ir até ao veneno extraído de plantas esquisitas, talvez ignorado nos laboratórios europeus, e que transforma o indivíduo em uma chaga permanente, deforma os membros.. ¡um horror! O certo é que, quando se fala nisto *a brincar*. êles têm um medo horrível e até de pretos se fazem brancos!... ¿Você não sabe? A maior parte do que amoedam em soldadas é para a *mamãne*[2] e é para isso que a *mamãne* os educa no serviço de *mainatas* ou lavadeiros, machileiros, criados, cozinheiros, etc. ¿Pois que pensa? para os brancos a escravatura foi abolida há muitos anos. Foi em 1864, que o Marquês de Sá da Bandeira vibrou nêsse comércio o golpe mortal, mas entre os pretos ainda há a tenaz tradição dos povos bárbaros, o interêsse monetário no escravo comprado e vendido no poder absoluto da raça guerreira e indomável sôbre a raça pacífica e fraca subjugada na sorte da guerra...

¡Uma *dona* zambeziana ou um *Inhacuana*[3] das regiões pouco avassaladas lá para o norte, rico em terras e gados, ainda tem um grande poder e prestígio por êsse sertão, de fora em fora!

---

[1] Casas de campo.

[2] Mãe.

[3] Senhor de um prazo, verdadeira nobreza antiga entre os pretos.

— Oh!... mas se isso é assim, já vejo que seria bom eu tentar aproximar-me de perto de alguma *sinhara*, que fôsse jovem e riquinha... bem apetrechada de *luanes*, e cozinheiros prontos para uma *rascada* [1] como esta em que me vejo, que não sei onde hei de ir encontrar um...

— Sim... não é mau... há até raparigas muito bem educadas pelas Irmãs — disse o companheiro com indolência... e, depois de um pequeno silêncio, continuou em voz mais baixa:

— Mas também tem certas desvantagens... pode mesmo chegar a ser perigoso .. Um contacto íntimo com a vida cafreal é o que afinal tôdas fazem.., apesar da educação cristã das Irmanzinhas e dos Missionários. Sim, é a vida cafreal, desprendida de preconceitos, abundante em exotismos pitorescos de costumes e hábitos, propícia ao desenvolvimento das paixões violentas, ao desencadear dos instintos cruéis e reveladora de encantos desconhecidos, à medida que o recenchegado da Europa vetusta e gasta vai entrando em um viver novo.

Paulo interrompeu zombando:

— Ora adeus, amigo! Encantos? senhor Lucena! encantamentos nisto!?

E estendendo o braço, indicou o arvoredo verde-negro, àquela hora afogado, esbatido na penumbra violácea da atmosfera que se estendia sôbre a vegetação abundante das acácias e dos palmares dos quintais visinhos da casa da Esquadrilha.

— E' como lhe digo! — retorquiu o companheiro, pausadamente, brincando com o chicote de cavalo mari-

---

[1] Termo náutico para designar dificuldade que surge sem remédio pronto, derivada das amarras ou dos cabos que se enrodilham.

nho. Há encantamentos sôb êsses palmares frondosos, discretos, misteriosos... Isto aqui é, com pouca diferença, como na India, no inebriamento do lascivo convívio das bailadeiras... E' como em Macau, no convívio das graciosas *pipa-chais*, das abonecadas e infantis *musmés*, das alegres e sensuais *nhonhas* do bairro de S. José, tão devotas e tão amorosas, arteiras no agrado, possuindo segredos de filtros que as feiticeiras chinesas lhes vendem e que produzem a ardência insatisfeita do desejo, empolgando bestialmente o coração e a carne dos amantes...[1]

— Veja, meu caro tenente: O portuguesinho chega com o sonho do ouro .. e acaba por agricultar a terra; se dalí a algum tempo cria interêsses, arranja logo fêmea que lhe agrade aos sentidos .. e experimenta necessidade de confôrtos talvez ignorados até então; e, se logra ageitar-se ao clima — e nós somos, apesar de todas as asneiras que fazemos por cá, o povo mais resistente e mais adaptável ao clima intertropical, mais do que o inglês, mais do que o alemão — veem depois os filhos, e passados uns anos fica com o coração preso a isto, com amor e com interêsse à vida colonial, chega mesmo a já não sentir saudades da metrópole, onde êle não pôde angariar os meios de subsistência, arranja por aqui a sua maneira própria de sêr, e aborrece então a Europa excepto se conseguir ganhar uma fortuna tal que lhe permita viver lá com a abundância, o luxo e as comodidades, que o façam esquecer por completo a relativa fartura com que aqui se acostumou a viver.

Paulo não respondeu, ficando-se a olhar a treva que tudo ia invadindo completamente.

---

[1] *O caso da Rua Vo-long, n.º* 7, do autor.

O tenente Lucena continuou:

— Tem havido muitos europeus assim, e até lhe podia citar nomes de camaradas nossos, belos rapagões cheios de mocidade ardente, e que deram por aqui em *mosungos*, e estão contentes... ¿Que pensa Você disto?

Paulo encolheu os hombros e respondeu:

— Eu, por-ora nada penso; felizmente não estou ainda em estado de encantamento cafreal, não possuo *dona*, nem ao menos cozinheiro...

Mas o Lucena respondeu, ciciando muito os *ss*:

— Para amanhã não há novidade, porque não sei se sabe que estamos convidados para ir almoçar ao prazo Madali. Quem convida são os administradores, e pode o amigo crer que o almocinho chega para todo o dia.

— E depois?

— Depois, não sei! mas pode talvez remediar-se com um preto que eu tenho lá na Pero Anaia, que não é mau, emquanto não arranja outro. Enfim não se preocupe Você; com o *pôço* e a *mosuna* que costumamos pagar, breve lhe aparecerá outro moleque. Se calhar, isto é combinação feita entre êles. Isto é uma vasta associação de *donas* e *donos* de luanes todos patifórios; eu já os conheço bem — e, virando-se para Paulo, empunhando alto o chicote: — olhe que eu já tenho direito a usar pulseira de marfim!

— Ah!... já? — respondeu Paulo cortêsmente interrogativo, mas revelando na expressão do rosto uma ignorância crassa, lembrando-se agora que tinha notado no Chinde o rapazote inglês, o consul do Protectorado, com duas grossas pulseiras de marfim no pulso esquerdo.

— Sim, quem tem um ano de permanência na Zambézia, pode usar no pulso esquerdo uma pulseira de mar-

fim. E' usança zambeziana, assim como, se for acompanhada com outra pulseira de pèlo de elefante, indica que já fez uma caçada ao bicho...

— Mas a mim parece-me...

— O quê?

— Parece-me que nestas comissões, segundo a lei não podemos estar senão seis meses... E' pelo menos o que eu julgava que ultimamente se tinha feito, para *isto* correr por todos os camaradas da Divisão, e não haver uns protegidos e outros abandonados.

Mas o Lucena, que estava fustigando com o chicote os tejolos do terraço, em vez de resposta fez uma pregunta:

— ¿Aposto que Você não conhece a grossura dos pêlos do elefante?

— Eu não... mas parecia-me...

Porém o Lucena, imaginando mais comentários sôbre o direito da pulseira, atalhou de pronto:

— ¿Aposto que não sabe?

Paulo tornou a repetir:

— Eu não... mas... parecia-me...

— Oh! homem! ¿o que é que lhe parece? — exclamou, já desconfiado.

— Ora! ¡parecia-me que o elefante não era animal peludo!

O Lucena então, aliviado, fez soar uma risada franca que vibrou sob o telheiro e foi perder-se na larga rua das acácias, atraíndo a atenção de dois *monhés* [1] magros e torrados, de negras barbichas e olhos scintilantes como os

---

[1] Negociantes índios, na Costa Oriental da Africa.

dos gatos bravos, que iam passando em frente da casa, com as pernas nuas, peludas e magras, a sairem por entre as cambraias do pano preso à cintura, discutindo entre si numa garabulha arrevezada de palavras.

Mas já o Lucena se tinha calado e agora, sisudo e grave, continuou:

— E'. . é, mas só num sítio.

Paulo interrogou-o num olhar.

— Olhe! é mesmo na extremidade do rabo . . ; são ao todo meia duzia de pêlos... ¡ mas que pêlos, menino! parecem vimes!

— Pois não sabia, e não me sinto com desejos de usar a tal pulseira — concluíu Paulo arrastando um pouco a voz.

Ele retorquiu impassível:

— Verá! Pois verá que talvez goste mais disto do que agora pensa.

Paulo respondeu friamente:

— Pois meu caro senhor Lucena, com tanto calor, e o pavor constante de apanhar por êstes sítios uma biliosa ou um perniciosa, sempre à espreita da morte, que pode chegar traiçoeira numa picada de um simples *anofeles*, ou numa ligeira brisa correndo sôbre a superfície de um pântano mefítico... *nam sará fácel!* como respondeu o Balbino cavaleiro, no Café Suisso, uma vez que uns pândegos apostavam com êle, em como não era capaz de dizer uma frase com três asneiras a seguir!...

— Ora! não se anda sempre a pensar em pavores... a tudo nos adaptâmos com o tempo, e, com uma higiene rigorosa, e com a tendência da adaptação fácil que os portugueses têm para êstes climas... Em Você começando a andar por êsses rios lindíssimos...

— Pois sim! tão lindos que já ouvi alguém dizer a respeito do Zambeze, que é o mais afamado:

Ora lôdo, ora capim
Bolas! para um rio assim...

O Lucena riu-se.

— Isso dizia o Guilherme de Carvalho quando andou por cá em missão geodésica... Ele deve estar a aparecer por aí qualquer dia para continuar com os trabalhos de campo.

E, fustigando mais forte os tejolos do terraço, com o chicote de cavalo marinho, continuou teimoso:

— Em Você — e ciciava muito os *ss* — andando de um para outro lado à sua vontade, atravessando pelas marés cheias êsses *mucurros* e canais...

— Esses quê?

— Esses lindos braços de mar que atravessam a selva imensa, Você a ver-se lá para cima independente, solitário representante do vasto domínio português nestas longínquas paragens, em Você fazendo vida à cafreal, acampando tarde numa margem deserta, ou numa ilha, junto a uma à eringa [1] hospitaleira em qualquer volta do grande rio, numa vida errante, forte, tôda ao seu sabor, à parte as instruções oficiais dos governadores e a observância dos regulamentos militares, está claro, que com os pretos não são muito exigentes, em começando a entrar nos costumes pitorescos e originais da alta Zambézia, com uma vida diferente de tudo o que tem vivido até agora... Você verá!

---

[1] Acampamento de pretos.

Paulo teimoso, agarrado tenazmente à sua opinião, murmurou convictamente, abanando a cabeça:

— ¡ Mas eu é que não tenho queda para Levingstone, para pioneiro do mato, para sertanejo, para Anchietta, para Rei da Angonia!... Talvez isso seja bom para milionários, para os que veem por *sport*, para a *Central Africa* cansados das comodidades de uma vida europeia intensamente vivida, refinadamente civilizada, e que anceiam por experimentar durante três ou quatro meses algumas novas sensações. Veem então para Africa Central a pretexto das caçadas aos grandes carnívoros...

E' verdade que também vem para cá muita gente plantar coqueiros, desbravando a selva, explorando a copra e sobretudo o *mussôco*, a ver se acha uma fortuna e com ela a independência ..

Esses, estão muito bem no seu papel... Mas daí a achar encanto à vida cafreal... hum!...

Paulo acrescentou depois com solenidade cómica:

— Ai! ¡ não há nada como a *Baixa*, a riquinha *Baixa* de Lisboa, à noite! com a má língua dos cafés, com as Revistecas nos teatros baratos .. e todas as futilidades do viver urbano e pelintra .. Olhe que isto é a geral maneira de pensar de quasi toda a rapaziada de Lisboa... ¿ que me diz a isto o Lucena?

Porém o forte moço, fustigando agora com fôrça as próprias botas, alçou depois o chicote de cavalo marinho e ciciando muito os *ss*, respondeu:

— Bem! não discuto mais, talvez *isso* seja muito bom mas aposto já o seguinte: quando o mandarem embora para a *Divisão* ¡ sairá daqui com saudade!

— Saudade?! Eu! Esse gôsto amargo de infelizes, etc. Ora! o que se quere é arranjar pecúnia para pagar as

dívidas do alfaiate lá em Lisboa... e o resto gastar depois em águas de Vidago para consertar o estômago, o fígado e os rins arrombados nêstes sítios encantadores!... Ora!...

— Pois já tenho visto rapazes camaradas chorarem com pena disto, quando os exoneram dos comandos das lanchas.

Paulo deu uma gargalhadinha desdenhosa, que acabou num berro!... Hi!!!...

— Que é isso?! — perguntou surpreendido o Lucena.

— Ui! — exclamou Paulo, dando uma forte palmada na perna esquerda e arrancando depois de lá uma môsca enorme...

— Olhe! senhor Lucena isto não é môsca ¡é um elefante! tem pelo menos desoito milímetros de comprimento. ¡E que ferretoada que ela me deu! ui!...

O Lucena inclinou-se a observar.

— Ah! Isso é uma môsca no género das de cavalo marinho... não tem conseqüências... a-pesar-de ser uma môsca sugadora... é um díptero *therioplectes* — disse.

— *Therio* quê?!

— Sim, uma *tabanidea*. Há muitas em Quelimane... Quem me disse o nome scientífico foi o doutor da Esquadrilha... Também já tenho sido mordido ¡eu sei o que é! atravessa a calça e as ceroulas, e faz uma incisão na pele, mas não tem importância... Se fôsse uma *mocumba* era pior; trazia logo febre... a febre de carrapato...

— ¡Não me diga mais, basta! — disse Paulo levantando-se.

Então o Lucena proseguiu a rir:

— Olhe .. de môscas sugadoras ¡há seis famílias!

¡cada família com seis e sete espécies, e três a quatro géneros!...

— Que encanto! — murmurou Paulo, e foi desinfectar a pele dorida e picada.

VII

Acabados os respectivos serviços — o do Lucena no fiscalizar diário das reparações e beneficiações urgentes que as oficinas de Quelimane andavam a fazer na sua lancha, e o de Paulo na Secretaria particular do jovem Governador da Zambézia, a dar expediente e desembaraço à inúmera papelosa das notas e relatórios oficiais, porque para aí o tinham arrumado por causa da *falta de verba* — acontecia reunirem-se os dois tenentes quási todas as tardes na casa da Esquadrilha.

Depois, mandando aprontar as machilas, suspensos aos ombros de quatro possantes negros, iam pelos arredores da vila, em passeios errantes até ao escurecer, e Paulo via sempre com uma certa admiração, nos horizontes larguíssimos das várzeas ou por entre os maciços de árvores, dos coqueiros e bananeiras, aqueles deslumbrantes ocasos do sol só próprios dos céus tropicais.

Porém, se havia ainda muito calor, o asfixiante calor que denuncia uma atmosfera sôbre-aquecida durante um dia inteiro de sol escaldante, impregnada de electricidade, tensa de vaporações maldosas, então os dois deixavam-se ficar no terraço da casa, molemente estendidos nos cadeirões indianos, largos como leitos de *radhjás*, na doce esperança de alguma aragem mais fresca, vinda das bandas de Tangalani, na barra do rio, para fazerem horas mais propícias a poderem ir jantar.

Emquanto esperavam pela noite, o maciço e corpulento Lucena ia iniciando Paulo sôbre as terras da Zambézia que os seus pés pisavam agora pela primeira vez.

E essa Zambézia ainda era um pouco nebulosa lá para cima, para o limite dos prazos, no vago dos grandes lagos, na vasta Angonia, em todo o Barué. E Paulo evocava êsses arcaicos países misteriosos, donde saíam os carregamentos de marfim, de cera, e de oiro, para as frotas de Salomão, segundo o *Paralipomenon*, e que levavam três anos de viagem a chegar à opulenta Tiro.

¡Como tudo lhe parecia novo e estranho!

Havia regiões ainda completamente ignoradas pela geodesia e pela topografia. Andava lá havia tempo, o Guilherme Carvalho a trabalhar, e lá para cima para Sena e Tete, o chefe da circunscrição, que era o Vasco Pina, funcionário muito sabido no código de *milandos* [1] da região, dizia que só até uns quinze dias de viagem para o interior é que a autoridade portuguesa era efectiva.

Mas não admirava isso nada, porque cá em baixo, na baixa Zambézia, no delta feracíssimo e cultivado, uma vez ou outra ainda se era obrigado a desbastar caminho, de bussola e pedómetro em punho por entre mato de espinheiros e morros de *muchem* duros como granito.

E Paulo ouvia o seu companheiro com atenção e curiosidade, emquauto êle dissertava ciciando muito os *ss* e batendo nas botas de lona branca com o chicote de cavalo marinho que nunca largava da mão papuda e larga.

Quando anoiteceu completamente, o vulto ridículo do

---

[1] Questões de justiça entre negros.

moleque Afonso apareceu à porta, perfilado e de guardanapo no braço, dizendo roufenho e grave:

— Siô .. jantale plonto...

Ergueram-se lentamente das vastas cadeiras e foram então abancar à mesa, e, sob a luz triste do pequeno candieiro de petróleo que os alumiava atraindo miríades de variadíssimos insectos e transformando-se em crematório dos pobres animálculos, encetaram o monótono jantar servido silenciosamente pelo moleque que ia e vinha na sala deslizando descalço e sem ruído pelos tejolos do pavimento, ouvindo-se apenas por vezes o chocalhar sêco e discreto das suas pulseiras de junco e de latão que lhe enfeitavam os braços nus até acima do cotovelo, onde, no negro luzidio da pele, a fraca luz do candieiro arrancava brilhos fugazes.

Enrolado em coleantes panos riscados a largas faxas vermelhas e brancas, o torso vestido de uma blusinha de algodão branco muito curta, salpicada no peito e nos punhos de fiadas de pequeninos botões de massa, de côr vermelha, um largo cinto de cabedal preto envernizado, em tôrno dos rins, a farta carapinha apartada numa risca impecável em dois bandós simétricos, um cheiro forte a água-de-Colónia, era bem exótico o velhaco do moleque, de olhar esguio e traiçoeiro.

Depois da sopa, o Lucena continuou falando sempre na *sua* Zambézia, e informou Paulo entre duas garfadas de galinha cozida, que, no dia seguinte, havia uma excursão ao prazo Madali e Tangalani. Tinham sido convidados pelo amigo Brás Lobato. ¿Havia de conhecer, o Brás Lobato?

— ¡Então não conheço! — exclamou Paulo — pois se êle veio comigo de Lisboa no *Africa*; ora essa!...

naquele inconfortável transporte da nossa Marinha de Guerra, êle foi sempre um alegre companheiro de viagem... ¡ isso é que foi!

— Pois êle é amigo do jovem governador da Zambézia. São amigos de tu, do tauromáquico, ambos janotas de rosa ao peito, sempre chegados aos fidalgos, assíduos freqüentadores do aristocrático club e do pano verde do *dito cujo*...

— ¡ ¿ E agora vieram para a Africa trabalhar?!

— Pois está claro! – disse o Lucena erguendo o garfo... Mas diga-me? ¿ Você faz idea do que é um almoço num prazo quando há convidados?...

— Eu não... por ora não sei nada de prazos.

— Então prepare-se...; vamos com o Governador que aproveita o convite para fazer uma visita de estudo.

— Sim... uma almoçarada estudiosa — murmurou Paulo.

— Ele e o Nascimento têm estudado, ¡ lá isso é verdade! O Nascimento quando estava aqui, todas as noites escrevia páginas e páginas num canhenho forrado de coiro negro, a suar em bica... Eram apontamentos para ser um futuro colonial sabedor e sagaz nesta época de formação de Companhias de exploração agrícola, que são as únicas que podem dar...

— Está claro!... Minas, nem falar nisso, só se forem as de Salomão...

— Vai muito gente: vai o doutor juiz de Quelimane, vai o Sousa, secretário do Govêrno — êsse é que conhece bem a Zambézia, pois tem muito tempo disto e tem muita vida do mato. Em 1892, quando os cafres da Maganja invadiram o Licungo e o Macuze, tendo arrazado o Nameduro e o Inhamacurra, foi necessário estabelecer um

Comando militar, e êle para lá foi ¡ coitado! para aquela região insubordinada. Imagine como aquilo estaria: pois êle lá se conservou numa quási desguarnecida aringa, até 1895 época em que ela foi assaltada, tendo êle de retirar para Quelimane... depois de ter passado dois grandes e anciosos dias metido num reduto, cheio de fome e de sêde... O país estava todo revoltado, foi preciso o Azevedo Coutinho ir lá com três mil sipais... hein! ¡ três mil sipais para um aringa! e pôr fim àquela vergonha... Vai o director do prazo do Borozinga¡ enfim vai tudo! o Vasco Pina, de Tete... Vai tudo!...

— Pois vamos lá ao prazo — disse Paulo interessado.

— ¿Mas Você sabe o que é um prazo? — perguntou o Lucena.

— Sei, tenho ouvido falar nos prazos desde que cheguei aqui... Creio ser um remoto regimen de divisão de terrenos desde a primitiva ocupação portuguesa.

— ¿Sabe só isso?

— Para mim, creio que é bastante.

— Acredito, mas não é mau também o amigo saber que êsses terrenos pertencem ao Estado, são arrendados a um ou mais indivíduos constituídos em sociedade, que os devem cultivar pagando à Fazenda anualmente uma certa quantidadade de dinheiro, mediante contracto de arrendamento do *mussôco*.

— O *mussôco* é que eu não sei...

— Oh! homem! E' o que é de mais importância..., é o tributo em dinheiro, ou metade em dinheiro e metade em géneros, ou mesmo só em trabalho gratuito que o indígena paga em sinal de submissão ao *Rei*, ao grande *Induna* branco.

— Ah! — disse Paulo com um sorriso — é o *Puto grande*

de Angola, o *Manèputo* dessa outra admirável colónia portuguesa, ainda também tão atrasada lá para o interior... que até dizem que tem minas de diamantes inexploradas.

— Sim, e o não pagar *mussôco* indica implicitamente que o preto está rebelde à autoridade portuguesa

— E então?

— Então mandam-se para lá os sipais, e um oficial ou sargento com ordem de prender os *fumos* ..

— Os *fumos*?...

— Sim, os chefes das aldeias, os pequenos régulos. ¡ Você não sabe *bater* língua de cafre!

— Eu!...

— Pois não era mau saber. O meu amigo arranja uma gramática... os missionários ingleses, e os colonos estrangeiros quando aparecem aqui, já veem sabendo alguma cousa... Os goanenses, banianes e monhés, esses então sabem-no tão bem como os seus dialectos. Nós precisavamos também, quando viessemos para Africa, trazer umas luzes... de cafre.

— Pois sim, havemos de pensar...

— Você tem os apontamentos dos missionários. Há uma gramática de *Macua*, explêndido trabalho do Padre José Vicente do Sacramento, missionário do Real Padroado da Coroa Portuguesa na Prelazia de Moçambique. Há uma gramática *landim*, não me lembro agora de quem, também um belo trabalho. Há a "Grammar of the Zulu language", de Lewis Grout de 1859; o "Zulu English Dictionnary", de Colenso de 1861; e o "Zulu Vocabulary and Phraze book, de 1865.

— Ih!... Tanto trabalho! ¿e Você, tem estudado isso?!

— Eu não!... Eu, nestas coisas de línguas gosto mais de um *sleeping dictionnary*...

— ¡ E' melhor método, faz falar rápido !

— Claro — e os dois jovens riram-se, depois do que, o Lucena continuou:

— A's vezes sucede, quando o administrador do prazo manda os sipais para as aldeias insubmissas, não encontrarem ninguém. Os pretos emigraram todos para o B. C. A. visto que êles têm liberdade ampla de escolher o seu senhor.. de mudar de prazo... ou simplesmente internarêm-se no sertão, levando as mulheres e os gados.

— Sabe que o preto muda com muita facilidade de local procurando sempre quem menos o incomode, quem não o obrigue a trabalhar, porque para arranjar dinheiro para pagar o *mussôco* êle tem de algum modo de trabalhar, e isso é que o preto não quere, principalmente se fôr de uma raça guerreira em que o trabalho é tomado como cousa de desdém, bom para as mulheres.

— Isso há muita gente branca da mesma opinião...

— O preto só está feliz quando tem ocasião de, meio bêbado, ver as mulheres a *pilar* arroz, [1] a *colimar* a *machamba*, [2] a fazer a comida e a *mapiramanga*, [3] a vêr o *sôpe*, a *sura*, a *lilipita*, ou o *pombe*, segundo a época, a fermentarem nas cubas e cabaças, emquanto não chega a hora do *batuque* por qualquer motivo de festança, entêrro, casamento, circuncisão de rapazes, iniciação de raparigas, nascimentos e outros ritos religiosos ou festivos, ou então quando pega na *rodela* e zagaia para *levar guerra* a qualquer *induna* visinho, na mira do saque às mulheres, aos gados, aos escravos.

---

[1] Fazer farinha de arroz.

[2] Cavar a horta.

[3] Farinha de milho branco.

Paulo ouvia o Lucena que, lançado no seu assunto favorito continuava falando e comendo.

— Ainda há poucos anos houve aqui bastantes guerras. Os Governadores agora, o que querem é pacificação... Os grandes comerciantes e esta monhécada é que gostam das guerras porque vendem tudo.

— ¿Mas então, quanto é o tributo do tal *mussôco*?...

— Oito tostões por cabeça e por ano.

— Não é muito.

— Pois sim, mas nem Você imagina o trabalho que dá a apanhar-lhes o dinheiro. Então lá para cima nunca têm vintém, pagam com trabalho, limpeza de valas, abrir caminhos, carregar pedra, etc. Se algumas vezes arranjam *quinhentos* português ou *shilling* inglês, vai logo tudo gasto em vinho, em panos, em mulherio, missangas para as pretas, alcool para os batuques... e fogem depois. Apenas há os que recolhem das minas do Transval, que trazem cada um pouco mais ou menos 20 a 30 libras em ouro..., mas gastam tudo. Alguns deixam lá tudo no Rand...

— ¿E não acha o meu amigo que fazem muito bem?— perguntou Paulo com um sorriso irónico.

O Lucena olhou-o surprêso e, com um leve agastamento na voz, replicou:

— Ora!... ¡venha o amigo para cá para a Zambézia com essas *filosofias*!... Você verá o que lhe acontece, ¡onde vai parar!

— Oh! homem! ¡que quere Você mais e melhor! O preto vai ganhar libras ao estrangeiro, volta com elas, e gasta-as aqui... E' como dantes com a emigração para o Brasil.

— Pois exactamente foi o que fez mal à nossa Africa:

foi primeiro a Índia, e depois o Brasil... Esse ouro!... ah! êsse ouro... de nada nos tem servido.

Sim! ¡ agora a emigração era espantosa!... despovoavam-se distritos inteiros, os pretos que tinham ofícios, alguma educação dada pelos missionários de S. João de Boroma, ficavam no *ingrês*, não mais voltavam com mêdo dos vexames da colheita do *mussôco* por si e por suas mulheres, porque os sipais prendiam a torto e a direito, e o trabalho era mal pago... Havia prazos onde as raparigas depois de vinte dias a descascar gergelim, recebiam como pagamento uma chícara de sal...

E o Lucena, amuado naquela noite até ao fim de jantar, não mais falou na sua *bela Zambézia*.

VIII

Ao outro dia, quando Paulo, erguido do leito aos primeiros alvores da madrugada, tendo tomado uma chávena de café forte com a clássica pastilha de quinino — inevitável preventivo de febres palustres — entrou na sala de jantar, já encontrou passeando de um lado para outro, o seu alentado companheiro.

Empunhava com majestade arrogante o seu eterno chicote de cavalo marinho, e parecia impaciente.

Os dois camaradas trocaram os cordiais bons dias e Paulo, segurando na mão desastrada um grande capacete de miolo de figueira que comprara na véspera na sucursal da casa *Oswald Hoffman*, de Lourenço Marques, declarou-se pronto a segui-lo onde fôsse mister.

— Ao prazo vamos .. — disse o Lucena, enfático, alçando o chicote — ¡e quanto mais depressa melhor! Aproveita-se o relativo fresco da manhã.

— Ao prazo vamos... — disse Paulo carregando à cabeça com o volumoso capacete.

Bateram as palmas, e logo à entrada da casa apareceram as machilas prontas, prevenidos como estavam de véspera, os machileiros.

Depois de um olhar de rápida inspecção ao aspecto dos negros, deixaram o terraço e embarcaram-se nos aparelhos.

Foram seguindo pela estrada de Secalani, interminável

fita branca, serpenteando entre os altos coqueiros marcados nos troncos a tinta vermelha, com as iniciais dos prazos a que pertenciam.

Os seis machileiros de Paulo, hércules negros de fortes arcaboiços, arquejantes da carreira, tendo à frente o membrudo, gigantesco Sambô, transportavam com leveza e velocidade os seus oitenta e sete quilos de peso.

De vez em quando um dêles batia com a palma da mão uma pancada no grosso bambu que aguentava o aparelho da machila, e logo outro se aproximava correndo, e sem se notar no andamento a mais leve diferença, substituía-o com uma entrada rápida de ombro, sôbre o qual o bambu polido deslizava ao compasso da marcha.

Paulo achava original aquela mudança de ombros sem perder um instante de caminho.

O volumoso Lucena, de vez em quando tentava a conversa. Porém naquela marcha não era isso muito fácil, porque o balanço que a machila imprime ao corpo quando se manda caminhar mais ràpidamente, entrecorta a respiração, e a frase sai engasgada, soluçante, titubeante...

Paulo notou, rindo, ao Lucena a sua constância no hábito de trazer o chicote sempre a dar que dar... e lembrou-se da música da cançoneta do amigo Cruz, muito em voga no seu tempo de estudante na Escola do Exército, nos exames de frequência:

O meu amigo Cruz
Um rapaz de truz
Um grande intrujão!
Sempre de pena na mão
Sempre a dar que dar
Sempre a dar que dar!

Então o Lucena explicou benévolo e sorridente:

— ¡O senhor não imagina! Isto ainda hoje está um pouco atrazado, e olhe que estamos em 189... Se Você tratar bem os *moleques moabixos*, ou os *machileiros*, êles perdem lhe o mêdo e não lhe têm respeito nenhum. Esta gente só conhece a fôrça como sistema de mando. Começam imediatamente a fazer lhe partidas, não lhe aparecem quando Você os chamar, embebedam-se continuamente, fogem-lhe a toda a hora para os batuques que a pretaria faz a propósito de tudo, e Você chega a não ter uma camisa para vestir, uma tina de água para tomar banho, uma sopa para comer...

— ¿Então é necessário bater-lhes a propósito da primeira pequena falta que cometam?...

— Pois claro!... ¡Se, pelo menos, não os ameaçar, dizem uns aos outros que Você tem *coração de galinha*!... que é mulher!... *Mosungo blanco tele colação di galina... ové!... é... é... é!...* ficam muito contentes, acham no muito ridículo, Você nunca mais faz nada com èles ¡fique sabendo isto para seu procedimento futuro! E pode mudar de moleque e de machileiros quantas vezes quizer... êles passam palavra uns aos outros.

— Pois muito bem! Já comprei um capacete na casa *Hoffman*, agora tenho de comprar um chicote de cavalo marinho para dar a minha chicotada nos lombos dêstes pobres diabos... Daqui a pouco estou um zambeziano perfeito, a pesar de provavelmente nunca chegar a ter direito de usar no pulso a pulseirinha de pêlo de rabo, como o Lucena.

— De elefante... diga!...

— ¿Você tem lá na Esquadrilha uma palmatória?

— Tenho, achei-a no meu quarto, era coisa já antiga no prédio...

— Pois é mandar o Sambô dar-lhes uma vez por outra uma *roda* de palmatória. Os moleques dão sempre pretexto a isso, e Você vai ver como o Sambô se desempenha dessa missão de confiança. ¡E' um gosto ver o Sambô à obra!... O Nascimento não os poupava... era pequenino mas tesinho!... e cruelzinho...

— Apre! ¡Uma palmatoada puxada pelo Sambô deve ser de rachar a mão logo à primeira!... não precisa mais!

— Não é tanto assim... estes pretos têm uma grande insensibilidade à dor; os moleques fazem um grande alarido, veem de rôjo agarrar-se aos nossos pés chorando, rebolando-se, ganindo, rastejando, uivando... ah!... siô!... pega pé!... pega pé!.. *mosungo* não bate!... pega pé!... pega pé!... e quando ainda não estamos acostumados àquela berraria que se ouve ao longe, e se manda suspender o castigo, Você vê de repente êles a rirem-se uns com os outros... e no dia seguinte fazem a mesma partida... Os negros que mais convivem com gente branca, são os que têm mais falta de caracter... São mentirosos, nunca respondem senão por rodeios dizendo a tudo que nós lhe perguntamos – ¡que sim! — São larápios, são bêbados... ¡Eu cá por mim ando sempre com o cavalo marinho pronto para a vergastada! mas não lhes falto com o farto *poço*, isto é, com a raçãozinha de arroz e de feijão, e a mandioca...

— Olhe-me para êles! ¡Veja-me estas estátuas, até nem cheiram a catinga! .. — e o Lucena apontava orgulhoso para os pretos, com o cavalo marinho.

Paulo olhou com mais atenção e efectivamente os machileiros iam numa *forma* soberba, perfeitos exemplares

de qualquer das raças que hoje habitam a Zambézia — os *maganjas*, os *taralas*, os *musururus*, os *maravis*, os *angonis*, os *landins*, os *machonas* e as inúmeras tríbus da baixa Zambézia.

— E' o que faz o bom tratamento; olhe!... agora veja aqueles que além veem — disse o Lucena.

Paulo inclinou-se para fora da machila.

Era um trôço de carregadores que passavam, em fila, ao longo da interminável estrada de Secalani, já àquela hora batida pelo sol que subia rapidamente no horizonte.

Iam lentamente. Eram homens de aspecto miserável, sujos, os pés e as pernas brancas das poeiras da caminhada, nus, apenas uma sumária cobertura de decência, um ridículo pedaço de pano de algodão amarelento de sujidade, ou um rabo de vaca pendurado de um cordel em redor das ilhargas esqueléticas, com o corpo cheio de equimoses esbranquiçadas, do roçar contínuo das duras *fumbas*. [1]

Logo que viam as machilas, depunham no chão com um gesto cançado e lento, as pequenas *quimbas* [2] e trouxas que transportavam e, à passagem dos brancos, saudavam à sua moda, com humildade e tristeza, batendo as mãos três vezes e raspando ao mesmo tempo com os pés, para trás, no solo poeirento, escaldante de calor.

¿Para onde se dirigia toda aquela triste gente, de aspecto tão embrutecido?... tão magros os homens, tão lentos e tristes no seu caminhar em fila, tão diferentes dos nossos machileiros, que corriam tressuando e arquejando, mas vigorosos, alegres como crianças saudáveis.

---

[1] Esteiras de bambu, muito grosseiras.

[2] Cestos de carregar.

Talvez carregadores obrigados pelas autoridades dos Comandos militares, a virem apresentar-se ao *Govêrno de Rei* ou em qualquer casa comercial que os tivesse requisitado para transportes longínquos, *de motores de quiçapos de panja*, [1] ou serviçais que se iam de um para outro prazo, onde sabiam que a *sura* era mais forte e mais barata, e onde pagavam melhor o trabalho.

E foi então que Paulo viu uma scena que lhe deu a nota justa do estado mental em que ainda estava esta negraria macua da Zambézia.

¡ O Lucena, de chofre, num sacão, atirara ao ar escaldante um berro vigoroso!

Pararam os machileiros, estacando firmes, êle arremessou-se para fora da machila, e dirigiu-se com pausa enfática a um esquelético preto que ia passando. Todos olharam respeitosos, e então o alentado moço, levantando a gorda, papuda, pesada mão, atirou-lhe uma bofetada tão violenta, que o preto surpreendido, fechou os olhos, cambaleou, e logo caiu de bôrco, e estatelado no chão ficou...

Paulo, sobressaltado, soergueu-se da machila. Porém o alentado companheiro, com o ar tranqüilo de quem tem a consciência de ter cumprido um dever de sociedade, voltou a sentar-se na machila, cujo bambu rangeu e se curvou elástico, emquanto os carregadores, hirtos como soldados alemães em parada, assistiam impassíveis a esta scena inédita para Paulo.

— ¿O que foi que êle fez? — preguntou Paulo.

Então êle, indignado, explodiu, apontando o vulto negro estendido à beira do caminho:

— Irra! que está bebedíssimo! Mas é necessário isto,

---

[1] Cargas de fardos de 30 quilos.

por causa dos outros... ¡Este burro não me cumprimentou, e o branco deve aqui exigir respeito sempre! senão é o diabo! zombam de nós!... é preciso cuidado! — e fez com o chicote um aceno majestoso aos machileiros, que logo recomeçaram rolando as nádegas, na corrida veloz pela interminável e soalhenta estrada de Secalani.

Paulo, olhando para trás, via o vulto imóvel, sujo de terra, estendido no chão como uma prancha negra, carbonizada, e quedou-se admirado daquela noção de respeito que era necessário incutir aos pretos da Zambézia.

E o Lucena era apenas um colonial de acaso, exactamente como Paulo... ¡Que fariam os outros!

Pareceu-lhe então um rude brutamontes, e evocou figuras bárbaras de antigos barões feudais exigindo preitos de submissão pelas estradas arredias, aos pobres glebas famélicos e aterrados..

Quem sabe se êle, dali a um mês ou tal, de chicote em punho, também acharia natural vergastar as costas a pretalhões indefesos e miseráveis...

Longe, bem longe do continente europeu, Paulo devia ponderar que vivia agora numa terra tradicional em costumes e usos semi-bárbaros, onde a resolução dos *milandos* [1] apresentados pelo *chiango* [2] era à discrição do juiz do *Bazo* ¡e onde havia bem pouco tempo as ordens terríveis do sanguinário Gungunhana se impunham a pretos... e a brancos!

Era necessário considerar que as nações civilizadas, tinham à compita disputado entre si, havia poucos anos

---

[1] Questões entre pretos, reguladas por regras especiais, que constituem o *Código dos Milandos.*

[2] O preto que apresenta os contendores ao juiz.

ainda, os sorrisos diplomáticos do grande *induna* [1] vatua e o presenteavam com caixas de vinho do Porto, fardas militares e baixelas de prata cinzelada, para êle comer o *quissau*, e entornar nas reais guelas, a aguardente fortíssima dos *saguates* . [2]

Era uma região, onde Paulo agora estava, para a qual as grandes Companhias ultramarinas, ainda estavam a angariar capitais a fim de entrarem numa exploração mais intensa e civilizadora depois da balbúrdia das recentes guerras, e da confusão provocada pelas extorsões dos estrangeiros. Era a misteriosa Zambézia, lá para o interior e para o norte ainda cerrada ao branco, mas que começava agora a ser desvendada pelos aventureiros de todos os países, em busca de oiro, e por Quelimane e pelo Chinde passavam portugueses, ingleses, suissos, alemães, naturais da India portuguesa, e da India inglesa, os banianes, os indus, e os moiros de Zanzibar e de Angoche, e todos os antigos cruzamentos desta gente com as raças indígenas. Como as caravanas lendárias de Salomão, o faustoso rei bíblico, agora novas caravanas de *prospectors* se dirigiam para a África Central em busca do oiro entesourado nos filões auríferos da terra, e essa terra era portuguesa.

Paulo não tinha que se admirar... a moral era outra, ¿não varia ela conforme as latitudes?...

Iam passando algumas mulheres e raparigas, de panos vistosos enrolados nos corpos esguios, moldando nalgumas as formas airosas, de ancas delgadas; levavam os braços e os tornozelos carregados de *inhatimbi*, estreitas mani-

[1] Como os ingleses chamam a um grande chefe.

[2] Dádiva de consideração e amizade.

lhas de arame de cobre e de latão polido. Ao pescoço traziam enroladas fiadas de missanguinhas, cujas côres sobresaíam e ressaltavam sôbre os pequenos seios das raparigas, túrgidos como cabacinhas escuras, a pesar do costume de os achatar e fazer descair, atando-lhes em cima, com tôda a fôrça as pontas da *moucheca* [1] ou do pano, que costumam vestir por cima, atando-o em redor da cintura, e que descai até ao tornozelo, e elas lá iam meneando compassadamente as ancas breves, num ritmo ondulante e lascivo...

Ao passarem as machilas, paravam, e a saudação delas consistia em cruzarem as mãos sôbre o peito até tocarem com os dedos nos ombros, e, ao mesmo tempo que se abaixavam numa mesura, que não deixava de ser graciosa, sorriam-se humildes.

Continuavam os dois jovens a ser levados pelos machileiros através dos palmares que ensombravam a estrada.

Por entre os altíssimos troncos acinzentados dos coqueiros, agrupamentos de cubatas surgiam e, das portas muito baixas das palhotas, saíam apressadamente raparigüinhas e crianças, completamente nuas, ostentando uns enormes umbigos, alguns do tamanho de uma laranja pequena, com as cabeças completamente rapadas, e que vinham correndo até à beira da estrada, batendo as mãos a compasso, e cantando em côro numas vozes agudas e esganiçadas—ah eh!... ah eh!...—e depois ficavam num pasmo idiota até as machilas desaparecerem numa volta daquela interminável estrada de Secalani.

E toda esta figuração seria naturalmente muito pito-

---

[1] Tira de pano, que aperta os seios, passa por debaixo dos braços, e vem atar-se nas costas.

resca e agradável de ver sobressaindo no fundo verde-negro da vegetação tropical, se não fôsse a soalheira terrível que fazia reflectir do solo escaldante uma tal ardência de calor, que as lonas dos assentos das machilas pareciam que não tardariam a incendiarem-se.

Ao passarem rente a umas *machambas* [1] de feijão e de abóbora, sob aquela soalheira de rachar pedras, ouviram-se gritos estridentes, então os machileiros encetaram uma corrida doida, e os balanços que imprimiram às machilas eram os de um leve barquinho bailando sôbre as vagas do mar largo, e Paulo com o capacete amarrotado e à banda, as pernas inteiriçadas, os braços descaídos, sem fôrça, ia já enjoado e com o estômago vazio, que é o pior dos enjoos, sentindo as bagas contínuas de suor que lhe escorriam da cara para o pescoço, a ensopar-lhe o colarinho mole da camisa leve.

Agora a estrada ia bordejando uma lagoa de água suja, amarelenta, onde o sol se espelhava em reflexos ofuscantes...

Quando Paulo pôde articular palavras, entre dois solavancos, preguntou ao Lucena, que ia a seu lado... ¿porque fôra aquilo? O Lucena respondeu:

— É que os machileiros ouviram os gritos dos que vão já adiante e forcejam por se juntar aos camaradas.

— ¡Mas que alvorôço!

Os pretos luzidios de suor, retesando os seus vigorosos músculos, o peito num arfar violento, deram o último impulso às suas pernas de atletas e, com gritos bárbaros, entremeados de assobios estridentes e prolongados, inci-

---

[1] Hortas indígenas

tavam-se mutuamente num arranco de esfôrço, na ânsia de ver quem chegava mais cedo à orla do alto capim que envolvia a lagoa.

Junto a ela, outras machilas acabavam de chegar, de onde se apeava gente vestida de branco. Era o resto dos convivas. Então houve troca de cumprimentos e saudações, e depois, outra vez embarcados nas machilas, correram todos por entre os cerrados bosques de coqueiros que iam descendo numa rampa suave do terreno fôfo e e húmido.

Paulo tinha as pernas tão entorpecidas e tão moles do incómodo balanço desta última carreira, que nos primeiros momentos, depois de finalmente se apear junto de um *mucurro,* quási não podia dar um passo, tão flácidas, dormentes, doridas êle as sentiu...

Na sua frente o *mucurro* abria-se, sob o entrançado denso do arvoredo, internava-se depois pela terra, lodacento, negro, parado de águas correntes, e o Lucena encalmado, sempre de chicote na mão, limpava com um lenço branco e enorme o crânio avermelhado pelo calor, onde uma alopecia prematura se alastrava inclemente.

Onze e meia da manhã. O sol ardente bate de chapa na água do *mucurro*, barrenta, lodosa, em manchas negras e amareladas, sem um estremecimento, sem uma ruga, tão espelhenta, que a luz reflectindo-se intensa, obriga a contrair as pálpebras em esforços contínuos, quási dolorosos.

Na margem limosa já estão atracados, à espera, os *coxos,* pequenas embarcações indígenas, sem leme, cavadas a ferro em brasa no cerne de grossos troncos, e os negros que os tripulam, depois de embarcarem os brancos, começam cortando a água com umas curtas pagáias,

imprimindo-lhes assim grande velocidade, com pagaiadas rápidas e certas, revolvendo o limo e as plantas podres que desarraigadas do fundo, sobem logo a flutuar.

De-vez-em-quando um dêles larga a pagáia e pega no *pondo,* vara delgada de bambu, que lhe serve para medir a profundidade e para arrastar a frágil embarcação quando ela se *pega* nos bancos de lôdo.

Por entre as ramarias das árvores e do alto capim, nalguma clareira entrevista, alongam-se terrenos onde dominam enormes imbondeiros de grandes ramos e troncos retorcidos, como tentáculos petreficados.

Os machileiros, fazendo uma gralhada enorme uns com outros, numa festa, numa grande risota, atiraram-se todos àquela água traiçoeira e, com os panos e trouxas amarrados à cabeça, bracejam folgazões, sempre a falarem, a *largarem piadas*, numa excitação alegre, ora nadando, ora tomando pé, girando em redor dos *coxos,* fazendo espadanar a água soturna e quente. Neste momento o scenário é bem africano, bem característico de uma jornada no negro continente.

Paulo evocou então as narrativas maravilhosas das longas travessias portuguesas, comerciais, scientíficas, guerreiras, através do sertão misterioso, inóspito, hostil para o branco.

Sentiu bem a coragem, a perseverança, a resistência do português antigo, desprovido de experiência e de meios scientíficos para arcar com as surprêsas do mato, com os obstáculos dos grandes rios a atravessar, com as feras inúmeras. Avaliou conscienciosamente a soma de energia da nossa antiga raça, a prudência e sábia previsão de mantimento e aguada que seria necessário ao branco isolado em pleno coração da Africa, para evitar a má fé dos

régulos selvagens, as deserções dos carregadores tomados de pânico, as emboscadas dos salteadores, a sêde, a fome, o isolamento num meio onde tudo lhe era hostil, desde o insecto até à floresta imensa, inextricável, emaranhada, tomando-lhe o caminho passo a passo...

A pesar da alegria dêste seu primeiro passeio em terras zambezianas, Paulo sentiu um certo abatimento moral, pensando quanto esforço perdido durante tantas gerações de portugueses para resultar tão pouco em relação ao que os estrangeiros já tinham feito na Africa do Sul. ¿ Eramos nós menos do que êles em iniciativa, em resistência ao clima, em energia?

Não!... E que fizéramos sempre pouco caso da nossa Africa, alimentados pelo insalubre e erróneo preconceito, desde tempos imemoriais, de que a Africa só era moradia de condenados e de réprobos da sociedade, emquanto que o Brasil... ¡ êsse... tivera o nosso cuidado e a India... essa, fôra a perdição!... Mas Paulo via que depois das últimas guerras, uma nova confiança surgia.

Obtinham-se capitais, apareciam homens limpos, sãos, decididos e que vinham para a Africa para trabalhar, na acepção mais sagrada dessa palavra, enriquecendo-se e enriquecendo o seu País. A Zambézia ia começar a florescer em plantações metódicas, scientíficas, em explorações cuidadas e por certo um grande futuro de riqueza lhe estava guardado.

Paulo ouvia a algazarra dos pretos, essas grandes crianças que riam e gralhavam em redor dos *coxos*, e alguns convidados tinham enrolado à cabeça os seus lenços brancos, à guisa de turbantes, para se defenderem dos raios do sol, e por entre o capim levantavam-se patos em vôos curtos e pesados, aturdidos com o barulho insó-

lito, e alguma airosa garça cinzenta subia num largo vôo sereno e planado, pairando alto na atmosfera luminosa, pesada de calor.

Havia um cheirinho a pântano, a erva podre e detritos orgânicos remexidos na água suja, que afectava a pituitária desagradavelmente, instilando febres pelas vias respiratórias.

Meio tonto de sol e de calor, Paulo ainda conseguiu interessar-se por um passarito, de plumagem azul muito escura e armado de um respeitável bico, talvez um *mucuco,* um melro azul que entre os juncais e caniços acompanhava o *coxo* onde ia o Governador, e que saltitava de tronquinho em tronquinho fazendo silvar as remiges, sempre na frente de S. Ex.ª o Governador da Zambézia volitando e piando, como que a troçar de todas aquelas autoridades coloniais que acompanhavam com gentileza o jóvem Garcia Pombeiro a mais uma visita de estudo e de digestão fagueira.

Em redor dos *coxos,* os torsos atléticos da negraria emergiam daquela mistura de água e lôdo, avançando caminho com vagares cautelosos.

¡Uma hora a atravessar lentamente o *mucurro,* entre água suja, capim e lôdo!...

Com certeza que todos estavamos absorvendo as emanações deletérias daquelas águas removidas pelas pagaiadas violentas e pelos *pondos.* Era caso para uma boa dose de quinino, ao deitar. ¡Ninguém se importava! E o explendor da luz crua, de clarões fulgurantes que afectariam a retina cançada, com uma pontinha de himeralopia [1], também não importava. «Se se fôsse a fazer caso

[1] Cansaço da retina que faz com que ao crepúsculo se deixe de ver, durante um grande espaço de tempo.

de tudo, o branco não se mexia...» comentava o Lucena. Avista-se ao longe, no fundo daquele corredor aquoso, uma pequena faixa branca, que parece um telhado pintado a cal. Porém, à medida que se incurta a distância, vê-se que é um aterro formando ladeira suave, onde alguns vultos se movimentam, vestidos de branco, e vai-se distinguindo de um lado e de outro, filas de negros em formatura.

Enfim desembarca-se, e aquela negraria imóvel, emquanto se trocam as primeiras saudações e apertos de mão, a um grito de comando faz a continência militar, e Paulo repara então nos seus uniformes emquanto as visitas encalmadas e sedentas de fresco e de refrescos vão subindo lentamente.

Vestem todos uma camisa branca de marujo com sua alcaxa debruada a vivos azuis, calção largo de *kaki*, e ostentam na cabeça altos *cofiós* [1] vermelhos com uma grande borla negra, presa por um cordão no alto do barrete e que lhes cai *chibante* [2] sôbre o ombro.

De perna nua e pé descalço fazem um belo efeito sob a luz intensa do sol, no fundo verde escuro dos palmares.

O Lucena, alçando o chicote de cavalo marinho, segredou ao Paulo:

— Veja o aspecto dêstes sipais, hein!... São os guardas dos prazos, é gente de guerra, isto é diferente do carregador macua... São êles que sabem fazer a guerra à moda cafreal... São landins, uma variedade da raça vatua. Toda a ambição do preto é ser sipai... ter uma espingarda.

---

[1] Barretes tronco-cónicos, usados pelos turcos e moiros.

[2] Termo muito empregado na Zambézia: catita, chique.

Mas um grande alarido estruge, e Paulo viu uma turba de negros e negras, de vistosos panos e missangas abundantes, gritando, bailando, cabriolando em tumulto na frente do jovem Governador. Os moleques dão cambalhotas, e — Pega pé! Pega pé! — gritam, berram, cantam, batem as palmas e rebolam-se no chão, na mira de algum saguate de rupias ou de *quinhentos* que as visitas atiram para a chusma cafre. E quando a molecada rodeia o alentado Lucena, gritando lhe com fôrça o — Pega pé! Pega pé! — êle, sorridente e assovinado, agita na mão com mais firmeza o cabo do seu chicote de cavalo marinho... e resmunga baixo:

— ¡ Vocês pensam que eu sou o Coutinho... para atirar ao ar com milhares de rupias à cafraria dos batuques de guerra!... disto, disto agora é que Vocês precisam — e apertava com mais energia o cabo do chicote, a rir-se para Paulo, e não largando *macuta* nem patacão...

Vão subindo devagar a ladeira, que se alarga numa ampla explanada de terra bem batida e bem varrida, onde ficam os pavilhões dos alojamentos do pessoal europeu. E de um alto pombal que se ergue em um dos cantos como uma tôrre alvarrã num castelo medievo, revoadas de pombos assustados com o desusado movimento e ruído desacostumado, levantam vôo em giros esbandalhados e hesitantes de direcção, para virem depois pousar no solo, debicando e arrulhando até que, ao menor alarme, esvoaçam outra vez irrequietos no ar, em curvas apertadas, enchendo a atmosfera quente com o ruidoso ruflar das suas asas.

Ao centro da explanada vasta, batida de sol, há um poço e depois para a direita, ficam os armazéns de arroz, dos côcos, da cana sacarina, do amendoim, da borracha,

peles, cera, marfim, tudo o que a feracíssima terra da Zambézia produz, pois é o distrito actualmente mais cultivado e cujos indígenas se prestam de melhor vontade ao trabalho. Ao ver toda esta *messe* de riquezas em exploração, Paulo lembrou-se que em Portugal havia gente que odiava, feria e matava, gritando aos govêrnos que não tinha trabalho e que queria comer.

¡¿Pois não havia agora trabalho para todos, nas colónias?! ¡Então como floresceram as dos estrangeiros, senão com o trabalho fornecido pelos obreiros da metrópole!...

Avançavam devagar em conversa, e mais adiante Paulo viu os barracões com oficinas de ferreiro, de carpinteiro, de serralheiro, para os consêrtos das alfaias agrícolas, e das *almadias, coxos,* e escaleres, e a distância, por entre a vegetação verde-bronze de um bosque de coqueiros, grupos regulares de cubatas e palhotas dos serviçais e dos sipais, formavam uma pequena aldeia movimentada pelas mulheres e crianças, indo e vindo nos afazeres domésticos, pilando mandioca e arroz para a comida do pessoal, num ruído alegre de colmeia em actividade.

Quando subiram à varanda larga da habitação principal feita de *m'pira*, boa madeira rija de côr clara, sombreada de finas esteiras indianas que desciam do rebordo dos alpendres de chapa ondulada pintada a branco, já ali estavam outros convidados descansando em frescas cadeiras de *rota*, e Paulo logo reparou no vulto robusto e pesado de um homem baixo de fina barba negra talhada em frisado leque. Refastelado na cadeira, tinha o pescoço gordo atarracado entre os largos ombros; e, no rosto cheio e pálido, uns olhinhos pretos, espertos e maliciosos, risonhos e irónicos tinham brilhos fugazes por detrás das cristalinas lentes de uns óculos de finos aros de ouro.

Estava dizendo ao auditório deferente, qualquer cousa, com voz melíflua, e parecia duro de ouvido porque, quando às vezes o interpelavam, demorava discretamente a resposta pondo a mão em concha por detrás da orelha; porém, o olhar vivo e scintilante irradiava inteligência e sagacidade.

— Quem é? — perguntou em voz baixa Paulo ao seu companheiro.

— ¿Então Você não conhece?... E' o Vasco Pina... Há muito tempo que anda a explorar tudo isto... Agora é residente em Sena.

— Ah! — respondeu Paulo com curiosidade — eu já tinha ouvido falar... E' o dos leões.

— O dos leões?... essa agora é que eu não conheço — disse o Lucena.

— Pois olhe, eu ouvi esta em Lisboa...

— A dos leões!?

— Sim, disseram-me que o Vasco Pina estava uma noite pacatamente a cear com uns amigos no *Tavares Rico* da Rua Larga de S. Roque (nêsse tempo não havia o *pobre*), e a uma mesa junto dêles, vieram sentar-se uns pândegos, falando alto, com sua babozeira à mistura. Abancaram e começaram a cear. Faziam grande berrata, e um dêles, que pelos modos era africanista e andaria bem disposto a gastar as suas economias de Africa, numa visita à metrópole, começou a alardear proezas de caçadas aos grandes carnívoros. Basofiava de mortes de hipopótamos e gazelas, caça grossa e caça fina, em plena selva ignorada. Era um Nemrod babilónico, um Sardão assírio, e um moderno rival de Eduardo Foá e do inglês Selous. E vai daí, o Gerard português começou a explicar: «De uma vez no meio de uma floresta virgem —

onde a mão do homem nunca tinha posto o pé — encontrou-se com um leão que também andava à caça. Então os dois caçadores mediram-se. ¡¿Qual deles seria o caçado!? Friamente, com toda a presença de espírito, quando o leão eriçava a juba para formar o salto... zás. . uma bala em pleno crânio fê-lo rolar morto...» O auditório escutava deferente, — êle é que pagava a ceia — Na mesa do Vasco Pina também escutavam interessados... mas o africanista caçador de leões lançado em plena audácia de contador de proesas de caça, afirmava que o leão vinha acompanhado da leôa e de um filho já taludo. O Vasco Pina escutava com a mão em concha na orelha, o olhar brilhante de ironia. O narrador continuou: «a leôa saltou então de dentro do capim e arregaçando as fauces ia-se a atirar com um urro terrível, mas êle já tinha tido tempo de carregar a Winchester... apontou (e levantou-se entusiasmado, fazendo menção de pontaria com um garfo) e zás! pum! a leôa ferida de morte, rolava agonisante junto do leão».

— Faltava o filho, o outro leão já taludo...

— Neste momento o Vasco Pina, pronunciou alto de modo que nas mesas próximas onde mais gente ceava, ouviram-se muito bem as seguintes palavras:

«— ¡Se êle mata o outro leão eu parto-lhe a cara!...»

— O outro com certeza ouviu mas não se desconcertando... continuou: «Faltava o outro leão, era o filho... assanhado, arquejante, a cauda vergastando o solo, olhou para os cadáveres dos pais e depois olhou para mim, assim como se me dissesse — ¡ Fôste tu que fizeste isto! pois já te arranjo!. . . e fez um arremesso terrivel... e eu... apontei-lhe a espingarda! .. entre os olhos... é agora!...»

«— E' agora...» resmungou o Vasco Pina — erguendo-se um pouco da mesa...

« — Dei ao gatilho... pum!» — fez-se um silêncio expectante no auditorio ancioso — «e errei a pontaria!... o tiro partiu, mas... o leão... era ainda creança, e assustado com o estampido da detonação, galgou num salto fantástico as altas palhas do capim e desapareceu...»

«— Bravo!» — disse o Vasco Pina.

«— Ainda bem!» — disseram com um suspiro de alívio os comensais que já estavam à espera de uma scena desagradável para fim de ceia alegre.

O Lucena sorriu e continuou:

— Pois é êste mesmo, o bem conhecido e conceituado Vasco Pina, na alta e na baixa Zambézia, desde o Limpôpo ao Rovuma... em Moçambique inteiro. E' como está vendo, um homem grosso e baixinho no físico, mais fino que um coral fino na administração do Districto. Inteligência, sagacidade natural, decisão, atrevimento, conhecimento completo dos pretos, e da psicologia do *branco ultramarino*, e sabendo muito bem ganhar as suas libras...

— Pois deveras estimo conhecê-lo! — disse Paulo agradado.

Apareceu então um moleque, rapaz dos seus quinze anos, cabeça expressiva de cafre arabizado animada por um olhar vivo, respirando aceio e minucioso cuidado no penteado da basta carapinha. Vestia uma bluzinha branca de uma brancura ofuscante, um vistoso pano de desenhos extravagantes de boa fazenda da Índia, seguro por um largo cinto de cabedal de polimento que lhe prendia a farta dobra do tecido cingindo-lhe estreitamente os rins, e que se encurtava em pregas sôbre a ilharga esquerda.

Usava com garridice um colar de pequenas contas de vidro azul. Aproximou-se sem ruído, caminhando descalço no pavimento de bom soalho claro, de taboado delgado à moda inglesa, segurando com grande estilo uma bandeja de metal onde brilhavam na discreta sombra da varanda, as pulidas facetas de um lindo frasco de cristal, cheio de *Old whisky*, e três garrafinhas de soda entrechocavam-se num tilintar harmonioso, com os copos esguios e fundos de fina vidraria inglesa.

O efebo girava de um para outro lado, e tinha uns gestos tão gráceis destacando-se vigorosamente no tabique azulado da varanda, que dir-se-ia uma escrava etíope criada em palácio de Sodoma e costumada desde pequenina às exigência sibaríticas de faustosos e indolentes sardanapalos... Tinha gestos lentos e hieráticos de hierofante grego, ao dispor os copos, ao vazar de alto o líquido sem entornar uma gota, ao oferecer numa mesura obsequiosa a bandeja brilhante...

Trocaram-se *Prosit!* e então o Lucena continuou em voz baixa:

— Você não imagina; por aqui criou fama, e ela já chegou a Lourenço Marques, e já entrou no vocabulário corrente de Moçambique, já há lá o verbo Vasco-Pinar... eu Vasco-Pinei... já estou Vasco-Pinado... etc. o que quere dizer, assim a modo... «enganar com a verdade»... Por aqui costuma-se dizer: «Homem! ¡Você foi Vasco--Pinado»! E' um verbo especial de ocasião...

— Tem graça! e significa que essa gente encontra um homem pela sua frente que não deixa fazer-lhe o ninho atrás da orelha — cortou Paulo.

— E tem *partidas* engraçadas olhe... uma vez...

Ia a dizer,.. quando a voz do Brás Lobato, o Brás

do Tauromáquico, um alegre companheiro na viagem do *Africa*, homem espadaúdo, vermelhaço, que viera para a Zambézia para um logar de Administrador, se ouviu sonora e bem timbrada.

— ¿Meus senhores, vamos ver o prazo?... Desejava mostrar lhes as várzeas, e mais coisas.

— ¡Pois vamos! — disseram. E logo descendo a escada da varanda, se formaram diferentes grupos, que em rumorosa palrice se espalharam pelos caminhos que saíam da explanada.

Corriam êles bordados de tufos de fôlhas, de plantações de ananazes; depois eram esbeltas mafumbeiras com seus penachos de sumaúma entrelaçados de liames do género landolfia; via-se a rafia (*Borassus flalelifer*) que crescia a uma grande altura, a *Phoenix rechinata*, a palmeira *Hiphuene*, o aloés e as kayas — o mogno africano — e havia longos hectares de milharais densos, intervalados com bananeiras e algodoeiros arbóreos... E o Brás do Tauromáquico, explicava, apontando com um gesto largo, fazendo assim arquear o torso bem musculado, que lhe valera em tempo grandes triunfos nas pégas rijas em touradas de gala:

— Meninos! isto aqui dá-se tudo admiravelmente, até mesmo eu, que cheguei há um mês e ainda não percebo nada disto... Algodão, cana de assucar, frutas, a bela da frutinha... ¡Bananas, há trinta variedades, trinta! Hein! E laranjas, limões, maçãs, papaias, mangas. — Ah! ¿Vocês já provaram as mangas?

— A manga de Africa não é boa — disse alguém.

— Pois sim, não é tão bôa como a da India, mas as mangueiras de Africa, sendo bem tratadinhas, também têm o seu valor — responderam de um grupo.

Mas o conviva retorquiu com erudição:

— Antigamente, não havia mangas capazes de se comerem, na Zambézia, e as que existem são ainda o resultado das canceiras dos frades portugueses, dos primeiros tempos da ocupação, e que para aqui vieram nas primitivas missões da India...

— Isso!... isso mesmo — respondeu o Brás Lobato, mais forte na arte das pegas rijas e crítica de toureiro do que na história da aclimatação das *mangas* comestíveis em Africa, onde êle se achava agora, e onde nunca pensara pôr os pés.

— Isso!... E as hortas que aqui temos... vão ver! ¡E até larangeiras aqui há! Vão ver!

Algumas rôlas bravas, todas verdes, com o bico, patas e uma auréola em redor dos olhos, de côr vermelha, voejavam por entre o arvoredo, o que tentou o tiro dos caçadores, e logo o Brás Lobato a exclamar contente:

— ¡As rôlas aqui são aos milhares! — e com um puxão deitando o capacete para a nuca, exclamou, voltando se para trás:

— ¡E as gazelas são aos centos!

Porém o Brás Lobato estugara o passo, e como todos o seguissem, exclamações alegres saudaram de longe uma comprida, vasta, improvisada mesa feita de tábuas cobertas por alvejante toalha onde brilhavam as louças e vidraria diversa à sombra de frondosas mangueiras, em frente de uma característica paisagem, em que as melambeiras e os coqueiros alçando-se no fundo azul intenso do céu, se destacavam entre os verdes milharais.

Alguns moleques acocorados em frente de umas fornalhas improvisadas, resguardadas por um caniçado construído em minutos, ajudavam o cosinheiro todo impor-

tante no meio das caçarolas e tachos, açodado e diligente. Por cima da mesa, um tôldo de lona amarrado pelas quatro pontas às árvores próximas, ensombrava o alvo apetecido dos olhares dos convivas, onde havia curiosidade e guloseima.

E neste momento aparecia o jovem Governador, airoso no seu *dolman* bem cortado por alfaiate chique, bigodinho negro de azeviche e passado a brilhantina, terminando em *croque* feito a ferro de frisar, o olhar cheio de fulgores maliciosos. Era um pouco o tipo *bellâtre* de oficial de salão, mas homem já batido em comissões por terras do Ultramar, esperto, ladino e ambicioso de dinheiro e, debaixo daquele ar menineiro e fútil, enganar-se-ia quem não lhe descobrisse um fundo indomável de vontade de vencer ràpidamente a escala da fortuna, e instalar-se na vida com fartura e gôso, e talvez por isso êle naquela manhã, tinha um ar de superioridade benévola que lhe assentava bem na figura airosa.

Vinha conversando, grave e atento, com um indivíduo de aspecto estrangeiro, e que, de capacete na mão, mostrava o crânio completamente rapado à navalha, a face toda barbeada, figura desempenada e enérgica, olhar duro e cerrado à expressão.

Vestia um fato de linho, fresco, talhado à inglesa.

Depois, apareceu atrás dêste grupo o alferes Sousa, secretário do Govêrno. Era um rapaz desembaraçado de maneiras, figura esbelta, mas que se ia empastando ràpidamente em gorduras, criando ventre e cara redonda, os olhos negros, bondosos, confiantes, inteligentes, a mão papuda, a côxa grossa, e via-se que era um homem alegre, um génio feliz, destes que podem dormir junto de um vulcão... e, quando se ria, a sua face gorducha resplande-

cia, mostrando a alvura dos belos dentes ensombrados por um basto bigode negro, que não desmerecia, em cuidados e tratamento, do do jovem Governador...

Mais cavalheiros se iam juntando e avançavam expansivos, aproximando-se dos toscos bancos de bambu e de troncos de árvores cortadas, que rodeavam a mesa do almôço e, quando todos se reuniram, o Brás Lobato, alteando o forte peito, fez um gesto circular de convite, e pronunciou em voz cantante, num sorriso atencioso:

— Meus senhores... façam favor, é sentar.... é sentar...— e os écos repetiram lá dos bosques distantes: «é sentar... é sentar»...

Então, todos os convivas abancaram contentes, desdobrando com rapidez os guardanapos, e os moleques tão ligeiros que pareciam alados, sem ruído correram velozes em redor da mesa, atentos e diligentes ao serviço que ia começar.

E o Lucena foi depor no esgalho de um arbusto, bem à vista, com cuidado e delicadeza, o seu chicote de cavalo marinho.

Ia começar o estudo governamental.

IX

O que é um almôço na Zambézia, e num prazo, quando se tem convidados de categoria que andam em excursão de estudo, por *mucurros,* lagoas e estradas poeirentas, só o ficou sabendo Paulo desde aquela manhã.

Faz lembrar uma sucessão de dois ou três banquetes, ao uso das nossas fartas províncias, em casa de lavrador rico.

Mas de lavrador, dando festa rija em dia de casamento de filha querida com genro de feição, ou então de missa nova de filho mimoso.

Paulo nunca assistira a um banquete assim...

Nem o velho Trimalcião, do «Satyricon» de Petrónio... nem os diversos Lúculos romanos, mudadas as condições do tempo e de lugar, ficariam descontentes com a oblata daquele repasto sob as frondosas mangueiras zambezianas.

O que admirou Paulo ¡foi como qualquer congestãozinha não veio espreitar sorrateiramente algum despreocupado conviva!

E com o calor, ainda assim não tão sufocante como em Quelimane, porque a brisa do mar se fazia ali sentir mais largamente, até às quatro horas e meia da tarde as iguarias passaram na frente dos convivas, qual delas mais suculenta, mais excitante, mais apaladada, tanto à moda europeia, como à moda cafre ou indú... com tempêros

obrigados a *piri-piri* [1] E vieram *achares* de limão e de manga, *carís* variados e acompanhamentos exóticos de *paparís*, de *balchão*, de mais coisas esquisitas, salgadas, picantes, oriundas da ardente Índia; e apareceram cascas de grandes carangueijos recheadas com ovos passadas nas brasas, e, quando se chegou às pastelarias e doçarias, o Passeli, um italiano que, antes de ser empregado no prazo, tivera um negócio de confeitaria em Lisboa, ali para a Rua da Escola Politécnica, esmerara-se ; e, na abundància ¡ parecia ter juntado ali o recheio de todas as suas antigas oficinas e fornos de pasteleiro, em Natal ou Páscoa! ¡ Emfim, comedorias para satisfazer o estômago amplo do digno filho de Gargântua!

Durante três longas e encalmadas horas a ilustrada comitiva, falando e dando aos queixos, mastigou, deglutiu, bebeu, riu, conversou e *estudou*, na crassa abundância das vitualhas excitantes.

E o chicote de cavalo marinho do alentado Lucena pôde ficar dependurado no esgalho de um ramo, esquecido e inútil.

Paulo ficara sentado entre o secretário do Governador, e o administrador do prazo Madal, e logo simpatizou com o Sousa, rapaz alegre e bondoso, que já conhecia um pouco desde que ficara ao serviço do jovem Governador.

Notou, porém, que os dois convivas esquivavam se por vezes de se falar e, se o faziam, uma leve acrimónia transparecia das suas frases!...

— Bem — dizia consigo Paulo — cá estamos outra vez a contas com o micróbio africano, que destempera os ânimos... é fruta da terra — e julgou perceber que havia

[1] Pequenina malagueta muito ardente.

qualquer coisa entre êles a propósito de uns terrenos em Quelimane...

— Sim! não te perdôo! deixa estar .. ¡tudo se paga! — exclamou de repente o Teixeira — ¡ ficas marcado para a primeira! — e olhando para o Sousa, ameaçando-o com o garfo... os olhos brilhavam-lhe duros por detrás dos óculos.

— Já querias! — dizia-lhe o Sousa, com voz arrastada, e a rir, num riso forçado, meio agressivo, respondeu-lhe:

— Fica sabendo, meu rapaz... eu é que tenho agora os papéis, e não os largo. ¿ Para que é que eu sou chefe da Secretaria e da Polícia?

O Sousa olhou para o Governador e encolhendo os ombros murmurou:

— Eu agora respondia-te se não estivesse aqui tanta gente....

Mas o Teixeira, sério, interrompeu:

— Ora trata da tua vida e deixa a palhota à pequena ¡coitada!

— Ai! eu não quero a palhota...

— Queres a rapariga... deixa estar que has de ganhar muito com isso.

— Porquê?

— Cá me entendo, e vamos a ver se ela não ta prega...

— A mim! — disse o Sousa surpreendido... e depois rindo-se:

— Ora vai apanhar grilos para o Madal... Sabes perfeitamente que eu não acredito nada no que estás a dizer... Tens essa mania de querer fazer *dar sorte* a toda a gente... Não has de ser tu que ma raptarás, tu já sabes isso... já sabes que ela nunca te quis... Ora! meu amigo...

O Teixeira destravou um riso amarelo, franziu a testa pálida e calou se, e a conversa mudou para outro assunto.

Paulo adivinhava, percebia, que havia entre aqueles dois homens uma questão *de saias* .. mas que eram amigos. Então é porque *ela* não era de importância, e conversando com êles, bem depressa esqueceu aquela rápida troca de frases agridoces.

No logar de honra, o Governador, sorridente no calor e bem estar do goso guloso das iguarias suculentas parecia mais sorridente e insinuante com o conviva que se lhe sentava à esquerda, o tal rapagão louro e branco com uma bela cabeça quadrada de *boche*, de aspecto sério, o ar pesadão.

Sua Excelência segredava-lhe de vez em quando qualquer coisa, porém o outro, no seu mutismo, apenas ao de leve desfincava os beiços finos. Paulo soube pelo simpático Sousa que aquele conviva era o Director-Gerente da tal Companhia do Borozinga, com acções que em breve iam ter cotação nas Bolsas de Lisboa e Paris, e que se advinhava já, iriam subir. Paulo fixou com mais atenção o robusto mancebo.

Era então aquele o tal estrangeiro de que lhe falava com elogio o marselhês palrador, a bordo do *Adjutant*.

Era aquele, de cuja energia, saber e influência os accionistas portugueses e estrangeiros esperavam, com fé, que o Borozinga se desenvolvesse ¡ acarretando-lhes para as algibeiras ávidas o oiro zambeziano !

Mas o Vasco Pina, atufado em comida, e que se sentava à direita do Governador, contava qualquer anedota que fazia rir o auditório, e com a vozinha mansa, a mão papuda em concha sôbre a orelha, ripostava satisfeito, e a

conversa generalizava-se estridente, entre o fumo dos cigarros e o aroma do café fortíssimo.

Emfim, acabara o longo repasto, e os convivas levantavam-se agora pesadamente dos toscos bancos onde durante horas seguidas tinham estado sentados, e quando esgotaram os últimos cálices dos variados digestivos, houve quem propuzesse uma sessão de tiro ao alvo, distracção que na Zambézia é parte obrigatória destas diversões no campo, o que dá azo á exibição de armas, excelência de maquinismos, discussões sôbre alcances certeiros, facilidades de carregamentos, preços de espingardas, carabinas e revólveres, marcas de pólvoras, cartuchos, projecteis, etc.

O Brás Lobato, muito vermelho, muito obsequiador, a fala um pouco pastosa, o riso fácil e um pouco sem a-propósito, propôs para alvo o seu capacete branco de miolo de figueira. Não queriam os convidados ¡era pena! Mas o Brás Lobato insistiu, quis à fôrça a brincadeira, e então o moleque foi pendurá-lo num esgalho alto. Dali a pouco estava crivado de balas .. e o Brás Lobato, que vira com prazer esburacarem-lhe a cobertura da cabeça, deu-lhe então para embirrar com os atiradores e, a certa altura do *match* de tiro, sentiu-se imperiosamente indisposto, e com tanta pressa quis procurar alívio, que ali mesmo junto de uma árvore em frente da comitiva e na improvizada carreira de tiro, de cabelos ao vento, se foi abaixando, até ficar na posição preferida dos *monhés* e dos pretos quando, à borda de uma estrada, se encontram para conversar ou discutir preços, o que em geral leva muito tempo, e, assim de cócoras, rompeu com toda a etiqueta, com S. Ex.ª o Governador, que presidia ao *match*.

Paulo ainda ouviu S. Exª dizer — ¡ Grande porco ! — e desviar-se para um dos lados em passo grave, bastante estomagado na sua bela linha representativa, e então, tàcitamente, o desporto do tiro ao alvo acabou.

Os outros convivas tinham-se espalhado pelos trilhos das plantações fumando e conversando, abandonando o Brás — ao cheiro da pólvora queimada dos cartuchos...

E agora, um silêncio calmo e grave enchia a vereda magnificamente ensombrada por onde iam, repletos e pesadões, caminhando a tardos passos em direcção ao pavilhão dos empregados superiores.

O Governador ia adiante num grupo formado pelo Vasco Pina e mais pessoas categorizadas, todo atenção e cordialidade com o tal do prazo Borozinga cujas acções estavam em via de grande cotação. De vez em quando segredava-lhe coisas, a que o alourado rapaz respondia apenas com um leve sorriso nos beiços finos, cerrados à expansão...

Mais para trás, Paulo ia andando com o Sousa e com o Lucena, e os três jovens riam a-propósito de tudo e nada, numa despreocupação môça, para o que concorria o refrêsco da brisa do mar, que viera por entre a espessura dos bosques de coqueiros, varrer para longe a sensação penosa de uma atmosfera pesada.

Então o Lucena começou a contar *uma* das do Vasco Pina.

Paulo escutou com interesse. Eis o caso :

— Tinha aparecido ali por Tete um homem louro falando inglês e cafre, e cujos papéis bem em regra o identificavam como missionário anabaptista da Suissa Romande filiado em uma das mais influentes associações protestantes daquela época.

Armou uma vasta palhota fora da povoação, na estrada de Tete a Boroma, sempre com todas as licenças legais.

Aquela estrada era a mais concorrida, porque as restantes vias para o Barué, Chiôco, Chiranga, Cachomba e Zumbo, eram caminhos apenas limpos de maior mato.

— ¡E creio que ainda são e hão de ser — cortou de pancada o Sousa, — emquanto não atirarem de lá para fora com todos os *Macombes* [1] que por lá cirandam à vontadinha!

— O missionário começou com a catequese aos molequinhos e o Vasco Pina não se importava com isso, ¡o homenzinho não incomodava nada! e pela conferência de Bruxelas tinham as autoridades de mostrar tolerância; porém, em breve reconheceu que havia *cousa no ar*. Os *moabichos* fugiam, desapareciam à hora do jantar, andavam insubordinados, um chegou mesmo a dizer antes de *se pôr ao fresco*, por causa da certeza do chicote de cavalo marinho, nos lombos: — «Que as raças eram todas iguais» e que «tanto aos olhos do Senhor valia branco como preto» e ainda mais: «brancos e pretos deviam trabalhar da mesma maneira, porque a terra era deles, não era dos brancos, e branco português não fazia nada», e outras teorias que em Tete ainda estavam um pouco avançadas... para preto, e que êles adoptavam com sofreguidão sob o seu modo de entender as cousas, que era não trabalhar nem pagar mussôco.

— Estão Vocês a ver isto num país de antiga tradição de escravatura.. hein!..

---

[1] Régulos descendentes do Macombe, grande régulo do Barué, Gorongoza, Suiteve, etc, descendente do antigo Imperador do Monomotopá, tão falado em Portugal, pelas suas grandes riquezas, no século XVII.

— E' claro — disse Paulo.

— E depois o homenzinho dava presentes aos moleques, apareciam com espelhinhos de algibeira, missangas, braceletes de latão . . . ¡ Um mostrou-se uma vez a luxurear uns punhos de borracha metidos nos tornozelos !

Emfim a molecada andava desnorteada, e ao Vasco Pina começou a tornar-se suspeito o zêlo anabaptista ou lá o que era, do missionário, o seu ensino da lingua inglesa, os presentinhos e as missangas.

Por outro lado os padres católicos da Missão de S. José de Boroma deram aviso ao residente que, pela Chedima, também tinham aparecido missionários protestantes, e o Vasco Pina começou a andar *enrascado* porque sabia que a influência dos missionários estrangeiros é em geral sempre contrária à autoridade, e que êles dispõem na Europa de influências e de recursos grandes.

¿¡ Não tinham êles feito comparecer o bem conhecido Baden Powel, o criador do escotismo, e o tenente coronel Plumer, em Conselho de Guerra acusados do fuzilamento de uns matabeles, assassinos de colonos, e ladrões da alta Rodézia ! ?

Nada de delongas ! ¡ Tinha que solucionar isto ! Mas o Vasco Pina não queria histórias nem com padres nem com o Governador Geral... então deliberou sagaz, uma *partida* ao incomodo hóspede.

E foi por essa época que começou a haver casos extranhos de *cazumbiri*, de espíritos maléficos e de almas do outro mundo em redor de Tete, o que depois se foi propagando ás aldeias circunvizinhas.

Dizia-se que andava um espírito dentro de um leão, pela estrada de Boroma, e que êsse leão era um *maloungo*

que vivia retirado e solitário no mato, e que tinha o poder de se transformar em fera.

— Uma velha preta que vivia sòsinha no limite da povoação foi acusada de poder oculto, e um belo dia teve o Vasco Pina que defendê-la de uma malta que a queria arrancar à fôrça da palhota para a torturar... Teve que a mandar para uma ilha do rio que êle havia pouco tempo tinha arrendado à Companhia da Zambézia, e onde arranjara um *luane* bom, em que aposentara, farta de panos, de missangas e de molecas, a negra *mamâne* de seis engraçadinhos Vasco Pininhos; mas só depois de discussões tremendas sôbre o direito de posse da ilha, se à Companhia de Moçambique, se à Companhia da Zambézia, porque ilha que aparecesse com um nateiro bom para cultivo dava azo sempre a pancadaria entre os pretos e a grosso *milando* para o que se sentia com direito a cultivá-la.

Os pretos queixavam-se e diziam — «quando a terra era de Rei não havia questão, agora que a terra é de Companhia há sempre *milando.* Vem sipai de Companhia de Zambeze, deita fora preto, e vem sipai da Companhia de Moçambique e deita fora preto... ¡ e preto precisa comer, e pagar *mussoco* ! — Mas voltemos ao assunto:

Agora, em Tete, andavam todas as crianças com *pendurezas* ao pescoço e na cintura: eram pequeninos chifres com *encantos*, saquinhos de pele de cobra com pós milagrosos, eram pauzinhos com gravuras e sinais de sortilégios e o próprio Vasco Pina quando se levantava do leito, ao arredar o mosquiteiro achava sempre os sapatos trocados, o do pé direito à esquerda, e o do pé esquerdo à direita... e adivinhava logo o geito do moleque a fazer bruxedo... e era certo levar naquele dia uma dúzia de palmatoadas.

De manhã, muito cedo, — porque já nenhum garoto queria ir à palhota do *cacisse* inglês à tarde, por causa da volta no escuro da noite, povoada a estrada de fantasmas agressivos, — acontecia a mesma coisa; quando os rapazes se dirigiam para a catequese, de repente, apanhavam pelas nádegas duas ou três arrochadas rápidas e tesas, que êles, coitados, com a dor e surprêsa não sabiam explicar donde lhes caíam. Uns diziam que parecia que aquilo vinha de cima das árvores, outros que era do chão, e os amedrontados *moabichos* fugiam a bom fugir para as palhotas e casas dos patrões, contusos e feridos, a gritar cheios de pavor e de equimoses: — *Cazumbiri!... Cazumbiri!...*

E certo foi que, com umas semanas dêste sistema cazumbírico, o *cacisse* inglês pasmou de ver diminuir-lhe a freguesia.

Desconfiado, e com razão, o missionário estrangeiro veio queixar se dos acontecimentos ao Vasco Pina.

Solícito, apoquentado, atencioso, admirado, indignado, o Vasco Pina armou a mão em concha atrás da orelha para ouvir melhor. Naquela manhã, confessou, estava ouvindo muito mal... desculpasse Sua Reverência, tinha dias assim por causa da humidade... E por fim assegurou ao padre, que em toda a Zambézia havia plena liberdade de cultos, o Govêrno não se metia nessas coisas, antes protegia as missões civilizadoras... ¡ afirmava-o com convicção! Mas... ¿o que desde quatro séculos de ocupação, as antigas corporações religiosas católicas enviadas da metrópole e da Índia e que se esforçavam na educação dos pretos não tinham podido fazer senão em parte, ia Sua Reverência anabaptista conseguir agora? ¿¡ Queria arranjar ali na Zambézia *chiquongue-*

las !?[1] Na Zambézia!... onde a não ser o catolicismo, só prosperava o islamismo, religião de que os pretos gostavam mais... Parecia que esta última crença dava mais *a conta* aos seus cérebros primitivos... Ora já via Sua Reverência que não havia muito que fazer por aquelas terras zambezianas, sob o ponto de vista religioso anabaptístico...

O padre suisso romado, ainda tentou novas explicações, porém o Vasco Pina, teimosinho, cada vez mais surdo, não saíu do seu ponto de vista até o acompanhar delicadíssimo e solícito, até à porta, onde os machileiros estavam acocorados a limpar os dentes com um pauzinho — o que êles fazem a toda a hora — e a caturrarem em longa palestra sôbre mulheres...

E o *cazumbiri* andava agora desavergonhado... Rapazinho que aparecesse fora da povoação, a geito, já se sabia que vinha para a palhota da mãe a berrar com o nalgueiro escaldado de vergastadas... não sabendo explicar quem lhas dava!... *Cazumbiri! Cazumbiri!...*

Enfim, o padre que não era tolo, um belo dia entrouxou as bíblias, os fardos de missangas, os espelhinhos e os garrafões de aguardente e, por uma calma manhã, de dentro da janela da casa da Residência, o Vasco Pina viu com aliviado júbilo o *cacisse* a descer ao rio e a embarcar-se numa almadia para a outra margem, em busca de novas regiões onde não aparecesse *cazumbiri* a mais...

E assim,—rematou o Lucena — o Vasco Pina com alguns espertos sipais de feição, inclinados sempre a verem num *cacisse* [2] inglês um indivíduo contrário aos portugueses,

---

[1] Pretos catequizados pelos missionários suissos e wesleyanos.
[2] Padre.

bem industriados em segrêdo, e depois largados para o mato com umas rupias, uns *quinhentos,* e um molho de chibatas, tinha feito mais do que longas notas ao Govêrno da Zambézia, dêste ao Govêrno Geral, dêste ao Govêrno da Metrópole. Depois... ¡quem sabe!... notícias tendenciosas nos jornais, interpelações no Parlamento, uma campanha política, intervenção diplomática... ah!... que massada! ¡e livrara-se de enrêdos com os padres católicos e todas as mais complicações que sempre surgem nestas questões do Padroado Ultramarino!

¡Bemfazejo *cazumbiri!*

Ainda bem o alentado Lucena não tinha acabado, quando um grito ao longe cortou o ar denso do bosque de coqueiros por onde os três jovens iam atravessando, descuidados, repletos e risonhos.

— Um ai aflitivo ao longe!? na selva horrente!? — preguntou Paulo aconchegando com a mão o estômago.

Entreolharam-se os três e arripiando caminho correram pesados para o sítio donde lhes parecia ter partido o pungido queixume.

— ¿Será o Brás Lobato, que nós deixamos só ainda agora? — preguntou o Lucena.

— Não pode ser... êsse ficou na *carreira de tiro...*

Mas breve, Paulo viu um cavalheiro baixo, atarracado, forte, de bigode preto e aspecto respeitável e façanhoso, em cabelo, atrás de uma papáia em flor, arrimado a ela como que estreitando-a nos braços e êle mais pálido que a pálida cera, olhava entediado para a espingarda caída próximo.

E viu-se que uma mancha vermelha se alastrava pelas calças de xadrêzinho branco e preto e na mão direita crispada aparecia por entre os dedos um lenço amarfanhado.

— ¿Que foi senhor doutor? houve algum desastre? — gritou-lhe ainda de longe o Sousa, bondoso e solícito, apontando-lhe para a espingarda caída no chão.

Então, com voz fraca, o cavalheiro respondeu de lá:

— Foi que rebentou...

— O quê? a espingarda? um desastre? ¿talvez explosão da arma?

— Ai não! — gemeu o cavalheiro, — não... foi... a espingarda.

— Então?...

— Fui eu... fui eu... fui eu!...

— ¡¿O quê, o doutor rebentou?! — e o pasmo apareceu na face do Lucena...

— Rebentei... sim... rebentaram-me as varizes... não posso andar assim... preciso deitar-me... vão... mandem-me a machila por obséquio... com o tampão do lenço não posso fazer nada... ai!... foi o calor... a longa permanència sentado, a forte digestão dos excitantes e suculentos manjares. Daí a congestão, e por fim o rebentamento... ai!...

Porém mais gente tinha acorrido, logo ressoaram ordens em dialecto indígena e, em poucos minutos, os sipais com habilidade e prática armaram uma *cangarra,* espécie de padiola construída com troncos e palmas de coqueiros entrelaçados, ligados e atados com liames, onde depozeram o corpo inerme do doutor Juiz com cuidadoso mimo, e agora, flácido e débil, mais pálido que a pálida cera, num silêncio de circunstância todos os convivas o acompanhavam com passo mesurado e lento, e assim o cortejo ia a caminho do pavilhão da residência dos administradores do prazo.

E o passeio interrompido, acabou tristonho.

O cortejo magoado, acompanhando mudo e solene a *cangarra* improvizada de colmagem e verduras, onde ia em charola o doutor Juiz, levado aos ombros possantes de quatro negros, assim caminhando por entre a floresta silenciosa onde as sombras se iam adensando avolumadas pela aproximação da noite, lembrava o acompanhamento trágico de um Niebelungo... e a magestosa música wagneriana do cortejo de um Sigfredo ferido em plena floresta pela lança traidora do guerreiro inimigo, dirigindo-se para o castelo da loira e ingénua Kremmhild, acudiu à mente de Paulo...

Depois de atravessado o antipático tremedal da lagoa *mucurro*, ou o quer que fôsse, assim que os machileiros nos apanharam deitados ou sentados nas macas e em terra firme, eis que começou entre êles uma luta de velocidade, a ver quem chegaria mais cedo à vila de Quelimane.

O Sambô e os seus valentes companheiros desenvolveram uma energia doida nos braços e pernas, sempre sem largar de vista a machila do estudioso Governador que *devia* ser a primeira a chegar.

Foi na verdade uma corrida desenfreada, todos a quererem passar adiante uns dos outros ¡ e Paulo notou que, nalgumas machilas, um dos pretos fazia sinal a outro, que vinha logo tomar o seu posto e êle afastava-se para o lado para começar à beira da estrada com cabriolas, passos de dança e gritos, e depois vinha correndo tranquilamente a tomar outra vez o seu logar!

Parecia que necessitavam daquilo para se excitar...

¡Que psicologia tão original a dêstes pretos!..

Foi um campionato de vaidades zambezianas, todos a mostrar que possuiam os machileiros mais velozes...

e moído pela soalheira, derreado pelos solavancos, a bôca sêca, sedenta pela acção dos salgados e dos picantes, os olhos e o nariz cheios de pó levantado pelas dezenas de corredores negros arrastando os pés na estrada poeirenta e branca sob o peso dos patrões, alguns volumosos e pesadíssimos, Paulo, com o cérebro entorpecido pelas reviravoltas da machila e pelo calor abafado, tanto mais abafado, quanto mais se iam aproximando de Quelimane, pôde emfim chegar à casa da Esquadrilha, já noite cerrada.

Um chá fortíssimo com quinino, para rebater... e depois... a preocupação de todo o europeu na alta e baixa Zambézia ao meter-se no leito: tomar as precauções necessárias para não ser devorado pelos mosquitos.

Sim, uns mosquitos minúsculos de corpo, formidáveis no ardor produzido pelas ferroadas de uns listadinhos a tiras brancas e pretas... e que resistem aos fumos espessos das fôlhas sêcas dispostas em fogueirinhas, queimadas sôbre o pavimento de tejolo, com as portas fechadas, as janelas fechadas... o mosquiteiro fechado... tudo fechado, e que ainda assim resistem... ¡E além disso uma diversidade de muscídeos, dípteros, glosíneos, carrapatos e carraças, de levar ao cúmulo da alegria um Anchietta ou um Bocage!...

Culicinas e Anofelinas, essas duas grandes e poderosas famílias zumbidoras da Zambézia, os géneros *Culex pipiens*, e *Culex fatigans* (o cinzentinho) tudo isso zumbe voeja e pica no triste colono adormecido, transmissores provados da infecção malária, que só no futuro, a higiene e o trabalho scientífico da drenagem das valas que circundam e atravessam Quelimane poderão anular. E' uma questão de tempo...

¿¡ O que é um período de vinte, trinta, sessenta anos, na marcha triunfal de uma civilização ?!...

Ah! mas emquanto ela não chega, o colono tem que sofrer com paciência...

E Paulo era também um colono...

X

Como de costume, depois do serviço acabado, os dois companheiros estavam, naquela tarde, sentados sob o alpendre amoiriscado da casa da Esquadrilha.

O tenente Lucena ergueu a sua alta, musculosa estatura, fez um assômo de espreguiçamento histérico e voltando-se de súbito para o tenente Paulo que se conservava calado e sorumbático, entorpecido no langor provocado pela temperatura húmida, quente, irritante, da tarde, preguntou-lhe enervado:

— ¿Vamos nós dar o nosso passeio costumado antes do jantar?

— Vamos — respondeu Paulo com indiferença... E o Lucena continuou:

— Ah! os europeus devem procurar movimentar-se sempre que possam, nestes climas tropicais, manda a boa higiene. ¡Para obter um equilíbrio estável na saúde o movimento é necessário!...

— Sim! — disse Paulo — na Europa também não é mau, e custa menor sacrifício — e ageitou-se mais comodamente no vasto cadeirão, decidido a não se levantar.

— Bem! então venha daí. ¿Quere Você vir, ou não?

— Pois sim, mas só se fôr de machila — respondeu Paulo por comprazer, porque já ia achando monótono aquele deambular sem rumo certo por entre as mesmas árvores frondosas, os mesmos coqueiros esguios e tristes ou

imbondeiros gigantes e antipáticos, pelas mesmas veredas enfadosas de vegetação rasteira e temiveis de mosquitos... e isto todos os dias; levantar às cinco, etc. emfim, o programa que o Lucena lhe tinha patenteado no dia da sua chegada a Quelimane.

Mas o Lucena, vendo-o indeciso, insistiu:

— ¿Então vamos dar êsse passeio? E de caminho fazemos uma visita ao *luane* da Dona Rosário.

— A Dona Rosário !? — exclamou Paulo interessado ..

— Sim, a n'anha N'fuca como se chama vulgarmente, Dona Rosário é o nome cristão; ela é baptisada, e olhe que pratica o culto com assiduidade.

— ¿Então quem é essa n'anha N'fuca?

— E' a rapariga do Secretário do Govêrno... ¡obra fina! Você vai ver...

— Pois vamos lá a ver — disse Paulo, erguendo-se completamente do cadeirão, arrumando para longe com o torpor que o invadia.

O Lucena bateu as palmas, e dali a pouco apareceu o machileiro chefe.

— Machilas prontas! vamos sair os dois — disse, apontando-lhe à cara com o chicote ameaçador.

Instantes depois as duas machilas esperavam, e os dois companheiros, como de costume ao lado um do outro, seguiram pela larga rua das acácias.

O Lucena de dentro da machila gritou ao chefe dos machileiros:

— Vai por onde quizeres, mas passa pela casa de n'anha N'fuca... ¿ouviste?

— Si, siô! — respondeu o preto, e depois só se ouviu o bater cadenciado, unísono e rápido dos pés dos oito

pretos, calcando ao mesmo tempo o chão branco de poeira da extensa rua.

— ¿ E' então, uma preta gentil, pertença do simpático Sousa ? — preguntou Paulo com um certo desdém — Ah! francamente, eu não compreendo gentilezas nesta brava raça negra. Para mim éstes ou estas negroides têm as mesmas fisionomias; e digo-lhe que numa multidão de negros não saberia distinguir pelas feições uns dos outros! ¡ Que agrado se poderia achar naquelas megeras simiescas! Uff!...

— E', e bem *boa*! — disse o Lucena sem responder ao comentário — E eu que o digo é porque o sei — replicou com um sorriso satisfeito. — Você não acha em Africa duas criaturas como ela.

— Ora essa!? — interrogou Paulo.

— E a prova é que o Sousa, casado na Europa e com uma filhinha, está pelo beicinho...

— Não acredito! o Sousa!? que é um rapaz bonito, perfeito homem, um militar ¡ dominado sentimentalmente por uma reles preta!...

— ¡ Réles é que ela não é!... ¡ E olhe que é muito rica! — e o Lucena deu uma chicotada no ar com o cavalo marinho, e depois encolhendo os ombros maciços, continuou:

— Que ela, preta, o que se chama preta, não é.

— E' mulata? — preguntou Paulo — Então é mau. Na Africa, antes um bom exemplar de boa raça, perfeitamente definida, do que um produto atravessado, que cabe aos portugueses a honra de terem inventado.

— Os portugueses?... disse o Lucena a rir-se.

— ¿ Sim, pois não foram êles os primeiros a devassar as mulheres das outras raças ignoradas?

— Devassar ¡é boa!

— Pois mulata também não é.

— Oh homem! — disse Paulo já curioso — não é preta, não é mulata ¿então é branca? pior! Estas brancas sujas, do *Ultramar* .. desta classe de pobre gente, dessa miséria das cidades ou aldeias de Portugal que aqui veem parar como colonas ou degredadas... é um rebotalho da raça .. tudo quanto há de pior.

— ¡Também não é branca!...

— Oh! então não sei... Espera... ¡será indiática! ¿alguma fugida mulher da Índia, que tenha vindo por aí abaixo, raptada nalgum pangaio?

— Também não é... n'anha N'fuca é zambeziana...

— Bem! — disse Paulo — então escuso de preguntar mais... Só vendo a *fazenda* ao pé...

— E' o que Você vai ver... Eu cá não sei de que raça é ¡só sei dizer que é bem *boa*! — tornou a repetir o Lucena, sorrindo de si para si...

Paulo calou se ¡não era branca, não era preta, não era mulata!... que diabo!?

Os machileiros continuavam correndo por entre os palmares e coqueiros arrastando já os pés cansados no solo arenoso e húmido, e os dois companheiros levados naquele balanço certo e ondulante das machilas, iam silenciosos e entorpecidos, olhando apáticos e indiferentes a vegetação maninha, meio sêca e emaranhada que de ambos os lados os cercava e se estendia bordejando os caminhos trilhados pelos negros.

Depois de um dia sufocante e húmido a tarde sem bafo de brisa pressagiava uma noite ainda mais húmida e quente, e uma tenuíssima neblina começava a levantar-se do chão, por ora ainda rasa com êle, mas que depois do pôr do sol

se condensaria envolvendo as casas e árvores, para mais tarde desaparecer.

Assim rasteirinha, fazia esbater os horizontes que se entreviam por entre os coqueiros iluminados pelas derradeiras claridades do sol; os verdes claros dos campos cultivados iam amarelecendo, como que se espelhavam e entravam numa vibração muito ténue; resoava por vezes o pio triste de algum passarito, daqueles passaritos que andam junto dos charcos e dos *mucurros*; os mosquitos começavam a zumbir e vinham bater de encontro aos seus rostos suarentos, e, quando passavam por alguma palhota colmada, ouvia-se a fala gárrula das pretas nos quintais, entremeada de gritos, risotas e ruídos de celhas e de águas entornadas, deixando perceber que estavam tomando o seu banho da tarde para irem depois cear, e aquelas gargalhadas garotas, aquele rir farfalhudo e grosseiro punham uma nota alegre na monotonia desconsoladora da paisagem tropical, sempre a mesma em todos os passeios de todas as tardes, distracção única dos dois jovens oficiais.

Depois, na sombra cada vez mais espessa, à medida que a tarde ia avançando, Paulo continuava a ouvir as passadas surdas dos machileiros ajoujados batendo cadenciado com os compridos pés espalmados, o chão mole do carreiro, e de vez em quando abriam-se largas clareiras pelas quais a vista se alongava através das várzeas de arroz, onde a gramínea crescia alta num verde muito claro, quási branco, a contrastar com os fundos verde--bronze das palmeiras e dos negros troncos dos imbondeiros, que as enquadravam.

Emanações acres e fortes de águas estagnadas elevavam-se das terras, vastos reservatórios de mosquitos, de

febres, de paludismo envolvendo as machilas que rastejavam perto do solo, e os machileiros emquanto caminhavam afastavam com o braço e com a mão que tinham livres, as mais altas hervas que obstruiam as veredas sinuosas e húmidas.

Por fim, no fundo de um denso palmar de coqueiros, os pretos meteram a um caminho orlado de bananeiras e ananazes donde se exalava um perfume acre, doce, irritante, morno, na calentura do ar impregnado de exalações mefíticas, e avistaram os tetos de côlmo de diversas palhotas que se acumulavam por dentro de uma palissada de bambus, e muros de adobe esbarrondados deixando os caniçados à mostra.

Os machileiros, então, correram ao longo do caniçado e pararam ao pé de uma abertura estacando a um tempo, firmes.

O Lucena apeou-se, meteu o chicote debaixo do braço, ageitou na cabeça o capacete e entrou, seguido de Paulo. Viu então um quintal vasto, com um pôço sombreado por uma vicejante bananeira, e junto dele três rapariguinhas com os pescoços matizados de colares de contas de vidro verdes e brancas, que lavavam roupa cantarolando baixo qualquer melopea de batuque com aquela voz nazalada, aguda e ténue das raparigas africanas.

Ao fundo do quintal elevava-se uma pequena edificação de paredes de tejolo e argamassa, com teto de telha portuguesa e em redor corria uma larga varanda de tabuado com balaustrada, para onde se subia por uma escada também de madeira toscamente aparelhada.

As molecas logo que deram pelos dois visitantes soltaram uma exclamação alegre, largaram ao mesmo tempo as roupas que lavavam e, a rirem-se, mostrando a brancura

das belas fiadas de dentes que brilhavam entre os grossos beiços vermelhos no escuro retinto das faces, com as pupilas negras, de reflexos de polido azeviche, que rolavam rápidas nas alvas brancas levemente azuladas, com esgares de macaquinhas airosas e zombeteiras deitaram a fugir para dentro das palhotas que se viam no outro extremo do quintal.

O Lucena ameaçou-as, rindo, com o chicote e pôs-se a caminhar ao longo de uma vedação, que seguia até uma escadinha tôsca, e virando-se para Paulo que o seguia interessado, disse:

— Vamos lá, oh amigo. Isto é só um instante, não há tempo para demoras, por causa do jantar.

— ¿Já tem apetite?...

— Já começo a ter.

Subiram a escada dirigindo-se pela varanda para a parte posterior da casa.

Junto a um canto da varanda, uma preta já idosa estava acocorada em frente de dois fogareiros, pelo chão, espalhavam-se utensílios de cozinha indígena, *calangos* e cabaças de diferentes tamanhos, um pote de barro, e, sôbre a tampa de madeira, a *katta* de tirar água, tachos negros do fumo e do uso, e restos de hortaliças. A preta, atenta à confecção de um cozinhado qualquer, tinha ao lume em um dos fogareiros a caçarola com o *quissau*, e no outro, num grande tacho, fervia água com arroz.

Entre os grossos beiços segurava um cachimbo donde aspirava o fumo nauseabundo do tabaco cafreal, e de vez quando, arredando os tachos do lume, indiferente ao calor das brasas, concertava os tições ardentes com as pontas dos dedos descarnados e agudos como garras de

ave de rapina, dando provas de uma insensibilidade que espantou Paulo.

— ¿N'anha N'fuca onde está? — perguntou o Lucena abrindo um sorriso amável à megera.

A preta velha, olhou para êle impassível, revirou os olhos amarelentos e limitou-se a apontar com a mão engelhada e de dedos descarnados para uma das portas que deitavam para a varanda.

Então o Lucena exclamou junto da porta indicada:

— Dona Rosário! dá licença?

Uma voz jovial e moça, respondeu logo de dentro agradada:

— Oh!... entra! *mosungo* Lucena, pódi!... logo pódi!

Entraram os dois no compartimento donde vinha a voz juvenil e Paulo viu junto de uma janela o vulto de uma mulher airosa e jovem, sentada numa caixa coberta com uma esteira, que se ocupava atentamente num trabalho qualquer que não distínguiu logo, dada a relativa penumbra do aposento. Perto dela, uma pretinha vestida com um pano de chita branca de raminhos vermelhos, o busto completamente nu da cintura para cima deixando ver umas formas ainda hesitantes, uns seiozinhos que faziam lembrar duas pequenas cabacinhas negras meio ocultas por um grosso colar de muitos fios de missanga, que lhe descaía do pescoço esguio. Estava sentada sôbre os calcanhares, em cima de uma esteira indígena e remexia lentamente com um dedo magro no interior de uma pequena caixa, onde ia procurando as missanguinhas coloridas e brilhantes.

Dona Rosário, logo que reparou que eram dois os visitantes, levantou-se, fazendo uma cortezia à moda indí-

gena. Curvou-se, dobrou os joelhos levemente, bateu as mãos levando-as depois cruzadas sôbre o peito.

— Viva!... ¿ Então como vai essa saúde? Passamos aqui por acaso, ando mostrando a vila a êste *mosungo*. Olha! ¿ que te parece êste senhor? E' um camarada cá dos meus que chegou há dias...

— Está ben, mosungo Lucena. Já sábi... eu gostar di blanco...

— Ah!... já sabia?...

— Já... n'anha N'fuca sábi, o musungo blanco di lancha é sempre bom — disse ela deitando a Paulo um rápido e furtivo olhar, aquele olhar instinctivo que todas as raparigas têm quando encaram pela primeira vez com um rapaz, quer elas estejam numa sala, quer vivam numa cubata...

— Origado! — disse Paulo, emquanto o Lucena passava de mão o chicote, e lhe dava uma palmadinha no ombro.

— Sente-se N'fuca.

— Mas dipressa! Luizá, córri ben! põe cadêra a *mosungo*! eh!

A moleca levantou se célere, foi buscar duas cadeiras a um aposento interior, onde se começou a ouvir um choro contínuo de bébé.

Então a Dona Rosário, numa voz súbitamente rude e áspera, gritou umas palavras em língua cafre e logo, como por encanto o chôro emudeceu, e então Paulo viu nêste simples gesto, o autoritarismo que ela devia exercer na casa...

O Lucena sentou-se, descansou com cuidado sôbre as coxas gordas o chicote, e preguntou:

— ¿ Então N'fuca, que anda a fazer agora?

Ela riu-se e sentando-se disse:

— Sêr *issaguati*[1] para festa.

— E' para mim?

— Não, *mosungo* Lucena, é para Sousá ..

— Oh! que é? deixa cá ver...

Ela sorriu-se, olhou para êle, com intenção e mostrou um frasco de água-de-Colónia, que estava pacientemente forrado de um encanastrado artístico de missangas muito miudinhas de várias côres, depois tornou a curvar a cabeça para o trabalho, e continuou a enfiar as contazinhas de vidro que a Luiza, outra vez ajoelhada na esteira, ia tirando de dentro da pequena caixa.

Paulo pôde então observá la à vontade.

Efectivamente, como o Lucena dissera, era uma criatura esquisitamente bela. Um corpo de estátua grega, côr de nogueira encerada, com uns tons de vermelho desmaiado, escuros onde a claridade não chegava...

Sentada sôbre a caixa, com a perna traçada, o pé nu, aparecia-lhe por debaixo do magnífico e caro pano da *costa* que lhe cingia justo o tôrso cheio; na ponta do pé, brincava-lhe nos dedos uma pequeníssima babucha *monhé* de fino entrançado de palha de bambu, forrada por dentro de sèda verde claro. Continuava a enfiar com atenção e cuidado as missangas, com uma agulha prêsa a um fio de linha branca, e naqueles movimentos lentos e doces, as inúmeras pulseiras que usava, ora descaindo-lhe sôbre os pulsos, ora enfiando-se mais nos braços, chocavam-se, resvalando umas sôbre as outras com um tilintar fino sôbre a pele finíssima dos braços nervosos, bem musculados e bem modelados.

---

[1] Dádiva, presente.

Uma faixa de luz do sol baixando ràpidamente por detrás das árvores do quintal, e que entrava quási horisontal pela porta aberta de par em par, vinha bater macia nas dobras do pano de algodão estampado da India, avivando-lhe as côres sanguinosas dos ramalhudos desenhos sôbre o fundo azul escuro do tecido.

Os ombros gráceis e redondos em que a pele se aclarava e como que se tornava fulva com os reflexos da luz, eram realçados pela brancura da blusinha de algodão amplamente decotada. Via-se que tinha o corpo esbelto e fino, diferente das formas empastadas das negras adultas e o rosto correctíssimo, de nariz perfeito, tinha uma expressão naquele momento dolente e meiga, animada por um par de olhos tão negros como o esmalte negro, velados por longas pestanas, que se semi-cerravam de vagar, como os olhos das feras quando andam fartas e satisfeitas de caça e de amor.

Paulo observava-lhe os seios duros e hirtos como os de um ídolo gentílico, que se levantavam contra o tecido da ligeira blusinha de algodão branco, num arfar manso, e o tôrso cheio, envolvido nas primeiras dobras do pano muito apertado e justo nas ancas boleadas, moldando-lhe perfeitamente as côxas redondas que se adivinhavam bem desenvolvidas.

— ¡ Efectivamente é esquisito isto ! — pensava Paulo — Isto é uma raridade ! Uma preta assim com as feições tão correctas, com um nariz tão regular, e a esbelteza do corpo... ¡ e o pé, que não é o chato e espalmado pé da preta ! O Lucena tinha razão ! ¡ isto é uma bela rapariga em toda a parte .. e tem o cabelo corredio ! um pouco encrespado, é verdade, mas nada que se pareça com as ásperas carapinhas... ¡ Com certeza esta rapariga na

Europa fazia fortuna!... ¡Isto é que é um verdadeiro bronze animado, um Benevenuto Celini vivo! — e Paulo interessado, interrogou-se: — ¿Mas como apareceria êste exemplar raro de mulher, aqui? nesta flora tropical?...

— ¿Porque é êsse *saguati*? - preguntou o Lucena.

N'fuca não respondeu logo; depois, com um olhar esquisito, murmurou com voz sumida:

— Souzá dizê, querê ir embora no Lisboa... querê abandoná o Quelimane, querê largá o Niné. Ah!... ¡Souzá nô pódi ir embora! ter Niné, e N'fuca ter coração triste.

O Lucena, batendo com o chicote ao de leve nas botas de lona branca, disse rindo:

— ¡¿Não pode ir embora?! ora essa!? Talvez a N'fuca pense que êle fica sempre em Quelimane, a vir fazer visitas ao *luane*... Não é dêsses, e depois ¿a N'fuca não sabe que êle tem mulher e filha no reino? lá longe... ora... ora... Você, N'fuca já sabe que dali não há nada a esperar...

— Nada... nada... — murmurou N'fuca, e fez uma visagem que lhe crispou, arregaçou os beiços num gesto como quem vai morder, e ficou-se por uns momentos silenciosa, com a testa vincada profundamente entre as arqueadas sobrancelhas, enfiando vagarosamente as missangas, que a pretinha lhe apresentava, a olhar para ela com um olhar de cão submisso e amedrontado...

O Lucena então mudando de assunto disse:

— ¡Pelo que ouço vai haver pândega grossa! e... ¿nós podemos vir por cá?

N'fuca sorriu-se, desfranziu a testa vincada, e já prazenteira, respondeu olhando os dois com provocação:

— *Mosungo* Souzá é que sábi...

— Temos batuque sério. Quando é?

— Nô sábi .. ¿*mosungo* Lucena gostá di vê rapariga *achimiuli* [1] dansá, dansá? – e sorrindo-se fez um tregeito engraçado com o corpo, e olhou então para os dois companheiros com um olhar tão cheio de malícia feminina que ambos sentiram um ligeiro delíquio como se experimentassem ao mesmo tempo a sensação estranha de um desejo bestial, e de um irreprimível langor... ¡ E Paulo imaginou o que seria aquele perturbador corpo abrasado em acessos de voluptuosidades desconhecidas e ardentes!... ¡ na febre das carícias excitantes... activadas pela acção do clima doentio, debilitante, volúpias tóxicas, maléficas! .. ¡ Apre, que abismo de perdição!...

Na varanda, a preta velha sempre acocorada regougou qualquer frase gentílica numa voz aguda, tartamudeante, então a Dona Rosário acabando de enfiar umas missangas em redor do gargalo fino do frasco de essência, pousou êste sôbre o regaço e endireitando o busto ondeante, disse:

— ¿ Vai comê, não querê comê?.. — e assim com a cabeça inclinada sôbre o ombro, a sua voz levemente nasalada mas insinuante soou bem aos ouvidos de Paulo que continuava a observar. Havia muito tempo que não estava acostumado a ouvir uma voz tão cheia de modulações quentes, cantantes...

— Nada, não! obrigadinho!... não queremos – disse o Lucena levantando-se e empunhando o chicote – nós também vamos ao nosso jantar, isto foi uma visitinha de acaso...

---

[1] Donzelinha

— Ben! nô querê nossa comida... ¿ e *mosungo* já ter cosinhêro?.. — preguntou ela dirigindo-se a Paulo ..

Paulo admirou-se. Como?... ¿então já sabia?...

— N'fuca sabê tudo—respondeu ela a rir-se provocante — N'fuca sábi toda cosa do Quelimane.

— Então se sabe tudo, arranje-me um.

— Eu, — disse o Lucena – estou a sair na lancha, e êste meu amigo fica sem ninguém para lhe fazer a comida ..

N'fuca, com um olhar enigmático, e um sorriso fino... olhou para Paulo e disse para o Lucena com voz pausada:

— Ser preciso . branco não conhecer terra do Quelimane... nô sábi...

— Bem! já é uma promessa. Adeus N'fuca, cá viremos ao batuque; querem-se raparigas bonitas e bem vestidas...

Ela respondeu graciosa:

— Falá com *mosungo* Sousá — e levantou-se donde estava assentada. A sua esbelta figura destacava vivamente na penumbra do aposento. Entre os dois companheiros, sorrindo se com uma certa intimidade para o Lucena, dirigiu-se para a varanda tôsca onde a claridade era mais forte. Paulo observou-lhe então melhor o airoso do pescoço bem torneado, alto e delgado, a pele lisa e fina da côr de um bronze fulvo em que se acobreassem as orelhas, enfeitadas de grossos e pesados brincos de ourivesaria indú, o queixo breve e redondinho, que lhe dava um encanto esquisito, e, sob a testa curta, os olhos eram negros de um negro de azeviche polido volvendo rápidos no azulado da esclerótica e ciliados abundantemente. Dava uns movimentos engraçados à cabeça fina sob os bandós encrespados, lustrosos, tendo enrolada em redor uma fita de missangas vermelhas. Trazia os panos ajus-

tados na cintura com um cinto formado de largos cordões de missangas azuis e brancas entrançados uns nos outros, e os braços que saíam das leves manguinhas da blusa de algodão branco, belos como o de uma bela estátua, estavam carregados de pulseiras e braceletes, de finos aros de prata e de marfim; e sobretudo o que agradava a Paulo, era o seu andar ligeiro, deslizante, serpentino, tendo alguma coisa do andar felino dos grandes carnívoros das selvas africanas, e que ao simples movimento de arrastar no sobrado as pequenas babuchas monhés de palha entrançada, lhe arqueava as ancas um pouco esguias em ondulações mansas, provocantes... sensuais ..

Os dois companheiros desceram para o terreiro, enquanto N'fuca, encostada ao parapeito da varanda, os acompanhava com a vista e com um sorriso de agrado.

Ao fundo da escada voltaram-se ao mesmo tempo para a ver uma última vez, porém N'fuca já tinha desaparecido no interior da casa, e êles viram na sua frente uma cabra empinando-se a brincar, arremetendo graciosa.

— Ah!... Ah!... — disse o Lucena ameaçando-a com o chicote — imitas a patroa.

— Hein!... — disse Paulo rindo ¡olhe lá se ela ouve!...

— Não ouve... N'fuca não ouve senão o que lhe faz conta...

Chegados à porta do quintal onde os machileiros esperavam hirtos como soldados prussianos em parada de guarda, assim que se assentaram nas machilas e que os pretos começaram correndo em direcção à casa da Esquadrilha, o Lucena interrogou, logo que as machilas se colocaram a par :

— Então?... que tal?... — disse êle agitando o chicote.

— ¡Sim senhor! — respondeu Paulo — é na verdade uma bela mulher, para amar cá à moda da terra, para fazer um casamento cafreal... Já não duvido que o homenzinho se possa apaixonar.

— Sim, mas é uma paixão exquisita a dêle: ¡bate-lhe à valentona! ¡Qualquer dia temos scena trágica!...

— E' uma mulher esquisita. ¿Que raça é esta? ¡é um fenómeno! é de côr... porque afinal é de côr, e não tem carapinha! ¡E o mais exquisito é que não tem nariz de preta! ¡Disso é que eu pasmo! ¿E aquele certo modo de andar flexuoso que denuncia as raças africanas? ¡Declaro que não percebo patavína!

— ¿Onde é que o senhor Souza desencantaria esta especialidade?

— Ah!... já! — interrompeu o Lucena, olhando para Paulo e ageitando o chicote a cortar o mato rasteiro que ia passando junto das machilas.

— Mas oh senhor Lucena, conte-me o que sabe a respeito desta rapariga. Ela mostra ser educada... isto não é uma preta qualquer, esta mulher tem tido muito convívio com os brancos...

— Ora... é um produto híbrido de várias raças, podia dar um monstro, deu uma rapariga linda. A natureza tem destas coisas, destas extravagâncias. Sim, não é destituída de educação, foi educada em pequena no colégio das Irmãs de S. José de Cluny. São umas belas educadoras. Sabe o seu bocado de francês, borda, etc... e tem mais prendas que só o Sousa é que sabe, que anda doido por ela...

— Mas...

— Até o Governador já a quis apanhar... não sei se o conseguiu porque esta N'fuca é um enigma. Oficialmente, é do Sousa.

— ¿E não oficialmente? — interrogou Paulo com curiosidade.

— Isso agora é com ela, meu caro senhor — respondeu o Lucena arrumando uma chicotada têsa no toldo da machila.

Então os pretos que a transportavam ouvindo o estalido sêco da pancada, cuidando que era um gesto indicativo para avançarem mais depressa, redobraram de velocidade na corrida.

— Bem ¿mas então quem é esta Dona Rosário, êste fenómeno?

— Sei pouco... O Sousa é que sabe porque lhe indagou a vida. Não que ela a contasse... porque, deixe-me dizer-lhe, ela é mentirosa e dissimulada... eu nem sei como não prega partida grossa ao Sousa quando êle a surra...

Paulo calou-se, entre curioso e desejoso de não dar a conhecer essa curiosidade que o começava a invadir.

As machilas pareciam que voavam agora por entre as altas ervas de um campo cultivado por onde os machileiros tinham cortado a direito, lembravam duas cortinas verdes a correr pelos dois lados dos tôldos, e poderosas emanações saíam dentre o capim alto, da terra húmida, miasmas de febre com certeza os envolviam; ao mesmo tempo o calor era sofucante, e por debaixo do casaco branco, junto á pele, Paulo sentia correr o suor. Iam como que imersos num mar de verdura, cujas vagas fustigavam as machilas com chicotadas sussurantes. Depois do dia

ardente, da tarde húmida e quente, a noite sem brisa ia aparecer sôbre a terra a exalar vapores quentes e Paulo via passar continuamente a densa vegetação.

De repente ela acabou. Os machileiros tinham saído do campo e entravam agora na estrada, o céu escurecera, brilhavam aqui e ali as luzinhas das casas de Quelimane, e sombras escuras passavam mudas como fantasmas negros na escuridão da noite.

Uma machila passou rente em sentido contrário, levada com rapidez por seis machileiros. Não se distinguia o vulto que ia dentro meio deitado, imóvel como um cadáver, mas os pretos com a sua vista agudíssima, reconheceram-se ao passarem como um relâmpago uns pelos outros, com um grito especial, e Paulo, surpreendido, teve que retirar imediatamente o corpo para um dos lados, e tão precipitadamente o fez, que ia fazendo desiquilibrar o sistema e os machileiros.

Viu uma cabeçorra negra que lhe pareceu enorme, e que lhe entrara por um dos lados da machila, e súbito, perto da sua cara um par de olhos luminosos como duas brasas a scintilar com uma luz esverdeada, e duas fauces hiantes e escancaradas de um monstro fantástico donde entre a brancura de uns caninos aguçados como punhais, formidáveis, uma língua enorme pendia revolta... ao mesmo tempo sentiu um bafo môrno e húmido na nuca... fechou os olhos...

O monstro farejava-o, e então adivinhou mais do que viu que era um grande cão que acompanhava a machila do indivíduo que passara... respirou...

— ¿ Sabe quem vai ali ? — ouviu Paulo.

— Eu sei lá!... — respondeu. — O demonio de um grande cão que saltou aqui ao meu lado, a querer-me

farejar a cara, ia-me assustando... apre! ¡que não esperava aquela visita .. com esta escuridão!...

— Pois era o Sousa, conheci-o por causa da machila, que é uma das mais catitas que há em Quelimane.

— Naturalmente vai para casa da figurona... daquele grande bocado... — disse Paulo.

— Sim, deve ir para casa da Dona Rosário — e o Lucena concluiu:

— Pois amigo e senhor Paulo, é assim que uma pessoa fica anémica, é com o calor que excita, e com o excitante odor destas feras .. e depois diz para a Europa que é do clima, e dos mosquitos — e rematou com voz plangente e cómica:

— ¡Coitado... há de ser devorado por aquela fera bonita!

Paulo achou graça. Era uma fera... hein! porquê? comia os brancos?...

Mas o Lucena estava calado, e não se dignou responder à pergunta.

Súbito, os machileiros estacaram. Tinham chegado à porta da casa da Esquadrilha.

E mais uma noite se ia passar, monótona, na terra zambeziana, essa maravilha que tanta curiosidade excitara em Paulo.

XI

Segundo o hábito geralmente seguido por todos os europeus nos climas tropicais, Paulo, pelas cinco horas da manhã ergueu-se do leito ensombrado pelo espesso mosquiteiro, mal defendido da ânsia sugadora dos mil insectos zambezianos, vestiu um pijama de sêda crua, enfiou os pés nus nas levíssimas pantufas indianas de palha de bambu encanastrada em caprichosos desenhos e relêvos, que os *monhés* vendem barato, e abrindo a porta do quarto onde passara mais uma noite de copiosos suores, num sono pesado, interrompido por incríveis zumbidos irritantes e contínuos, terminados por picadas fulgurantes, entrou, vagaroso, nostálgico, e já cansado, na ampla casa de jantar.

Em cima da grande mesa de mogno antigo, resto de mobiliário de alguma câmara de navio abatido há muitos anos ao efectivo serviço da Armada, o velhaco do moleque já tinha posto dois cálices, e junto dêles, a garrafa do vinho do Pôrto, fortíssimamente quinado.

Era uma preventiva medicação colonial que Paulo encontrara já estabelecida pelo previdente Lucena. Aquele cálice cheio de um líquido escuro e alcoolico sacrilegamente baptisado com o santo nome de vinho do Pôrto, amargoso como fel, triaga horrorosa e escaldante, era o tonificante diário e matutino contra as várias *biliosas anú-*

ricas e contra as *perniciosas* e *hemoglobinúricas* do paludismo regional. Era o reactivo usado diariamente contra o esgôto nervoso do europeu por aclimatar, evitando a falta de acção dos tecidos, que a malária provoca no fim de uns meses de permanência em regiões insalubres.

Ingerido ao levantar do leito, tinha propriedades tónicas e febrífugas; porém o seu paladar era tal ¡que estava à prova da cubiça dos moleques e machileiros, que não lhe tocavam! E a garrafa andava sempre erradia por cima das mesas, sem o perigo de a esvasiarem mais rápido do que o fuzil de um relâmpago cortando a nuvem densa da trovoada...

Paulo veio até ao terraço ladrilhado e alpendrado, relativamente fresco àquela hora. Estava-se em Março, e em breve acabaria a época dos grandes calores e das grandes chuvadas, mas ainda havia na atmosfera, o que perfeitamente se sentia, uma forte tensão de vapor de água.

Ficou surprêso com o espectáculo que viu:

Era uma *féeria*, uma fantasmagoria de esquisitos e complicados rendilhados brancos e diáfanos como finíssimas gazes, tão brancos como fios de prata branca, era um capricho de pintor decorador, que êle tinha agora na sua frente, e que a natureza lhe oferecia como prémio de se levantar cedo, no que aliás não tinha mérito nenhum.

Por sôbre a vegetação do terreiro que enfrentava a casa, e pelos terrenos e quintais visinhos, milhares de aranhas tinham tecido durante a noite tenuíssimas e complicadas teias que a leve neblina da madrugada aljofrara de microscópicas gotazinhas de orvalho, como pérolas de cristal espalhadas sôbre um véo de finíssimo tule branco e todos aqueles milhares de aéreos fiozinhos, inverosímeis

de leveza, cruzando-se, agrupando-se, ligando-se em círculos concêntricos, pareciam fantásticos chales transparentes, tules diáfanos de noivazinhas efémeras que encobriam completamente a vegetação rasteira, os tronquinhos dos arbustos mais elevados e até os ramos mais baixos das árvores que se divisavam sôbre um fundo indeciso e fluído, num vago esverdeado de sombras glaucas, ainda mergulhadas numa dúbia claridade cinzenta de madrugada húmida.

E Paulo sentiu que daquela vaga indecisa de sombra e claridade que vinha até êle, se evolavam os perfumes fortes das ervas e das raizes fartas do gordo *humus* vegetal dos terrenos do delta zambeziano sempre em contínua formação através dos séculos

Olhou então para cima. Por entre a ramaria das árvores, nas camadas superiores da atmosfera, o céo entrevia-se numa larga mancha côr de pérola, levemente acinzentada, listrada de ligeiras e fluidas fitas de um alaranjado muito ténue e delicado que se iam acobreando para o Zenith, e à-medida que a claridade se tornava mais forte num crescendo rápido, espancando as bronzeadas negruras do arvoredo distante, o horizonte ia-se tornando côr de cobre brilhante e polido, galgando em reflexos vivos por cima dos telhados húmidos das habitações fronteiras à casa da Esquadrilha.

Com as mãos metidas nos largos bolsos da farta cabaia de sêda crua que um velho alfaiate moiro lhe tinha cortado e cosido por preço irrisório, olhava entretido êste colorido magnífico, puxando o fumo ao cigarro matinal, depois do café com leite do dejejum, e gozava o aspecto inédito daquele jardim fantástico mergulhado em filigranas fluidas e prateadas.

Invadia-o, com aquela frescura da manhã, um certo bem-estar que lhe dissipava a nostalgia da sua Lisboa tão longínqua, e agora ouvia com agrado, nas capoeiras dos quintais próximos, os diferentes ruídos da vida e movimento que neles começava.

Galos cantavam ao desafio, em concertantes de plena voz e, ao longe, ouviam-se os latidos de cães ladrando aos primeiros transeuntes; depois, atraíu-lhe de repente a atenção a marcha lenta de dois gigantescos caracois, tam grandes, que pareciam punhos cerrados de gladiadores cestiarcas de um *circo máximo* e que arrastavam lentamente a casca maciça, amarelada e acastanhada em largas manchas, raiada de traços de côr violeta escura, e os seus corpos desmesurados de lesmas primitivas largavam de si um sulco de baba côr de mosto, que ia desaparecendo à medida que ia secando e evaporando-se no ar calmo.

Paulo admirou-se: nunca tinha visto lesmas tão possantes, mas reparou que outras bichezas, mais discretas e misteriosas, corriam sem ruído por debaixo das ervas altas, procurando os refúgios misteriosos, inacessíveis à deslumbrante luz do sol, depois de uma noite passada em correrias fantásticas, em emboscadas arteiras, em perseguições audazes, em combates de morte, carnificinas terríveis perpetradas na treva, na luta cruel e sem descanço em prol de uma vida efémera... e o seu rasto ligeiro e apressado, fugindo à claridade, conhecia-se apenas por uma leve agitação nas folhinhas dos mais baixos arbustos, como se uma branda brisa as fizesse de repente curvar.

Junto da umbreira da larga porta da casa de jantar, uma fiada negra movia-se num carreiro movimentado. Paulo aproximou-se e viu que a carreira movediça era

constituida por robustas e negras formigas exibindo grossas cabeças côr de tejolo, e o carreiro lento e pesado avançava a dois e três de fila, como legionários em marcha numa estrada militar, de castro para castro... e subia ao longo da parede, dirigindo-se para o interior da casa.

¿Onde iriam aquelas guerreiras em tão boa e disciplinada ordem de marcha?

Eram tão grandes que Paulo continuava a admirar-se, acordara pelo visto naquela manhã com a admiração fácil... ouvira já falar da formiga leão, da formiga *muchem* e da termite belicosa, porém ainda as não vira.

Atrás de si, uma porta chiou nos gonzos, e o Lucena apareceu em *pijama* azul e branco muito *Carta Constitucional,* e a Lucenaica figura calçava, nos pés sem meias, umas amplas babuchas moiras, que arrastou nos tejolos, com um ar abarrotado de satisfação. Olhou irónico para Paulo, dirigiu-se à mesa, bebeu rápido o seu cálice de vinho quinado, e veio atirar-se pesadamente sôbre o cadeirão do terraço, como que exausto e derreado...

— ¡Ora bom dia, senhor Paulo! ¿Hoje levantou-se mais cedo do que o costume? — preguntou êle risonho.

— E' verdade, senhor Lucena.

— A noite um pouco mais fresca ¿não é verdade?

— E' possivel, eu ainda não acho essas frescuras, ainda não noto as diferenças — respondeu Paulo, e voltando-se por acaso para o interior da casa ainda escura lobrigou um vulto envolto em panos brancos a esquivar-se pela porta do quarto e a sumir-se leve e sem ruído pela outra porta do fundo, que deitava para o corredor.

Olhou sorrindo para o Lucena maciço, espapaçado no vasto cadeirão, de pernas ao alto sôbre os descanços dos

prolongados braços, as mãos enclavinhadas por debaixo da nuca reforçada, entretido a olhar também o aspecto esquisito do prateado manto da vegetação rasteira.

— Você está a olhar para essas formigas — disse êle virando a cabeça.

— Estou... nunca as vi tão grandes. ¿Onde vão elas?...

— Olhe, é bom não as hostilizar, essas que Você vê aí, só uma pessoa as consegue arrancar da pele, quando elas largam a cabeça, mas não têm mais conseqüências do que a ferroada respeitável.

— Isso apareceu esta manhã, deixe-as seguir o seu caminho.

— Ah! isso deixo...

— Olhe! no mato, uma invasão de formigas *maravi*, como lhe chamam os pretos, é uma coisa séria... só com archotes espalhando fogo à roda é que uma pessoa se defende.

A's vezes entram numa palhota tantas, que matam todo o ser vivente que lá permaneça: cães, gatos, ratos, cabras e porcos tudo morre e tudo é devorado, vai celeiro, e vão culturas e marcha a dispensa .. o único remédio é a fuga para dentro de água até a onda desvastadora passar...

Paulo escutava meio crédulo e ia dizer qualquer resposta irónica, quando abafou uma exclamação de surprêsa.

Decididamente aquela era uma manhã de surprêsas, porque, de repente, houve uma mutação de mágica.

O encanto prateado, num instante desapareceu. Como se fôsse à ordem de um interruptor eléctrico, tôda a imaculada brancura irizou-se, scintilou num brilho rápido e fundiu-se no ar aquecido, e depois ficou apenas o forte

vigor das tintas esmeraldinas da vegetação húmida, manchadas de tons amarelos, acastanhados, ou verde-negros e com êsse encanto desaparecido foi-se a sensação agradável de frescura que tinha penetrado não só o corpo, mas também, por um fenómeno banal de reflexos psíquicos, o sentir nostálgico de Paulo de que ela o fizera afastar de momento.

Mas a elevação de temperatura principiava a produzir-se fatal e contínua e as sombras esverdeadas e profundas esfumavam-se e encurtavam-se cada vez mais.

A luminosidade do céu aumentava de segundo em segundo e os primeiros raios do sol, daquele sol que se havia de tornar mais tarde ofuscante e ardentíssimo, já doiravam os cimos dos telhados amoiriscados e os mais altos ramos das árvores.

As energias intensas da terra, sob os seus raios criadores libertavam-se em seivas opulentas, insectos zumbiam por entre as ervas rasteiras, elevando-se em vôos rápidos no ar luminoso e trémulo.

Ah!... mais um dia de calor, de intenso calor ia começar, calor... calor!... sempre calor!...

¿Quando viria o tal frio cortante de que o Lucena lhe falara em tempo?...

Eram estas as horas da manhã em que melhor se podia trabalhar, porque depois, pelo dia adiante até ao crepúsculo rápido, apertando o calor irritante e exaustivo, uma atonia física dominava e depauperava o fraco organismo europeu.

E tinha sido assim, em plena modorra sonolenta, que a vila de Quelimane, numa imobilidade de necrópole, num silêncio de sepulcro, tinha aparecido pela primeira vez a Paulo, quando êle desembarcara no velho e meio

desmonorado cais, sob o sol escaldante, levando atrás de si o atado da manta-de-leão, as maletas, a caixa do sextante, e as latas dos uniformes, companheiros certos no seu vagabundear de oficial de marinha.

No enquadramento pitoresco que as árvores da Avenida das Acácias formavam em frente da casa da Esquadrilha, apareceu o vulto magro do Teixeira, antigo administrador do prazo Madal.

Morava ali perto, numa confortável habitação separada da casa da Esquadrilha por uns terrenos vagos, pertencentes à Câmara Municipal e que o mato invadira à vontade.

Quando o Teixeira avistou os dois companheiros, com um gesto alegre atirou o capacete branco para a nuca, a rir-se, mostrou-lhes os largos subscritos lacrados que sobraçava, e agitando na mão um dos maiores, gritou lá de longe:

— ¡Vou ao correio!... ¡E' o que Vocês estão vendo!... E' isto!

— ¡Não faz senão pedir dinheiro! ¡dinheiro e mais dinheiro!... ¡e é sempre com urgência! ¡Eu não me importo! — disse, encolhendo os ombros — Desta vez .. ¡três contos!... ¡lá vão êles!

Depois parou, e disse:

— Olhem lá! venham cá almoçar logo... tenho gente ..

O Lucena repimpado no cadeirão respondeu:

— Obrigado! tenho pena mas não poderei estar presente, porque vou hoje almoçar com Sua Ex.ª — disse, apontando na direcção da casa do Governador. — Parece que tem umas instruções a dar-me, creio que vou saír breve na lancha, e diz que precisa combinar coisas...

— ¡Então venha o senhor! — disse o Teixeira apontando com o envelope para Paulo.

Mas Paulo não tivera tempo de travar relações amistosas com o Teixeira, apenas o tinha encontrado algumas vezes em casa do Governador, à hora do expediente, e ainda no passeio ao prazo de Tangalane, que acabara tão triste, depois de um almoço pantagruélico, e por isso respondeu com cortezia e reconhecimento:

— Muito obrigado, mas tenho cá o meu almoço.

— Ora! ¡deixe-o aos pretos! Aceite o meu, sem cerimónia...

— Obrigado, agradeço...

— Para sim!? ¿Conto consigo, ouviu? — e logo caminhando açodado e leve em direcção ao correio, agitantando frenèticamente o envelope lacrado por cima do capacete, seguido a respeitosa distância pelos machileiros que transportavam uma machila *chibante*, toda profusamente ornamentada de enfeites de latão, muito bem limpos, e uma pele de leopardo a cobrir a lona do tôldo, o Teixeira continuou gritando:

— Bem! até logo!... lá vão êles, os três contos de reis... ¡lá vão êles!... ¡lá vão êles!...

Então o Lucena, quando êle desapareceu da vista, virou-se para Paulo e com um gesto afirmativo de cabeça disse:

— ¡Você vai ver como o Teixeira se trata! ¡As boas carnes que êle arranja!... ¡E' de primeira ordem!... Têm fama os seus almoços.

— Por mim, aprecio, mas não é coisa que me faça sensação de maior — disse Paulo.

— Pois Você verá! ¡chega a mandar vir coisas de Lourenço Marques, em todos os paquetes!

Esteve um bocado calado, e depois disse:

— ¡Mas Você tome cuidado! não se admire da *má língua* que costuma acompanhar aqueles almoços, as graças pesadas fervem, qual delas a mais cáustica ¡e se Você se escandalisa com facilidade, olhe que êle não poupa ninguém!... Se você é homem para desconfiar, digo-lhe então que é melhor não ir lá...

— ¡Mas êle não me conhece!

— ¡Não quere dizer nada! A ironia e o sarcasmo, são para todos. Se não fôr directamento sôbre Você, é sôbre qualquer cousa que preze, que dignifique, que respeite, e dirá sempre qualquer cousa com que Você embezerre!

— Ora!... Se êle me fizer toirada... eu arrumo-me à trincheira e não saio de lá nem com as chocas, nem com campinos... em estilo figurado ¡é claro!

É medonho! ¡quando lá se junta gente de feição é de tremer! até parece que estala o teto e as paredes rangem com as gargalhadas infernais...

— Ora! mais uma vez lhe digo, que já cá se conhece tudo isso. ¡É a *má língua ultramarina*! essa *má língua* que se ouve às vezes nos *bares* de Lourenço Marques e nas pensões... ¡Já conheço! Não deve ser superior à má língua de bordo, quando lá se anda enervado pelo arrastar dos meses de uma estação demorada.

— E' pior!... é pior!... disse o Lucena.

Mas Paulo continuou:

— Afinal tudo isso é talvez mais um sintoma do efeito do clima... devido a perturbações morais, como são a melancolia e a tristeza. Já temos visto ambos bastante disso. A uns, dá-lhes para a mania da perseguição; a outros para anomalias da vontade, obliteração de funções morais e in-

telectuais, exagêros funcionais... ¡¿não é verdade?! O Lucena tambem deve saber disso... é mais antigo nestas *casas* do que eu.

— Sim — disse o Lucena — é isso...

— Há outros em que lhes dá para a *má língua.* E' um estado mórbido, é por onde se começa, creia...

— ¡Ora! ¡em toda a parte do mundo há *má língua!*...

— Pois sim, mas aqui é o resultado, acho eu, de uma grande permanência nestes climas, quando o colono vê que ainda não pôde tirar bom resultado da sua expatriação.

— Sim... talvez seja.

— ¿Você não me disse há tempo que muitos europeus se chegam a cafrealizar? Foi Você que o disse.

— Ah! isso disse — respondeu o Lucena com um sorriso enigmático — mas isso é outra coisa, isso é por causa do femeaço, da pretinha, da mulatinha, ou das brancas de exportação das cidades europeias.

— Pois sim, seja porque razão fôr, o certo é que os colonos arranjam uma nova orientação mental, as suas funções cerebrais sofrem profundas modificações.

— Isso era dantes.

— Como! dantes? Dantes, como hoje, ainda cá estão o micróbio de Lavedan, a tensão do vapor atmosférico, a acção do calor obsecante...

— Isso era dantes...

— Ora essa! — repetiu o Paulo admirado — ¿¡ agora não é?!..

— Já não é o que foi noutros tempos. Isto cada vez há de ser melhor; a civilização irrompe por todos os lados; os *mosungos* e as *donas* já deixam a gente em paz; e o clima acabará por se modificar para melhor, a habitação

e o confôrto hão de melhorar, e por fim o *anofelis* desaparecerá.

— E a *má língua* há de acabar — interrompeu Paulo a rir-se — e o colono há de evitar a preta e o alcool... êsses dois grandes abusos que tantas vezes se deitam à conta de impaludismo... ¿Ora o amigo Lucena, pensa que o acredito?...— ¡O amigo está mas é a fazer *blague!*... Mas — perguntou Paulo novamente interessado — ¡¿então em casa do Teixeira, se a mesa é rara e escolhida, e é variada a companhia, também a *má língua* é refinada e crudelíssima!?... ¡Está bem!... Se êle pensa que vou para lá arranchar a ela...

— ¡Ora deixe lá, em Africa ainda é uma grande distração! Em Africa, na Europa, nos clubes, nas praias, nos camarins... e no Parlamento... a *má língua* é uma instituição perfeitamente nacional... Camões fez *má língua* no *Auto de El-rei Seleuco* e Gil Vicente e Bocage, nos autos e sátiras, etc.

— Perdão!... perdão!... — disse o Paulo escandalizado — o amigo ousa comparar...

— Então!?... E os jornais diários ¡homem! ¿que pensa?...

— ¡Ora! francamente ¡o Camões!

— Então! o Barbirruivo, irrequieto e fogoso, se não tivesse *má língua* teria ficado na côrte, onde muita gente o admirava...

— Homem!... olhe que Você confunde—disse Paulo— independência de caracter, génio arrebatado, com *má língua*...

— Chame-lhe o que o senhor quizer, em Portugal sempre houve *má língua* e haverá. O Teixeira, maneja o sarcasmo como um catita, e olhe lá o meu amigo ¡no

fundo, bem no íntimo, aquele rapaz é uma joia!... E' um bom homem, e profundamente honesto, um zelosíssimo empregado... mas tem aquele fraco... não sei se é casado, creio que sim, mas tem a senhora na Europa... Agora tem lá o Brás Lobato de hóspede, emquanto êle se não acomoda no prazo. ¿Você sabe? é aquele cavalheiro que veio consigo no *Africa.*

— Ah! o Brás Lobato, um belo *tipo* — respondeu Paulo — já o conheço... um rapaz sempre bem disposto...

— Rapaz!?...

— Rapaz não, mas é como se o fôsse .. Tem um aspecto sólido, saudável e sempre de bom humor, melhor que muitos rapazes...

— Eu não o conheço ainda — disse o Lucena — mas, agora reparo, estamos aqui de conversa e eu tenho de ir ter com o Governador.

Ergueu se da cadeira, bateu as palmas, e abrindo a boca num bocejo demorado, num cansaço, feliz, disse:

— Bem! vou vestir-me. ¡Que massada! Passei uma noite quási sem dormir...

—Também eu—disse Paulo—estes malditos mosquitos...

— Não foram os mosquitos, o meu moleque sabe arranjar o mosquiteiro muito bem.

— ¿Então o que foi?

— Ora! deu-me para o nervoso — disse o Lucena dirigindo-se a sorrir para o quarto.

E Paulo lembrando-se agora daquele vulto a escapar-se sorrateiro e furtivo pela nesga da porta entreaberta do quarto, murmurou consigo, emquanto tirava da carteira mais um cigarro:

— Pois sim!... ¡não está mau nervoso! meu prudente, sensual, e ponderado Lucena...

XII

Numa sombra agradável, em redor da vasta mesa, ao centro da ampla e fresca casa de jantar de paredes todas revestidas de estuques brancos e côr de rosa, forrado o pavimento de alegres ladrilhos mosaicos, estavam agora sentados os comensais do Teixeira do Madal, do Teixeira da má língua.

Era o Guerra, o antigo administrador do prazo Mahindo, melífluo e untuoso, de falinhas mansas, e óculos doirados, a cobrirem-lhe os olhos perspicazes e manhosos, notável dolicocéfalo de cabelos arruivados, cortados muito rentes à máquina, com uma leve penugem sôbre o lábio superior, franzido num *rictus* irónico de expressão astuta.

Era o Aparício, um triste rapaz-velho inadaptável à vida colonial, sempre saudoso de Lisboa, escriturário modesto na Fábricas dos Açúcares de Marromeu.

Era um rapazote loirinho, colono novato ainda sem emprêgo, de olhar parado e nostálgico, e que tinha vindo parar à Zambézia com a carteira recheada de cartas de empenho para o Governador Geral que o recambiara para o da Zambézia não sabendo que ocupação lhe havia de dar, a quem o impingir, porque em Lourenço Marques já estava tudo cheio, e o rapazinho não sabia fazer outra coisa mais do que dedilhar fadinhos, e fazer chorar a guitarra em repenicados sentimentais, prenda que na Zambézia de pouco servia naquela ocasião.

E eram mais três indivíduos um pouco engenheiros, um pouco agrónomos, um pouco negociantes, um pouco contabilistas, porque de tudo falavam com conhecimento, evidentemente homens bem educados e viajados, caídos na Zambézia talvez depois de maus negócios ou de falhadas especulações e emprêsas em outros pontos de África, porém decididos a procurarem ansiosamente na Zambézia uma qualquer ocasião de lucros rápidos, que os tornasse independentes da terrível necessidade... e que adivinhavam por intuição que seria esta a província ultramarina que nesta época de concessões e de Emprêsas incipientes, mais depressa havia de compensar magnificamente esforços e capitais.

E era, emfim, o Brás Lobato, patusco, coradaço, fortemente musculado, o tórax saliente em arcada, com todas as reservas de uma vida bem folgada e bem despreocupada, entre esperas de toiros, pegas rijas e espectaculosas, e conquistas galantes pelas alcovas do Chiado e mais subúrbios.

Depois da canja de galinha, prato obrigado de entrada nestas refeições ultramarinas, a conversa animara-se.

O Guerra, que tinha vindo de noite, do prazo, contava com despreocupação que achara as terras inundadas, e só devido à grande perícia dos heróicos machileiros é que não se afogara no lôdo.

¡Tinha sido uma maçada! Uma caminhada talvez de umas seis leguazitas, aos balanços e tombos, envolto em escuridão, entregue à lealdade dos *mahindos* resistentes à fadiga, e ao sono.

Falava-se agora de agricultura colonial.

Tinha trinta mil cajueiros no prazo, e uma belíssima

oficina de... distilação, instalada até, sem dúvida, *com luxo*, dizia o Guerra.

— Isso é uma vergonha! — interrompeu o Souza, suspendendo o movimento ascencional do prato à boca, da colherada de canja.

— Uma vergonha!? — disse o Guerra, untuoso, com voz melíflua, concertando os óculos, — ¡mas oh meu caro Teixeira, é o que dá! ¿Se não fôsse o caju, o que se havia de fazer? O caju é dinheiro certo...

— E' uma floresta venenosa, com frutos traidores — disse um dos comensais, até já vi isto escrito num relatório oficial.

O Guerra sorria-se seràficamente, com os olhinhos a chisparem por detrás dos óculos de aros de ouro. Ele bem sabia que na Zambézia tôda a gente destilava caju... Até o preto já sabia distilar. Na época própria não se viam por todas as casas, e em Quelimane até por todas as ruas, senão barricas e talhas, cabaças e cabacinhas cheias de *sura* e *pombe*... E os pregões com as vozes nasaladas dos pretos resoavam no ar a chamar os fregueses... Mas o Guerra concordava melífluo com o senhor Teixeira.

— Sim, era realmente imoral... mas o senhor Teixeira sabia que nos anos maus, de pouca colheita, de pouca cera, de pouca borracha, etc., era preciso lançar mão da fabricação de álcool para preto. Houve mesmo tempo na Zambézia, em que o ano se classificava de bom ou de mau conforme a maturação do caju.

— Pois nós, lá no Madal, não queremos isso, meu caro.

— Fazem V. Ex.^{as} muito bem — respondeu convicto o Guerra em voz mansinha. E continuou limpando os beiços finos ao alvíssimo guardanapo.

— ¿Mas o que fará um colono caído de repente em África, sem capitais e sem conhecimentos, sem vir recomendado, ou já empregado, senão tratar de pôr taberna para pretos? ¡Por aí é que muitos que hoje estão ricos começaram, sr. Teixeira! Os outros negócios veem depois... havendo saúde e sorte — concluíu o Guerra com uma gargalhadinha mansa e logo continuando:

— Mas, sr. Teixeira, nós também lá temos no Mahindo muita cana sacarina, muita mandioca, algum arroz, feijão, amendoim; temos talvez umas cem mil palmeiras, das quais cêrca de vinte mil dão fruto, e plantamos por ano uns cinco mil côcos. Isto já tem importância.

— Ora! — disse o Teixeira irónico — Vocês distilam isso tudo, e distilam também os pretos.

— Como?...

— Destilam os pretos nos *nomués*, nos *gueiros*.

— Mau! — disse o Guerra em voz baixinha — olhe que isso é má língua. O senhor sabe perfeitamente que no Mahindo nunca houve *nomués*, nem *gueiros*. ¡Olhe que isso é má língua, sr. Teixeira!

Paulo sorriu-se interiormente. Aí começava *ela*, aí vinha *ela*... começava pelos *gueiros*.

O Guerra concertando os óculos continuou:

— De mais a mais estão aqui cavalheiros que não sabem o que é um *nomué*, e...

O Teixeira interrompeu:

— Se Vocês plantam coqueiros não é por causa da copra [1].

— Hein! ¿que diz o sr. Teixeira? — perguntou o Guerra, modesto.

---

[1] Miôlo de côco.

— Não! é por causa da *sura*, essa aguardente péssima que vendem ao preto... e depois vendem também o preto...

Riram todos, porém o Guerra, velho rapozão colonial, não se escandalizava por tão pouco, contentou-se em sorrir beatificamente baixando as pálpebras por de trás dos óculos.

Mas o Brás Lobato, novel colono zambeziano, ouvia estes comentários calado e indiferente, atirando rápido com o Colares palhete para as goelas, até que chegou o momento em que a conversa sôbre a vida comercial dos prazos esmoreceu, e então êle encetou a-propósito de Lisboa, anedotas e casos galantes ouvidos havia dois meses nas tardes passadas no Tauromáquico, ou encostado às almofadas *grenat* das varandas do *Turf*, ostentando o chique de um par de luvas amarelas e rosa na botoeira, vendo desfilar cá em baixo nos passeios asfaltados, as *flores do asfalto*, como se chamava então romanticamente às raparigas que desciam das alturas das ruas do Bairro Alto, e da Rua Larga de S. Roque, ou as senhoras e meninas que *faziam* a Baixa dando *a volta ao Mundo*, como também se chamava isto de uma pessoa, metendo-se no americano no Rocio, apear-se no Príncipe Real, descendo a pé até ao Chiado.

Os convidados do Teixeira ouviam sorridentes, e a alegria comunicativa daquele homem saudável, não contaminado ainda pelo impaludismo, dispunha todos bem.

Contente do auditório benévolo e agradado, narrava *partidas* ignoradas do vulgo, e os mais recentes escandalozinhos picantes que tinham feito o entretenimento deleitoso entre os ociosos polidores das esquinas da Havanesa e da Americana, tabacarias da moda.

Tinha-se chegado ao ponto em que se chega sempre numa reünião de portugueses: falava-se de mulheres...

O Brás Lobato contava com graça o que se tinha passado com èle havia tempo no elevador de S. Sebastião da Pedreira.

Apuraram o ouvido.

O elevador, dizia o Brás Lobato, entre duas valentes libações de Colares «Viuva Gomes», partia do largo de S. Domingos, junto ao teatro de D. Maria, corria puxado por um grosso cabo de arame, bamboleante e barulhento pelas Portas de Santo Antão, enfiava direito pela Rua de Santa Marta, galgava custosamente a calçada e ia passar ao largo que há em frente da Igreja, e corria sempre muito junto dos estreitos passeios laterais, porque a calçada e as ruas eram muito apertadas entre os prédios modestos e velhíssimos.

Ora as duas carruagens do elevador tinham uma *imperial* para onde o Brás subia sempre que tomava lugar no carro. Gostava de ar livre...

Dessa *imperial,* na calçada, devassavam-se por vezes lares modestos, quando as janelas estavam abertas ou mal cerradas, e o Brás Lobato tinha notado uma *boa* rapariga, que, por dentro de uma janela de peitos, à antiga, das de guilhotina, sempre a mesma, se via trabalhando em qualquer trabalho de costura, e que, se era observada pelos da *imperial*, também por seu turno não deixava de olhar sempre quem lhe passava rente... E mais ou menos, nos dias de semana, eram às mesmas horas sempre as mesmas caras, de modo que já as conhecia...

Ora o Brás Lobato, agarotado, jovial, patusco, quando passava, fazia à jovem um adeusinho terno, enviava-lhe

um sorriso conquistador, etc., e, por fim, a rapariga muito *boasinha* já cumprimentava e sorria...

— Conquista banal! — disse o Teixeira desdenhoso.

— Espere *seu* Teixeira! Um velhote—¿seria o marido que tinha dado pela história? — surge casmurro uma vez de surprêsa e depois, àquelas horas, sempre que o *maximbombo* começava a aparecer ao topo da calçada, fazendo-se anunciar ao longe pelo seu ruído entrechocante de ferros mal ajustados, e pelos guinchos das trepidações barulhentas dos eixos dos rodados, logo êle vinha para a varanda, fechava com estrépito atrás de si a janela, num puxão violento, e depois, com esgares, a língua de fóra, o olhar rancoroso e odiento, punha-se a cumprimentar os passageiros da *imperial* e em especial o Brás Lobato, fazendo com grande espavento ininterruptos, desesperados gestos enérgicos e convincentes, os quais segundo corre a fama, eram as armas que S. Francisco costumava esgrimir contra o inimigo tentador da alma...

Está claro, que o Brás Lobato respondia-lhe discretamente por debaixo da aba do casaco... e o que era de rir, era a cara dos passageiros ignorantes dêste inocente manejo. Isto, duas vezes por dia...

— ¿E a pequena... afinal?

— Ora, a pequena... mudou de janela... e de proprietário... — disse o Brás com modéstia...

Esta anedota fez surdir outras como surdem emaranhadas as rubras cerejas de dentro do cabaz que as contém.

Estava-se entre homens desabusados, e como não havia senhoras à mesa para disciplinar a conversa, a linguagem começava a aparecer descabelada, à medida que o vinho verde de Arcos de Val-de-Vez e os Colares branco

e tinto iam dessedentando as güelas escaldadas pelas iguarias fortemente adubadas. ¡E havia gelo! ¡A poder de dinheiro o Teixeira tinha gelo! E era um benemérito porque cedia-o de graça ao Hospital quando lá o necessitavam. ¡Assim, a vontade de beber era altamente excitada! Depois veio o afogueamento natural produzido pela ingestão dos molhos picantes do almôço, onde não faltou no fim um caril infernal com todos os *tempres* indiáticos que deixam a língua, as güelas e os beiços em pura brasa, fazendo rebentar as lágrimas espontâneas. Com o caril ardente vieram à baila, numa linguagem por fim sem vergonha, e já sem reticências, histórias verídicas, casos de foliões e de estúrdios, de boémios e de tertúlias de actrizes, coisas sem par, acontecidas a noctívagos incorrigíveis, proezas obscenas de alto lá com elas, alegres e espirituosas umas, outras charras e grosseironas, coisas de estalagens e de casas de *passe,* bambochas de clubes com a gente *da alta,* no remanso de *boudoirs* setinosos e refegados de estofos caros, ou nas logecas de meia porta, cortina vermelha e candieiro de *petróli* enfumaçado sôbre a cómoda de pinho de Ourém, ironias de ferir fundo, e pôr a carne em sangue, lambuzando homens e mulheres conhecidos. Tudo se dizia agora, no delírio da ágape zambeziana presidida pelo Teixeira da má língua.

Está claro que nenhum dos comensais tinha feito votos de castidade, e daí os casos emmaranhavam se cómicos, e alguns mesmo passavam ao trágico, tais eram a desvergonha e a miséria que vinham revelar, e Paulo sem repugnância, mas também sem maior gôsto, ouvia todas aquelas histórias e anedotas dadas como verídicas, no meio de *palavras de honra* estapafúrdias, onde se sujavam reputações, e se arrastavam pelo lôdo honras de mu-

lheres, que nem sequer de nome conheciam... Era a loira escritora inglesa tal, correspondente em Lisboa de jornais estrangeiros, cujas bambochas se passavam sempre em Sintra; era a cantora de S. Carlos tal, cujas ceias eram afamadas; era a riquissima Marquesa de... esteta inverosímil; era a mística actrizita do Gimnásio, que se desdobrava em casta noviça de convento umas vezes, outras dementava estudantes da Politécnica em paixões mortais... E o Teixeira gozava...

Porém Paulo já tinha ouvido tantas de igual jaez, que ficava impávido, comendo quieto o seu caril, com os olhos lacrimosos e a garganta em brasa. E o Teixeira presidia deleitado a esta ágape estrondosa de verdadeira má língua; ninguém ali escapava... e por detrás dos óculos de míope, os seus olhos negros chispavam clarões rápidos, e a sua face emaciada e branca de anémico impaludado, tingia-se de uma leve côr de rosa, no prazer daquela descabelada cavaqueira.

Era êle que provocava as ironias frustes, a explosão dos berros insólitos, dos sarcasmos cruéis, e das imagens realistas, de cruezas revoltantes a ouvidos delicados... que saltavam das bocas, como saltavam das garrafas da garrafeira bem fornecida do Teixeira as rolhas que comprimiam os ricos e generosos vinhos portugueses...

Por fim o Brás Lobato muito vermelho, fez um brinde ao Teixeira. Gabou-lhe o cozinheiro, o caril, o Colares e o gêlo, e declarou com solenidade cómica, que assim tão bem tratado não se podia ir embora tão cedo para o mato ¡êle que se achava ali tão bem hospedado! e com um assômo repentino de ternura levou as costas da mão aos olhos a limpar uma lágrima, que teimava em não aparecer...

Então a-propósito, Paulo contou que não sabia como arranjar para êle um cozinheiro. A Esquadrilha pagava o vencimento regular e costumado, mas não aparecia ninguém...

O do seu antecessor, tinha fugido para o mato, tinha *cansado*, e agora tinha que se governar com feijão cafreal e *mapira*, quando o Lucena saísse na lancha.

— Acaba por aparecer um — disse o Teixeira — emquanto não tiver, venha para cá jantar.

— Muito obrigado — disse Paulo, e continuou — a não ser que aparecesse um preto, que uma certa Dona Rosário, a quem chamavam a N'fuca, por sinal uma bela zambeziana, o arranjasse porque a linda Dona disso se encarregara havia dias, mas até agora ainda não aparecera...

Porém o Teixeira assim que isto ouviu, interrompendo-o com um berro, gritou-lhe do lugar onde estava sentado, deixando cair no ladrilho a faca, que produziu um estrondo irritante:

— Ah! senhor tenente! ¡por quem é, eu aconselho-o a não aceitar nada dessa mulher! — disse èle com intimativa, fixando Paulo com insistência ..

Paulo não pôde deixar de sorrir, e estranhou a gravidade súbita com que o Teixeira dissera aquilo; respondeu no entretanto serenamente:

—Porquê? Apenas sei que é uma indígena, como ainda não vi nenhuma nestas latitudes. Uma rapariga de côr, mas côr especial... coisa rara...

O Teixeira então retorquiu grave e lento:

— Não queira saber mais ..

— Ora essa?! se puder... mais e muito mais...

— Está claro — gritou o Brás Lobato — se ela é *bôa*, é o que temos todos a fazer...

— Temos todos!... vírgula — disse Paulo.

— Temos! ora essa! pois então? O que pensa o menino...

Mas o Teixeira, sempre sério, interrompeu:

— Olhe! sr. tenente... ¡eu lhe conto! ¡a essa mulher não a deseje! tem sido uma fêmea fatal para quem se tem chegado a ela com intimidade...

— Ah!... é uma mulher fatal... ¿isso é romance? Não gosto — murmurou Paulo.

— Desde os doze anos que ela é uma voragem...

— Uma voragem?

— Sim, em Sena, donde ela é natural ¡fez o diabo!... Tiveram que a pôr fora de lá. Em Quelimane tem estado mais quieta. Ela deve andar agora aí pelos seus vinte e cinco anos a trinta; parece mais nova e olhe que já teve artes de prender fortemente o Sousa e já lhe arranjou um filhito... Diz ela que é dêle, pelo menos...

— ¡Pelo menos, tem graça!...

— E então?... ¡não vejo nada de fatal!

Mas o Teixeira retorquiu com outra pregunta curiosa:

— Diga-me cá! ¿como é que fez conhecimento com ela?

— Foi o meu companheiro de casa, o Lucena, que uma destas tardes me levou lá a casa...

— O Lucena!... isso foi para exibir a rapariga... É o que êle gosta ¿pois o amigo não sabe que êle também cultiva aquela horta?...

— Não sabia... mas não vejo ainda...

— E' o diabo! ¡Daqui a nada andamos como há tempo, todos *enrolados* em Quelimane, por causa dela! E então isso é pior do que uma epidemia de biliosas...

— Todos! ¿O senhor também entra no embrulho?

— Sério! ¿E' então uma mulher tão nefasta?

— Cheira a lagarto... a jacaré com cio...

O Teixeira sorriu, e disse:

— Oh! o sr. tenente não imagina... desde criança que é um agregado de todos os vícios demoníacos da lubricidade, e o que tem de terrível é que o seu olhar, quando pousa nos homens brancos, é tão cristalino e suave que ninguém dirá que ela tem o segrêdo de os endoidecer com sensualidades simiescas, e arranja sempre uma tal cara .. ¡Quem olha para ela não acredita! é uma esfinge...

— Ai! chega-ma! — disse o Brás Lobato entusiasmado, ao passo que o Guerra monologava qualquer coisa com voz tão mansa que nem se ouvia.

— Pois sim! — disse o Teixeira — é uma mulher terrível ¡ cafrealiza-nos, inutiliza-nos! ¡reduz o branco ao estado de selvagem! delirante!. . bêbado de concupiscências...

— Irra! — disse o Brás Lobato — ¡vou-me a ela.. oh Teixeira! ¡preciso tanga, estou farto de andar de colarinho e gravata!... ¿para que vim eu cá para a Africa?

— Oh amigo!... ¿depois do almocinho vamos todos à mulher fatal?... e vamos de tanga. Levam-se daqui umas cervejinhas frescas!... Hein! que dizem?... Estou a engordar com êste tratamento, preciso de uma mulher que me rale, que me esfole, que me chupe...

Mas o Teixeira, sem fazer caso, sério e grave continuou, virando-se todo para o Paulo que estava na extremidade da mesa:

— ¡Não aceite moleques indicados por ela, peço-lhe! Olhe que são espias terríveis dentro de sua casa, e o senhor fica à disposição dessa dama. Quem sabe mesmo se a fuga do seu cozinheiro foi provocada só para meter ao

seu serviço algum preto da sua feição. Sabe tudo o que se passa em Quelimane por via das molecas e dos moleques e até já se desconfiou há tempos ser ela o chefe respeitado de uma associação misteriosa de *mosungos* pobres e pretos que ladroavam por êsse distrito. Há um preto, um Zudá, que está sempre escondido lá em casa e que dizem ser um facínora emérito, e é talvez sob um plano qualquer que ela conseguiu seduzir o Sousa, que é o chefe da Polícia...

Os comensais riram-se, e um dos convivas exclamou:

— Homem! isso é estupendo! isso já é capítulo de romance, daqueles folhetos que nos metem em Lisboa, por debaixo da porta.

— Os *crimes do máscara negra*. .

— Ai! ¡vamos á *chefra*, oh meninos! vamos à chefra bonita... — soluçou o Brás Lobato.

— E o caso — continuou o Teixeira — ao passo que o Guerra afirmava silenciosamente com a cabeça — é que já tive uma questão séria com o Sousa por causa dela. Ah! se eu não fôsse tão amigo do Sousa... tudo por motivo duns terrenos que eu tenho a certeza que são da Câmara, aqui perto de Quelimane, e que o Sousa, lá porque estava com ela, afirmou que lhe pertenciam... Emfim, peripécias...

— ¿Então essa senhora é rica? preguntou Paulo — ¿tem terrenos seus?

— Já foi muito rica, agora é assim assim, mas tomara eu...

— Homem! isso é que me convinha — disse Paulo num ímpeto — ¡uma dona rica!... isso é que era bom. Já o Lucena outro dia me falava nisso.

O Teixeira não respondeu, olhou para Paulo, fixo...

fez um esgare de descontentamento e encolheu os ombros.

— ¿ Mas porque é que está com êsse mau partido contra a rapariga ? — preguntou Paulo. — Pareceu-me tão mansinha no outro dia, quando estive no *luane!...*

— E' mansinha, é ! ¡ Porque o meu amigo não lhe sabe das prendas ! Todos os novatos, quando a vêm pela primeira vez dizem o mesmo... e todos caem...

— E o certo é que o Sousa — disse o Guerra — não sendo nenhum novato nestas terras, e com prática do mato, tambem caiu a valer nos braços desta Circe zambeziana.

— Pelo menos parece-o bem — disse o Teixeira, sério.

— Demais-a-mais sendo casado, e com uma filhinha na Europa... ¡ que desastre !

— ¡ Parece feitiço !...

— Pois justamente disse o Teixeira com convicção — dizem que tem segredos para curar certas doenças, parece que tem o dom de magnetizar os pretos... Oh ! se esta mulher vivesse na Europa, era uma celebridade, porque ela é inteligente, educada...

— ¿ Mas Você parece que sabe muita coisa a respeito dessa senhora ? — preguntou o Brás Lobato, já interessado, o olho gázeo, a garganta encharcada em transpiração.

— E' que a mim, ela já se me patenteou em tôda a pujança do seu impudor — respondeu o Teixeira.

— E Você ralado ! Até já me está a criar água na boca — disse o Brás Lobato, arqueando mais o torso Quem me dera agora...

— Agora ! ?

— Agora — disse a rir-se — logo !... quando houver mais fresquinho.

— Você fala em fresquinho!?

— Sim... um bocadinho de pujança de impudor.

— Ah! ah! ah! ¡pujança de impudor é boa *piada*!—e o Brás Lobato riu...

— Conte lá isso — disseram,

— Conte lá... ¡oh seu Teixeira!

— ¡Venha uma dose de impudor para um!

— ¡Uma dose não é nada!...—gritaram—venha para todos!

E uma *roda* geral de licor correu nos cálices, junto das chávenas onde fumegava fortíssimo e odorífero o café precioso de Inhambane... êsse café de grão pequenino, loiro, que produz uma bebida única, especial, bem apreciada pelo fino paladar dos *gourmets* do café, um café pálido, leve e fortíssimo.

XIII

— Pois foi a propósito de uns *luanes* e *machambas*, encravados no meio de uns terrenos da Câmara que eu e o Sousa, estivemos zangados por causa de N'fuca. Hoje estamos de bem, mas custou-me ter ficado embaído por essa endemoninhada rapariga, eu conto:

— O Sousa tomara o partido de N'fuca, e eu, por capricho que tinha a sua razão natural de ser, pela Câmara. O nosso amor próprio andava envolvido nessa questão e, meus caros amigos ¡ se fôsse só o amor próprio!

— Ai! não era só o próprio, também o amor do impróprio ¡ percebe-se! — disse o Guerra com voz sumida.

O Teixeira sorriu-se e, depois de molhar a boca com um gole de whisky e soda gelado, continuou:

— Cada um de nós rebuscava à sucapa um do outro, nos papeis velhos da Secretaria, os documentos que mais conviessem para a questão em que andávamos enredados... Vocês sabem o que são estas coisas em Africa onde as distracções não abundam.

Calou-se e murmurou depois com lentidão:

— E foi por causa dumas papelosas que por acaso achei... — e tornou a calar-se ficando como que a rememorar factos passados.

Todos esperavam atentos e delicados não querendo interromper aquela suspensão súbita da narrativa.

Mas o Paulo impaciente, exclamou:

— Então?! — E o Teixeira como se viesse de muito longe, continuou, sorrindo-se para êle:

— Foi por causa desses papéis, que eu fiquei fazendo idea do que era a estranha personalidade da n'anha N'fuca numa intimidade de amor unica . .

— Bravo! a única?...

— Porém o pior é que foi daí que rebentou a minha desinteligência com o Sousa e que êle arranjou um ciume doido dela, e que a começou a maltratar; mas cá por fora... não o mostra.

— O que êle sente talvez é fraqueza para a dominar... um pouco de vergonha de si próprio... Já me aconteceu isso a mim também — disse Paulo [1].

— Ora viemos a saber que a Dona Rosário tem ascendência de pura raça branca.

— Ah! ¡ lá me parecia! — exclamou Paulo, contente. Aquela boca, aquele nariz, e o liso dos cabelos, apenas com um certo encrespado original...

— Sim! ¡ela tem sangue de branco, tem sangue de preta, e tem sangue de indío! ¡Três raças! — disse o Teixeira.

— Ai! ¡ que belo monstrosinho de rapariga! ai! que amorzinho de zambeziana — soluçou o Brás Lobato levando o cálice de licor à bôca lambendo muito os beiços, e pondo os olhos azuis em alvo...

— Nasceu em Sena. Vocês dois, ainda não conhecem a vila de Sena. Fica a quarenta boas léguas daqui, subindo o Zambeze.

— O bisavô foi um trasmontano, cadete de infantaria e despachado alferes para o exército do Ultramar, e que

---

[1] *Gadir e Mauritânia* do autor.

depois de ter estado em comissão no Brasil veio para aqui acompanhando o coronel de infantaria Manuel Joaquim de Vasconcelos Birne, nomeado governador dos rios de Sena e Tete, aí por volta de 1814.

— Deve ser o mesmo, pelo menos tem o mesmo nome do que dezassete anos mais tarde, organizou com uma teimosia pasmosa uma expedição portuguesa ao Muata Cazembe, sertões a dentro, a propósito de uns pretos que vieram a Tete trocar marfim, indo o major Gamitto como segundo comandante dessa expedição, e que fez um curiosíssimo relatório da viagem, que foi, como não podia deixar de ser naquela época, horrorosa pelos perigos, fomes e sêdes que todos padeceram deixando os caminhos juncados de cadáveres — disse um dos engenheiros.

— Ah! sim, deve ter sido o mesmo que foi governador de Quelimane, e que fez também uma memória muito curiosa sôbre Moçambique...

— ¿Mas o que tem isso, com a tal pujançazinha.. oh menino?... — resmungou o Brás Lobato. ¡Você está sempre com histórias!

— E' que tudo isto me interessou, e agora estou a aprazer-me em recordar... tanto mais que... perdi a questão, e o amigo Sousa, paladino desta zambeziana diabólica, é que ficou com os terrenos... e ainda por cima com a Dona Rosário...

— Ora aí está! .. escusa de pôr mais na *carta*... esse é que era o motivo forte da questãozinha... — disseram do lado.

O Teixeira sorriu, e na sua face pálida de impaludado, os olhos scintilaram-lhe por detrás das límpidas lentes dos óculos.

— Na época em que o nosso alferes chegou a Sena, já

esta vila não era a capital, mas sim Tete, onde estava a residência do Governador dos rios de Sena, como então se intitulava, mas a vila ainda tinha importância, posto que já caminhasse para a completa decadência em que veio a ficar, e em que actualmente está. Naquela época ainda era um bom pôsto de abordagem para os negociantes que navegavam no Zambeze, e foram as boas condições dêste pôsto que tinham dado ao sítio a preferência para a construção das casas... a-pesar de ser insalubre... Hoje o *talweg* do rio corre a mais de dois quilómetros da vila, sendo necessário no tempo da estiagem, atravessar a descoberto um ardente areal, lavrado de diferentes *mucurros* maléficos para chegar ás primeiras habitações. Mas naquele tempo havia bastantes famílias brancas detentoras de grandes riquezas em vastas terras de agricultura, em negócio de marfim, explorações de oiro em pó, e muito negócio de escravos para o Brasil.. e ainda hoje lá se fala em festas e banquetes de um fausto bárbaro, e em casas onde a sala de recepção era ladrilhada a placas de oiro fino...

— Ena! — gritou o Brás Lobato estonteado— ¡isso deve ser *escova*!

— Não sei; é o que consta, e fique Você sabendo, oh amigo, que a Dona Rosário ainda por um costume antigo põe todas as noites a *fumba*, que é a esteira de dormir, em cima de uma meia dúzia de libritas, que fazem parte de um cinto *chibante* que ela usa a atar o pano da *costa* em dias de grande gala...

— Palavra!?.

— E' o que eu já vi... Era uma costumeira vaidosa dos áureos tempos em que os maticais de ouro andavam a rôdo por aqui.

— Se querem, conto-lhes uma história do tempo do Marquês de Pombal a respeito destes oiros todos.

— Ora deixe lá o Marquês...

— Conte! — disseram os convivas.

— E' uma lenda, mas pode ter qualquer coisa de verídico para mostrar a autoridade, a riqueza, e o poder imenso que tiveram os sertanejos portugueses nestas regiões.

— Venha então a história... Se fôr maçada, engole-se mais outro *whisky* e soda num silêncio de desaprovação.

— Pois sim, vá deitando no copo, amigo Brás Lobato — respondeu o Teixeira.

— Ouvi dizer que, no tempo do Marquês de Pombal, havia uma dona num prazo dos arredores de Tete que tirava dêle tanto ouro, que tinha chegado a mandar fazer um gradeamento daquele precioso metal, para a varanda da sua casa de habitação. Constou isto em Lisboa, na Côrte, nova trazida por algum embarcadiço das naus da carreira da India, que refrescavam no Rio dos Bons-Sinais, e vinham até aqui.

— Refrescar neste lugar ¡é boa! ¡Com êste calor que faz suores contínuos! — interrompeu um dos comensais.

—Perdão... — esclareceu Paulo, — êste refrêsco não era nos corpos dos grumetes e marujos, era no aparelho e no casco das naus. Bem vê, precisavam os cabos de manobra de alcatrão, os calafates de tapar e calafetar tabuados, arrumar carga, desembarcar doentes, meter frescos...

— Frescos?... outra vez frescos — disse o teimoso.

— Sim... comida fresca, alguma hortaliça, água, criação viva, etc.

— Bem... bem, já aqui não está quem falou — disse o conviva que tinha interrompido o Teixeira.

Então êle continuou:

— O grande Marquês que andava ao tempo fazendo fortes economias para reorganizar o Exército e a Armada por causa de uns zuns-zuns de guerra com a Espanha admirou-se desta imensa riqueza inútil. Lá em Sena dizem que era o Marquês que não queria que houvesse um súbdito de Sua Majestade que possuísse uma casa mais rica que o Palácio Real. O que se diz também é que o Marquês, um belo dia despachou um ofício para o Governador dos Rios de Sena, para indagar em pessoa com o Ouvidor do crime, da autenticidade do boato, e arranjando qualquer agravo (que o havia de ter com certeza) mandar arrancar a riquíssima balaustrada e... enviá-la na primeira nau da carreira para a Casa da Moeda...

Chegada que foi a despótica ordem, houve naturais hesitações e comentários. O tal prazo era a muitos dias de viagem para o interior; conhecia-se o imenso prestígio da tal *Dona* faustuosa; as fôrças do Govêrno para a expedição eram mínimas; o meio tinha sido sempre hóstil e insubordinado a pagamentos de taxas e licenças, a época era de cheias e inundações no rio; o clima tinha sido particularmente mortífero naquele ano... emfim, as duas autoridades estavam encravadas... quereriam bem adiar a emprêsa ingrata! ¡porém mandava o grande Marquês! E na boa época, lá arranjaram soldados e carregadores, e uma bela alvorada, os pífaros e tambores das companhias pretas tocaram os toques de formar, na explanada da fortaleza de S. Marçalo de Sena (de muralhas de adobe e faxina). Iam partir... Tinham que navegar no Zambeze até Tete, e depois internarem-se no Sertão... A viagem

do rio foi custosa e demorada, a força da corrente e os temerosos encontrões nos troncos das árvores, flutuando, derivando meio submersos, iam por vezes fazendo virar as *almadias* e *balões*, onde embarcavam as constrangidas autoridades, que naqueles lances perigosos se viam já entre queixadas de jacarés .. O Ouvidor do crime, perdeu um rico baú, o seu fato e a vara do Juiz, e logo aconselhou êste a voltar para trás, porque sem vara não podia fazer justiça... e os *malemos* e *mucadanos* pareciam os cafres mais estúpidos de toda a Africa, iam de encontro aos bancos de areia, atulhados de hipopótamos, e lá ficavam pegados horas... nem valiam as seis braças de pano porque eram contratados... Emfim, um horror de complicações... e de contínuo susto... ¡Porém mandava o Marquês! Quando chegaram a Tete, respiraram emfim da faina do rio, descansaram, e prepararam-se para se internar — ¡ aquilo era lá para o Zumboé ! Meteram-se ao sertão e foi uma verdadeira tragédia .. Emfim, com sêde e fome lá chegaram uma tarde à forte aringa onde morava a dona de tão longínquo prazo... Esta hospedou todos com requintes de confôrto, de luxo e de vaidosa ostentação bárbara, e êles, por dever de ofício, fizeram-lhe a intimação em regra (o Ouvidor do crime tendo substituído a vara da justiça, por uma bengala de corno): — «Que ali se dirigiam em nome de El-Rei de Portugal, e dos Algarves daquém e dalém-mar em Africa, Senhor da Guiné, da Etiopia e da Arábia, Pérsia, da Índia e Brasil, a quem mil Reis pagavam tributo, Senhor de todas as terras da Zambézia Alta e Baixa, porque, não havendo notícia do Govêrno de Moçambique desde anos, do pagamento de rendas à Fazenda Real, respeitantes àquele prazo; em nome de El-Rei ! o senhor Marquês de Pombal e as autoridades presentes

tinham resolvido — e engoliam em sêco — porque havia na Côrte, reparos de guerras cruéis entre os amados súbditos de El-Rei, com o único fim de obter escravos para carregar bergantins negreiros... S. Ex.ª o Marquês de Pombal mandava pelas suas bocas — e êles tornavam a engolir em sêco, ao passo que o Juiz batia rijamente no chão com a bengala de corno, que lhe fôsse entregue a balaustrada de oiro que existia na varanda principal daquela casa para pagamento do relaxe das licenças em dívida.

A terrível *Dona*, rodeada de mais de vinte moleques, que a abanavam com enormes ventarolas da Índia, ouviu... sorriu-se e calou-se... apenas preguntou brandamente: « — Se não queriam mais nada».

« — Mais nada!» — responderam as duas autoridades encantadas com o desfecho da expedição. E a *Dona* deu lhes um jantar opíparo. No dia seguinte, ao acordarem viram surprêsos que de noite alguém lhes tinha enchido os chapéus e as algibeiras dos casacos com pó de oiro... Cada soldado achou também a barretina a transbordar de oiro... e quando de manhã, desconfiados e acalorados, abriram as janelas do quarto para tomar ar... recuaram estupefactos e amedrontados.

Em frente da casa, na vasta explanada da aringa, *insakas*[1] de pretos armados de zagaias e rodelas, estacionavam firmes, num silêncio imponente, revelador de uma disciplina apavorante, e aquela turba de guerreiros de aspecto feroz, cobertos de peles de feras, as cabeças ornadas de penas, os braços e os tornozelos cobertos de braceletes e pulseiras, o pescoço e o peito cheio de colares e

---

[1] Equivalente cada *insaka* a um pelotão de infantaria.

amuletos, os braços robustos terminados por mãos possantes, erguendo-se ameaçadores numa cerrada nuvem de zagaias, frechas, lanças e mocas respeitáveis de grossura e com os olhos brilhantes e fixos, numa atenção fixa, parecia só esperar um sinal da *Dona* para se lançar num grande e horrível grito de guerra sôbre as encravadíssimas personagens oficiais.

As duas autoridadades entreolharam-se. Coitados! ¿que haviam êles de fazer naquelas circunstâncias? Entre o massacre que os esperava, e o oiro que lhes enchia os chapéus que bem sentiam garantir-lhes um bem-estar socegadinho para o resto dos seus dias nalguma das casinhas novas daquelas ruas bonitas do bairro chique de Lisboa, a rua da Rosa, a rua do Loureiro, a rua da Vinha, a rua Formosa... onde tantos desembargadores moravam... Preferiram lògicamente o oiro, e, no dia seguinte, retiravam para o porto de Sena — sem a balaustrada.

Depois de outros tantos trabalhos e peripécias de amedrontar, quando chegaram a Quelimane souberam que o Governador Geral já tinha morrido das consequências de um grande jantar depois de uma procissão, e êles foram demorando o relatório para Lisboa, que também os não incomodou porque El-Rei D. José morrera, e o Marquês tinha caído do poder.

— ¿Sempre chegariam a fazer depois a casinha no Bairro Alto? — preguntou alguém.

— Creio que sim, — disse o Teixeira a rir-se — vá Você ali pela rua da Vinha, e a meio, ainda lá verá uma casa dessa época... ¿Mas sabem quem era esta *Dona* riquíssima, que ousava fazer frente ao poder do grande Marquês? Pois parece que era uma irmã da bisavó da N'fuca!

— Oh! — disse o Brás Lobato — ¡ que senhora tão respeitável!

— Ah! mas não se admirem dêste poder imenso, e destas imensas riquezas. Em Sena existia naquela época o empório de tôdas as riquezas do imperador do Monomotapa e era o armazem geral de todos os produtos ricos dos vastos sertões onde tinhamos estabelecido feiras comerciais importantes... Sena tinha possuído uma Sé, com a sua competente colegiada de padres que os colégios da Índia exportavam para tôdas as Africas; havia um rico convento chamado de S. Francisco, algumas igrejas, bastantes capelas, e casas de renome, como a dos Abreus, a do Pico de Regalados, a casa dos srs. Salemas, a do Morais, a do Jerónimo Pereira, etc., tudo gente branca, passando vida folgada e à guisa de fidalga.

Tudo isto desapareceu; as casas despovoaram-se de moradores, as orfãs e viuvas não tendo brancos com quem casar, começaram a unirem-se a canarins, depois a pretos e emfim, caíram em decadência completa, cafrealizando-se.

Pois o nosso alferes, numa ocasião em que veio a Sena com o Governador em visita de inspecção aos armazéns e praça de S. Marçal, namorou-se de uma dama branca, uma Dona Filipa. E agora, deixem-me dizer-lhes... parece impossível a vitalidade poderosa dos portugueses daquele tempo, num clima inóspito, sem meios civilizados de comunicações E' maravilha como nós palmilhávamos vastíssimas extensões de sertões ignorados, atravessávamos florestas, galgávamos montanhas, passávamos rios, sem as seguranças da moderna aparelhagem de expedições... e já se exploravam as minas de oiro, de cobre, de estanho, etc.

— Ah! isso é desde o tempo dos fenícios — interrompeu um dos engenheiros, meio agrónomos meio contabilistas — e a prova é que, nas modernas explorações no distrito de Tete, encontram-se vestígios de explorações antigas... ¿A serra Chinfumbadze seria a fornecedora de oiro da antiga Ophir? Na serra há uma inscrição que ainda ninguém interpretou.

— ¿Então está tudo já explorado? — preguntou o escriturário da Companhia dos Açucares da Mopeia, com ar triste e cançado...

— ¡Isso sim! há milhares de toneladas de quartzo para pulverizar... o que falta são os pilões... ¡E carvão! Ao longo do Zambéze o subsolo é fantástico de abundância, já o sábio Livingstone dizia que era melhor que o de Cardiff... podia-se fazer ali um grande negócio para a Índia.

— ¡Quais Índias! ¡¿então não temos a Rodézia, o Natal, etc., aqui ao pé da porta, e os nossos portos de Lourenço Marques e da Beira?! ¡Ora essa!

— ¡Olhe, no Chinfumbadze não há, pode dizer-se, um bocado de quartzo sôlto da superfície, que nas análises não tenha dado vestígios de oiro! E nas areias dos rios Vobué e N'lave, entre a Lupata e Kaborabassa, há oiro... e já em 1859 se sabia que no prazo Marabué, a três léguas da vila de Tete, havia oiro; no prazo Chicorengué, a dez léguas de Tete, há oiro...

— Ah! Tete é agriculturalmente pobre, mas é um belo distrito mineiro — disse um dos engenheiros. Nas terras do Macassa, além do rio umas oito léguas, há oiro; em Maruca, umas quatro léguas ao norte, e em Nhamitarara, quatro léguas mais ou menos da vila, há oiro...

— Emfim, há oiro em toda a parte, menos na minha *alzibeira!* — rosnou o Brás Lobato.

— Pois sim, — disse o Teixeira — o que é necessário são concessões dêsses terrenos...

— ... e a Companhia da Zambézia ou o Govêrno põem sempre tantas dificuldades — interrompeu um dos outros convivas, meio engenheiros meio agrónomos.

— A Zambézia é riquíssima — disse o Guerra — mas lá no Mahindo ainda o que dá é o caju, o belo do cajuzinho...

— Continuo a afirmar — disse o Teixeira — o que é necessário é atrair gente branca, gente instruida, gente bem paga e que venham com confôrto e tragam as mulheres, as noivas... ou venham *elas* sós, para se fixarem aqui e fazerem vida honesta com os brancos. E' um grande elemento de civilização... e de progresso, a mulher branca... educada.

— Não temos nós uma agremiação de raparigas, como por exemplo a *London Nurse Society* e outras congéneres — disse um dos agrónomos.

— Podiam vir dactilógrafas, caixeiras, modistas, professoras, lavadeiras, engomadeiras, coristas, damas de telefone, estudantas, parteiras, etc... ¿Pois não? São meios de que uma mulher pobre, mas honesta, poderia deitar mão para vir trabalhar para as Colónias e arranjar casamento, e com êle um confôrto, um sossêgo de vida que na Europa nunca conhece.

— ¡Que vergonha! Actualmente, depois de 400 anos de ocupação, em Tete, só há uma dama de raça branca...

— Ai! Eu, — cortou o Brás Lobato, — vim para a Africa para me casar, pois que na Europa nunca fui capaz...

Porém um dos agrónomos interrompeu:

— Olhem lá os ingleses, como têm sabido atrair para as suas colónias essas mulheres, que já hoje aparecem damas da *elite,* ostentando brilhantes e colares de pérolas nos colos nus e vestindo *toilettes* de grande luxo, feitas nas principais casas de Londres e Paris, recebendo com elegância e fausto ¡e que a final são descendentes de simples caixeiras de *bar,* com a chave do quarto alugado na algibeira!...

— Bem! Basta! — disse o Brás Lobato enervado — Há oiro por toda a parte, e nós aqui a trabalharmos para arranjar côco, amendoim e gergelim — disse êle para o Guerra...

Mas o Guerra, com voz branda, concertando os óculos, respondeu:

— Eu digo que acima de todo êsse oiro, que ainda está por aparecer...

— ¡Por aparecer, não! — interrompeu o Teixeira — O último relatório do Governador de Tete diz que os *monhés* contrabandeam para a Índia uns vinte quilos de oiro por ano... ¿Como o obtêm êles? pelos pretos, já se sabe...

— Pois sim, mas acho melhor o desenvolvimento da Zambézia pela agricultura... ¡Eu já estou velho! mas Vocês hão de ver os açucares, hão de ver os algodões, a borracha, a copra, o sizal, fora os produtos pobres que hão de valorizar a província .. Para todos os lados que a gente se volta temos a riqueza da terra.

Então Paulo interrompeu:

— Mas no momento actual eu só vejo a miséria dos pretos.

— Não é tanto assim... a gente paga-lhes — disse o Guerra...

— O quê! ¿dentro dos prazos?

— Pagam o mussôco com o trabalho gratuito.

— ¿E a profunda abjecção dos indígenas? — disse Paulo, lembrando-se da tremenda bofetada do Lucena no preto bêbado.

— ¡Oh senhor Paulo! — gritaram — ¡V. Ex.ª ainda não viu nada! não esteja com comentários — e o Guerra com voz débil resumiu a opinião de todos os comensais:

— V. Ex.ª labora num êrro, senhor tenente.

Todos protestaram: ¡era necessário assim! era necessário ter o preto a distância. Paulo era um novato, não sabia ver com olhos de ver. .

— Pois o que eu observo, se não estou em êrro, porque sou novato aqui, é o isolamento em que está o preto. Os senhores tiram-lhe quanto podem o convívio do branco, êsse convívio que lhes serviria de exemplo do trabalho remunerado. Eles fogem de prazo para prazo, os senhores arrancam-lhes o mussôco e cultivam-lhes a selvajaria . . para melhor dominar. . .

— Fóra! . . . Fóra! — disseram todos aos berros, mas o Teixeira, levantando-se da cadeira, avançou para Paulo, dizendo:

— Não! não senhor! não é em todos os prazos, e cada vez se faz isso menos. ¡Pelo contrário! Nós agora vamos puxando por êles, dando-lhes ferramentas e porções de terra para as mulheres cultivarem o seu milho, a sua mapira, o seu feijão cafreal, as suas abóboras, pepinos e inhames, a meixoeira e o maxinim, para êles construirem a palhota com mais atenção, com mais solidez. E' êsse o nosso interêsse, porque exactamente da alta Zambézia), dos prazos, onde há tempo o preto nem o dinheiro conhecia, fazendo as trocas dos produtos por panos de

algodão e missangas, — negócio que estava na mão dos monhés, — têm emigrado tantos pretos para a Africa Inglesa, que nós daqui a nada temos falta de mão de obra... O branco não pode trabalhar no campo. ¡Mas deixemos isto, o senhor Paulo é um novato, — disse o Teixeira voltando para a cadeira — e vamos à N'fuca!... ¿Querem?

— O quê? já! — disse o Brás Lobato — ¡ainda é cêdo! Logo pela fresquinha, com umas cervejinhas...

— Oh! homem, é a história...

— Ah! é a história... já faz sono.

— Então calo-me.

— Não — disse Paulo — faça favor de continuar. ¡Com o que o senhor Teixeira já disse, a pequena interessa-me!

— Pois bem, continuo... O nosso alferes casou com uma senhora branca de Sena pertencente à rica família dos Curvos de grande prestígio nos sertões.

O alferes com êste matrimónio, aproveitou-se ainda de uma provisão de 1760, para aumentar o domínio dos terrenos. Esta provisão dava às *donas de prazos* que casassem com brancos uma extensão de terrenos de três léguas de comprido por uma de largo, em três vidas.

— Era boa medida para fixação da raça branca, mas anos depois acabou a escravatura e os trabalhos de exploração e de agricultura decaíram por falta de mão de obra e com as invasões terríveis dos régulos vátuas e landins, que arrazavam e incendiavam tudo diante de si com uma crueldade, uma ferocidade incrível, a ponto do terror dêles ser tão grande ¡que chegaram a vir a Sena todos os anos meia duzia de rapazolas de azagaia e frecha, envolvidos em peles, de rodela na cabeça feita de cêra preta, sinal característico da raça e do guerreiro, e orgulhosa e insolen-

temente exigir em pesados tributos! A última razia foi feita pelo vátua Chicusse e pelo seu filho Caionga...

— Oh! e os portugueses caladinhos.

— Caladinhos... Imagine que o modo de tributar os habitantes, consistia em abrir um furo no alto da cobertura das palhotas circulares e obrigar o branco, ou o canarim rico, a deitar por esta abertura fazendas até que a palhota se recusasse a receber mais... E foi por isto que os prazos foram sendo abandonados, e a vila de Sena chegou ao miserável estado de consternação em que se encontra e deu origem a encontrarem-se detentores de vastos tratos de terrenos *mosungos* usando nomes portugueses, descendentes de portugueses, mas alguns perfeitamente pretos, cafrealizados, insubordinados, ladrões, sem respeito pela soberania nacional.

— Oh!... oh!... veja-se a ilustre família dos Bongas, — disse o Aparício com lentidão — que tolhiam o comércio em Massangano, e que tantas vidas nos custaram... Felizmente já não mexem, já morreu tudo ¡¿a própria filha, a Dona Luísa, que barbaridades, que crueldades ela não praticou!?...

— ¿Mas ainda há mosungos? — preguntou Paulo.

— Há .. mas é *raça* que tende a acabar. ¡Acaba! Os *mosungos* e as *donas*, o *mosungo homem de chapéu*, como os pretos lhe chamam, mesmo que seja tão preto como êles, o mosungo preto que diz ser fidalgo... poder chibatar, matar o próximo... passar o dia na *toilette*, nas jantaradas, no *harem* das pretas, e escapar-se a pagar contribuições ao Govêrno português... isso está a acabar... e, se não tem acabado mais cedo, a culpa é dos Governadores gerais ¡pois se êles próprios têm dado patentes de oficial a êsses macacos ladrões!...

O Teixeira calou-se, e depois, virando-se para os convidados meio engenheiros, meio agrónomos, continuou:

— Haviam Vocês de ver o que fez um fidalgo, um Angeja, no prazo Madal. Se há exemplo do que um homem enérgico, activo, inteligente, pode fazer aqui, e demais desacompanhado de capitais, o que é uma admiração, é ver o que o Angeja fez em pouco tempo, é ver o seu cultivo intenso, as suas quinze mil palmeiras pequequenas, e o que êle arranjou em cana sacarina, em mandioca, em amendoim, em copra. E Vocês sabem a relutância que ao princípio tinha o cafre em plantar uma árvore... com a superstição de que «quem planta uma árvore poucos meses vive».

— Isso é que se deveria mostrar a todos estes patifes que se intitulam *homens de chapéu,* o exemplo de um fidalgo de raça, de cócoras à borda de um passeio de uma rua de Quelimane a discutir até à saciedade, preços com *monhés*... ¡Vocês sabem todos o que é discutir com *monhés*! ¡é uma coisa que nunca mais acaba!... ¡é de pôr a paciência à prova, a paciência de Job e a astúcia e a prudência de um Ulisses!... Ai!... Acabam, não se repetem mais os Inácios de Jesus Xavier, da Chicoa, os Araújos Lobos, de Paulano, o Romão de Jesus Maria, do Marral, etc., tôda essa gente, *homens de chapéu, mosungos* e *cataquisungos.* Acabam com certeza; assim como há de vir um Governador qualquer que trave as rapinagens mansinhas dos *homens de touca.*

— De touca?

— Sim! o baniano de Bombaim, o moiro de Zanzibar, o Goanense, emfim todo o *monhé* mussulmanizado, maometano, adorador do sol, judaizante, cristianizado, pagão.

— ¡ Isso há de ser maís dificil!... Você sabe que, quando os portugueses aqui chegaram em mil quatrocentos e tal, já êles cá estavam, a fazer exactamente a mesma coisa, o mesmo negócio de hoje, àparte o tráfico de escravos que êsse já acabou...

— Acabou !?.. sim, para os brancos, porém eu sempre que vejo quando estou lá no prazo, um pangaio moiro daqueles de bandeira vermelha à popa, a bordejar rentinho à costa, muito sumido a querer passar despercebido desconfio muito — disse o Guerra — e olhe, ainda há poucos anos na embocadura do rio Kinga o vapor auxiliar da Marinha de Guerra Portuguesa comandado pelo segundo tenente Silva Ribeiro deitou fogo a um pangaio negreiro, que os marinheiros foram encontrar muito escondidinho com a sua carga de *cabeças de alcatrão*, encalhado num berço de lôdo e mangal.

— E a *Chaimite* e outros navios pequenos da Divisão também já têm ido rondar por aí — disse o Teixeira.

— Só se não puderem é que êstes árabes não pregam partida. A gente deve desconfiar sempre dos tais homens de touca.

Paulo riu, achava aquilo tudo muito exótico em trajos, notava a variedade de coletes de sedas bordadas de côres garridas e brilhantes, e aqueles barretes esquisitos divergindo de feitio conforme as castas, encontrava novidade naquelas figuras esgrouviadas e negras, aquelas caras sardónicas, com a sua forte expressão de doblez maliciosa, onde scintilavam olhos de esmalte negro, debruados a tinta azul, como os das mulheres de teatro, tendo pintado na testa entre as negríssimas sobrancelhas bem destacadas por cuidados meticulosos de *toilette* e barbearia, um sinal circular de carmim que parecia uma mancha de sangue e

exalando de si um cheiro morno e acre, mistura de sândalo, de areca, e de suor...

Mas ouviu-se um ronco estrepitoso, todos se voltaram e deram com o Brás Lobato a fingir que resonava. Abriu um olho quando todos se calaram e disse:

— ¡O amigo Teixeira, francamente faz sono com as suas histórias!... Eu a espevitar-me para ouvir aquela da pujança...

— Vamos lá à pujança, vamos logo pela fresquinha, com umas cervejinhas na machila... hein!... ¡Vão ver o que é o Brás Lobato em África... hein!... ¡até soa alto!... ¡O Brás Lobato em Africa!...

Mas o Teixeira cortou:

— ¡Oiçam então, já agora!...

(CONTINUAÇÃO)

A Dona Filipa, a mulher do nosso jovem oficial transmontano, morreu de parto de um rapazinho branco e loiro que fazia depois a admiração dos pretos, que nessa época ainda não tinham convívio com ingleses... um débil rapazinho que cresceu de cabelos anelados e compridos como os de um jovem príncipe medieval. Esse tenro e frágil loirinho, era o avô de N'fuca.

Mas a criança a custo pôde resistir ao clima, as suas faculdades perturbaram-se na adolescência, saíu fraco e dementado de umas febres, e tendo-lhe morrido o pai, meteu-se em aguardente e debocheira, perdida já a noção de pertencer à raça branca. Andava nu, de tanga como qualquer preto, entregando-se a sibaritismos de régulo e, como não podia deixar de ser, morreu novo no decorrer de uma jantarada de caçadores de elefantes, rodeado de pretas espavoridas, numa fazenda do interior, longe da vila.

Uma sua favorita, uma alta, forte e bem musculada preta landina, tinha tido dêle uma menina, que se parecia muito com o pai e que foi reconhecida *dona* herdeira de tôdas as vastas terras dos avós. Foi baptisada na Missão e criada com uma filha do grande e importante *mosungo* Manuel António de Sousa, o *rei do Barué,* por êste ver a criança desamparada.

—Ah! E' a êsse homem que os portugueses devem a

libertação do trânsito nos prazos vizinhos de Sena, entre Sena e Téte e o ter Sena deixado de pagar tributo aos Macombes — disse um dos agrónomos.

— Sim! — retorquiu o Teixeira — era valente, generoso, ambicioso, amigo dos portugueses, o primeiro capitão mór de Manica e Téte. Pode dizer-se que é a êle que os portugueses devem a posse actual da Zambézia...

— Uma verdadeira figura de romance disse Paulo.

— Sim para quem a soubesse aproveitar — retorquiu o Guerra devagarinho.

— Foi êle e mais o Anselmo Ferrão, capitão mór de Sena, que salvaram a soberania portuguesa na Zambézia em 1884 — disse outro agrónomo com afirmativa enérgica.

— Pois o Manuel António de Sousa, tendo negociado durante anos no misterioso Barué, o antigo Monomotapa, acabou por casar cafrealmente com uma filha do Macombe, uma n'anha [1] Adriana, que dêle teve uma filha, a D. Vitória de Sousa, e dois rapazes, que até vieram para a Escola Académica a educar à custa do Govêrno quando o pai morreu, assassinado perto da aringa do Inhachirondo, pela gente do Barué, que se tinha revoltado.

— Ah! essa morte e essa revolta foram mais um drama desencadeado pelos ingleses, que o não podiam tragar...

— Há diversos e pungentes dramas: há o do inglês Taylor, chamado o M'jojo pelos pretos... Há o do tempo do Luís Inácio... Há muita vergonha... ¡e muita pouca vergonha!... Agora, era maçada eu estar para aqui a contar coisas... Emfim, ódios de morte, guerras cruéis entre a gente do terrível Bonga, e a gente do Manuel António, em que êste auxiliou sempre o Govêrno... Ah!

---

[1] E' a preta ou mulata que vive com branco.

¡quanto sangue, ruínas e desgraças, vexames e tristeza tem causado a nossa má política colonial! Mas vamos à duas raparigas...

— Vamos! — disse o Brás Lobato.

— A Dona Vitória e a Dona Conceição criaram-se ao mesmo tempo de companhia.

— Espera! ¿não há no Zambeze uma povoação qualquer chamada Conceição? – preguntou Paulo.

— Há. E' o forte Conceição, onde está o Comando Militar do Inhamissonge. Há um forte e há uma ilha, a ilha da Conceição, no rio Melambe, um dos desaguadouros do Zambeze.

— Creio que provém do nome de uma dama ultramarina que há muitos anos viveu por aqui e que brilhou no Palácio de Moçambique, nos tempos alegres, em que o Governador Geral e o Bispo, depois de uma recepção seguida de ceia, trocaram as respectivas coberturas, pondo o governador na cabeça o barretinho de sêda violeta e o padre o chapeu armado, à banda, e vindo de braço dado, até à varanda, tomar o fresco numa risota de íntimos camaradas.

— ¡Lá vem outra vez a má língua! — ciciou o Guerra.

— Está bem. Como ia dizendo, a Dona Vitória de Sousa, depois do pai morrer, exerceu grande influência e autoridade pela Gorongosa, autoridade bárbara que se es tendia até aos prazos de Sena e até ao interior das terras, pelo Inhapande, com seus *luanes* e matas. As duas donas, não podendo ter mão férrea nos bons patifes dos antigos capitães do falecido *rei* do Barué, agora à vontade, foram responsáveis detentoras de diversas partidas grossas, comandadas pelo Magaço, pelo Luís Santiago e pelo Cambuemba... e N'fuca, devia ter aprendido com a tia

— chamava tia à Dona Vitória — a crueldade fria e a astúcia felina e deviam ter assistido ambas a bem terríveis scenas..

— Ah!... ¿então a N'fuca é filha dessa amiga da Dona Vitória de Sousa?

— E'. . e de um índio, um tal Hagi Jacob, grande negociante da baixa Zambézia, mas que subia muitas vezes o rio, chegando a ir até ao Zumbo em negócio, freqüentando as grandes feiras, entre elas a de Manica [1]. Hagi Jacob tinha fama de rico e pertencia a uma boa casta da Índia, mas era intrigante, intrujão e manso rapinante, como são quási todos os das outras castas. Teve artes de enfeitiçar a rapariga, trouxe-a consigo para Quelimane, a pesar dos avisos e conselhos da amiga, que sabia quem êle era. Dessa ligação proveio a nossa Dona Rosário, tão mansinha, como diz ali o senhor Paulo...

— Então! — disse o Paulo, mordiscando a ponta do cigarro.

O Teixeira sorriu-se... e continuou:

— O tal índio, também mansamente, foi-lhe empenhando as vastas propriedades, vendeu em Quelimane umas, comprou outras, realizou rupias, pesos e maticais, e um belo dia, rico então a valer, fugiu num pangáio para a Índia Inglesa, indo pacatamente gastar as *massas* com bailadeiras e gozos esquisitos sob os palmares ardentes, numa velhice libertina e mística, que é o ideal dêles todos... Quem recolheu a mãe abandonada foi a prestigiosa Dona Vitória, que tinha uma amisade cega pela mãe da N'fuca e que tentou e conseguiu segurar-lhe ainda a posse de uns restos da antiga grandeza. A N'fuca, em

[1] Feira instituída há séculos pelos portugueses sertanejos.

Quelimane, ainda chegou a ter uma certa educação nos colégios das Irmãs, que tiveram que a *largar por mão* [1], porque não podiam com ela.

— Esta N'fuca, descendente de brancos, tendo misturado nas veias sangue vátua e sangue radjiputi, crescida sob a influência da Dona Vitória, já velha e meio barbarizada, ardendo-lhe no sangue todas as voluptuosidades orientais de uma hindu arya, deu o que não podia deixar de dar: uma fogosa compleição de mulher, encerrada no corpo provocante e sedutor de uma Venus zambeziana.

— Fisiologicamente, nada mais natural — disse Paulo.

— Aos dez anos N'fuca fugiu para o mato com um dos tais *capitães* da tia Vitória, com o que esta teve grande desgosto .. Esse preto foi morto mais tarde *por engano* pela *gente de rei*, [2] e dizem que ali andou o dedo de Dona Vitória, que não perdoou ao pretalhaz a sedução da pequena. Mandou-a prender, quando ela andava muito contênte pelo mato atrás do bandoleiro, acompanhando-o nas suas razias. ¡ A que scenas não assistiria aquela menina!... tão mansinha, como diz, ali o senhor tenente Paulo.

— Então!... ¡por quem é, senhor Teixeira!... ¡Já é a segunda vez! bem vê .. sou um novato.

— N'fuca fez-se uma explêndida mulher...

— Já cá se sabe isso ¿ e depois?

— Um fruto exótico destas lindas regiões, e foi nessa época que ela começou a produzir nos homens o efeito de

---

[1] Expressão marítima: abandonar em liberdade, soltar, etc. qualquer cabo de manobra.

[2] Soldados.

os dementar, de os enlouquecer com as suas profundas lascívias que se fixavam como um ferro em braza nos cérebros dos amantes, pondo-os à sua disposição, sem vergonha, sem brio... na promessa da volupia suprema que ela sabia provocar esquisitamente. ¡ Foi um sucesso! Foi conhecida em toda a alta Zambézia. Em Sena, estadeou luxo escandaloso, e questões se levantaram entre residentes, oficiais, negociantes; houve mesmo intrigas que criaram ódios mortais; ¡ fez transtornos à própria administração!... Libras e libras lhe encheram o regaço, e com um inglês agente da *African Lakes* que passou em Sena, ela arranjou meio de ter inconfidências de papéis de Secretaria por conta do tal agente, para êle depois vir dizer mal dos portugueses no livro *The Zambezi Basin.*

— Isso, dessa literatura há muita em Inglaterra ¡ você não imagina! — disse um dos engenheiros. — Existe uma avultada e interessante literatura colonial em todos os géneros, escrita por autores ingleses e até por senhoras que têm viajado... nos *magazines*, quantas novelas e narrações de viagens exaltam o génio aventureiro dos *pioneer*, dos *settler*, dos *hunters!...* narram aventuras mistifórias e põem os portugueses à rasa... Emfim, o inglês gosta e lê sempre com particular cuidado tudo quanto se refere às nossas colónias do sueste de Africa.

— A nossa explendorosa N'fuca apanhava as libras ao inglês e favores ao Residente interino, um médico de marinha, apoplético, meio caduco e alcoólico, grande especialista em trinchar leitões assados, a quem chamavam o «Zé Povinho».

— ¡ Fez o diabo! essa zambeziana astuciosa, bonita, ardente, que sabia transformar os homens em porquinhos, a refocilarem-se nos prazeres sensuais sem limite e sem ver-

gonha, em fantasias endemoninhadas, rodeada de efebos e de rapariguinhas impúberes.

— Como a mãe de *Britannicus*—murmurou Paulo com erudição.

O Teixeira parou de falar, concertou os óculos, puxou uma fumaça do cigarro, traçou a perna, e disse:

— Já agora! lá vai tudo!

— ¡Pois bem! meus senhores! a pesar de todos êstes antecedentes — ¡o que faz não haver aqui companheiras brancas dignas e honestas! — quando vim aqui para Quelimane também sucumbi à tentação... Não sou melhor que outro qualquer ..

— ¿Vossas Excelências sabem o que é a tentação? ¿Conheceram alguma vez uma tentação forte?... ¡Pois bem! Eu também lhe mandei moleques com recadinhos implorativos, com promessas de boa remuneração dos seus favores... E, meus senhores ¡isto parece incrível! ¡Só comigo é que estas coisas acontecem!... Essa Dona Rosário, essa impudente N'fuca que desde os dôze anos pantenteava os seus encantos... comigo negou-se sempre... ¡Vão lá explicar o capricho!... Já então o Sousa andava às voltas com ela... E essa recusa teimosa foi uma magnifica ocasião de ver ¡quão pouco vale a generalidade dos homens quando são escravos do desejo forte!

Houve uma tosse significativa no auditório.

— Porque pensei nela com raiva, com desprêzo, com a perfeita consciência do meu aviltamento, por que emfim, por muito bonita que fôsse... ¡era uma preta! — rematou o Teixeira.

— Ela bem preta... não é — disse Paulo — parece árabe... moira!

O Teixeira cortou:

— Mas nada se compara com o que então se seguiu...

Calou-se um pouco... depois continuou:

— Tive que partir para o prazo, era a época das colheitas, e queria proceder à fiscalização de certos actos de empregados que não me agradavam. Havia uma máquina nova que tinha chegado, e que ainda estava embalada, à espera de colocação difinitiva, tudo isto chamava-me para lá impreterivelmente, e dois meses andei com uma vida preocupada, tão fatigante, e tão absorvente que não me deixava pensar na maravilhosa N'fuca. Quando voltei a Quelimane, encontrei a questão dos *luanes* e *maxambas* posta de pé, e disseram-me que eu estava nomeado para fazer parte da Comissão por parte da Câmara para resolução do litígio. Meti-me com ânsia nessa questiúncula, e com o Sousa discuti o caso com muito mais amor próprio do que propriamente interêsse pela justiça da Câmara. Foi então quando procurava àvidamente documentos, que eu consegui descobrir uns papéis em que se provava que o tal Hagi Jacob vendera os terrenos à Câmara, para uma estrada, que nunca se fez, e que esta transacção fôra ajustada com o consentimento tácito da mãe de N'fuca, devidamente comprovado. ¡Era uma grande arma, que eu tinha na mão! E contentíssimo, trouxe os papéis para ali.

E o Teixeira apontou para um compartimento interior da casa.

— Na próxima reunião da Câmara daria um golpe decisivo nas pretensões de N'fuca. Eu impava de contentamento e, quando as nossas machilas se encontravam, cruzando-se rápidas nas ruas de Quelimane, eu sorria-me satisfeitíssimo... ¡Pregava-lhe uma partida mestra!...

tinha-a na mão, aquela zambeziana catita, que me tinha desdenhado por capricho sem causa justificada, por uma daquelas maneiras arrevezadas de pensar, que são muito próprias da psicologia das mulheres galantes...

— Oh! — interrompeu Paulo — foi exactamente o que aconteceu há pouco tempo em Lisboa ao meu amigo o doutor Rodrigues que também não foi nada afortunado com uma ilustríssima actriz...

— Quem é? — preguntou o Brás Lobato — ¿a Maria do Cão?

Riram todos.

— Não, uma do *D. Maria*, a loira Sofia do Justino...

Conheciam na todos, grande protegida do actor Augusto Rosa, armando sempre aos papéis *chiques* que requeriam distinção, toilettes caras...

Pois o rapazinho, cujos orçamentos mensais apenas davam para um decente viver modesto, não podia tentar vôos para aquela princezita de palco, e durante anos o meu amigo doutor, remoeu o seu desejo...

— ¡Como o Teixeira no prazo! — disse o Guerra em voz baixa.

— O nosso doutor, foi até à Africa Ocidental, trabalhou, fez por lá umas economias, e, no fim de dois anos, voltou com algum dinheiro, e com ela fisgada...

— ¡Era teimoso, o tal doutor!

— ¡Era homem!

— Viu-a no teatro, actriz admirada, não só pelo seu trabalho correcto, mas muito mais pela sua beleza loira, sempre encadernada em toiletes caras e de gôsto. Indagou... soube que as exigências imperiosas da sua vida de luxo a que já não se podia subtrair, a obrigavam a condescendências amorosas, muito discretas e muito bem

pagas, porém sabidas numa certa roda lisboeta... Por intermédio de uma dama que habitava ali para as bandas da Rua Nova da Trindade, o doutor também discretamente arranjou uma entrevista. Foi-lhe relativamente fácil; era um ilustre desconhecido pagante e passante... sem importância... sem conseqüências... ¡E ela que andava justamente naquela ocasião em maré de apuros!... Foi deferida a pretensão do requerente... devendo apôr ao auto de vistoria um sêlo de cem mil reis ..

— ¡Era carinho!...

— Agora vereis.... Quando o nosso doutor, esperava impaciente e ancioso na sala de visitas, com o sêlo e mais preparos prontos para o auto faltando só o carimbo textual, eis que ela aparece sorridente por entre as dobras fartas de um rico reposteiro de veludo verde... dá com os olhos na personagem, faz-se córada e... logo assume um tom digno de recusa formal... como de casta deusa ofendida... de uma Alcione fiel, ou de uma Nerina digna de respeito... Surprêza!... Embaraço! .. e o inevitável choque de palavras duras, ásperas, entre os dois.

— ¿E o porquê da situação, não nos diz?

— Simplesmente por isto: numa cidade do norte, havia anos, o nosso doutor tinha lhe tratado uma filhita, duma doençazinha qualquer... Ela reconhecera-o

— Só isso?

— Pelo menos foi o que o tal doutor me contou...

— Só, e pronto... e agora vamos ao *resto da pescada*, senhor Teixeira.

O Teixeira argumentou que não era bem o seu caso e continuou, depois de beber um gole do café que tinha na chávena:

— Três ou quatro dias depois da minha descoberta, estava eu ali no meu escritório, estivado [1] numa cadeira a passar a sesta, quando vejo pela janela uma machila parar à porta e o Sousa apear-se afogueado, e o moleque dali a nada a dizer-me que êle me queria falar com urgência. Recebi-o logo, éramos amigos de *tu* e camaradas, êle foi sempre um belo, corajoso, leal rapaz. Ele entra, e diz-me de afogadilho :

« — Sei que vais ainda opôr-te na próxima sessão da Câmara, a que sejam cedidos os *luanes* de N'fuca».

« — É verdade... tenho essa tenção» — respondi com um sorriso.

« — ¡ Mas olha ! não sei porque razão oculta, o Governador interessa-se pela pretenção da N'fuca...»

« — ¿E o que tenho eu com os Governadores ?» — preguntei.

« — E' que há papeis indubitáveis da posse muito antiga dêsses terrenos. Parece que houve uma venda fingida... qualquer negócio de *monhé*».

« — ¿Então» — disse eu sorrindo — «para que estás tu a incomodar-te ?»

« — Perdão ! E' que N'fuca pediu-me há dois ou três dias — também não me lembro, ela ontem foi para longe, para outro *luane* — que te viesse dizer... ¡ ela é muito fina !... mandou-me hoje um moleque a repetir-mo...»

« — A dizer o quê ?...»

« — Que tu tens papéis que lhe podem fazer muito mal... e...»

« — O quê ?» interrompi eu levantando-me da cadeira... « — Tu vens de mandado da N'fuca... por causa...»

---

[1] Termo de bordo: arrumar bem o carvão nos paióis, pôr horizontal.

O Teixeira corou... interrompeu...

«— Sim! venho, e ¿sabes o que ela me pede?»

¡Eu estava verdadeiramente surpreendido! ¿Como é que a N'fuca sabia dos papéis? ¿como sabia ela que eu lhe ia fazer mal?... ¡Eu tinha estado sósinho no Arquivo da Câmara a rebuscar os documentos! Mas respondi com ar indiferente:

«— ¿Então o que deseja essa simpática Dona Rosário?»

«— Deseja que faltes à sessão» — o Sousa olhou então para mim, e depois disse baixinho: «— ¡faz-me êsse favor!»

«— Ah! amigo... não faço, não é por ti...»

«— Fico zangado comtigo... Olha!» — e o Sousa ainda mais córado continuou «— a N'fuca disse-me que não se importava de te dar trinta ou quarenta libras, se tu a deixares ganhar a demanda com a Câmara...»

«— ¡Ora adeus amigo!... vai-te catar... Já te disse, não é por ti...»

«— ¿Não queres?»

«— Não sei... não me fales mais nisso.»

«— ¿Ficamos então zangados?...»

«— Ficamos» — disse eu a rir...

«— Bem! adeus...» — disse o Sousa levantando-se muito frio e muito digno... «— se pensares e ainda me quizeres fazer êsse favor, logo à noite no bilhar do Palácio podemos conversar... mas decide-te porque a sessão é àmanhã».

«— Bem sei» — disse eu.

Despediu-se friamente e saiu. Acompanhei-o até à porta e êle sem mais me falar meteu-se na machila e andou... e eu voltei para a cadeira... pensando pasmado...

¿¡Como é que ela, lá tão longe, no *luane* que habitava,

sabia com dois dias apenas de intervalo, que eu tinha em meu poder papéis comprometedores para o bom andamento da sua questão!?... com certeza havia espionagem, eu devia-me ter precavido... não era nada que eu não soubesse, tinham-me dito que o meu cozinheiro costumava falar com uma moleca do *luane*... mas não perdia a N'fuca pela demora, se ela estivesse em Quelimane eu iria imediatamente falar-lhe, mas assim... visto que o Sousa me tinha dito que se ausentara não sabia para onde...

«— Emfim, àmanhã é que se vai ver quem as joga melhor» — disse comigo.

«— Oh n'anha N'fuca!» — exclamei em voz alta — «é àmanhã!» — e levantando-me da cadeira fui à mesa do meu quarto ver os papéis. Abri a gavetinha, êles lá estavam metidos, tal qual eu os colocara, entre as folhas do livro onde eu escrevia as despesas várias e pessoais. Fechei a gavetazinha à chave e voltei para a cadeira... não sem ter tropeçado num espanador que estava caído junto à porta... só depois é que me lembrei dêste insignificante detalhe.

— A' noite, fui passar um bocado de tempo ao Palácio. No íntimo contristava-me não atender ao desejo do amigo Sousa. Efectivamente conversamos muito, porém dessa conversa apenas resultou... o Sousa ficar mal comigo... a valer. Quando voltei para casa, já de mau humor, não achei o moleque para me preparar um *whisky* e soda, em seu lugar apareceu o meu cozinheiro, a quem increpei com violência. Disse-me que o criado tinha ido a um batuque de casamento de uma irmã, mas que voltava, não podia tardar, tinha vindo uma mulata buscá-lo... Não dei importância, já estava costumado a estas scenas, seriam mais umas dúzias de palmatoadas que êle apanharia

quando voltasse... se voltasse... mas estava aborrecidíssimo — e nervoso, e dirigi-me para o meu quarto. A noite estava esplêndida, não muito quente, e a vegetação em redor da casa exalava um cheiro forte e embriagador, que me produzia uma lassidão torpe, e de vez em quando subiam-me à cabeça uns calores, que eu tomava à conta de indignação contra todas as N'fucas existentes por êsse mundo, eternas perturbadoras da paz do espírito de quem com elas se encontra... Estava excitado, não havia dúvida. ¡Talvez eu durante a discussão com o Sousa tivesse entrado de mais pelas bebidas refrescantes em casa do Governador! E pensava sempre com insistência na miserável N'fuca... Era asneira, a final, ter desgostado o Sousa, tão bom rapaz; emfim, eu estava no meu papel... ¡Raio de preta!..

— Preta! ela não é bem preta — murmurou Paulo — talvez uma bonita árabe...

— Pois sim, senhor Paulo, tudo o que quiser... mas ouça e não interrompa... A janela entreaberta do quarto deixava entrar a claridade ténue do luar que se filtrava através do arvoredo do quintal, iluminando-o em parte deixando o resto na escuridão, e fora,o «Tejo», o meu cão, rondava ínquieto farejando o ar... A mim cheirava-me nessa noite mais fortemente do que nas outras, ao fumo das folhas que os moleques costumam queimar para afugentar de dentro do mosquiteiro os mosquitos. Era assim a-modo um cheiro a eucalipto, misturado com um perfume vago, lembrando ou ambar ou sândalo, um cheiro doce, opiado... esquisito emfim... Deitei-me e cerrei meticulosamente as fartas dobras do mosquiteiro e fui deixando-me adormecer agradado de um certo fresco, produto de uma sábia combinação de correntes de ar que eu tinha

estudado no interior da casa... Ainda ouvi o relógio bater uma hora, depois um silêncio profundo se seguiu. Estava assim amodorrado, quando de repente, pareceu-me ouvir dentro do quarto como que um tilintar fraco de metais e o som de uma mola que se dispara... ¿¡Que diabo é isto!?... pensei... e abri os olhos pesadamente, com esforço, e olhei para o sítio donde me parecia vir o insólito rumor... nada... ilusão com certeza... ou qualquer bicheza nocturna em correria atrás de alguma aranha inofensiva... abriu-se-me a boca num longo bocejo, virei-me para o outro lado e adormeci pesadamente, como se costuma dizer, como pedra que cai a um pôço.

Então o que se passou é de se me porem os cabelos em pé... ¡é de ter nojo de mim próprio! ¿Quanto tempo dormi? Ignoro. O que sei é que num bem-estar explêndido sonhei que via a N'fuca junto ao meu leito, arredando vagarosamente o mosquiteiro, e que a sua bela dentadura bem branca e bem unida, brilhava por entre os beiços arqueados num sorriso contínuo... ¡ e os seus olhos fixavam os meus sem os desfitar, numa acuidade fixa, extravagante, incisiva, dolorosa! Fiz um esforço para fugir à fixidez daquele olhar, consegui dar um safanão violento à cabeça... e acordei... ¡Mas não era mentira! não era sonho! ¡Estava um vulto junto do meu leito!... Quis erguer-me rápido e deitar a mão ao revólver com que costumo ficar sempre entre o colchão e o travesseiro ¡mas já lá não estava! ¡E eis que eu agora via, com pasmo, a bela N'fuca, sempre sorrindo silenciosamente, levando, com um gesto lento e harmonioso o bem torneado braço à mesa de cabeceira e apresentar-me a arma pelo lado da coronha, com o cano apontado para

o seu peito! Então lembra-me perfeitamente que, ao passo que arredava com a mão o braço macio e morno e lhe desferia um olhar impossível, tive a seguinte frase parva, idiota:

«— ¿A N'fucazinha o que quere?»

— Sempre silenciosa, deixou então cair de leve as dobras do mosquiteiro, senti um tinido dôce de pulseirinhas a bater e um rumor discreto de roupas que se desatam e desfraldando-se, descaem roçagantes... e à luz velada do luar ela apareceu-me completamente nua, apenas com o tangueiro de decência, fina renda de missanguinhas multicolores presa em redor dos rins amplos por um cordãozinho de missangas vermelhas e, na sua bela plástica tanagrina ¡foi-se ajoelhando até ficar na posição clássica duma Venus Atica surpreendida no banho! ¡Como é que esta mulher reproduzia inconscientemente *poses* de um requinte artístico! ¡Era a Venus acrúpia do Museu de Nápoles! e sempre em silêncio, aquele bronze animado, com gestos demorados de uma bailadeira hindustânica nos ritos sagrados do Kama-Sutra, êsse milenário código do amor, ergueu-se e, em ondulantes curvas de quadris, como uma fera que rasteja, foi beijar-me as pontas dos dedos dos pés, num beijo vaporoso e alado... numa humildade de escrava... ¡Não imaginam que impressão de frescura tão boa, depois de eu ter os pés mordidos pelos mosquitos!

— ¡Eu apenas teria sentido cócegas! — cortou o Brás Lobato — ¡mas é boa idea! Vou mandar um moleque para o meu quarto, só com o encargo de me abanar os pés com uma ventarola, emquanto eu não adormecer... Ai! ¡é cada ferroada que sinto, seguida de uma comichão tão aguda, que até me faz dar pinchos!

O Teixeira continuou:

— Mas foi singular, a pesar da impressão agradável... estremeci! lembrou-me o *vampirismo!* a mulher ou o homem *vampiro,* que escolhe com paciência a vítima e, em ocasião propícia, a adormece e lhe suga o sangue por uma pequena ferida no pé, deixando-a dali a momentos exangue... Então dei uma gargalhada, que soou mal a mim próprio, no profundo silêncio do quarto, e o rosnar do meu cão logo me respondeu de sob a janela... Deixei-me cair sobre as almofadas, resmungando «— isto é com efeito pasmoso! Mas... ¡*segureza seu pilão!* isto é partida grossa... ¿ela aqui? ¡e o cão a rosnar inquieto!... — » Tornei a olhar para baixo...

Alumiada pela luz macia do luar que entrava pela fresta da janela, com a boca entreaberta, deixando ver os belos dentes húmidos, a cabeça um pouco deitada para trás, o olhar cheio de promessas, o arfar sossegado do peito, aquela rapariga oferecia-se agora numa postura humilde de escrava cafre... Ah!... ¿¡O que é que então se passou no meu íntimo!?... Os meus desejos romperam por fim sôfregos e eu arquejei sob a acção da ardência luxuriosa do olhar devorador que caía sôbre os meus olhos... Qualquer coisa se desencadeou dentro de mim e tudo o que eu tinha de sangue frio, de vontade, como que se volatilizou de vez. Senti, com amargura, que estava nas garras de um desejo atroz... como que uma onda de baixos instintos, um desejo de voluptuosidades infames subiu por mim acima e inconsciente, desamparado, transformado em besta, eu fiz-lhe sucumbido o sinal que ela esperava...

....

— De manhã, foi necessário o moleque puxar por mim, para eu acordar. Estava exausto, com a cabeça ôca, sentia vertigens e deslumbramentos ao erguer-me do leito!... e a primeira coisa que fiz, foi mandar que pregassem ao moleque duas duzias de palmatoadas bem rijas e o levassem à polícia, quando êle aparecesse... Enchi a casa de berros, de gritos, de imprecações, num desvairo de cóleras inúteis, só para desabafo... ¿Como viera a N'fuca ao meu quarto? ¿por onde entrara? Pela janela não... porque em baixo rondava o *Tejo*, lá estava êle muito quieto a olhar para mim, amorável, a abanar a cauda... Um belo cão muito meu afeiçoado, que nunca larga a machila, ande eu por onde andar. Ameacei os criados; tudo foi em vão... ninguém sabia, a pretalhada olhava para mim pasmada, com aquela cara especial que êles todos fazem, quando se lhes pregunta qualquer coisa, que nunca dizem, que nunca sabem, concordando sempre connosco, e gostando imenso de nos verem preocupados. Como Vocês não ignoram, para êles a mentira não é vergonha; dizer a verdade é que é muito ridículo. Depois, todo aquele paroxismo caíu; calei-me reconhecendo que era apenas um cobarde... ¡E era cobarde, porque me pus a desejar com veemência que ela viesse outra vez nessa noite! .. e surpreendi-me a monologar duas ou três vezes... — estou perdido!. . estou pronto! — e isto por uma mulher que não passa de uma pretoide...

— Ela bem preta... não é...—disse o Paulo—eu já a vi...

— ¡Seja o que fôr, é uma megera... é uma mulher de côr tendo passado desde os doze anos por todos os contactos impuros desde o cafre ao branco!... cujos sentidos mentem — disse o Teixeira com calor.

— ¿Mas então o que queria o meu amigo? — interro
gou um dos agrónomos — ¡¿então Você não sabe que n
Zambézia é uma *avis rara* uma *virgo intacta*, dos oit
para os nove anos!?... ¿Não conhece os ritos da circun
cisão no *Mudi* e o *Mapuru* das raparigas?... Ora..
ora!...

— ¡Não conheço eu! — disse Paulo — ¿O que
isso?

— O *Mudi* é uma palhota onde se juntam os rapazito
várias semanas, com o *n'ganga* que é o doutor, a fim d
receberem instruções... para serem maridos... Quand
têm o curso completo, arranja-se um grande batuque com
muita cachaça, levam as crianças a um grande estado de
excitação, e assim mesmo, dançando e cantando, vão send
levados para o *Mudi* a um e um, e depois praticam-lhe a
circuncisão e ficam lá uns dias a fechar as feridas. A' volta
para a aldeia, mais festas, mais batuques, e mais cachaça
e respectiva bebedeira, e os jovens passam a ser outras
entidades, tomam outro nome. Se alguém depois se lembrar de chamar o rapaz pelo nome que tinha antes da
operação .. isso é tido como uma grande ofensa, de que
êle tirará vingança cruel.

— ¿E as raparigas?

— Essas aí pelos oito anos, coitaditas, são entregues a
uma velha que as inicia num rito religioso, em que elas
têm de lançar fora de si o espírito mau, sugeitando-se a
diferentes práticas e danças ensinadas pela tal velha especialista nestas iniciações; depois, as pequenitas são levadas num estado de pavor, para o mais cerrado da floresta
mais próxima, para o *Mapuru*.

Aquelas que tomadas de mêdo procuram fugir, são
logo agarradas à fôrça para dentro da palhota situada no

denso da floresta, e aí procedem ao *dilatatio vaginae*, ou por meios naturais, ou por instrumento próprio...[1]

— Pobres petizas!...

— Estes costumes, nas aldeas onde tem chegado a influência das Missões, têm caído em desuso, os padres substituíram-nos pelas cerimónias do baptismo, aproveitando as ocasiões das crismas gentílicas, para irem pouco a pouco iniciando ao culto cristão.

O Teixeira, que tinha ouvido a explicação do conviva, exclamou:

— Ah! sim! mas esta é uma rapariga cristã, descendente de branco, uma Dona educada.

— Pois sim ¡olhem a bela educação, a de uma Venus crioula e tangueira! — disse o Guerra com voz macia, concertando os óculos...

O Teixeira, arredando de si a chávena de café, já esgotada, e pegando no cálice de conhaque, pô-lo ao alto e, olhando por cima dos óculos para o fino cristal onde o líquido brilhava na sua bonita côr de topázio murmurou:

— Ah! ¡o sereno impudor daquela N'fuca! Nessa noite que eu não esquecerei, deu me ela uma festa magnífica, com o seu belo corpo. ¡Que fantazias que ela se permitiu!... à moda da ninfa Anigrides a quem se atribuia o poder de dar às cousas uma virtude contrária à sua qualidade natural.

— Oh!... ¡Mas isso é simplesmente admirável! — gritou o loiro Brás Lobato... ¡oh Teixeira! vá pondo de lado umas cervejinhas frescas, que eu logo vou tentar rabejar uma péga essa tourinha zambeziana. ¡Está a lembrar-

---

[1] *A Zambézia*, etc., por Maugham.

-me o Campo Pequeno!... Ah! ¡mas nesse redondel, todas as rezes são rabalvas!...

Mas o Teixeira interrompeu a pilheria:

— ¡Ainda falta o melhor!

— ¿O quê? — preguntou o Guerra num murmúrio, e tirando apressadamente os finos óculos limpou-os outra vez cuidadosamente.

— E' que a N'fuca... levou os documentos... conseguiu desaparecer com êles...

— Ah! — exclamou o Guerra, surpreendido, e todos olharam interrogativamente o Teixeira.

— Sim, porque, ainda com a cabeça tonta, quando os procurei na gaveta para os levar para a tal sessão da Câmara... ¡não os vi!... ¡Tinham desaparecido!... e em seu logar achei isto... — e levantando-se da cadeira, o Teixeira dirigiu-se ao interior da casa, a buscar qualquer coisa que veio mostrar.

— Isto!...

Os convivas acercaram-se.

Era uma pequenina caixa de fósforos de marca estrangeira, toda recoberta de missanguinhas dispostas em variados desenhos, e dentro dela estava uma minúscula medalhinha de cristal encerrando um insecto mumificado, com dois belos élitros de côr verde metálica, de reflexos azulados, e de cabeça vermelha.

— ¿O que é êste bichinho? — preguntou Paulo com curiosidade.

— E' um *calliphore*, um feitiço, um encanto.

— Ora! ¡Nesta terra tudo são bruxedos de Donas!...

— Pois sim! ¡Mas Vocês devem imaginar como eu fiquei pasmado e depois indignado, fulo de raiva!

— ¡Estamos a ver! — disseram os convivas com um

sorriso irónico; porém tornaram-se graves, quando o Teixeira numa voz surda e irritada disse, pondo-se em pé:

— Pois bem! ¡Vejam a cobardia! ¡vejam a tentação do demónio! ¡vejam o que quizerem! pouco me importo com o que Vocês digam! ¡eu desejava imenso, que ela viesse ainda... e sempre! — concluiu lentamente...

E o Teixeira, deixou descair da mão o calice, que se foi partir em pedaços nos ladrilhos do pavimento, ao passo que, olhando para o cristal em estilhas encolhia miseravelmente os ombros...

Um moleque veio logo presuroso varrer os estilhaços do vidro, e a voz forte do Brás Lobato soou alegre, no silêncio geral:

— Você o que precisa é ir a Lisboa ¡senhor Teixeira! ¡Deixe lá as pretas!

Ele respondeu, lento:

— Não tenho vontade de ir para Lisboa, passo aqui melhor, sem comparação... lá adoeço — e continuou: — Mas vai ouvir... Corri logo ao Sousa, que era e ainda é o Chefe da polícia.. Recebeu-me na repartição, cerimoniosamente, friamente, não me tratando por tu... Deu-me a gana de lhe dizer que *ela* tinha vindo oferecer-se como uma escrava, aos meus desejos bestiais... ¡felizmente tive mão em mim! Queixei-me. Que me tinham roubado os papéis... os documentos que eu tinha achado no arquivo da Câmara... Teve um gesto de surprêsa, levantou-se agitado da poltrona, disse-me que ia averiguar, etc, e, de repente, fez-se pálido, tinha percebido... aquela ausência de N'fuca... Mas eu serenei o pobre homem, tive dó dêle, menti-lhe, disse-lhe que de manhã tendo ido abrir a gaveta, não tinha dado pelos papéis... tinha dei-

xado as portas fechadas, não entrara ninguém de fóra...

« — Então é gente de casa ¿não desconfia do seu moleque?. .»

« — O moleque tinha fugido » — disse.

O Sousa coçou a barba. « — Era o diabo! » — disse « — isto de papeis, rasgam-se... inutilizam-se... e num sorriso, que se transformou numa gargalhada franca, respondeu-me: « — ¡Mas isso é a salvação da N'fuca... oh Teixeira! »

« — Pode ser » — disse eu cerrando os olhos.

« — Vou mandar prender o moleque... não deve andar longe » — E despediu-me com atenção ceremoniosa. A sessão da Câmara seria adiada até se prender o moleque que roubara os papéis importantes, êle ia empenhar-se nesse assunto .. Eu barafustei, increpei com violência o Sousa, porém o moléque nunca apareceu... nem os papéis, e por fim o Sousa ganhou... Ah! mas a N'fuca tem ainda umas contas a ajustar comigo, não perde pela demora...

O Teixeira quedou-se pensativo, e a sua face emaciada de impaludado, tinha um aspecto de figura de cera, que uma leve côr de rosa tingia nas faces emmagrecidas.

Então o Brás Lobato sorriu-se, e folgazão, corado, bem humorado e luzidio, limpando com o lenço as bagas de suor que lhe molhavam o forte pescoço, fez uma saudação amistosa com o cálice de licôr, dizendo-lhe com voz arrastada:

— Pois senhor Teixeira, lá vai esta goladazinha em homenagem á pujança dessa *sinhára* — e voltando-se para o Guerra que se virava todo para êle muito sério, a disfrutá-lo através das finas lentes dos óculos de aros de oiro, continuou em forma de comentário:

— Lá em Lisboa, talvez servisse para apregoar ao lusco-fusco pelas vielas e betesgas dos bairros pobres, talvez fizesse fortuna ali para a Rua das Cangalhas, que é perto do sítio onde eu moro, com aquele conhecido pregão alfacinha:

¡i... érre, érre!
¡com o seu aio, aio
o seu acête dôce
o seu saraquitaio!
¡i... érre, érre!...

— e com ar chocarreiro e trocista, depois de beber, deu um estalo sêco com a língua, despegando-a ràpidamente do céu da bôca.

E o almoço acabou com uma gargalhada geral... Mas o Teixeira sorriu apenas, calado agora, os olhos fixos, a mão descaída, o busto inclinado para o chão...

XIV

No *luane*, ao fim do dia ressoante dos mil rumores da conclusão do trabalho dos serviçais, da conversa das mulheres nos diferentes serviços domésticos, da pilagem [1] do arroz e da mandioca, lavagens de roupa, etc., no seu espaçoso quarto de paredes caiadas com uma mistura de cal e uma côr verde, obtida pelo esmagamento das bagas de uma árvore indígena, a Dona Rosário acabara de tomar o seu grande banho da tarde, bem perfumado com boa água-de-Colónia, de que ela fazia abundante uso.

Pôs de lado o raspador da pele, instrumento de *toilette* muito em uso na Zambézia, embrulhou-se num grande lençol europeu, presente do Sousa, e sentou-se num banquinho baixo de madeira de ébano, tendo esculpidas diferentes figuras geométricas de triângulos e círculos, originais de algum ignorado indígena artista marceneiro.

Olhou complacente os seus túrgidos seios que se elevavam perturbadores no arfar manso da respiração, e dos seus grandes olhos irradiou uma fôrça de sedução; daquela sedução tôda material com que enredara em mil encantos diabólicos os homens brancos que a tinham apetecido para o amor ardente, delirante, fogoso, naqueles climas irritantes do sistema nervoso.

Mas, impaciente, olhou para a janela ensombrada por

[1] Moagem a pilão.

uma fina esteira de Zanzibar, e chamou em voz gritada, cujo eco se foi perder entre as ramarias das bananeiras do quintal que dava passagem para as terras bem cultivadas do *luane*.

— Bandiná!... eh!

Uma voz juvenil respondeu lhe logo sob a varanda:

— O'ié! N'fucá! — e dali a um instante o vulto airoso de uma jovem mulata muito bem penteada, vestindo uns panos bem traçados, os braços nus cheios de braceletes e com *inhatimbis* reluzentes, feitos de pequeninas continhas de cobre, formadas por dois pequenos cones ligados pela base, apareceu açodada entre portas, interceptando a claridade que entrava a jorros no quarto espaçoso, alastrando pelo pavimento, fazendo brilhar as côres vistosas vermelha e azul das listas do entrançado das esteiras indígenas, tão polídas que pareciam envernizadas.

N'fuca falou-lhe na língua indígena, com pausa e serena autoridade:

— Chama Luisá... Rosá... António. N'fuca quere vestir, pentear...

Logo a Bandiná desapareceu a correr, e dali a pouco entravam os jovens moleques no quarto.

Então, sempre sentada no banco, os pés nus cruzados um sôbre o outro, descançando em cima de uma almofada árabe de couro mole pintada de côres berrantes, olhou friamente para a molecagem com o olhar brilhante e negro, fixo e autoritário. Disse com simplicidade:

— Pentear... vestir...

Todos correram pressurosos e diligentes; o António trouxe um espelho de mão, uma navalhinha e uma toalha; a Luísa um copo com água aromatizada e uma escovinha de dentes; a Rosa um pente de marfim, uma escova, e

uma tesourinha de unhas; a Bandiná foi buscar uma larga bacia de latão onde deitou água de uma espécie de alcarasa de barro, posta sôbre uma peanha de madeira de especial feitio, com o auxílio de uma *kata* — concha feita de uma casca de côco muito bem raspada e enfeitada com desenhos esculpidos, onde enfia um pequeno pau a servir de pega, cortado cerce na extremidade que atravessa o recipiente — e logo começaram com respeito e em silêncio, os mil cuidadozinhos minuciosos da *toilette* da tarde, da n'anha N'fuca.

Primeiro lavou a boca cuidadosamente, polindo depois o marfim dos dentes com um pauzinho de uma madeira especial com que fez também a massagem das gengivas. Depois a Bandiná, metendo delicadamente os dedos entre os espessos cabelos da n'anha N'fuca, começou alisando-os com o pente, humedecendo-os com um óleo fino, fortemente perfumado, à moda dos cabelos das raparigas da India — e todos êstes actos a Bandiná e as molecas os cumpriam como se fôssem seguindo as fases de um rigoroso rito sagrado e solene.

Isto demorou um certo tempo.

Súbito, a Rosa, ajoelhada na esteira em frente da N'fuca, com o braço levantado à altura do rosto da *sinhára*, ao passar com a escovinha pelas suas negras sobrancelhas em arco, roçou com as sedas duras na púpila negra, de reflexos doirados...

N'fuca estremeceu nervosa com a desagradável impressão, levou a mão à pupila magoada, já um pouco lacrimosa e franziu fortemente as sobrancelhas; fuzilou-lhe o olhar num relâmpago de cólera, mas ficou serena, não disse palavra...

Então à pobre moleca atrapalhada começou a tremer--lhe a mão.

— Larga Rosa!... larga!... já! já ensino a ela! — exclamou a *sinhara*, colérica.

A moleca tremia com a escova na mão... de olhos baixos... de joelhos na sua frente.

Mas a N'fuca recostou-se no corpo do António, que estava por detrás segurando o espelho, arredou-lhe a mão e negligentemente sorriu... e meio virada para êle, sempre de pé e hirto como um landim em parada de *insaka* sob o comando áspero e terrível de um *cazembe*[1], de um *sachasundo*[2] ou do *mucata*[3], disse-lhe com voz mansa:

— Chama Zudá...

Assim que isto ouviu, a Rosa deitou-se no chão, de bruços, a gritar aflita; pegou num dos pés de N'fuca, chegou-o ao rosto aflito, e a soluçar implorou com esgares de mêdo: — N'fuca! n'anha! pega pé!... pega pé!... Perdoa n'anha! — E as lágrimas corriam-lhe copiosas, saindo expontâneas dos olhos semi-cerrados.

As outras molecas, impassiveis, sem uma única expressão de dó, de compaixão, olhavam ora para a patroa, ora para a Rosa, e esperavam caladas, e o António tendo deposto com mil cuidados o espelho sôbre um tamborete esquisito, que figurava um elefante estilizado, saíu do quarto sem ruído, deslizando sôbre as esteiras polidas e brilhantes.

Passaram-se uns momentos num silêncio inquieto e expectante e emfim ouviu-se o sobrado da varanda ranger

---

[1] Comandante de pelotão.

[2] Sargento de secção.

[3] Cabo de esquadra.

sob uns passos pesados e vagarosos e o Zuda apareceu. A Rosa então redobrou o chôro medroso.

Era um preto alto, magro, de edade indefinível, indicada apenas por algumas farripas brancas que se emmaranhavam na barbicha rala do queixo prognata, bestial. Tinha o torso e as pernas nus, tatuados a tinta azul. Apenas vestia uma *lôpa* azul de grosseiro algodão, passada em redor dos rins, atada com uma *cambala*[1] sebenta donde pendiam, de um lado, a tabaqueira de ponta de marfim, e do outro diferentes amuletos e mais trapalhadas.

Ao pescoço usava um colar feito de pequeninos cornichos de antílope, separados entre si por grossas contas de vidro verde, e, no braço esquerdo, um bracelete feito de dezoito pêlos de cauda de elefante entre dois aros de marfim muito velhos e rachados.

Entrou no quarto vagarosamente, cravando nas mulheres e na N'fuca um olhar apagado, vítreo, inexpressivo, com os globos oculares amarelados, raiados de sangue.

Parou a distância respeitosa, bateu levemente as palmas sêcas, descarnadas, cumprimentando, raspando um pé na esteira.

N'fuca sempre sorrindo, disse-lhe então:

— Ué Zudá! ¡ Leva Rosa, no palhota da Murinbigéla, fica dois dias, logo pódi, dá pronto doze palmatoada!... toma *quinhento* — e, negligentemente, abrindo uma caixinha de madeira com embutidos de tartaruga, que puxou de cima de uma mesa, tirou dela uma moeda de cinco tostões que deu ao negro.

O preto silenciosamente pegou na moeda, embrulhou a, atou-a na ponta do pano, e saiu.

---

[1] Corda de fibra entrançada.

— Ai! — exclamou N'fuca — a Rosa não estar bom de cabeça, Rosa quere comer carne de jacaré... ¡¿quere?!... O espírito de irmã de Rosa morta pelo *lagarto*, está a fazer mal a Rosa... precisa de ir no rio... ter com irmã.

A pretinha acocorada sôbre a esteira, com as mãos cruzadas por cima dos joelhos, toda enrolada sôbre si, quasi não podia respirar tanto os soluços lhe crispavam a garganta.

O preto apareceu então com uma palmatória pequenina, e chegando-se à criança, agarrou-lhe rápido numa das mãos, e, habilmente, sem lhe bater na cara, nem nos braços, o que era maravilha porque a criança parecia uma serpente enrolada nas pernas dele, arrumou-lhe com fôrça e rapidez as doze palmatoadas. Depois, pegando nela debaixo do braço, como numa troixa, a pesar dos gritos e do escabujar doido da moleca, desapareceu silencioso pela porta, a largas e vagarosas passadas, fazendo ranger o sobrado da varanda.

N'fuca gritou-lhe nesse momento:

— E' para saber! que não quero brincadeiras! eh! — Depois virando-se para as outras molecas disse em macua:

— ¡Hoje haver aqui festa! a *m'cunha* Sousa! e eu já não ficar boa! não ser festa alegre, ser batuque de despedida... Ah!... não ser dia bom! N'fuca esta manhã encontrar uma cobra *inhóca* toda enrolada na varanda, no caminho! mau agoiro! mau sinal! ¡ e toda a noite ouvir pios de coruja em cima da palhota de Niné! ah! mau sinal! *Zai!*... e outra responder no teto da palhota do *guêro*[1] onde estão os *apales* e as *asicanas* do *luane* ¡ os pequeni-

[1] Logar onde ficam promiscuamente as crianças.

nos do meu quintal! Mau sinal! — murmurou desassossegada.

Em seguida gritou impaciente:

— Eh! Antónió-ó-ó! trazer espelho. Eh! Luisá traz pano, ué! Bandiná puxa *pancá!*

Então a Luísa deslizou pela esteira em direcção a uma caixa oblonga, com o fundo feito de vimes cortados ao comprido e entrançado, tendo um rebordo alto feito de tábuas largas ligadas ao fundo por meio de coseduras de vime. Abriu a, e tirou de dentro uma camisinha muito curta que chegaria apenas às ancas, depois tirou a *moucheca,* que é o lenço para pôr por cima dos seios, bordada em missanga sôbre o algodão.

Seguiu para outra caixa igual donde sobraçou dois largos panos chibantes da India; N'fuca nunca usava mais de dois bem dobrados e enleados à roda do torso elegante, caindo em pregas fartas ao lado até à altura dos tornozelos, a pesar de possuir uma boa e variegada colecção. Entre os panos veio um chaile de algodão europeu, tecido em Sena às listas de diferentes côres, onde estava representado um machado, um crocodilo, e as ondulações das Baruanas [1]. Era um arcaico tecido feito pelos negros tecedeiros de Sena, e que lhe provinha da avó. ¡Especimen de uma indústria indígena, que se extinguira...

Depois, escolheu uma fita de missanga para segurar os cabelos em redor da testa.

Então N'fuca ergueu-se do banco, sempre vagarosamente, ajudada pelas molecas, despiu-se silenciosa, mudou a camisinha, atou o primeiro pano em redor dos quadris

---

[1] Três montes que se avistam ao longe, da planície de Sena.

fazendo e desfazendo as dobras largas com vagaroso cuidado até lhe ficar bem coleante aos rins e passou-lhe em redor uma estreita correazinha que apertou na fivela; depois, abrindo os braços com um súbito ruído chocalhante de pulseiras, deixou atarem-lhe por detrás das costas a *moucheca*, um *soutien-gorge* de tecido de algodão bordado a missangas vistosas só na parte da frente, passando por baixo dos sovacos, com as extremidades mais estreitas para atar atrás, e, por fim, traçou com cuidado o segundo pano mais rico, mais vistoso em côres, em redor do torso elegante, digno de uma Venus moderna, segurando-o com um cinto largo de pano forte recoberto com a *moucheca* de missangas, tendo a intervalos iguais, em forma de pingentes, uns vinte ganchinhos de ouro terminados por uns aros onde se engastavam outras tantas libras esterlinas.

Tornou a sentar-se, e, a um gesto seu, foram buscar uma caixa de sândalo com embutidos de marfim, pertença do pai. Abriu-a sôbre os joelhos e foi tirando de dentro, primeiro uma gargantilha de contas de ouro e cordõezinhos de missangas, depois um grosso cordão de ouro, muito antigo, terminado por uma cruz ao uso das províncias do norte de Portugal, obra evidentemente de algum ourives do Pôrto, assim como um par de arrecadas com trabalho em filigrana de ouro e, olhando sempre para o espelho que o moleque lhe apresentava, ora de um lado do rosto, ora do outro, começou a adornar-se com ademanes de pouca satisfação. Enfiou mais um bracelete no bem modelado braço, dispôs melhor as pulseiras e, sempre mirando-se e remirando-se no espelho, começou cantarolando com voz dolente, cheia de modelações graves numa toada melancólica, a triste cantilena indígena da *Nana Nelila*:

Si... nhá... ra... Nana Nelila
Ha... hi ha... hi ha... hi ha... hi
Ha... n'fula té té té
.... [1]

Depois calou-se e ficou pensativa; os moleques esperavam, sem se mecherem, inquietos. Então N'fuca pegou num pequeno punhal com o cabo forrado de marfim pela frente e madeira negra por detrás, sendo o marfim cinzelado em losangos e triângulos, em que as cavidades tinham sido preenchidas com um betume negro, e os relevos clareavam-se brilhantes com o uso.

Tirou a lâmina de dois gumes, acerada e cortante, da baínha feita de duas metades de madeira negra mantidas em união por meio de delgados arames de latão entrançados, terminando na parte inferior em forma piramidal.

Tendo observado que entrava e saía bem, pendurou o punhalzinho ao cinto de baixo, por um estreito cordãozinho de coiro, escondido entre as dobras do pano rico.

Tornou a pedir à alegre Bandiná o frasco da água-de-Colonia, e então borrifou os panos, as palmas das mãos onde a moleca lhe deitava o líquido perfumado, o rosto e os braços, dizendo para a Luísa ajoelhada na sua frente:

— ¡Dizer a todas as raparigas para vestir pano *chibante*, e chegar aqui ao *luane* de N'fuca, dia de festa! — e repetiu:

— *Nihuco na festa onizuela!*

— Ha batuque em casa de N'fuca; digam às molecas

---

[1] Senhora, a menina chora
Ha... hi ha... hi ha... hi ha... hi
Ha... não quere dormir...
....

para acabar o trabalho, e os homens arrumam o quintal! — Depois reflectindo exclamou: — Eh! António vai chamar Zudá!...

Deu alguns passos pelo pavimento esteirado e empurrou com o pé descalço, com impaciência, um pequenino tamborete *descansa-nucas* que andava por ali desarrumado, e dirigindo-se a um dos lados do quarto onde estava sôbre uma mesa de mogno de fabrico europeu uma caixinha de marfim torneada formando uma esfera, tendo a tampa enfeitada com caneluras circulares, abriu-a e, cantando sempre em voz baixa a canção da Nana Nelila, começou enfiando nos dedos os grossos anéis de ouro — outra indústria dos operários ourives de Sena — que ela encerrava. Voltou para trás a cabeça airosa e repetiu:

— Hoje haver festa de despedida... coração triste... mas festa por toda a parte... Dizer à cozinhera, fazer boa canja e ¡dôce, muito dôce! haver *pombe*?... haver vinho?

— Nô sábi — responderam em côro as molecas.

— N'fuca quere saber, N'fuca vai ver... ¡chama cozinhera! — Agarrou numa cigarreira pequenina de palha de bambu recoberta de bordados de missangas, tirou um magnífico cigarro havano, pegou num fósforo, raspou e, acendendo-o, começou de vagar, com geito de apreciadora, a aspirar o fumo azulado da cigarrilha. Depois dirigindo-se às molecas disse:

— Estar bem... anda a vêr.

Seguida por elas, passou por dois compartimentos, cujos tabiques não chegavam ao teto sustentado ao alto por palos-palos de jamboloeiro.

Havia ali prateleiras com diversos objectos, alguidares feitos de uma madeira macia e branca, de bor-

dos arredondados com uma saliência exterior, tendo esta um orifício onde passava um cordel de vime entrançado, que servia para guardar leite, ou certas comidas; muitos cestos de vime de variados tamanhos, em redor, apoiados às paredes caiadas, cheios de farinha de mandioca, de milho, de arroz, de feijão cafreal; havia cabaças negras ou amareladas contendo azeite de amendoim, óleo de palma; e, ao fundo, um tabique resguardava da avidez de algum visitante dois garrafões de cachaça, e uma botija de genebra Foking, um pequeno barril de vinho tinto, e uma porção de garrafas de diversos tamanhos e feitios.

Apareceu a cozinheira e, tendo N'fuca tirado de um esconderijo uma chave de abrir o cadeado que fechava por meio de duas fortes argolas de ferro a porta do tabique, mandou tirar as garrafas e enchê-las com o vinho tinto do barril, depois do que as molecas as transportariam numa *quinda* para a varanda.

Um garrafão de cachaça foi entregue ao António. Depois, guardou cuidadosamente a chave. Sempre seguida das molecas, dirigiu-se então à varanda onde se encostou pensativa olhando para a explanada, distraída, absorta em pensamentos impertinentes.

No quintal, três pretos jovens, sentados sobre os calcanhares na sua posição favorita de descanço, conversavam vivamente com grandes gestos e esgares. Estavam com certeza falando do belo sexo, que é em geral o que os pretos fazem quando se juntam, ou a contar histórias de *quizumbas* e feitiços. Outro preto mais velho, também de cócoras, entretinha-se com uma cana de bambu na mão, a fumar *bangoua*, aspirando pelo grosso tubo o fumo espêsso e acre do tabaco indígena misturado com cânhamo,

a cada fumaça o preto torcia-se em espasmos de tosse, tão violentos que lhe vinham as lágrimas aos olhos e parece que êsse mesmo sofrimento é que lhe produzia prazer intenso...

Ao pé da palhota do *guero*, quatro pequenitos completamente nus, em cujos ventrezinhos bojudos se elevavam uns umbigos enormes quási do tamanho de tangerinas, atarefavam-se muito entretidos, ocupadíssimos a construirem armadilhas para os pássaros (que os havia em grande variedade em redor do *luane*: as pêgas anãs, as toutinegras de cabeça preta, as cotingas, alvéloas, papa-môscas, gaios de pôpa, viuvinhas, bengalinhas) que deviam ir armar antes do sol posto, junto das largas poças onde ao ocaso do sol êles costumam ir beber; e duas raparigas, tendo já acabado de rapar nos pratos de madeira, uns restos de massa de mapira, depois de lavarem cuidadosamente a boca, acesos os cachimbinhos de lata, foram para a entrada da palhota jogar o *sora* com umas pedrinhas metidas numas pequenas covas feitas no chão.

Longe, ouvia-se o ruído especial do bater cadenciado e contínuo das mulheres a pilar a última *panja* de arroz daquele dia nos grossos troncos cavados em forma de almofariz. De vez em quando uma voz chocarreira dizia qualquer graça e gargalhadas rompiam o silêncio, indo abafar-se no arvoredo próximo e as sombras da tarde cresciam, alongavam-se pelas relvas e pelas hortas do solo quente e húmido.

Galinhas apressadas iam recolhendo, debicando sempre no chão, e um porquito magro, refocilava a um canto num rêgo de água suja, rilhando sobejos e imundícies.

Então N'fuca tendo despachado as molecas para irem

avisar as visinhas e o António em busca dos músicos, ficou só.

Como uma avantesma que surde de um alçapão de mágica, apareceu junto dela o esquálido Zuda, de face bestial retintamente preta, os olhos vítreos, amarelados, raiados de sangue, nu, apenas com um pano de algodão sujo em redor dos rins. Evidentemente, aquele homem não parecia pertencer ao litoral da Zambézia onde, em virtude de seculares influências e misturas de sangue árabe e branco, os pretos têm uma coloração pigmentária mais descorada e acusam mesmo certa regularidade de feições.

Curvou-se silencioso, depois fixou o olhar na Dona e esperou; e logo se seguiu entre os dois uma conversa rápida em língua secreta cafre, um calão especial que só os iniciados entendem. Depois o Zuda desceu vagarosamente pela escada e sumiu-se rápido nas terras do *luane*.

N'fuca bateu as palmas e lançou no ar morno um grito agudo de chamamento e quási em seguida apareceu correndo, tendo saído de uma palhota do quintal, uma negra forte, bem musculada, de olhar alegre. N'fuca de cima da varanda, ordenou:

— Traz Niné!

— Sim! – disse a preta, mostrando a dentuça branca numa larga risada — ¡Niné está muito contente!

N'fuca sorriu-se com um sorriso pálido, triste...

Dali a pouco a negra subia a escada da varanda trazendo ao colo um gordinho bebé, de olhos tão negros como se fôssem contas de missanga grossa, a pele clara, um pouco amarelada, nuzinho em pêlo; apenas nos pulsos, ao pescoço, e em redor do ventre trazia cordões, com

diferentes amuletos, saquinhos tendo encerrados secretos pós contra certas doenças, ou pauzinhos com sinais mágicos, contra o *mau olhado*. N'fuca pegando nele, sentou-o na borda de uma pequena mesa que ali estava e ficou-se a comtemplá-lo nos olhos e nas feições longamente e em silêncio.

¿O que se passaria naquela alma misteriosa onde se chocavam os estigmas ancestrais de três raças humanas? Porque N'fuca, olhando para a criança, meneava por vezes a cabeça, com uma ruga fincada entre as espessas e bem arqueadas sobrancelhas. Havia ali o tumultuar de pensamentos inacessiveis ao branco.

O pequenito, muito sério, também olhava para ela, até que, dando-lhe na vista o brilho oscilante dos brincos compridos que lhe pendiam das orelhas bem feitas, deitou de repente a mãozinha ávida a um dêles

N'fuca desenvencilhou-se a rir do forte puxão, e, dando-lhe uma das pontas de um dos colares de contas de vidro, começou a brincar com êle despreocupadamente, emquanto a ama negra, uma *macua* muito aceada nos seus panos brancos com raminhos vermelhos, esperava contente.

Nisto, um grito agudíssimo partiu de uma palhota arredada lá para o extremo do vasto quintal.

A preta voltou-se espantada.

— É Rosa — disse séria N'fuca—andar eu desconfiada com esta moleca... há dias foi surpreendida pelo António na estrada de Quelimane a falar em segredo com o cozinheiro de Teixeira... ¡e cozinheiro de Teixeira não é *m'copuana* bom! eh!... Zudá vai falar com êle...

A ama sorriu-se subserviente.

N'fuca continuou como se falasse com ela própria:

— Texêra andar outra vez a dizer que vai fazê questão com *luane* que é do Câmara, e Sousá vai embora... N'fuca encontrou esta manhã *inhoca* no caminho da varanda... ¡ não ser bom... não ser bom!... — Deu um longo suspiro, e, entregando o bébé à negra recomendou que não deixasse Niné ser mordido pelos mosquitos... êle tinha as mãosinhas mordidas... e preguntou severa se «¿ ama tinha feito como lhe recomendara, a pasta de carvão em pó e óleo de mamona para a feridinha no joelho?»

A ama sorria, afirmava que fazia sempre fogueira, a ferida já estava curada.

— Bem, bem... se não tomares cuidado com Niné... ¡ já sabes o que te acontece!

A preta confiada riu e apontou para os feitiços que o petiz tinha à roda dos pulsos, dizendo com lisonja:

— *Muan'ané oréra fatare pàhi!* [1]

N'fuca sorriu-se — todas as mães gostam que lhe lisongeem os filhos.

— Bem! leva-a — disse já sossegada.

Mas em baixo, no quintal, a notícia da festa já principiava a produzir os seus efeitos, começava a faina de preparar tudo para o batuque; os pretos com uma actividade fóra dos seus hábitos, varriam o chão, atiravam as pedrinhas soltas por cima do caniçado, e as pretas ligeiras, bamboleando se sobre as ancas rotundas, passavam a pano os bancos que depois iam dispondo ao longo uns dos outros de encontro ao adobe dos muros, tagarelando entre si sem cessar.

---

[1] O teu filho é muito melhor do que qualquer outro.

Ao fundo, num recanto onde era a cozinha geral dos trabalhadores do *luane*, os moleques preparavam as fornalhas, enchiam as panelas com a água para cozer o arroz, a velha cosinheira batia ovos, e os ajudantes depenavam galinhas.

Raparigas e crianças andavam numa corrida barulhenta e gárrula de umas palhotas para outras, a enfeitar-se, a vestir-se, a pedir umas às outras coisas emprestadas, a banhar-se, a perfumar-se e tudo isto com gritinhos, chamamentos, exclamações — uiá!... ué! .. zai! — e gargalhadas estalavam no ar sereno e quente. A's vezes ouvia-se a voz irritada de alguma velha impaciente; e o barulho contínuo e regular dos pilões a pilar o grão tinha acabado de há muito.

A tarde agora declinando ràpidamente, ao brilho das verduras admiráveis do arvoredo, ia sucedendo um verde escuro, apagado, como que tinto de violeta fraco, mas havia e sempre o mesmo calor de estufa, húmido, enervante, calor concentrado sob a folhagem espessa das mangueiras e das bananeiras.

Vinham chegando já os músicos, espalhando em redor a algazarra e a risota e seguiam-nos alguns rapazes com os instrumentos.

Traziam enormes *butacas*, bojudos tambores largos como ventrudos barris, outros eram mais estreitos, cilíndricos, e forrados de peles esticadas por cordas; veio um flautista com uma flauta feita de um troço de madeira negra, jacarandá ou ébano, furado, alargando cònicamente para uma das extremidades; outros traziam marimbas; havia três rapazes, cada um com a sua *sanga*, e depois de intermináveis conferências, acabaram por escolher definitivamente o local da orquestra junto da fogueira que se acen-

deria por mandado da Dona Rozário, para com as suas chamas alegres e saltitantes dar o sinal da festa iluminando o quintal, e cuja fumarada enxotaria as miríades de insectos que, atraídos pela luz invadiriam o recinto.

E N'fuca, imóvel, encostada ao-de-leve à varanda da casa, onde a sua figura esbelta se destacava primorosa no fundo escuro do alpendre que ensombrava a varanda, como se fôsse uma bela estátua de bronze florentino, com os seus grandes olhos de esmalte negro a animarem de um fogo sombrio a expressão um pouco triste da sua fisionomia, não pôde deixar de se rir alto porque viu por detrás de uma palhota duas velhas sentadas no chão cachimbando atentas, dando conselhos e passando um exame severo de dança a duas raparigulnhas muito entusiasmadas, que na frente delas, nuazinhas em pêlo, apenas com as tanguinhas de missanga de decência se exercitavam em quebramentos de cintura, arquear dolente de braços e posições graciosas de pés ; e as velhas que as tinham mandado despir, sem dúvida para lhes observar melhor os movimentos dos corpos adolescentes, criticavam com severidade, ralhavam com elas em vozes ásperas, e discutiam uma com a outra, com grandes gestos de pessoas entendidas...

Mas logo que elas deram com a vista na N'fuca que entretida as observava sorrindo, fugiram para dentro da palhota apressadamente, levando as roupas a arrastar pelo terreno.

O entusiasmo pelo batuque ia se alastrando pelo pessoal feminino... e também pelo masculino, porque N'fuca viu um preto alto, sòsinho a um canto do quintal, junto do muro, o qual, virado para a sua sombra, com uma chibata de vêrga na mão e com umas penas de galo espetadas numa fita que atara em redor do crânio rapado, voltea-

va, avançando e recuando, rosnando baixinho uma cantilena seguida, contínua, e tão embevecido, tão entregue àquele sonho do batuque, tão abstracto na sua toada monótona que, no rápido redemoínhar epiléptico dos braços, foi bater com as pernas de encontro ao porco que andava por ali fossando e que, espantado, soltou um grunhido agudo enrodilhando-se-lhe nos pés e então, perdendo o equilíbrio, sempre de chibatinha alçada na mão, foi cair de bôrco em cima da estrumeira onde enterrou a cabeça até aos ombros... ficando ali a espernear sob os apupos das molecas que de longe tinham observado o caso.

XV

Tinha anoitecido completamente. Os músicos, com os primeiros toques dos tambores, começaram atraindo os visinhos que foram entrando no quintal. As raparigas com os seus melhores panos, as suas mais ricas missangas, os seus colares de contas de vidro mais chibantes, espalhavam-se em grupos, sentando-se alegres pelos bancos, em tagarelices barulhentas e em risadas cómicas. Algumas traziam os filhinhos às costas, suspensos por meio de um pano com as pontas atadas sôbre os peitos e em redor da cintura, conseguindo terem os braços livres para o trabalho e para a dança.

Depois, os homens foram deitar fogo à pilha de troncos e folhas e, quando a fogueira apareceu e crepitou, fazendo saltitar a chama vermelha e alegre, as *butacas* [1] e as marimbas estrondearam em ruídos sonoros levando no silêncio da noite tropical, por todos os plainos em volta do *luane* da Dona Rosário, os sons, tão gratos aos ouvidos africanos, da barulheira alegre de um batuque de festa...

Nesse momento rompeu o baile. Era festa de despedida a mosungo Sousá ué! ué!... ha hi... é! e aquela alegria dos pretos, voluptuosa e bestialmente sensual, excitava-os em frenesis de reviravoltas e esgares em frente das raparigas que batiam palmas a compasso, meneando

---

[1] Tambores de feitio especial.

os rins, com sorrisos provocantes. Apareceram então os dois companheiros da casa da Esquadrilha. Paulo trazia de *saguati* uma garrafa de vinho do Porto, e o Lucena trazia duas galinhas assadas e um molho de velas inglesas: — Queria iluminar a varanda a *giorno* — dissera êle a rir-se.

Subiram logo a escada, e com a sua entrada, os tambores reboaram mais fortes, e as mulheres bateram com mais força as palmas, e todas elas viradas para os visitantes berraram em côro os — Ha hi é!... ha hi é! mosungo blanco! do lancha! — e os pretos avançaram em chusma, brandindo zagaias e escudos imaginários como se estivessem num assalto a uma aringa, fingindo arremeçar as armas fazendo em côro — zzzum!... zzzum!... zzzum!... — e Paulo não pôde deixar de rir daquelas fisionomias bestiais, curiosas e cómicas, iluminadas pelos clarões movediços das chamas das fogueiras, fitando-o com alegria infantil, com as pupilas faiscantes rebolando nas alvas brancas, e as dentuças branquejando na escuridão em sorrisos claros e amigos... *pombeirando* numa provocação imaginária a um inimigo, antes do combate, quando ressoa o *biribin* [1] nos batuques guerreiros incitando à chacina.

E veio-lhe à idea o que seria de horrendo aquele espectáculo, mas em som de guerra, cercado de inimigos, perdido ¡ sem uma bala salvadora de um revolver para se matar! o que tantas vezes tem sucedido aos cumpridores do dever militar, como na chacina da aringa de Massangano em 1858, e quando em Lourenço Marques os ingleses intrigavam os régulos para nos atacarem, do que resultou, nas margens do rio Tembe, um capitão e vinte e

[1] Tambor de guerra, contendo despojos mortais de inimigos.

seis soldados brancos serem mortos depois de requintes de barbaridades exercidas sôbre êsses pobres mártires da nossa Africa, onde tanto português, oh! tanto!... tem trabalhado, tem sofrido e tem morrido pela Patria.

A N'fuca cumprimentou os recenchegados com uma reverência à moda gentílica curvando ràpidamente os joelhos, e levando as mãos cruzadas sôbre o peito à altura dos ombros, como se fôsse um gesto engraçado de pudor e as molecas que a rodeavam aproveitaram a ocasião pretestando serviços, para se escapulirem lá para baixo para o quintal, e meterem-se na roda das dançarinas a menear os rins, e a bater as palmas... Depois, de vez em quando vinham surrateiras para trás da N'fuca, onde o António lhes passava um copo de lata, com cachaça, a que elas deitavam a mão àvidamente, bebendo umas a seguir às outras, aos goles, e fazendo esgares de aprovação ao gesto do António... que também ia provando.

Porém a Bandiná ladina, a mais garota das molecas, já muito *sabida* com brancos, fôra buscar cadeiras de verga, e o Lucena, tirando o capacete de sôbre o crânio encalmado, onde a mancha da tonsura se alastrava fatal... sentou-se de golpe, estendendo as pernas entorpecidas pela caminhada em machila.

— ¿ Então o Sousa ainda não chegou? — preguntou êle.

— Nô chegar inda — respondeu ela.

— ¿ A festa é para êle? ..

— Sim, festa de despedida, dizê que vai no Lisboa...

— E tu N'fuca?

— Eu também ir — disse ela a sorrir-se engraçada..

— Ai! não vais... não.

— Pois se eu nô ir, *êle* certo nô ir...

— Ora adeus, êle quere lá saber de ti...

— Zai!... uh!... *m'cunha* Lucena! ¡nô dizê essa cousa! Lucena pensa mau...

— Olha que eu falo...

N'fuca olhou para êle sorrindo-se.

— Lucena nô falar... ser segredo de Nfuca - e olhou-o com qualquer coisa de tão indefinível na expressão dos olhos, que o Lucena fez-se corado, como se delícias desconhecidas o comovessem numa embriaguês de sentidos; e ao perceber-se observado por Paulo, que estava calado e olhava agora interessado para N'fuca, disfarçando, bateu violentamente com o chicote nos pés da cadeira, dizendo com volubilidade:

— Olha N'fuca, manda acender as velas, e pôr tudo aceso aqui na varanda. E' logo para a ceia... Olha... eu trago ali umas galinhas assadas, mas quero que me dês daqueles doces de ovos e ananás que aqui sabem fazer tão bem.

— Ser receita do minha avó, muito antigo, dizer que é do convento de frêra, de Sena.

— ¿Tens disso hoje?

— ¡Ter muito doce sempre! N'fuca gostar de doce — e curvando-se para a Bandiná, que estava toda entregue a vêr o batuque disse-lhe:

— Cosinhêra há de sabê eu quere o comê aqui no varanda, eh!

— Isso! isso! na varanda é mais fresco. Mas ¡óh N'fuca! a ceiazinha cedo, que eu tenho amanhã que fazer — disse o Lucena, sem-cerimonia — ¡O Sousa é que devia cá estar, a festa é para êle!...

— Sousá vir. Mandar dizer, êle vir... vem com certeza.

Mas uma outra machila apareceu correndo ao longo d
muro, entrou no quintal, e os pretos machileiros para
ram na entrada da escada, e um vulto, de fato es
curo, saiu lentamente de dentro. Era o Brás Lobato. Fi
cou-se, a soprar de-rijo e, tirando o chapéo de palh
pôs-se a limpar o pescoço, o queixo, e a nuca com um pe
quenino lenço branco, e atrás dêle, Paulo viu um pret
muito magro, muito alto, ajoujado com um cêsto e pas-
mado para a dança. O Brás Lobato estacou junto da es-
cada um pouco interdito, atirou com o chapéo para
nuca, não vendo nada com a fumaceira da fogueira qu
estava a arder crepitante. Cá de cima, o Lucena gritou

— Eh! sr. Brás Lobato! — e virando-se para a N'fuca
que tinha a face parada, imóvel, sem um sorriso naquel
momento, disse:

— ¿N'anha N'fuca dá licença a um amigo? E' també
novo nestas terras, veio com *m'cunha* Paulo no mesmo pa-
quete...

N'fuca teve um estremecimento ligeiro... ergueu-se
um pouco da cadeira com ar senhoril, para observar o
recém-vindo, e então, satisfeita com o rápido exame, disse:

— Nô conhecê, mas pódi entrá, ¿ser amigo de Sousá?

— E' sim.

— Pódi entrá... logo pódi...

Então o Lucena gritou para baixo, apontando com o
cavalo marinho para a escada:

— Olhe! sr. Brás Lobato! suba já por aí para a varan-
da; venha para aqui...

O Brás Lobato assim interpelado olhou para cima, dis
tinguiu então o grupo e, rindo-se, pôs ostensivamente a
mão no nariz... mas já a Bandiná que vinha de volta, das
ordens que tinha ido dar sobre a ceia, airosa corria ao en-

contro do branco, e tôda risonha, toda a saracotear-se, conduziu-o à varanda, fazendo chocalhar os colares, as pulseiras e a rir-se para o amigo Brás.

— ¿Ora como está o sr. Brás Lobato? ¿então soube que havia festa em casa da Dona Rozário? que é esta senhora...

— Dona Rozário, apresento-lhe o sr. Brás Lobato que vem para a Zambézia dirigir o prazo de Tangalane.

O Brás cumprímentou atencioso olhando curiosamente para N'fuca que, sentada com gesto senhoril à moda europeia, o cumprimentava séria, com distinção natural...

E Paulo admirava-se... porque aquela rapariga, tinha consigo uma característica que êle nunca vira nas mulheres africanas; era uma vida interior de inteligência e de sentimento, que se espelhava na fisionomia, e que chamava, concentrava sôbre ela a atenção.

O Brás, em pé, em frente de N'fuca sempre séria, tirou então o chapéo de palha, e disse:

— Uf! que calor hoje... Oh! como está o sr. Paulo. ¿Também é do batuque? — e piscou-lhe o ôlho com intenção...

— Venho ver costumes. Isto é curioso... para um novato...

— Para dois!... para dois! — disse o Brás, e, olhando para N'fuca, continuou, apontando para o cesto que o preto tinha vindo deixar no patamar da varanda:

— Pois sim senhor! muito calor! Rima e é verdade; eu trago ali uma duziazita de cervejinhas... hein!... fresquinhas, para alguma sêde que haja por aí ¡ se a Dona Rozário dá licença! — acrescentou êle muito atencioso.

N'fuca agradeceu com um sorriso.

Mas o Paulo viu o Brás bastante pálido... êle que andava sempre tão coradaço. ¿Seria efeito da iluminação

das velas, que a Luísa começava a acender e a colocar em diferentes pontos da varanda?

Paulo não pôde deixar de lhe dizer:

— ¿O sr. Brás vem tão pálido?

O Brás virou-se para êle e respondeu em tom indiferente, abanando-se com o chapéo de palha:

— E' que tive esta manhã o primeiro acrèscimozinho de febre... eh!... não prestou para nada... foi-se com uma cervejinha...

— Hein! — exclamou o Lucena interrompendo ¡Você com febre foi beber cerveja! Você ignora que essa bebida, parecendo inofensiva ¡puxa a bilis!... ¡puxa pelo fígado!

— Ora! — respondeu o Brás — eu vi-a num copo tão limpinho, em cima da mesa, não era para mim que ela era destinada, bem sei... era para o Teixeira... mas estava tão fresquinha...

Então a N'fuca, pela primeira vez dirigiu-se ao Brás Lobato, preguntando, num sorriso delicado:

— ¿*M'cunha* ser amigo de Texêra?

— Sim, minha senhora, estou hospedado em casa dêle, até seguir para o tal prazo Tangalane.

— Ah! Texêra ser home bom — disse ela, séria.

— E' boa pessoa, é — disse o Brás e continuou: — Eu tinha-me deitado; ¡estava com uma sêde! ai que sêde!... ela estava tão fresquinha! que não poude resistir! zás! copo abaixo.

Houve um pequeno silêncio e depois continuou:

— E sabem? ¡palavra que me fez bem!... a febre passou logo, ora vejam... sem quinino, sem nada...

— Pois sim! — cortou o Lucena — faça muitas assim, e não se queixe depois. Nem Você devia andar de noite por aqui, tendo tido um acréscimo hoje.

— E' que eu não queria deixar passar a ocasião de conhecer a sr.ª Dona Rosário — disse o Brás gentilmente, dirigindo-se a N'fuca.

Mas o Lucena levantara-se de golpe, e batendo com o cavalo marinho na perna, interrompeu o Brás:

— ¡Antes belo vinho português! do engarrafado ¡antes isso do que cerveja!

Paulo agora observava que a N'fuca analisava demoradamente aquele homem robusto, já não novo, mas esplêndido de vigor, que parecia respirar saude por todo o seu forte arcaboiço.

Paulo adivinhava, lia-lhe na expressão do olhar, que aquela alma esquisita, onde havia sentimentalismos de português nas ancestrais fôrças ocultas do sangue herdado, onde se chocavam preconceitos e idéas de outras raças, brotava uma simpatia instintiva por aquele homem puro, de pupila azul, que se ria para ela galhofeiramente, mostrando uma bela fila de dentes, bem brancos e bem unidos, o Brás não sendo fumador.

— ¿Então N'fuca estás tão calada? — disse-lhe o Lucena, que se tornara a sentar.

Pensativa, N'fuca respondeu de vagar:

— Ouvi dizer a *mamane* e à tia Vitória, que avô, e pai e avô, ser assim como aquele blanco de Portugal, home oiro, olho azul, como ingrese que vai no terra que já foi de portuguese.

— Mas os portugueses de Portugal são *todos* assim — disse o Brás...

— Não! N'fuca saber que nô ser...

— Bem! é melhor talvez não discutir — disse o moreno Lucena.

Porém a alegre Bandiná tinha há muito tempo ido

buscar uma cadeira para o Brás Lobato, que se conser-vava de pé, junto da balaustrada da varanda, e que virando-se para a explanada do quintal, começou muito entretido a observar o que ia em baixo.

As raparigas tinham formado um círculo, e cantavam em côro, batendo as palmas a compasso. De vez em quando destacavam-se duas, uma atrás da outra, e diri-giam-se para o centro, dançando sempre, em posições e gestos de braços que não deixavam de ter uma certa graça, e ritmo nos movimentos, depois regressavam ao seu logar recuando, dançando sempre, e todas batiam palmas, saracoteando-se sem cuidarem algumas dos filhos que conservavam agarrados e atados às costas, com as cabecitas a rolarem de um para outro lado, assim mesmo imersos em sono profundo; ao passo que os homens, em redor e em frente das mulheres, entregavam-se com fre-nezi a verdadeiras acrobacias, onde havia saltos enormes, esgares, voltas e reviravoltas, fingindo espasmos, para re-começarem ininterruptamente nos mesmos saltos, nas mesmas reviravoltas.

Os tambores faziam um barulho ora soturno ora vivo, batidos de pancadas céleres, com os punhos e as palmas das mãos nas peles aquecidas previamente ao fogo e dis-tendidas por meio de cordas esticadas, e os homens das marimbas, por vezes harmonizavam-se com o tocador da flauta, em sonoridades que não destoavam, mas o ruído dos tambores abafava todos os outros sons.

A fogueira sempre alegremente alimentada, projectava ao alto as chamas trementes de envolta com a fumaceira acre das folhas, e, qualquer coisa de bem teatral ressal-tava dos corpos luzidios dos negros emergindo repentina-mente da treva, volteando iluminados pelos clarões fulgu-

rantes das lavaredas, que subiam alto, redemoinhando em tôrno delas como gigantescos lepidópteros, tornando a imergir de súbito na escuridão... E aquela alegria pesadamente voluptuosa dos pretos, desengonçando-se em espasmos de sensualidade bestial em frente das negras que se requebravam com langores de gatas, tinha qualquer coisa de profundamente irritante, que despertava no espectador ideas de volúpias febrís, desconhecidas...

O Brás ria-se com vontade e observava entretidíssimo o espectáculo, dizendo de vez em quando a Paulo:

— Árri! ué! ¡isto é que é o *esfrangúia* autêntico! ¡Nem nos meus tempos de rapazola quando ia aos bailes dos pretos na feira das amoreiras!

Paulo riu-se com vontade.

Ah! era verdade! Em Lisboa sempre até há anos tinha havido bailes públicos de pretos, e, mesmo antigamente, contara-lhe um seu tio, as autoridades chegaram a dar-lhes uma certa importância, uma vez por ano, e êle descrevera-lhe o casamento faustoso, que dera brado em Lisboa, da Jacinta I, eleita rainha das pretas, que até a Casa Real tinha fornecido os coches para o cortejo da soberana e dos áulicos da côrte negra...

Era um modo pitoresco de dignificar uma vez por ano as colónias. Isso mesmo acabou...

Em Lisboa havia mais de oito mil pretos livres, antigos escravos fôrros, cocheiros, caiadores, creados, eguariços, etc., malta que estacionava no Rocio e na Rua do Amparo; e elas, vendedeiras de mexilhão, de fava rica, gergelim, alcomonia, lavadeiras e engomadeiras, criadas; e até o Paço da Bemposta esteve repleto com negras. Uma preta boba, chegou a ser tão íntima da Rainha e nisso tão confiada, que não tinha respeito ao Rei D. João VI e a tal

ponto ¡que ele uma vez correra furibundo atrás dela pelas salas doiradas e adamascadas, com uma bengala à guisa de cacete para a desancar!...

Ora toda esta negraria se protegia mutuamente e elegia um chefe, em geral uma rainha...

Quando foi do casamento da rainha Jacinta I que se realizou no antigo palácio a meio da Rua dos Mouros, ao Bairro Alto, houve à noite recepção solene e baile na Floresta Egípcia ali à Rua do Colégio dos Nobres, em uma vasta casa apalaçada, que ainda lá existe...

— Ah! bem sei, em frente quási do palácio Palmela, com dois candieiros à porta...

— Isso mesmo.

— ¡Quem me dera lá agora!

— ¡Isso mesmo, digo eu também!

— Pois foi um acontecimento que alvorotou a Lisboa pacata e soturna daquele tempo.

A' noite, partia-se da Praça de Luís de Camões num *char-à-bancs*, que fazia paragem encostado à Igreja da Encarnação e por um *pinto* transportava os convidados. Na sala de baile estava armado um dossel onde a escura Jacinta I e o seu turvo noivo, deram beija-mão, e nessa solenidade foram distribuidos títulos honoríficos de Visconde de Pungo Andongo, Marquês do Bembe, Duque do Cacuaco e assim por aí fora, cujos titulares foram apresentados na Côrte...

O Brás ouvia... com um sorriso distraído, parado... Estava a olhar para a Bandiná.

A rainha Jacinta era uma pretalhona desembaraçada, vendedora de fava rica no Bairro Alto. Em tempos tinha sido criada do Marquês de Nisa.

Paulo recordava as suas conversas com o tio, que

lhe contava coisas da Lisboa estroina daqueles tempos, do tempo do Marrare-do-Polimento, e das esperas de toiros, com cavalos alugados na cocheira do *Espanhol,* ao Arco do Bandeira. Acendeu um cigarro e, encostado à balaustrada da varanda, contou ao Brás que, só o Marquês de Niza, èle só, dava mais trabalho aos caiadores pretos do Rocio, que todos os moradores dêsse tempo, porque no Carnaval, êle percorria as ruas num carro de corridas puxado elegantemente a duas fogosas e bonitas parelhas e, com os amigos, encarregava-se de sujar todas as frontarias dos palácios e casas nobres com centos e centos de gemas de ovos, que escorriam pelas fachadas, mostrando o resultado porco das pontarias às caras das pessoas que vinham à janela para os verem.

— Eram usos — disse o Brás, sempre a olhar para a Bandiná.

— ¡E era a abundância e barateza dos ovos! — disse Paulo rindo.

No quintal, lá no canto afastado onde era a cozinha geral, via-se por vezes o vulto de uma velha preta, cozinhando impassível, mexendo-se vagarosamente entre os *calangos*, tachos, e cabaças negras do fumo da lenha, distribuindo à luz de uma candeia as malgas da canja, e o corpanzil espalmado do Zuda, com o pipo de um cachimbo de gesso chegado aos grossos beiços, acocorado junto do fogo das brasas, que repartia cachaça pelos dançarinos sedentos, os quais ràpidamente emborcavam o líquido, davam um grande estalo com a língua pegada ao céu da boca, e pondo os olhos em alvo, corriam apressados a lançarem-se na infernal barulheira, delirantes e semi-bêbados...

Na varanda, as molecas e uma velha serviçal começa-

ram armando uma mesa e, sôbre a alvíssima toalha de linho inglês, foram aparecendo peças de vidraria e de louça, umas de um real valor, e outras disparatadas pelo contraste que faziam com aquelas; e a garrafa de Pôrto que Paulo trouxera, estadiou o seu vistoso rótulo branco e doirado, juntamente com as garrafas de cerveja do Brás Lobato, que o moleque António começava a desrolhar com estrépito.

A Dona Rosário, sempre sentada, dava uma ou outra ordem à Bandiná, em voz baixa, com o rosto impassível, e o Brás delicadamente pediu licença à N'fuca para mandar seis cervejas para baixo para uma menina bonita que êle tinha toscado cá da varanda, emquando fingia ouvir com atenção, o arrazoado erudito de Paulo sôbre as pretas alcofas da Lisboa antiga...

O Brás tinha feito asneira... porque a Dona Rosário olhou para êle silenciosa, semi-cerrando as pálpebras. Chamou o cafre, que veio perfilar-se diante dela e murmurou só duas palavras que ninguém percebeu, e logo o moleque saltando sôbre as garrafas desapareceu com todas... e ela virando-se para o Brás disse-lhe com brandura e amabilidade:

— Dona Rosário saber ser boa para rapariga visinha, mandar toda cervêsa de blanco, ser mais bonito. N'fuca agradece do coração a blanco o *insaguati*...

O Brás sorriu dando *sorte* intimamente, e ficou um pouco enervado, carregando a aba do chapelinho de palha para a testa...

Então N'fuca acendeu negligentemente um bom cigarro caro, e pôs a mão no ombro de Paulo dizendo-lhe a sorrir:

— Sábi! *m'cunha* Paulo! amanhã no manhãzinha vai apresentá um cosinhêro para êli... lá no Escadrilho.

— Oh! muito obrigado, não se esqueceu... ¿mas sabe quanto posso pagar?

— Sábi! N'fuca nô esquecer — e sorrindo começou silenciosa, a puxar elegantemente as fumaças do cigarro caro, olhando para a mesa, onde apareciam agora duas serpentinas de prata antigas, em alto cinzelado, e alguns pratos de louça da Índia com diferentes doces.

— Está quási a vir a canja — disse o Lucena contente.

— E Sousá? — disse N'fuca atirando com o fumo para o ar e cruzando a perna — sem Sousá não havê festa...

— Mas há já! ¿Então tudo isto não é festa? — retorquio o Lucena...

— Não!... ¡N'fuca ter coração triste, Sousá vai embora, e N'fuca vai com êle!...

O Brás que tinha ficado um pouco nervoso, olhava agora interessado o aspecto original da mesa, e seguia com prazer os movimentos airosos e provocantes da Bandiná que ia e vinha atrás da velha, a ajudá-la com respeito, fazendo sempre chocalhar muito as pulseiras e os colares. E a mulatinha por qualquer coisa se ria, deitando olhares à sucapa para o sítio onde o Brás se achava.

— Temos idílio? — preguntou Paulo ao Brás, em voz baixinha.

— Não! isso sim! — respondeu o Brás a rir — isto de idílios nestas terras de calor dá muito trabalho. O que eu queria, era aquele cintozinho de librinhas que me está a dar nas vistas, na cintura da Dona Rosário. Isso é que era um idílio.

— O quê? a N'fuca, ou o cinto?

— Ambas e duas, meu senhor, ambas, com umas cervejinhas... à fresca! ¿mas onde é que nestas malditas terras há fresco?

XVI

Paulo olhava para N'fuca que, recostada na cadeira de vêrga, de perna traçada, estava fumando com desenvolta garridice outro cigarro que tirara da cigarreirazinha de palha entrançada, bordada a missangas, presa por uma fita ao cinto *das libras*.

¡Quem diria que estava ali, que era aquela bonita e airosa mulher de côr, o monstro cruel, dissimulado e malicioso que o Teixeira tanto tinha estigmatizado naquela manhã do bom almoço, e da má língua ultramarina!... e, agora parecia a Paulo, não só mansinha, como até revelando uma distinção de maneiras, que lhe dava um feitio graciosamente senhoril...

¿Teria ela, efectivamente, qualquer intimidade com o Lucena refastelado na cadeira de vêrga, olhando para os doces que cobriam a mesa, e fustigando, no seu gesto favorito, as botas de lona branca com o inseparável chicote de cavalo marinho?

¿Não teria o Teixeira carregado demais as côres da narrativa? ¿Não seria despeito, ciumeira, rancor surdo? E a história dos papeis roubados depois de uma noite de amôr ¿não teria sido uma pura invenção para se dar ares... e excitar a curiosidade dos ouvintes?...

A Paulo parecia-lhe naquele momento impossível que aquela rapariga fôsse a cruel e despótica Dona, que o Teixeira tinha descrito... Sabia já, por o Lucena lho haver

contado, que houvera Donas, verdadeiras Messalinas africanas com prestígio e poder sôbre dilatadas terras da Zambézia; assim tinha sido a Dona Luísa, a filha do terrível Bonga, o mosungo todo poderoso, que tratara com os representantes de Portugal como de Potência a Potência, levando o descaramento ¡até ao ponto de pedir oficialmente um consul português para as suas terras de Massangano!

Quem passa no rio Zambeze, ainda vê em ruínas a forte aringa onde ela viveu como soberana, tinha-lhe dito um dia o Lucena.

Mas agora tudo isso ia acabando diante da onda cada vez maior, mais invasora, da exploração metódica e scientífica feita pelo branco, e do patriotismo português que começava a dedicar-se aos assuntos coloniais, fazendo valorizar essas riquíssimas regiões — exploradas desde o tempo de Salomão — e que ainda por assim dizer tinham o solo feracíssimo virgem de culturas em grande escala, para boa remuneração dos capitais lá empregados.

¿O que era necessário? Patriotismo e dinheiro. E Paulo tinha fé que Portugal os arranjaria, e as nossas belas colónias começariam em breve a desentranhar-se nos frutos ópimos das fortunas particulares e do Estado, como Nação Colonial de segunda grandeza, como lhe competia por tradição e conquista.

¡E Paulo, observando aquela rapariga esbelta, que fumava despreocupadamente, segundo aparentava, o cigarro de bom tabaco, parecia-lhe que ela era a exacta personificação da Zambézia antiga, a Zambézia que ia acabar!...

Sim! ¡aquela mulher de côr, um verdeiro bronze italiano da Renascença, significava o produto das diferentes

raças que preponderavam havia séculos naquela colónia

¡ Ela representava aos olhos de Paulo, a misteriosa
perturbante Zambézia secular!...

¡ Aquela mulher inteligente, bonita, desdenhada moral
mente por ser de côr, poluida pelo branco colono, ess
linda zambeziana, era a realização plástica do abandon
ignorante de Portugal pela sua explêndida colónia durant
tantos anos passados!

Erro imperdoável que êle tinha pago já bem caro, com
o sangue, com a saúde dos colonos e pagava ainda com a
contrariedades sofridas desde muito tempo pelos Govêrnos
pugnando agora em frente dos Gabinetes das Nações pel
posse, pela tradição histórica, pela vontade de civiliza
êsse património riquíssimo que tinha herdado dos grande
navegadores e conquistadores quinhentistas...

¿ Não seria possível ressuscitar, com outros meios d
acção mais progressivos, mais metódicos e mais scientí-
ficos, a faustosa opulência antiga, vaidosa e semi-bár-
bara?

¿ Não se poderia encaminhar num sentido mais con-
consentâneo com as aspirações modernas de conforto e
trabalho, aquela febre de ouro, que atacara todas as classes
sociais desde as famílias com direito a brazão e timbre de
nobreza, às mais humildes, que no século dezassete emi-
graram de Portugal para a Zambézia em busca do oiro do
Monomotapá, e que fizeram do pôrto de Sena, uma capital
riquíssima, com palácios, com igrejas e conventos, de que
ainda restam hoje ruínas memoráveis?

¿ Não haveria hoje em Portugal, Govêrnos que encaras-
sem de frente o problema colonial, e que pugnassem
numa idea levantada de são patriotismo, com as armas
scintilantes e fortes de uma forte política colonial e marí-

tima em prol da nossa independência financeira, por meio de explorações intensas de todas as riquezas coloniais?

¿A turba incognita, ávida de lucro rápido, que entregava cegamente as suas economias à especulação ousada e imoral do jogo da Bolsa, e às ratoeiras bancárias, não poderia favorecer com o seu dinheiro os capitais empregados pelas Companhias no cultivo dos vastos territórios desta província ultramarina?

¿Haveria em Portugal capitalistas corajosos para o sacrifício da demora de dividendos chorudos?

Se da metrópole não viessem as fôrças restauradoras e vivazes de ressurgimento do nosso poderio colonial, então ¡ai dos que lutavam por aqui, com o seu dinheiro, o seu esfôrço, e o dispêndio das suas energias, e da sua saúde! Porque o pior já estava feito; agora, era seguir para diante com coragem, porque se desanimassem em Lisboa, tudo se afundaria diante da fôrça cubiçosa do estrangeiro que desde anos rondava sôfrego na mira de apanhar a rica presa.

Ainda era tempo! A região já estava toda pacificada; o elemento militar tinha cumprido o seu dever e agora seguir-se ia o civil...

Mas Paulo viu N'fuca levantar-se de chofre, olhando para o lado da escada.

Tinha um ouvido finíssimo pois uma machila parava naquele momento à porta do quintal.

¡Como ela no meio do barulho ensurdecedor do batuque conseguira distinguir o ruído especial do andar dos machileiros!...

— E' *m'cunha* Sousá! — disse com convicção.

Efectivamente, no quintal produziu-se um pequeno silêncio, houve uma interrupção na dança, ouviram-se os

ha hi é! das raparigas, e ao passo que o Sousa, se apeav
apressado e sorridente, seguido de um preto com um ca
baz, N'fuca, no seu andar deslizante, com aquela oscilaçã
de quadrís, felina e graciosa, como só têm os gatos e a
feras dos sertões, dirigiu-se para a escada em companhi
do Lucena, cuja sombra agigantada se projectava enorm
nas paredes iluminadas pela claridade das velas inglesa
que êle trouxera para iluminar a varanda *a giorno*.

Atrás dela seguiram Paulo e o Brás, que aproveitou
ocasião para dar uma palmadinha no pescoço da alegr
Bandiná que estava junto da mesa colocando um bel
ananás preparado em artístico corte, e Paulo ouviu dize
ao Lucena em voz baixa:

— Ainda bem que chegaste ¡ senão, nunca mais iamo
à ceia!

Mas o Sousa subiu rapidamente a escada, exclamand
alegremente:

— Ora viva a N'fuca! Cá estou! ¡Adeus senhor Lu
cena! oh! ¡¿o senhor Brás Lobato por aqui!? ¿como vai
Teixeira? há tempo que o não vejo...

— O Teixeira anda *matias* — disse o Brás a rir se.

— Boa noite, senhor Paulo, muito gôsto em o vêr..
¿¡nunca vai ao Palácio!?

Mas a N'fuca e o Lucena preguntaram, quando êle j
sentado numa das cadeiras, se arejava com um grand
leque:

— ¿Porque veio tão tarde?

— E' verdade! ¿porque vieste tão tarde meu anjo?

— Ora deixem-me!... Vocês sabem lá!? Imagi
nem que apareceu ainda agora, o *bolha* do Guilherm
Carvalho....

— O Guilherme Carvalho! .. Já! — disse o Lucen

ıdmirado — E' verdade que a estação das chuvas está a ıcabar...

— Veio do Chinde... ¡e nem sei se veio a pé!... Pelo nenos não lhe vi machila; diz ter êste ano muito ıue fazer, que vai para o Alto Zambeze trabalhar na coninuação da geodesia, da topografia, da delimitação ¡eu sei á! uma quantidade de serviço enorme... e está com nuita pressa, de modo que me demorou com o Governaor a combinar depois do jantar, certas cousas. Quere rranjar breve, em Tete, não sei se duzentos carregadores ngonis, quere mantimentos, quere um teodolito que stá na Repartição de Agrimensura ¡¿eu sei lá o que le quere mais!?... E o Sousa encalorado, abanava-se om fôrça — ¿Dê cá um cigarro oh senhor Brás; dá? — ediu êle.

— Eu não fumo...

— Então senhor Paulo, se faz favor...

— Pronto, senhor Sousa! com muito gôsto.

— Dos teus, não gosto — disse êle para a N'fuca que ıe avançava a cigarreira... são ingleses... — Depois viındo-se para Paulo, disse-lhe:

— Obrigado! lá o encontra amanhã na Esquadrilha, ıde fará depósito de material, etc.; fica hóspede...

— Está bem — respondeu Paulo.

Conhecia bem o Guilherme Carvalho, já tinha embarcado ɔm êle, havia anos, a bordo de uma velha canhoneira, ıe fazia serviço às ordens de El-Rei, a banhos em Cascais.

Era até Comandante, ao tempo, um oficial ajudante-deampo honorário da Casa Militar. Tinha lá feito, por sinal, o arvalho, um grande reboliço com a artelharia, em exercios de tiro de combate, com a peça de *Rodízio* rachara e meio-a-meio o convés meio podre do calhambeque.

Mas a N'fuca encostara-se brandamente ao braço do Sousa, e a Bandiná, saracoteante, a sorrir-se dengosa para o Brás, ia tirando de dentro do cesto, ajudada pelo António, as guloseimas que o Manuel, o dispenseiro do Palácio, confeccionara.

O Brás, agora, todo êle era olhares para o cinto da N'fuca, que brilhava em relampejos de oiro, e inclinando-se para o Lucena, que esperava com impaciência o momento de irem para a ceia, murmurou-lhe ao ouvido

— Eh! amigo, eu vou ali abaixo, venho já... para a canja...

— Sim... pois sim, não se demore — respondeu o Lucena no mesmo tom de voz.

O Brás fez então um sinal misterioso à Bandiná, que tôda meneios e a rir-se, se aproximou, e Paulo viu que êle lhe designava as libras do cinto de gala de N'fuca, que de costas para êle, tôda encostada ao Sousa, não podia ver aquela manobra.

— Eu já ceava — disse o Lucena puxando pelo relógio, e pondo-o ao ouvido como a escutar se não estava parado...

— ¿ Vamos a isso n'anha N'fuca?

N'fuca sorriu-se, e disse simplesmente:

— Sentá tudo.

Todos se aproximaram da mesa.

O Lucena, já contente, depôs com cuidado o chicote sôbre o encôsto da varanda, bem à vista, e o Sousa rojou a cadeira.

— Não se importem, êle vem já, foi ali abaixo — disse o Lucena enfiando o guardanapo de fino linho inglês, de Bombaim, entre dois botões do *dolman* vasto.

Então N'fuca disse:

— E' melhor esperar *m'cunha* branco um pouco... vem já...

— Ora — disse o Lucena deixando cair com estrépito a colher no prato — lá temos mais demora.

Mas o Sousa, alegre, exclamou:

— ¡ Pois é verdade, meus senhores, estou aqui... e já estou em Lisboa! ¡ Olhem que já começava a estar um bocado nervoso, um bocado neurasténico, três anos seguidos na Zambézia, hein!?

Então Paulo viu uma rugazinha cavar-se rápida entre as negras sobrancelhas da N'fuca.

— ¡ Ah! bem preciso ir ao reino! ¡ quero ver a família, quero descansar! sair dêste degrêdo — continuou o Sousa.

A N'fuca olhava agora para êle, descorada, séria, e pelas suas esmaltadas púpilas negras, brilhos misteriosos corriam rápidos.

Paulo que a observava calado, teve a impressão de nelas ver de súbito, um fuzil terrível de ódio... de raiva concentrada, chispar fugaz, mas, semi-cerrando as pálpebras, ela encostava-se ao Sousa e muito junto dêle, numa voz arrastada e lenta, com uns graves bem timbrados, disse-lhe:

— Zai! ¿ Sousa nô ir no Lisboa, nô ir? e *nana nelila!?* criança chorá!... coração meu, triste... triste ..

O Sousa encarara com ela... e deu uma gargalhada compacta, dizendo entre dois frouxos de riso:

— ¿ Tu sabes lá o que é Lisboa? N'fuca duma figa!.. o Nine está muito bem, eu volto daqui a um ano... Também lá tenho uma *nana nelila* que não vejo há três anos .. ora... ora essa! era o que faltava... hein! árri!

A N'fuca ficou calada, afastou-se lentamente de junto do Sousa, respirou alto e disse:

— Ai!... ué! *m'cunha* Sousa! ¡eu sabe que Sousá va[i]
no Lisboa e nô volta.., *sermanna!* e o teu filho!

– ¿Quem te diz a ti, parvinha N'fuca, que eu não volto?
— retorquiu o Sousa aborrecido — ¡vamos à canja, anda
manda vir isso!

— Está claro! exclamou o Lucena, que brincava com
a colher, com uma certa impaciência.

O olhar de N'fuca continuava fixo no rosto de Sousa,
e o leve estremecimento das suas narinas vibráteis, denunciou a Paulo o tumultuar dos pensamentos que se lhe desencadeavam no íntimo.

Mas o Sousa não atendia a êste rugido abafado de paixão violenta, antes levianamente exacerbou-o, acrescentando com um ligeiro ar sarcástico:

— Ai!... não te faço falta! ¡tens em Quelimane muito
com quem te distraíres!...

— *Mé!... zai!* — cortou de pancada ela, com o beiço
inferior trémulo, interrompendo de chofre a fumaça do
cigarro.

— Cá me entendo — disse o Sousa sério, olhando de
soslaio o Lucena.

Lucena ergueu o pulso possante, e armado com a
colher fez um gesto irado... apontando para a N'fuca
e dizendo:

— Decididamente ficamos aqui toda a noite sentados;
tambem só agora ao sr. Brás Lobato é que lhe havia de
dar para ir passear...

Então a N'fuca chamou o António e disse-lhe nervosa:

— Eh! ir procurar *m'cunha* blanco, dizê a êle, canja
estar pronto... à espera...

— Si! N'fuca — e o António partiu diligente, correndo
pela escada abaixo.

O Lucena pôs pausadamente o guardanapo sôbre a
ıesa e levantando-se da cadeira foi até à varanda, pegou
› cavalo marinho que lá tinha deixado, e começou às
ergastadas a torto e a direito... olhando para o
rupo.

Paulo advinhava uma decidida antipatia dissimulada
ıtre os dois homens, e agora, N'fuca tôda inclinada sôbre
Sousa, em voz muito baixa, falava com grande volubili-
ade, numa torrente de palavras precipitadas que sussur-
wam com um murmúrio contínuo entrecortadas de ex-
amações...— *ué!... maiôca! zai!... amalà!* — que o
aulo não percebia... mas que se deviam referir ao Lu-
ena, porque ela olhava repetidas vezes para êle, que
tava agora a fustigar as botas de lona no seu gesto
vorito.

Por fim, os olhos abriram-se-lhe desmesuradamente e
cando com os dedos no braço do Sousa, silencioso e
ismurro, preguntou-lhe negligentemente, fazendo, com o
edo mínimo, saltar a ponta de cinza da cigarrilha:

— ¿Quando ir Sousá no Lisboa? quando embarca
ıquete?

Ai! ¡o mais cedo que poder, rica filha! Naturalmente
te mês ainda, talvez no mesmo vapor que trouxe o Gui-
erme Carvalho — disse virando-se para Paulo; e olhando
ra ela, continuou:

— Deixa estar que te deixo uns *quinhentos* para o Nine.

Mas N'fuca respondeu arisca:

— Havê muito comê no casa de N'fuca, nô precisa...
! quem cuidará de mim!... ¡*M'cunha* Texêra ir levantá
ıestão outra vez!... e N'fuca ficá sem *luane* ..

— ¿Como sabes isso?

— Sábi... N'fuca sábi tudo...

— Ora não tenhas medo! A Câmara não volta à ques
tão; há negócios mais importantes a tratar.

— Nô... *m'cunha* Sousá! N'fuca sábi... Luisá fal
com cozinhêro de Texêra.

— Ora! melhor! — disse o Sousa enfadado. — ¿Ess
Brás não aparece?... oh! Lucena, chegue-se! N'fuca
chama a Bandiná, vamos a isto ¡agora não quero saber d
mais nada!...

— Nada!... nada! — repetiu N'fuca como um éco
tornou-se tão pálida, dessa palidez terrível da gente de côr
que Paulo percebeu então a fôrça do drama obscuro qu
despontara naquele coração ferido...

Mas N'fuca, sorrindo já, chamou alto:

— Eh! Bandiná! trás o canja...

Então o Lucena, veio sentar-se resmungando:

— ¡Julgava já que isto ficava para amanhã! ¡Vamos
isto sr. Paulo, que é uma pressa!

Palavras não eram ditas, quando súbito foram todo
surpreendidos por um estrondo de tachos partidos, caquei
rada a estalar, seguido de um tropel de passos revolto
dominando um barulho insólito...

Todos se levantaram de golpe da mesa correndo par
a varanda, e Paulo enxergou em baixo, junto ao canto d
muro de adobe, onde estava o caniçado que forrava a co
zinha do pessoal do *luane*, por entre a fumarada da fo
gueira, um grande reboliço...

O círculo das mulheres que dançavam tinha-se des
feito, e as raparigas, atarantadas, corriam de um par
outro lado do quintal, pisando-se, agarrando-se, largand
no chão panos e lenços num pânico doido, a guinchar,
ganir, a chorar... Depois, atropelando-se, enfiaram par

saída e desapareceram num relance nas sombras da
oite. Isto durou um momento, e Paulo viu saltar do
eio da treva o Brás Lobato, sem chapéu, o colarinho da
amisa rebentado, à bofetada e ao pontapé a um pretalhão
to, esguio, magro, que agilmente pulava na sua frente
rmado com uma *kata* na mão direita e uma garrafa de
ager-Bier na esquerda, e, em redor, panelas e tachos
caqueiravam-se num remoinho. Atrás das panelas que
bolavam, aparecia a velha cozinheira, com as mãos a
ertarem a cabeça, sem largar o cachimbo de lata de
tre os dentes, aterrada, a uivar como hiena com fome
nto de cemitério murado...

Então houve uns momentos de verdadeira confusão,
mentada pelo extinguir rápido da luz da fogueira, que
apagou quási repentinamente. Dir-se-ia que alguém
e tinha deitado um grande cesto de terra, no propósito
a apagar.

¡ Foi uma scena fantástica !

Pareceu então a Paulo ver os negros saltando sôbre
garrafões, garrafas de vinho e restos de comida, e des-
arem pela parede do quintal como sombras, e num ins-
nte, malgas de arroz, copos e panelas, tudo desapareceu,
m o ruído de uma tromba devastadora, entre gritos sel-
gens. Depois, na treva, um silêncio profundo caíu, pe-
do; apenas um músico junto das brasas da fogueira,
ntinuava tamborilando numa *butaca*, indiferente a tudo,
anando continuamente a cabeça para um lado e para
tro ¡ bêbado como um cacho !...

N'fuca dera um grande grito de indignação... agarra-
-se à varanda com as mãos crispadas no peitoril, e o
usa furioso exclamou:

— ¿ O que é isto ? ¿ que pouca vergonha é esta ? — e ao

mesmo tempo, com o Lucena, que empunhava como u
herói da Cavalaria, o chicote de cavalo marinho, à guis
de gládio flamejante, desceram a escada de tropel, segu
dos de Paulo, que logo ao sair, em baixo, apanhou um
grande canelada que o fêz *ver as estrêlas* com a do
Qualquer trave em que esbarrára, cego como ia atrás d
Sousa. ¡Berrou uma portuguesíssima interjeição!... a
passo que o Sousa atirava um formidável pontapé às pe
nas do músico que continuava bamboleando a cabeça
que logo caiu de bôrco em cima do tambor, rolando am
bos no chão.

Agora do lado da cozinha apareciam rôlos de fumo qu
subiam de dentro do caniçado. Correram para lá, e v
ram o Brás Lobato sòzinho, tentando apagar um fogo in
cipiente na lenha amontoada a um canto, a que o brasid
do lume e alguma acha incendiada tinham pegado fogo qu
já lambia a parte de trás do caniçado.

O Brás viu-os e exclamou:

— Raios o partam! ¡agora lá vai a cozinha da N'fu
pelo ar!... ¡que pouca sorte com que tenho andado hoje
mas que marotos!

— ¿Mas que foi isto *seu* Brás? Você aqui? Vam
já apagar isto que pode ser pior ¡um fogo aqui não
brincadeira!

E o Brás, atirando com terra para cima da lenha, f
explicando:

— ¡¿Então aquele preto não estava a contas com a
minhas cervejas?! ¡e depois a patifa da mulatinha já tinh
caçoado comigo! ai! coitadinha dela!... se...

— ¿¡Ora você vem para aqui *fazer lenha*!? — interrom
peu o Sousa indignado — mesmo nas barbas da Polícia..

Mas o Lucena correra ao poço e trouxera de lá um

elha de água que entornava para cima do fogo incipiente
o Sousa, ajudado agora pelo Brás, atirava com os pés
nais terra para cima do brasido, ao passo que o Lucena
nurmurava continuamente :

-- ¡Isto é falta de cavalo marinho! não há nada melhor!
ado a proposito nestes patifórios... ah! grande chicote!

Na varanda, as mulheres tinham desaparecido amedron-
adas, não se esquecendo contudo de levarem as velas e os
ratos de doce, e agora na treva o silêncio era absoluto.

Então ouviram-se violentas pancadas na porta de entra-
a do quintal, que alguém fechara, e gritos de ameaça.
s três correram para lá e Paulo, que chegara primeiro
unto da porta, diligenciou trancá-la, porém naquele mo-
nento ela, empurrada de fora com toda a fôrça, abriu-se
iolentamente e veio bater-lhe em cheio na barriga e nas
nãos...

— Irra! — gritou êle — ¡já é a segunda... esta noite!

O Sousa saltou para a frente no escuro, e foi neste
nomento que soou o estampido de um tiro e se ouviram
ritos, correrias...

— ¿¡Quem é que atirou?! — gritou o Lucena cosido
om a paliçada da entrada, pronto a desfechar um
errível golpe de cavalo marinho no primeiro que entrasse.

Então, em frente da porta, apareceram os vultos de três
pais, de cofió e sabre à cinta que alguém tinha ido cha-
nar ao Quartel de Quelimane.

Mas pararam estupefactos ao reconhecer o Sousa, e
go, impassíveis, fizeram a continência ... Então êle
rioso, berrou-lhes em cima das caras. .

— ¿Que vêm Vocês fazer aqui? gira já daqui para fora¡
— ¡ Siô... barulho no tasco!
— Hein! na tasca! ¡¿isto aqui é tasca!?

— ¡ Ser o que dizê nosso sargento do Qualtéle !

— ¿ Quem é que disparou um tiro ?

— Comandante ! no sábi ! tiro de dentro do casa.

— De dentro ! ?

— Si, comandante !

— Mas aqui ninguém entra ! — replicou o Sousa, agora ainda mais furioso — esta casa é minha ! ouviram ! prendam em meu nome todos os pretos que encontrarem por essas palhotas próximas em volta do *luane ;* preciso saber quem deu o tiro e quem fez o reboliço... Agora safem-se... ¡ aqui ninguem entra ! esta casa é minha !

— Siô .. sim ! e os três sipais fazendo a continência logo desapareceram na sombra, desiludidos de também apanharem alguma coisa na balbúrdia.

— Bem... oh Sousa, a gente vai-se embora — disse o Lucena enervado.

— Eu necessito ir para a Esquadrilha pôr a canela de môlho e doi-me a barriga — disse Paulo – mas, oh senhor Brás a final ¿ o que foi isto ? preguntou Paulo ao Brás que socegadamente, limpava a testa do suor, e se dirigia para a saída, como se tudo aquilo não fôsse nada com êle.

Já de bom humor, êle riu-se murmurando:

— ¡E eu nem ao menos a canja provei ! oh Sousa ¡ Você desculpe... mas eu tinha ido conferenciar, hein ! com uma mulatinha bonita que andava na varanda toda saracotices e meneios .. para lhe dizer se ela não desejava ter um cinto de libras como a patroa, ela já tinha dito que sim... pudera !... e a rir-se, a mostrar umas covinhas nas bochechas... conduziu-me para uma palhota tôda catita... que rico cheirinho a água-de-Colónia e... a catinga que lá havia... hein ! mas à porta, depois de eu já ter entrado no palácio, ela pondo um dedo na bôca garota,

recomendar silêncio, fez-me sinal para eu esperar... e esapareceu... e eu à espera... à espera... e ela sem parecer, até que, já aborrecido de estar a olhar para o eto, e às escuras, saí da palhota e dirigi-me, por acaso, ara onde estava o gentio, e dei com a cozinha e espreitei or detrás do caniçado assim por simples curiosidade, ein!... E vejo então, a patifória, acocorada numa es-eira, a beber as minhas cervejas, juntamente com um preto elho, e mais um rapazola esguio, com certeza já bêbado, orque o maroto ao ver-me, por entre as ripas do cani-ado ¡teve o arrôjo de me deitar a língua de fora! por roça! Ai, menino, que tal fizeste... Você desculpe Sousa, nas eu já não estava bom... veio-me uma onda, arrom-ei o caniçado e saltei à *bolacha* ao preto, que fugia diante e mim como um gamo... o resto já sabe ¿Que diz Você isto *seu* Sousa? Você desculpe, eu peço muita desculpa , tenho que vir cá amanhã apresentar as minhas descul-as à Dona Rosário. Ah! estou muito comprometido com sta senhora... ¡Demais era a primeira vez que vinha de isita e convidado por um amigo!... fui transtornar-lhe a eiazinha.

— Pois claro!—bradou o Lucena—Você foi maçador.

O Sousa ouvira-o calado, desconfiado; estava a pensar aquela scena do tiro; aquilo é que era sério: os pretos ão tinham armas... ¡¿então!?...

— Isto aqui há qualquer cousa de grave, de que Você, *eu* Brás, foi o pretexto. Hei de ver se indago esta coisa; u ando desconfiado da N'fuca... não é boa peça.

— ¿Onde estarão agora os machileiros? queria ir-me mbora — disse Paulo apalpando a barriga dorida.

— Devem estar escondidos por aí; se não foram presos - disse o Lucena — Estes macuas em ouvindo um tiro fi-

cam prontos — e todos menos o Sousa, saindo à estrada começaram assobiando, ameaçando, chamando num côro original, sob o cacimbo quente que estava já a cair enevoando a paisagem, pondo-lhes calafrios nas costas, e preparando-lhes uma febrinha mansa, para dali a uns dias diminuir-lhes nas suas veias os glóbulos vermelhos do sangue, dêsse sangue generoso e rico das suas mocidades oferecidas em holocausto ao serviço das colónias, só pelo comer... que para pouco mais se ganhava.

XVII

Paulo sentiu bater à porta do quarto, e logo ouviu a voz branda do moleque a chamar respeitoso:

— Siô!... Siô!...

Estava sentado à pequena mesa do vasto aposento e escriturava naquele momento a Conta do Material do *Chirua*.

Já cheio de calor, apenas com uma leve camisola sôbre a pele suada, escrevinhava na pressa de mandar a correspondência para o chefe da *Divisão*, agora a bordo da corveta *Afonso de Albuquerque*, em Lourenço Marques, comandada pelo *Neptuno-e-Barbas*, como lhe chamavam com irreverência os oficiais modernos, porque as *penosas*, que eram os guarda-marinhas de primeira estação, êsses, à medida que os meses fôssem decorrendo monótonos, iriam tirando letras ao *Neptuno*, e assim, ao cabo de seis meses, ficaria apenas com a letra *U*, de modo que depois chamar-lhe-iam o almirante *U-e-Barbas*...

E era irreverência na verdade, porque êle tinha o estôfo do bom marinheiro, pronto a ir para o mar do canal fizesse o tempo que fizesse... Conhecia bem todos os cantos da traiçoeira costa. Era da escola antiga com respeito a confortos e mimos para a guarnição e, todos os dias, depois de jantar, despejava a sua garrafinha de genebra, a sós na câmara, no isolamento da sua alta hierarquia militar, cofiando as suas compridas barbas grisalhas e respeitaveis.

Paulo estava escrevendo em um amplo aposento iluminado por duas janelas, uma que dava para uns terrenos vagos da Câmara, terminando na casa do Teixeira, e a outra para o terreiro que enfrentava a casa da Esquadrilha, avistando-se dela a rua das Acácias tôda florida e verdejante.

Por mobiliário possuía simplesmente o indispensável, e êsse de uma austeridade e simpleza dignas de uma cela de frade pobre. Tinha uma cama de ferro com armação para suspender o necessário mosquiteiro, o qual, não obstante, deixava passar as cinco variedades de mosquitos que apareciam à noite e dos quais o mais terrível, para Paulo, era o *pardo manso,* o que tem um anel branco nos quatro últimos artículos dos tarsos e que dá uma picada muito dolorosa; duas mesas, servindo uma de secretária, e a outra onde estava atarraxado com parafusos o *cofre*, que era uma pequena caixa de lata fechada com um cadeado... uma mesinha de cabeceira, e ao fundo uns cavaletes onde, sôbre tábuas soltas, assentavam os eternos companheiros da vagabundagem oficial — a caixa de lata dos uniformes, as maletas, o saco de lona e o moringue alceado.

Ainda havia pregada à parede, por cima da mesa-secretária, uma prateleira com alguns livros desirmanados de uma extinta biblioteca de Tete, alguns cabides de madeira, e... mais nada.

Ouvindo bater à porta, interrompeu a escrita.

— Que queres?

— *Insaguati*, siô! — respondeu o preto da banda de fora.

— Empurra a porta, entra!

Então Paulo viu entrar o moleque, devagar, trazendo com cuidado nas mãos postas em concha à altura do peito,

uma tigela de louça branca, coberta com um pano, e atrás do moleque, tendo aproveitado a *sota* de estar a porta aberta, quatro machileiros, entraram também ajoujados com uma grande banheira de zinco, redonda, cheia de agua, a olhar curiosos.

—¿Então o que é o *insaguati?* — preguntou Paulo admirado de que alguém lhe mandasse presentes.

O moleque aproximou-se da secretária e destapou com cuidado a vasilha de louça branca, onde Paulo viu um líquido grosso, esverdeado, esbatendo-se junto das paredes côncavas da tigela num amarelado côr de canário e, nesse líquido espêsso, boiando uma fruta de polpa verde escura do tamanho de uma laranja grande.

Chegou a tigela ao nariz. Tinha um cheiro a óleo rançoso... acre... antipático...

—¿Diz o que é?—preguntou Paulo, ao preto, com ar desconfiado.

O moleque, velhaco e impassível, como todos os negros sempre que estão na presença, e sob as ordens dos brancos, respondeu apenas:

—Siò... ser *achar de manga.*

Paulo fez um trejeito com a bôca.. Desaprovava no íntimo que lhe mandassem coisas para comer.

—Bem — disse—põe na casa de jantar; eu não provo isso sem falar com o sr. Lucena.

—Si, siô!

—¿Mas quem é que mandou êsse petisco, a final?

—N'anha N'fuca.

—Ah!... muito bem, põe lá no aparador da casa de jantar; logo ao almôço irá para a mesa.

—Si, siô ..

O preto saiu, fechou a porta e Paulo entregou-se outra

vez ás locubrações da Conta do Material, molhou a pena no tinteiro e pensando na N'fuca, começou a escrever no livro que tinha na sua frente:

«*2.º Depósito — Artigo — Escovas de piassaba com cabo — Unidades, seis — Existência, seis — Soma, seis — Dispendido, três — Saldo para o mês seguinte, três.*»

E escrevia isto num *incunábulo* gigantesco, impresso na Imprensa Nacional de Lisboa, que poderia servir durante seis meses para a escrituração de um grande couraçado de esquadra, em longa comissão de serviço.

Pousou a pena. ¿Para que lhe mandaria a bonita N'fuca *insaguati* de achar de manga? ¡Talvez tivesse sabido da canelada forte e da barriga dorida!

¿O que queria ela?

Depois do insólito chinfrim no *luane*, Paulo, com a canela e a barriga contundidas, tendo, em seguida a muito chamar, conseguido que aparecessem o Sambô e os seus companheiros, metera-se na machila sem mais explicações e abalara aborrecido para a casa da Esquadrilha, deixando o Lucena e o Sousa a discutirem com o Brás Lobato o caso do preto bêbado e atrevido.

Soubera depois que os dois se tinham separado friamente, e que, em casa do Teixeira o Brás se fartara de rir, e a clássica má língua arranchara contente com os convivas das refeições, tendo por tema o batuque do Chefe da Polícia.

O Lucena regressara de muito mau humor, sem ceia e sem o capacete de lona, prometendo pelo caminho duzias de vergastadas de cavalo marinho a todos os pretos das altas e baixas Zambézias, e o Sousa recolhera-se sombrio e casmurro à casa do *luane*. E nada mais sabia.

Paulo, distraído, pegou outra vez na pena, para encher

umas *letras* para a Repartição de Contabilidade do Ministério da Marinha, contou o dinheiro, foi arrecadá-lo na pequena caixa de folha de ferro, atarraxada por quatro parafusos à mesa pequena junto da parede do canto, e voltou pachorrentamente para a secretária. Quando ia a passar em frente da janela que dava para a rua, viu aparecer, dos lados do Palácio, o Guilherme Carvalho.

Vinha andando com o seu passo habitual, ligeiro e vivo, vestido de branco, sem colete.

O casaco comprido, todo desabotoado deixando ver o cinto inglês que prendia na cintura as calças largas, flutuava a cada passada, demasiado largo para o seu corpo robusto e enxuto de carnes.

Com um chapelinho de palha na cabeça, os ombros um pouco subidos, o peito um pouco metido para dentro, êle vinha assobiando baixinho uma cançoneta em voga nos teatros de Revistas de Lisbôa, lançada por uma actrizita que começava a ter voga, a Ausenda, e que tinha *calhado* no favor do público.

Paulo largou imediatamente o trabalho, chegou à janela e cumprimentou com agrado.

Logo dos degraus do terraço êle falou com voz fina, levemente irónica:

— ¿Você dá-me hospedagem por três dias? Cá estou para outra campanha, são mais uns centímetros quadrados na Carta... ¡isto tem de ser! ..

Paulo vestira ràpidamente o casaco e saíra à casa de jantar para o receber.

— ¡Ainda o não pude ver! — disse Paulo.

— Não admira! Você naturalmente levanta-se tarde, eu tenho muita coisa a tratar... também já não vou a contra-almirante... meti-me nesta coisa da cartografia...

estou arrumado para muito tempo, e penso que faço trabalho útil.

— Ah! com certeza — murmurou Paulo convicto e respeitoso.

O Carvalho atirou com o chapelinho de palha para cima duma cadeira, e pôs-se a fazer *blague* da cara do Paulo.

— ¡ Você está com outra cara! ¿ Você lembra-se daquela noite, no Tavares, em que se lavou com *Champagne* a careca do Bagadinhas e que a Pepa lhe foi dar um beijinho no alto da cabeça num lobinho que êle lá tinha ?...

Paulo riu-se. Lembrava-se donde primeiro conhecêra o Guilherme Carvalho: tinha sido a bordo da canhoneira *Guadiana* em Cascais, comandanda pelo Pedrosa-dos-Cordões.

O Pedrosa era ajudante honorário de Sua Magestade, e quando a canhoneira vinha a Lisboa, mandava sempre arriar a bandeira, até tocar com a tralha na grinalda da pôpa, ao passar em frente do Palácio da Ajuda, e então os rapazes diziam entre si:

— Lá falou Sua Magestade agora para o ajudante de serviço: «— Olha tu, vês?... lá vai o Pedrosa-dos-Cordões!»

Mas na *Guadiana* o Guilherme Carvalho pozera em polvorosa a artilharia de bordo, e conseguira rachar o convés com o choque violento do recuo dos reparos com tiros de combate, e foi então que se meteu numa áspera polémica consigo próprio a-propósito das vantagens e desvantagens da artelharia Canet e da artelharia Armstrong.

Uma revista técnica tomara conta do assunto, e se, aparecia um artigo firmado com as iniciais G. C. defen-

dendo o sistema Armstrong, logo no número seguinte atacava o senhor C. G. o sistema Armstrong e defendia o Canet, e a crítica era tão scientífica e reveladora de profundos estudos matemáticos e balísticos que o *Material de Guerra* passou a encavacar e já havia partidos e polémica rija, mas a controvérsia acabara do seguinte modo:

«Terminando, resta-me dizer que, independentemente da simpatia por um ou outro material, faço votos para que a nossa Marinha nunca adquira material inferior ao material Canet. ¡Tal material, como o do Armstrong não envergonha a marinha que o empregar!»

Porém o Guilherme de Carvalho já se tinha ido sentar numa cadeira de lona, e cruzando a perna, avisou com voz fininha que haviam de chegar dali a bocado uns pretos com umas caixas e uns tripés, e pedia o favor de mandar pôr tudo no quarto.

— ¿Então mais um passeio pelo mato? — preguntou Paulo com curiosidade.

— ¡Não está mau passeio!... Agora vou entrar em pleno Zambeze misterioso. Esta Zambézia, nos últimos anos tem sido trabalhada por geógrafos, a tiro, com o auxílio dos nossos valentes marinheiros e soldados, corajosos e briosos nos combates, sofredores nas marchas, e agora venho eu com o teodolito, o sextante, a bussola e com muita *soda-water*, devassar a treva da configuração e dos limites dos rios e das terras, fazer geodesia, emfim... No ano passado fui até ao Missale; este ano fico por aqui perto, pelo Kabora Bassa. O mapa da África ainda está muito cego... nomes trocados, distâncias mal marcadas algumas com erros de dez milhas! mas já faz alguma diferença do *Atlas Novo*, de Pedro Weinder, e dos primeiros mapas, desde o de Abrahão Ortelio, passando pelo

Atlas de Sansonio, até ao mapa da *Cafraria Lusitanis* onde toda a carta da Africa traz arvorada a Bandeira das Quinas. ¡ Bons tempos!

Calou-se um pouco e depois concluíu :

— Nem ao menos em 1891 arranjámos uma faixa de caminho de Angola à Contra-Costa, como era o ideal dos Govêrnos desde tempos remotos. Foi pena! E' verdade que abandonámos muito a Africa... ah! aquela India fez-nos muito mal... e depois o Brasil. Quando a Europa se arrojou para o continente Negro, é que nós vimos o perigo e começámos a defender os bocados que ficaram do banquete, e Você sabe que comer e coçar... Daqui em diante mais do que nunca, precisamos ter muito tento nestas questões de política colonial referentes ao nosso património das antigas conquistas Em Portugal actualmente pouca gente percebe alguma coisa disto... Imagine Você que há cinco anos apenas, isto é, em 188.. um ministro da Marinha e Ultramar despachava um paróco para Tete ¡ com obrigação de lecionar diariamente a infância no Zumbo! a uma distância de mais de sessenta léguas, levando quinze dias de caminho ..Hein? que lhe parece?

Paulo riu-se ¡ êle mesmo, há pouco tempo, sabia lá onde ficava o Zumbo!

— Isto agora parece que vai mudar um pouco, continuou o Carvalho. A região está tôda pacificada, nem já o terrível Gungunhana mete mêdo, mas ainda está muita coisa por fazer, ponto é que em Portugal queiram olhar pela nossa Africa — rematou.

Levantou-se da cadeira onde estava sentado porque os pretos apareceram à porta da casa de jantar, carregando as caixas em que êle tinha falado.

— ¿ Você faz favor, ajuda-me aqui a ver êste teodolito?

— Cuidado com isso! — gritou para o negro que o conduzia...

Os pretos deposeram com cuidado no chão as caixas, dois tripés, e uma régua de mira.

O Guilherme de Carvalho agora ia e vinha açodado, conferindo as caixas; depois, consultou o relógio e exclamou:

— Ainda é cedo ¿quere Você vir daí para êste terreno ao lado, que é horizontal, ver se esta mira está bem graduada?... Venha cá.

— Pega nisto! — gritou a um dos pretos, pondo o chapelinho de palha na cabeça.

Paulo seguiu atrás dêle com um dos pretos que transportava a caixa do teodolito e, emquanto iam descendo os três degraus da entrada da casa, o Carvalho preguntou:

— ¿Você sabe o que é o *Kaborabassa*?

— Sei... é lá para cima de Tete onde começam os rápidos e onde acaba a navigabilidade do Zambeze.

— Isso mesmo... Pois eu vou pelo rio acima... sim! e como não há água para as embarcações... vou a pé enxuto... ou não enxuto, é simplesmente isto e mais nada...

— ¿E os crocodilos? — disse Paulo, rindo.

— Não deve haver *lagarto*..., não há pasto para êle... é tudo pedra.

Já no quintal, abriu a caixa. Era um teodolito *Troughton* em explêndido estado de conservação.

Pegou numa fita métrica e disse:

— Ora faça favor, segure-me aqui a extremidade desta fita de tela... bom! assim! E abalando a correr com o estojo, foi desenrolando a fita até marcar no terreno precisamente horizontal uma distância de cincoenta metros.

— Mande-me cá o preto com a mira — pediu.

Espetou no terreno a mira, endireitou-a, e veio açodado, de volta, enrolando a fita.

— ¿Você sabe que o Livingstone em 1858 não pôde desvendar o *Kaborabassa*? Teve que voltar para trás por falta de recursos. Pois eu vou tentar fazer o que Livingstone não pôde fazer... porque se fiou no preto.

Emquanto isto dizia, cravou o tripé, e assentou-lhe o teodolito, horizontalizando-o cuidadosamente com os parafusos.

— ¡Os pretos vão chamar-me doido!... como também chamaram doido ao doutor Livingstone naquela época; mas agora os meios são outros... os pretos é que estão na mesma. Em todo o caso é aventura, por causa dos mantimentos; creio que para ali não deve haver nada que se côma, aventura é... não sei quantos dias levarei na passagem.

— Ai! isso é! — disse Paulo, e acrescentou baixinho — ¡Eu gostava de ir também na aventura!

— Oh! não! — disse êle — já tenho o pessoal que necessito. Você sabe, isto de andar pelo mato com muitos brancos não é bom... dois, o máximo três. O resto, machileiros, carregadores e sipais caçadores. Veio de Lisbôa comigo o Luís Conxo ¿Você conhece? creio que é do seu curso... êle toma conta e dirige o mantimento, o material, a construção das marcas e muita coisa mais, eu observo, calculo, resolvo os *milandos*, olhe que talvez sejam mais de duzentos pretos a aturar.

Mas a régua de mira estava agora bem iluminada pelo sol, o Guilherme Carvalho apontou, depois de diversas rectificações, o fio central do rèticulo da luneta ao traço médio da mira, distante um metro e meio da base

la régua, tendo verificado previamente se a luneta tinha paralaxe óptica.

Paulo foi também observar pela ocular a coincidência os fios do rètículo com as divisões da mira.

O Carvalho fez então as *leituras estimadas* das projecções dos fios do rètículo, apontou-as num caderninho e capa de oleado que tirou da algibeira, fez a soma, tomou a média da distância da mira ao foco anterior e, como distância focal da objectiva era pequena desprezou a orrecção do valor de $^3/_2$ da distância focal principal e sse:

— Não está mau, mas cincoenta metros não é nada — to foi para *experimentar a mão*...

Virou-se para Paulo a agitar na mão o caderninho de pel de oleado:

— Eu já pedi duzentos *angonis* de confiança ao Governador, que é para me aparecerem metade... ¡ Ninguém quere dar carregadores! Alguns já me conhecem ano passado, quando largaram o serviço, estavam mais rdos do que quando tinham entrado... Desta vez, m certeza vai ser mais violento; só com muito boa vonde, e com muito amor a esta coisa da geodesia e da tografia... Emfim, são mais uns centímetros quadrados na rta do rio Zambeze de Tete á Chicoa...

— Mas—disse Paulo — pelas estradas já se vai bem, io que em quatro dias por caminhos de machileiros e rregadores...

— Estradas!? estão ainda em projecto! a de Tete a rt Jonhson, a de Tete à Angonia e a de Tete a Boroma apenas caminhos de comunicação limpos de maior mato no para o Barué, para o Chiôco, para a Chiranga, Cachoa e Zumbo. ¿ Você não sabe que os pretos, se en-

contram uma grossa arvore caída através do caminho não a arredam, contornam-na até entrar outra vez no pé posto?

Tornou a olhar para o teodolito e para a mira e disse:

— Vou antes empregar a luneta analática; assim tenho imediatamente com uma só leitura a distância referida ao centro do instrumento...

— ¿Você sabe o que quere dizer «*Kaborabassa*»? preguntou a sorrir-se.

— Eu não.

— Quere dizer «apodreceu o trabalho». Em chegando ali os *manamosi*, os *marimos* e os *cadamecos*, descançam... «Apodreceu o trabalho», dizem, significa «não se trabalha». Isto é tradicional, é secular... já vê, agora aparecem lá uns brancos malucos a quererem subir o rio... pelo rio, isto deve fazer-lhes uma certa confusão. Os *manamosi* são os remadores das *almadias,* o *marimo* é o patrão e o *cadameco* o piloto.

— Não sabia.

— Então é porque anda pouco no rio.

— Ainda estou por aqui há pouco tempo, e a máquina do «Chirua» está encalhada nas oficinas navais; andam lá a procurar um *giffard* que nunca aparece.

— Oh! oh! — disse o Guilherme Carvalho levando a mão á cabeça — vamo-nos embora, que o sol já está a apertar connosco, toca a guardar tudo isto. Em seguida, activo e ágil, começou a arrecadar os instrumentos nas caixas que os moleques carregaram para dentro de casa.

— Agora, vou lavar-me e vou almoçar com o Governador, falaremos sobre assuntos relativos à missão geodésica. Até logo, amigo Paulo... cuidado com a caixa do teodolito... hein!

— Esteja descansado.

— E' provável que venha à noite tomar umas alturas de estrêlas... para *fazer a mão* no sextante... até logo

— Adeus.

— Olá ! — exclamou o Lucena que vinha entrando na Casa da Esquadrilha com o chicote pendente do pulso por uma pequenina correia.

— Adeus Lucena, até logo, vou para o Palácio — disse o Carvalho e seguiu a passo largo, ágil sob a soalheira intensa, de chapelinho de palha derrubado para a testa.

— Olhe lá ! — chamou solicito o Lucena—tem aí a minha machila ás ordens ¿ não aproveita ? Não vá ao sol !

Ele respondeu já longe :

— Obrigado ! não quero ! preciso acustumar-me ao sol — e dando aos braços desembaraçado e leve, desapareceu em direcção ao Palácio, fazendo *blague* do oferecimento da machila, com um sorriso irónico cravado nos beiços finos, e o casaco a abanar a cada passada, demasiado largo para o seu corpo robusto, enxuto de carnes.

XVIII

— Pois não sabe? — exclamou o Lucena entrando na sala de jantar e arremeçando com o chicote para cima da mesa posta para o almôço. Em seguida, tirando o capacête de sobre a cabeça encalmada, respirou alto e repetiu:

— Ora sabe lá?!

— Também o amigo não sabe uma coisa que poucas vezes me acontece, e que me sucedeu esta manhã — disse Paulo.

— O que foi?

— Um presente... um *insaguati*.

— E de quem?

— Daquela senhora Dona Rosário, de cuja festa eu ainda aqui tenho uma canela dorida para lembrança.

— Ah! sim!? Bravo! já tem presentes da Dona Rosário... Veja lá se o Sousa sabe...

— Só se eu lho disser; se acha que há inconveniente... não lho direi... eu pouco me avisto com êle.

— Então o que foi?

— Disse o moleque, o velhaco do Afonso, que era *achar de manga* ¿ isso é coisa que se possa comer?

— Sim, não é mau, vai bem com arroz, como o caril; é comida da Índia.

— Olhe, está ali naquela tigela, provaremos logo.

— Mandou fazer arroz? quere dizer, cozer arroz?

— Eu não... sabia lá disso, mas talvez o Afonso dissesse ao cozinheiro ¡ E verdade, outra surprêsa! já tenho

um cozinheiro tambem arranjado pela Dona Rosário ¡ coitada! não me esqueceu ¡vê... que eu tenho partido com ela!

O Lucena riu-se.

— Tem partido, tem, mas faltam as libras e os presentes ricos — e, parando no meio da sala continuou:

— Pois amigo e senhor Paulo, depois da festa que acabou tão mal, houve o diabo a quatro na casa do *luane*. O Sousa, creio que queria saber como foi aquela coisa do tiro, zangado com o destempêro do Brás Lobato, acabou por dar uma sova tão de respeito na N'fuca que ela ficou sem se poder mecher...

— ¡ E' verdade, aquele tiro é inexplicável! ¿O amigo foi já hoje ao *luane*?

— Não, talvez vá lá, mas é logo á noite .. ¿e depois diga Você, se não são ciumes? houve scena .. ¡ coitada!... O Governador não gostou nada quando soube da patuscada, foram dizer-lhe que até tinha havido tiros, gente morta, um grande incêndio... Estando lá o chefe da Polícia, já vê o *sarilho*...

— ¿ Mas como é que o amigo soube isso tudo?

— Pela Bandiná; encontrei-a na machila da N'fuca, ... não me quis dizer onde é que se dirigia... Muito comovida, disse-me apenas que ia dar um recado a um *mosungo* da parte da Dona Rosário, que estava adoentada... porque o Sousa lhe batera muito...

— Sério?... Que cavalheiro será?

— Não sei, que não tive tempo para indagar. De mais, estava o amigo à espera de mim para almoçar. Ah! mas isso sabe-se... ora tenho de mim para mim que aquele banzé não foi vulgar, aquele atrevimento com o Brás Lobato... a Bandiná é muito esperta, ela não diz tudo o que sabe...

O Lucena respirou fundo e deu alguns passos em direcção á porta do quarto, com o capacete numa das mãos e o chicote de cavalo marinho na outra; parecia que queria falar mais expansivamente, porém reservava-se, concentrava-se, hesitava...

E Paulo observava o alentado moço, aquele apreciador da Zambézia sempre pronto a defender as suas belezas, as suas riquezas, e a vida especial que levavam sertanejos e colonos.

Aquele com certeza saïria com saudade daquelas terras, era dos que se adaptam fàcilmente áquele monótono modo de viver.

Mas o Lucena, virando-se para trás, conservando o capacete e o chicote nas mãos, continuou a falar:

— Tenho a lancha quási pronta; assim que estiver tudo em ordem, feita a experiência da caldeira, vai começar o trabalho no seu vaporzinho, e eu vou girar, vou visitar o canal da Chica; Você sabe? o que liga o Rio dos Bons-Sinais ao Linde, e depois, para a cabeça-de-água, vou até ao Quaqua, ver se ainda há probabilidades de se atravessar daqui para o Zambeze, como dantes. Porém parece-me que pelo Canal da Chica, será melhor; o outro está cada vez mais assoriado. Logo que isto se fizesse, o tal Chinde Inglês perderia toda a importância; ¡ aquele grande pesadelo que nós arranjámos por nossa culpa, valha a verdade!... Ah! quero girar por êsses mucurros. ¡ Quelimane já me está a maçar! — disse com ar esquisito.

—Fico cá eu ainda!... —suspirou Paulo, e murmurou —Já vejo que esta história de começarem os trabalhos do «Chirua» é um mito; o arsenal de Quelimane, não lhe pega tão cedo ¡ olhe! agora estão os carpinteiros a fazer uma cadeira de balanço, uma coisa fantástica, uma ca-

deira suspensa no ar, numa armação especial, parece um trapézio... creio que é encomenda do jovem Governador. ¿Para que quererá êle aquêle *sistêma?*

O Lucena não se decidia a entrar para o quarto e disse descontente:

— ¡Agora que o Sousa se vai embora é que se lembra de sovar mais a N'fuca!... ¡não ocorre àquele homem que deixa cá um filhito em quem ela pode exercer vinganças, e que a rapariga é bonita e é vingativa!...

E o Lucena suspendeu-se um momento, murmurando depois em voz baixa:

— Mas eu sei lá se é filho dêle... só a mãe é que pode saber — e, a sorrir-se, entrou definitivamente no quarto.

Dali a um instante saía rindo, mostrando a Paulo, que se conservava na casa de jantar, uma tijela branca, tapada com um guardanapo, e que trazia nas mãos.

— Olhe! também cá tenho uma tijela com *achar*, mas êste é de limão. Isto são recordações ainda da festa...

— Não há dúvida! — disse Paulo — as que eu trouxe, não foram lá grande coisa... ¡se essas não forem melhores!

— Hoje, se não estiver muito calor à tarde, vamos lá antes de jantar; vamos agradecer e saber como ela está... ¿valeu?

— Não — disse Paulo — vem por aí o Guilherme Carvalho e pode ser necessário alguma coisa. Talvez haja que fazer; êle disse que vinha cedo do Palácio.

— E' verdade! ¿Você nunca vai ao Palácio, à noite?

— Pois se eu vou lá todos os dias, de dia...

— Vamos lá amanhã; o Teixeira disse que leva um fonógrafo, que é uma maravilha... até canta o fado...

— Pois sim...

— Bem, até já, vou tomar banho.

— Até logo! — e Paulo recolheu-se ao quarto, e dali a momentos, sentado à secretária começava a escrever, emquanto pensava na N'fuca e na sova mestra que ela tinha levado do Sousa:

«*2.º Depósito. — Diversos — Vid os para vigias e olhos de boi — Unidades, quatro — Existência em Março, quatro — Dispendido, nenhum — Saldo para o mês seguinte, quatro.*»

*

* *

Paulo escutava agora, com atenção e curiosidade, o que o Guilherme Carvalho estava a contar. A conversa daquele seu amigo, era sempre interessante, instrutiva, semeada de ditos de espírito e de ensinamentos práticos, e os seus originalíssimos modos de ver, de encarar os assuntos mais diversos e de os comentar ao sabor da sua vasta erudição e da sua profunda sciência e grande memória, davam um tal realce ao que dizia, que era sem enfado, antes com aprazimento, que decorriam rápidos os instantes em que se demorava na casa da Esquadrilha e, repousado, se sentava no terraço, pela tarde, a conversar.

As peripécias da sua brilhante carreira, já longa em trabalhos, canceiras e estudos revelados em publicações, e no decurso das suas grandes viagens, encheriam volumes, caso êle se lembrasse, e tivesse tempo e paciência para as escrever.

Naquela tarde o tempo estava um poucochinho fresco, e êle mostrava-se preocupado com a próxima expedição, fazia previsões sôbre o que seria a nova campanha de exploração dos rápidos do *Kaborabassa.*

— ¿E a viagem até lá? — preguntou Paulo.

— Isso já é muito conhecido, tradicionalmente conhecido, pois há quatrocentos anos que os portugueses sobem pelo Zambeze até além de Tete. E' tão velha esta navegação, que até os marinheiros fenícios já lá iam em cata de oiro. No *Kaborabassa* há grutas com inscrições que ainda ninguém decifrou, tal é a antiguidade dos caracteres gravados. Eu possuo umas fotografias dessas inscrições.

— Pois eu não conheço essa navegação — disse Paulo — e como eu...

Então o Guilherme Carvalho explicou:

— Numa boa lancha a vapor, viaja-se primeiro até ao Marromeu; depois até ao Vicente, sem parar na Lacerdónia ou na Chupanga. A Chupanga é notável porque, entre outras coisas, está lá o túmulo de Mrs. Max Moffat, a corajosa mulher de Livingstone; depois há Vila Bocage, o Chiromo, Inxangoma, o Chimbué da Companhia de Moçambique, onde se pode passar a noite; depois Mutarara, já em frente de Sena. Pode navegar-se depois para ir dormir ao Sinjal; depois, o prazo Ancuse; depois, uns momentos no Tambara; dorme-se no Bandar e entra-se na Lupata, segue-se Massangano lá para a tarde dêsse dia, se se andar bem; depois o Chimbasi, e dali a uma hora ou mais, emfim, Tete.

— E daí para cima?

— Ainda há navegação até Boroma; mas depois «apodreceu o trabalho». A lancha canhoneira inglesa *Mosquito*, e as nossas lanchas canhoneiras, já têm subido algumas delas até às cachoeiras do *Kaborabassa*, mas em geral, a navegação vai toda para o Chilomo inglês.

— ¿E a navegação é difícil?

— E' um bocado difícil; as águas são turvas, os canai são variáveis, os aspectos do rio diferem de época par época... Na estação das secas, quási não há rio; sã séries de lagoas, ligadas por canais, o que é uma maçad com a lancha a navegar. Na época das cheias cobre-s tudo de água suja; há uma corrente muito violenta, que um perigo para quem desce, porque pode ser atirado d encontro às margens, nas curvas dos rios, e depois, apa recem redemoinhos, revessas, estoques de água... qu são um bom *petisco* para quem vai com a responsabilidad do comando.

— Estou vendo — disse Paulo.

— E depois, de viagem para viagem, o caminho é sempre diferente, não serve de nada conhecê-lo... a mudança dos bancos é trivial; quem é bom para nos ensinar o caminho é o hipopótamo... são uns bons pilotos...

— Os hipopótamos?

— Sim, esses paquidermes, quando estão mergulhados no rio, indicam fundos de quatro e cinco pés, se têm a ponta do focinho e as orelhas fóra da água; mesmo as ervas ou pedaços de troncos de árvores arrastados pela corrente também servem para indicar a linha de maior fundura.

— ¿E um bom piloto indígena?

— Também é bom, principalmente se é *tipo batido* em viagens e tem popularidade e influência nas aldeias junto às margens do rio, porque quando há encalhe, êle, valendo-se dos seus conhecimentos traz sempre da aldeia mais próxima os pretos necessários para, a trôco de uns *quinhentos*, desencalharem a lancha à força de ombros e costas a empurrar... Todos encalham... não é desonra... Do Chire para cima a navegação torna-se mais difícil.

Calou-se e começou a olhar para o céu estrelado, que

se distinguia entre as árvores... e continuou agora olhando de contínuo para o aspecto do céu:

— Entrando no *Kaborabassa* tudo é treva... ignorância absoluta; é caminho que nunca ninguém andou, caminho verdadeiramente infernal, selvático, género entrada do *inferno de Dante*. Nem falta o calor reverberado pelas rochas plutónicas para dar melhor a idea. Havemos de subir ao da *M'Panda Unkua*, coisa aí de uns quinhentos a seiscentos metros, que é a montanha que forma a ombreira sul da Porta dos Arrojados, e havemos de ver depois lá em baixo o Zambeze a correr precipitado. Vamos ter pela frente cachoeiras numerosas, muros de pedra alcantilados, em lugar de planícies monótonas como são cá em baixo, onde há o *lagarto*, e em que se confundem ilhas e margens, como acontece até à Lupata. Sabemos que teremos de andar de gatas por cima das pedras boleadas pelas águas das inundações, ou subir a prumo, içados a pulso pelos carregadores até ao cimo de paredes polidas como espelhos, por entre gigantescos penhascos, sem largar de mão, o caderninho de capa de oleado, o lápis, a bússola.. Ora já vê que viajar assim há de ser em extremo penoso, e ainda por cima cheio de sêde provocada pelo *desporto* e pelo calor das rochas em brasa. O que vale é que de noite havemos de estar sossegadinhos para armar a barraca, a não ser que venha algum pé de vento, ou trovoada... já me tem acontecido. Por outro lado, há sossêgo, escusamos de pensar nas carabinas... nem leopardo, nem leão, nem hiena, nem tigre, nem rinoceronte... nada! nem mesmo jacaré! E' verdade que também não deve haver antílopes para se arranjar um bocado de carne assada... mas os pretos, além do *quissau* regular, comem tudo o que apanham, macacos, se os houver, serpentes, ratos, raizes,

folhas indigestas; em estando com *apetite*, marcha tudo... com muito *piri-piri* e sal.

Paulo ouvia, e avaliava a coragem dos antigos sertanejos, em procura das minas de prata, como Francisco Barreto, audaz pioneiro da selva, e outros ainda, em procura do marfim e do oiro, aventurando-se sòzinhos pelo sertão infindável, pelas florestas traidoras, só com o espírito de aventura e de ganância... e sentia que essa coragem fria ainda hoje era necessária, a pesar dos meios, dos recursos da civilização...

Mas o Gulherme Garvalho que estava agora calado, a contemplar o céu, disse de repente:

— Espere! isto é para *ter a mão*. Vou calcular a latitude desta casa, estou daqui a ver uma estrêla que me está a apetecer... isto é um instante.

Abalou para o quarto, e voltou com o sextante e o horizonte artificial.

Armou-o fora do terraço, deitou o mercúrio na tina, monologando:

— Deve ser a β do Cisne.

Foi ao quarto outra vez buscar as Tábuas e o Almanaque que folheou e resmoneou:

—Não é má, é de grandeza 3,1. Bem! vamos lá a ver a hora da passagem no meridiano — e, ràpidamente, puxando de dentro da algibeira do largo casaco o inevitável caderninho de capa de oleado escreveu, ao passo que ia falando: — *Sideral time:* onze minutos e vinte e cinco segundos e um décimo... bem; a ascenção recta da estrêla: dezanove minutos e vinte e seis segundos e sete décimos.

Fez a diferença.

— Pronto! aqui está a hora da passagem no meridiano:

às oito horas, um minuto e seis décimos de minuto. —
epois olhando para o cronómetro disse — Ainda é cedo,
me lá Você o cronómetro (que tirara da algibeira das
lças) para eu ler a altura quando Você der *o fora*.

— Dê cá. — disse Paulo e acrescentou — Eu, o que
stava era de ter a sua prática de observação de estrê-
s em horizonte marítimo ou artificial, o que é um bocado
ifícil.

— Ora! eu não faço outra coisa há anos seguidos;
ém disto, tenho a prática de três mil anos...

— Sempre a *blague*! — disse Paulo — ¡ Três mil anos!
io percebo...

— Mas espere, emquanto não chega a proximidade da
ra — não falta muito — vou marcar aqui no sextante a
tura provável que a estrêla deve ter, quando Você der
fora.

Puxou outra vez do caderninho e escreveu, dizendo:

— Declinação da estrêla: vinte e sete graus, quarenta
cinco minutos Norte, e latitude da estrêla dezassete graus
cincoenta e dois minutos Sul; somo — dá quarenta e
ıco graus e trinta e sete minutos...; duplico, visto que
altura vai tomada em horizonte artificial, subtraio de
nto e oitenta graus... ¡ pronto!

— Faça favor de chegar aqui com a brasa do seu ci-
rro... Cá está — disse — marcando os graus na escala
sextante e fixando na platina a altura *estimada* com o
rafuso da alidade, depois de acertar convenientemente
nónio.

— ¡ Cá está... já cá canta! são oitenta e oito graus e
arenta e sete minutos de altura provável. Sabe ¡ oh amigo
ulo! isto é apenas para *ter a mão*. Nós, em nos per-
ndo no meio daquele afunilado do vale com rochedos

por todos os lados, e às voltas e reviravoltas, teremos que pedir às estrêlas, nos digam onde é que estamos, se vamos a confiar dos guias de Boroma ¡ estamos arranjados! êles sabem menos do que nós, talvez conheçam os nomes das montanhas longínquas; e a bússola desorienta-se muitas vezes...

— Atenção! — exclamou Paulo — olhando para o cronómetro.

— Vamos a isso — disse êle pondo o sextante à cara.

Decorreram alguns segundos ..

— *Fora*! — gritou Paulo e, imediatamente o Guilherme Carvalho contou alto — oitenta e oito... quarenta e cinco... cincoenta e cinco — que Paulo foi escrevendo no caderninho.

Então num instante inverosímil de rapidez, êle fazendo o cálculo, achou a latitude: dezassete graus, cincoenta e dois minutos, trinta e cinco segundos, e disse:

— Isto deve ficar com um êrro de mais ou menos um segundo.

— Pois o que eu queria era essa certeza de observação — repetiu Paulo — e a propósito, o que é que Você dizia, ainda agora, que tinha três mil anos de prática...

— Ah! ah!... — exclamou, rindo-se, emquanto arrecadava o sextante na caixa, ao passo que Paulo, entornava com cuidado o mercúrio da tina para o frasco — E' que êste cálculo é o mesmo, na sua base, de que fazia uso o Hiparco. ¿ Você não conheceu?

— O Hiparco?...

— ¿ Sim, Você nunca ouviu falar no Hiparco?

— Não me lembro... confesso.

— Um bom astrónomo que nasceu em Nicea, no segundo século antes de Cristo.

— Ah! não conheci, não — disse Paulo rindo-se.

— Não! ? é que há outro que foi político célebre; era
lho de Pisístrato e governou Atenas...

— Ah! então, se era político, não sabia nada... ou se
oubesse alguma cousa, com a política esquecia tudo —
osnou Paulo.

— Pois o Hiparco, em Rodes, há mais de dois mil
nos, fazia a *mesmíssima* coisa: altura, e declinação do
stro.

— *É blague! é blague!* ¿Então os instrumentos de
bservação? e as correcções das tábuas? ¿e a refracção, a
aralaxe, o semi-diâmetro e, quando o calculo é pelo Sol,
depressão do horizonte?

— Você pensa que os navegadores portugueses que
om êste mesmo cálculo, percorreram todo o Atlântico,
odo o Índico, todo o mar da China, e se não percorreram
odo o Pacífico, foi porque já estavam fartos... não po-
iam mais... ¡o povo era pequeno, para tanta grandeza!
..¿pensa que êles precisavam das correcções?...

— Então não necessitavam?

— Não! nada disso com o astrolábio era conveniente;
cálculo da latitude resumia-se a achar a soma ou a di-
rença entre o número de graus observados pelo instru-
ento, e a declinação do Sol e das estrêlas achadas pela
bua copiada pelo João de Lisboa no *Tratado da Mari-
nhária*, ou obtidas pelo *quadrante*, e aplicar umas regras
uito simples... E o astrolábio, quem o inventou foi tam-
ém o Hiparco... ¡é claro! daí ao sextante de que me
rvi agora, vai alguma distância, mas o cálculo é o
esmo... Agora a observação desde Halley com os
strumentos da reflexão é que é tudo. ¡Olhe! nem Ke-
ler, nem Newton, nem outros sábios acrescentaram nada

ao cálculo da latitude por uma altura marítima, do grego Hiparco... O *Almagesto* de Ptolomeu, foi todo calculado assim, quatrocentos anos depois de Hiparco, com o aparelho já simplificado, e depois aparecem os *quadrantes pendurados*, ou rádio-astronómicos que eram o equivalente da *tabula declinatoria* de Zacuto, e que parece ser invenção de um árabe, e a *armilla náutica*, aplicada ao astrolábio e a *balestilha* que era instrumento mais grosseiro, e as *tablas da India* que Vasco da Gama trouxe do Oriente, que a final não eram de grande merecimento, apenas se podiam comparar com a balestilha... Emfim, vem o Pedro Nunes, aplica ao astrolábio uma disposição tal que a *declina* quando não marcava um grau exacto, passava forçosamente por uma divisão das circunferências interiores e dava a medida precisa da altura do astro e... ¡pronto! estava descoberto o *nónio*, e foi necessário decorrer mais um século para Vernier transformar esta concepção engenhosa numa construção mais prática, que consistia em tornar móvel uma das escalas. E agora, meu caro senhor Paulo — disse o Carvalho fechando a caixa do sextante, e metendo o cronómetro na algibeira das calças—*apodreceu o trabalho*, nada de maçadas, vou-me deitar, que amanhã tenho muito que fazer...

— E eu vou escrever esta latitude ali na parede do fundo que é para os vindouros lerem a latitude do seu teto... calculada em menos tempo do que pia um mocho, por horisonte artificial, e com a brasa de um cigarro a iluminar a escala do sextante...

— Pois sim! Boa noite e sem mosquitos! — e o Guilherme Carvalho, com o chapelinho de palha derrubado para a nuca, tendo metido o caderninho dos cálculos na algibeira do casaco, com a caixa do sextante numa das

mãos, e o horisonte artificial na outra, o almanaque náu-
tico debaixo de um braço e as Tábuas de Norie debaixo
do outro, levemente curvado, com passo ligeiro e ágil,
assobiando baixinho um estribilho da Revista de um dos
teatros de Lisboa, desapareceu na treva do corredor em
direcção ao quarto dos hóspedes.

XIX

Desde a noite do batuque de despedida ao Sousa que o *luane* da Dona Rosário se ressentia de qualquer coisa de vago descontentamento no seu labutar cotidiano. Pairava no ar como que um ambiente de mal estar, de sombria preocupação.

Todos sentiam aumentar de dia para dia o peso de uma atmosfera carregada de opressão e tristeza.

N'fuca dera ultimamente ordem para as mulheres não cantarem, nem fazerem ruído com as suas palrices futeis junto da casa.

A negraria mazomba dos trabalhadores escapulia-se tímida para as palhotas logo que acabava o serviço, sempre que podia evitar os olhares da Dona; e um mainata inofensivo e bronco, tinha sido mandado chicotear pelo Zuda, aquele esquálido preto que todos temiam e que aparecia sempre onde houvesse um castigo cruel a aplicar. E a culpa do idiota tinha sido insignificante: apenas um bocado de sabão que tinha desaparecido, roubado pelos companheiros, ou perdido por êle.

As molecas de maior convivência com a n'anha N'fuca, a ladina e saracoteante Bandiná, a reservada e matreira Luísa, a casmurra Rosa, saíam às escondidas de casa, depois de acabado o serviço e a *toilette* da sinhara Dona Rosário, vinham cá para fora para o quintal, juntarem-se com as raparigas e velhas, e contavam, com tremuras na voz, em sussurrantes palrices íntimas e secretas, que n'anha N'fuca

olhava para elas com um olhar duro e fixo, por qualquer nada puxava-lhes pelas orelhas até gritarem com a dor e ouviam-lhe, em voz baixa, pronunciar palavras ininteligiveis. Levantava-se de-súbito do banco onde estava sentada e percorria o quarto e a varanda, em pés nus, batendo com os calcanhares no pavimento, com tanta fôrça, que os objectos oscilavam sôbre os seus apoios, e falava com voz rouca, estendendo o braço nu e bem musculado na direcção de Quelimane, num grito de ameaça, entre o chocalhar violento de pulseiras e colares de contas de vidro colorido, que lhe ressaltavam na violência do gesto sôbre os seios arfantes e semi-desnudados, e notaram que nunca mais mandara chamar o Niné, a pobre criança que andava agora todo o dia nuzinho, engatinhando e rojando o ventrezinho bojudo na terra suja e endurecida, junto à palhota, entre as galinhas e os cães, como qualquer filho de negra do mato.

Uma vez, quando a saracoteante Bandiná lhe estava a fazer o penteado com os meticulosos cuidados de sempre, embebida tôda em tão séria ocupação, e o moleque António lhe apresentava, como de costume, o espelhinho, viu a inquieta Bandiná a *sinhara* N'fuca fixar intensamente a sua imagem e depois, duas grossas lágrimas soltarem-se-lhe dos olhos negros e lentamente lhe correrem pelas faces pálidas e frias..

¡Nunca memória de moleque dos diferentes *luanes* da Dona Rosário, se lembrava de a ter visto chorar! Depois, afastara com tanta impaciência e rapidez o espelho da sua frente que o António, atarantado, o deixara cair no pavimento, onde se partira em estilhaços e ¡ai dêle! porque N'fuca tomara aquele desastre como mais um mau presságio, e então, dera-lhe uma sova com o pequeno cavalo

marinho que ali estava à mão, por acaso infeliz para o António e, emquanto fustigava o rapaz, ria-se nervosamente cruel, e excitada como uma fera, cerrando na sombra do quarto os olhos sêcos e maus, e deliciando-se com os gritos do moleque que, com as costas cheias de vergões esbranquiçados, se retorcia a gritar, chorando — Pega pé pega pé! N'fuca não bater mais! ai!... ai!... — E a N'fuca batia cansada do esfôrço e da tensão nervosa e ao mesmo tempo divertida de ver o pequeno às cabriolas a cada vergastada, até que, desenfastiada, atirara-lhe com o chicote, e mandando chamar o inevitável Zuda, o preto bestial e sujo, êste o levara debaixo do braço para a palhota do feitiço, onde a Rosa em tempo já estivera condenada a estar dois dias amarrada e às escuras, e sujeita ainda por cima às mordeduras e maldades de um grande macaco maldoso e sempre faminto, que lá estava também encerrado.

A N'fuca, diziam as negrinhas num cochichar murmurante e seguido, como o sussuro de abelhas nalguma *mesinga* [1] do mato, chamava por diferentes vezes o Zuda, o negro sempre silencioso e de aspecto feroz, e diziam entre si, com inquietação, que os dois lá se entendiam durante horas em linguagem secreta, que os moleques não percebiam.

De uma vez fôra a Bandiná saracoteante e airosa que tinha sido incumbida de dizer ao António para ir chamar o Zuda à palhota isolada onde êle estava sempre só, fumando junto à porta o seu cachimbo cheio de tabaco indígena, melancólico, bestial, ocioso, olhando para as mulheres a *colimar*.

Zuda fechara cuidadosamente a porta da cubata onde

---

[1] Colmeia.

só êle entrava, e viera com o seu passo vagaroso e pesado, ter com ela, e a ladina Bandiná ouvira, ainda antes de se escapulir, um trecho da conversa que naquele momento, por ser feita em cafre comum ela compreendeu.

— ¡ Zudá ! — dissera a sinhara com voz insinuante — fazer isso a N'fuca ! ir ter com Kambiasa no floresta... ¡ fica segrêdo... fica mistério ! Kambiasa sábi. ¡ Ah! Zudá desde Mafunda não gosta de inhamatanga branco, e N'fuca não gosta também agora. Lembrar a Zudá que N'fuca salvou a vida a êle quando gente de rei queria matá, quando Governador mandou fuzilá a êle no aringa... e Zudá era amigo de português...

Calou-se esperando resposta.

Então o Zudá erguera a sua alta estatura até ali curvada, caminhara para N'fuca, terrível, e o seu olhar vítreo e apagado, apático, iluminara-se de repente por um clarão de vida interior. Levantara o braço, e com a mão estendida, como numa invocação, bradara numa voz tão cavernosa e áspera como um ronco de fera irada:

—N'anha N'fuca ! Pára de falá ! ¡ Zudá fará o que N'fuca queré !

Depois seguiu-se um silêncio.

Zudá tornara a curvar a sua alta estatura, a cabeça descaíra-lhe sôbre o peito negro e sujo, a face readquirira o seu aspecto bestial, a voz enrouquecera, e foi com o olhar amortecido, a pupila vítrea, amarelada e raiada de sangue que Zudá começou então a murmurar, como se ninguém o escutasse e falasse consigo mesmo:

— Zudá, filho de M'riba, filho de Nanuruba, filho de Anansica, todos *cazembes* grandes da Maganja... Coutinho arrazou aldeia, queimou palhota ¡ e contudo Zudá era

amigo de inhamatanga! [1] Zudá e pai de Zudá e pai de pai de Zudá ser todos gente de guerra ¡não dever nunca pagar *mussoco!* nunca! Ser companheiros de grande chefe João Bonifácio... viu morrer a êle... e João Bonifácio assim como Zudá era amigo de inhamatanga! Zudá, depois da morte de grande chefe João Bonifácio foi com guerreiros maganjas no Mafunda e aí houve guerra contra inimigo de Inhamatanga. Oh! grandes chefes de guerra! Andrade e Barba de Menezes e Carlos de Paiva, gente de guerra muito valente e boa. ¡Foi um dia todo de combate! porém, grande chefe Coutinho ferido com o pólvora a arder no ar e muito guerreiro morreu e toda a gente fugiu no Guengue. Zudá e mais maganja veio no seu terra, porque guerra estava acabada. ¡Só Zudá sabe o que foi essa grande viagem! porque ninguém dava de comê a maganja e gente de guerra roubava para comê. ¡Zudá ter direito a comê! porque guerreiro maganja ter muita fome, e ninguém dar *pôço*. Depois, quando guerreiros maganjas vieram no seu terra de Maganja da Costa foi tudo corrido a tiro e Zudá encontrou guerra a Zudá porque maganja não queria pagá *mussoco*, e aringa estava forte com espingarda que branco tinha lá deixado quando fugiu para Quelimane. Depois grande chefe Coutinho apareceu, levando guerra no Maganja, arrazou aringa, e Zudá fugiu no mato, meteu mulher e filho no *m'sito* [2]. Tudo passou fome, e por fim ficou ferido no barrigo com zagaia, e veio no Quelimane preso, com argola no pescoço. Então

---

[1] Português.

[2] Sítio muito oculto no mato onde, em tempo de guerra, os pretos escondem os velhos, as mulheres e os gados.

N'fuca conheceu Zudá e pediu por êle a Sousá que queria mandar Zudá para terra de Moçambique e Sousá mandou outro preto e N'fuca recolheu no *luane* a Zudá, porque N'fuca conhecera pai de Zudá, em pequenina. Era bom, porque pai de Zudá foi no Massingire levar guerra a Macololo ingrese que queria tomar terra de Chire e prazo de mãe de N'fuca... Sim! pai de Zudá, *cazembe* da Maganja fôra para terra longe depois da morte de Bonifácio, mas pai de Zudá, era bom, morreu no terra de mãe de N'fuca, e Zudá foi para o Cambuemba, mas nunca fez mal nem êle nem os seus guerreiros à gente da terra da mãe de N'fuca, por isso N'fuca, quando conheceu Zudá preso em Quelimane com argola no pescoço foi pedir por êle a Sousá polícia e Zudá pôde ir no seu terra de Maganja.

Esteve um bocado silencioso e depois continuou em voz muito baixa:

— Ah! tristeza... raiva!... agora outra vez chefe Coutinho fez mal a Zudá, porque veio em pessoa a Maganja da Costa; êle tomou aringa ¡eh! e queimou toda a palhota, e outra vez Zudá fugiu, coração triste, porque mulher e filho morreu no mato e Zudá não pôde chorar seus mortos. Nunca mais pôde ir no seu terra e Zudá sêr gente de guerra e morrer aqui pouco a pouco no palhota ¡sempre escondido e preso, sem poder fazer guerra! Eh! ¡Zudá morre dia a dia, lembra isto tudo e sabe que espírito de pai de Zudá está no leão do mato! e Zudá está triste, não pode vingança. Vai agora no mato mas quando voltar n'anha N'fuca terá o que pediu, e haverá aqui *milando* grande com gente de reí!...

Interrompeu-se numa espécie de soluço e depois riu-se silencioso num esgar horrendo, que lhe punha a dentuça

amarelada à mostra, com os dois incisivos superiores limados em bico, e rematou por fim o longo monólogo:

— ¿ Porque quere N'fuca o blanco não ir no seu terra? ¡quando êle fôr lá, espírito de pai de Zudá estará contente, e N'fuca irá depois com Zudá para o seu antigo terra de Sena onde está pai de Zudá no cova, à beira do caminho que tanta vez andou de rodela e zagaia com mulher e gado do inimigo!

Mas N'fuca escutara as palavras que o Zuda dissera monotonamente, num tom arrastado, como invocando um passado já muito longínquo, e com a cabeça pendida para o peito onde o colar de pontas de antílope intervaladas por grandes pérolas de vidro verde luzia a cada arfagem do magro e sujo peito.

Então a ladina Bandiná, receosa que dessem por ela a escutar, retirara-se medrosa pé-ante-pé e fôra pensativa recolher-se à cubata onde dormia.

N'fuca escutara o preto sem o interromper... Não! ela não queria ir outra vez para Sena, os grandes *luanes* que lá possuía, já não os podia cultivar e explorar como outrora quando havia escravos em que ela mandava despoticamente. O negócio da abada, do marfim e da borracha, já ia drenado para as grandes Companhias onde começavam a pagar melhor em concorrência com os proprietários, e os sipais exerciam vexames e violências contra os pretos das plantações antigas e o prestígio que ela tivera ia tombando no esquecimento dia a dia. Ai! como N'fuca via que tudo se ia transformando, e agora, sòmente o que ela desejava é que a deixassem socegada em Quelimane nos seus dois *luanes* que a Câmara teimava em apetecer há tempo a esta parte. Ela tinha um grande mêdo que o Teixeira lhe fizesse outra vez de-

manda, agora que o Sousa se ia embora sem saber quando voltaria.

N'fuca deu um grito agudo e feroz.

«— Ah! isto não podia acabar assim! nunca!» O Sousa tinha-a ofendido profundamente, tinha-lhe dilacerado até ao íntimo da alma a sua vaidade de mulher cônscia da sua beleza e dos seus encantos perturbadores, e violentara a em todas as ideas simples que se acoitavam na sua cabeça rude e barbarizada, onde havia ingenuidade e crueza sanguinária, instintos amorosos e confusão de pensamentos honestos.

Ah! ¡¿o último branco que ela conhecera e estimára era assim!? ¡Pois havia de saber quem era a N'fuca!... ¡¿Não queria saber mais dela nem de Niné!?... ¡¿Então isto tudo podia acabar dêste modo!? ¡¿O branco rir-se-ia dela, em Lisboa, a conversar com as mulheres brancas!?

— Oh! não, não podia ser! — gritou num arranco, com voz rouca, o olhar faiscante de cólera concentrada. Não! e o Sousa ia-se embora, e ela sabia que os brancos rondavam em volta dos seus terrenos em cubiças ardentes de se assenhorearem deles. ¡N'fuca ficaria dali a pouco velha e pobre!

Ah! ¡Como tudo estava mudado e em tão pouco tempo! E sentia que lhe ia faltando debaixo dos pés o terreno, que era seu, que ela pisara tão livre, tão orgulhosa, tão cheia de vaidade satisfeita, vendo os brancos rendidos à sua beleza e opulência, procurando agradar lhe e sentindo-se forte com a protecção do poderoso *rei do Barué*, o famigerado sertanejo Manoel António de Sousa que a amimava, e que a conhecera desde pequenina... e agora tudo lhe ia faltando... e um fundo suspiro lhe abalou o peito.

E N'fuca olhava em silêncio para o negro que permanecia na sua frente, imóvel, tôrvo de aspecto, os ombros descaídos, cravando nela o olhar vítreo onde havia uma interrogação muda.

Então N'fuca, arrastando no soalho esteirado os pés descalços dirigiu-se a uma mesa e, de um pequeno cofre inglês de aço cuja fechadura de segrêdo abriu com uma chavezinha que tirou do saquinho que se lhe dependurava do cinto, procurou, remechendo dentro, algumas moedas de oiro.

Havia ali de tudo um pouco: rupias carimbadas da India Inglesa, rupias alemãs e de Mombaça, pesos mexicanos, pesos Maria Tereza, *shillings* e *quinhentos*, e libras inglesas e transvalianas de um e de dois varais com a efígie do Presidente Kruger, emfim um pouco do grande número de moedas que corriam no mercado da colónia de Moçambique, o que dava logar a especulações e negociatas de cambistas, as mais fantásticas, e em que a vítima era sempre o preto, e algumas vezes o branco...

Recolheu três libras esterlinas, tornou a fechar o cofre, embrulhou-as num trapo e dando-as depois ao Zuda, disse-lhe ainda com uma hesitação na voz:

— Olha! vai no floresta, vê se encontras Kambiassa que é amigo de N'fuca, e dá-lhe isto, e para ti, para comprares quissau e arroz para oito dias, toma estas moedas de dois quinhentos — e rematou dando-lhe umas poucas de moedas de cinco e dez tostões em prata, com a frase muitas vezes repetida: — Agora vai... ¡desaparece e segrêdo! que a N'fuca tem susto, tem horror. N'fuca já não é a mesma pessoa, estar mudada, sentir dentro do peito, coração triste! já não ter valor nenhum, cansou — e, em pé, hirta, junto da mesa, N'fuca fez sinal ao preto para

sair ; e a mão tremia-lhe tanto que se ouvia as pulseirinhas chocalharem umas de encontro às outras, nos pulsos finos.

— Sim ! N'fuca ! ¡ Zudá fará o que N'fuca deseja ! Zambeziana ser sempre corajosa — respondeu o negro, e, tendo guardado cuidadosamente o dinheiro numa caixinha de bambu, pendurada na *cambala* do cinto, atravessou vagarosamente o quarto em direcção à porta, voltou-se ainda, saudou à moda gentílica e desapareceu. Apenas os seus passos pesados se ouviram ainda algum tempo fazendo ranger os estrados da varanda e os degraus da escada que evava ao quintal.

N'fuca ficou só, ainda se conservou algum tempo junto da mesa, olhando sempre para a porta, por onde tinha saído o esquálido preto; depois, fez um gesto gracioso com a cabeça, e com os ombros, como se quizesse lançar de si para fóra, ideas tristes e, puxando do estojozinho de palha entrançada recoberta de missanguinhas coloridas e matizadas em desenhos variados, tirou de dentro um bom cigarro de tabaco inglês que se pôs a fumar com vagares de apreciadora e, correndo depois para o eito, atirou-se de bruços para cima dele, e assim ficou um bocado de tempo, tôda envolvida numa nuvem de umo perfumado.

Meio desnudada, com os pés batendo um contra o outro, fazendo tinir os braceletes dos tornozelos, parecia uma esfinge animada, aquela que dominava os plainos incomensuraveis do deserto, monstruosa e simbólica desde Hermes, quási tão antiga como a velha carcassa dos continentes... eterno enigma feminino.

Então os olhares de N'fuca caíram sôbre a pequena imagem colorida de Nossa Senhora de Livramento de Quelimane, pendurada no tabique.

Era uma imagem que lhe tinha sido dada nos seus tempos de menina do Colégio das Irmãzinhas, e ao olhar para ela, recordou-se da sua infância livre e desenvolta, como se fôsse uma princezinha medieval, ébria de orgulho de raça e opulência; viu-se junto da mãe triste e sorumbática, e da tia Vitória de Sousa, rodeada de escravas a servirem-na de joelhos e a abanarem com ventarolas a velha Dona, toda vestida de sêdas verdes, com as mãos papudas cheias de anéis de oiro, o busto carregado de colares de oiro, o penteado complicado com inúmeros enfeites de oiro, fazendo festas a um pequenino sagüim que nunca a largava, interrompendo-se desta distracção para receber no pátio, em audiência, os feitores das propriedades que, comboiando caravanas de carregadores, lhe traziam do mato as pontas de marfim e de abada, e os produtos e colheitas dos prazos para ela depois encher à farta os vastos armazéns, e fazer o tráfico com os negociantes brancos e índios da Baixa Zambezia.

Lembrava-se das claras tardes de passeio em machila quando recolhia ao *luane* da Chemba e via, lá muito ao longe, os montes Baruanas ao fundo de Sena, quando o tempo estava bom e fixo, cobrirem-se de azul e púrpura ao pôr do sol e, de manhã, os seus contornos recortarem-se no fundo opalino do céu ainda não invadido pela luz ofuscante do sol tropical.

Depois, no tempo das chuvas e das grandes trovoadas, os montes ocultavam-se sob as nuvens parecendo uma massa tôrva e escura de vapores pardacentos e acinzentados que à tarde se purpureava em tons de cobre, pressagiando trovoadas terriveis.

E o rio alargava arrastando consigo todos os detritos acumulados durante a estação sêca, corroendo as mar-

gens, arrancando e lançando na corrente impetuosa as árvores do mangal espesso carregadas de pássaros e macacos aflitos, para as ir depositar em baixo, entre as diferentes embocaduras, no delta sempre em formação lenta através o dobar dos séculos.

Depois, anos tinham passado numa vida descuidada, alegre, opulenta, luxuosa e bárbara, em loucuras de amores efémeros e intrigas passionais até que, estalando guerras e revoltas contra a Soberania portuguesa por toda a Alta Zambézia, conseqüência das vastas intrigas internacionais aproveitando descontentamentos dos régulos e a brandura dos Govèrnos, a vida começara-lhe a mudar de feição.

Perdera então o seu grande protector. Depois que os ingleses o prenderam na aringa do Mutaça, agarrado à-bruta, levado sob insultos debaixo de chuva com Paiva le Andrade e Resende para o Forte Salisbury, despojados le armas e da Bandeira Nacional que arvoravam junto do régulo traidor, e que pelos estrangeiros fôra arriada, èle erdera muito o seu prestígio, julgando os pretos que não oltaria a intimidá-los pela sua valentia e autoridade. Mais tarde, morrera perto do Inharisonge, no mato, abanlonado, fugitivo, ferido, às mãos de um rapazito qualquer ue o encontrara escondido, e que se temera que êle lhe izesse feitiço.

Morrera êsse dedicado amigo de Portugal, sempre eal e sempre oferecendo incondicionalmente o seu auxío aos portugueses.

Depois, tinham-se acumulado as contrariedades e desôstos, tinha fugido para Quelimane porque nos *luanes* a alta Zambézia, a vida não lhe estava segura; todos s seus pretos fiéis tinham fugido, e assim os cultivos eram npossiveis.

Então conhecera o Sousa, que a tinha protegido, e lhe tinha dado segurança... Ah! mas agora ficava outra vez isolada, abandonada, e porque êle se ia embora, abandonando-a, ela sentia bem que, com êsse abandono, já no meio de gente nova, ávida, ambiciosa e sem escrúpulos, iria começar a sofrer humilhações e vexames de maior gravidade. ¡A época já era outra!

Que fazer!?

Deitou fora o cigarro com impaciência... outra vez desassossegada, ergueu-se do leito, e começou nervosamente a passear ao longo do quarto; depois, lentamente, ajoelhou em frente da pequena imagem e rezou, curvada até ao chão num exagêro humilde, as rezas que tinha aprendido no Colégio das Irmãs, e que não tinha esquecido. E no amplo quarto ouviu-se baixinho a sua voz murmurando:

Kristu oningué!
Kristu uinguélelé!
Oh! mamâne M'ruco oréra [1]

Mamâne M'ruco oréra, — murmurou mais uma vez e depois ficou calada, com a testa encostada à esteira fina do chão, dobrada em arco, fazendo-se pequenina, num alheamento de tudo o que a rodeava, imersa na idea fixa que desde manhã a trabalhava interiormente, dentro da sua cabeça de pobre selvagem mal civilizada, cristã e supersticiosa das superstições cafreais, alma simples,

---

[1] Cristo ouvi-nos!
Cristo escutai-nos!
Oh! mãe do bom conselho.

desorientada entre o convívio cínico dos brancos, e a crueza, insensibilidade, infantilidade do cafre, voluptuosa e cruel do sangue indú que girava nas suas veias.

Assim esteve bastante tempo.

De vez em quando rezava, depois tornava a pensar na sua vingança, numa irritação surda que a excitou, e erguendo-se súbito, foi calcar aos pés pequenos objectos que o Sousa lhe tinha dado em diferentes ocasiões; depois amarfanhou entre as mãos contraídas o cinto rico de missangas com os pingentes das libras e atirou-o com violência para dentro de uma caixa. E fazia isto tudo com o olhar fixo, com gestos automáticos... aos sacões, impulsiva, com crispações súbitas na boca cerrada.

Mas a obscuridade das suas idéas religiosas tinha predisposto o seu espírito para a superstição, e orientara a sua imaginação de mulher criada num meio semi-bárbaro, para as quimeras da magia, acreditava cegamente nos agoiros e feitiçarias.

Já depois da *inhoca* achada através do seu caminho na varanda da casa, ela tinha ouvido cantar a cigarra-ferreira do lado esquerdo... ¡mau sinal!... sinal de desgraça próxima.

¡E as duas viuvinhas que ela tinha na gaiola da casa de jantar tinham naquela manhã sido encontradas ambas mortas!

¡E o seu *inguana* [1] não queria comer!...

Ah! ¡mau sinal... mau sinal! Era preciso um esconjuro! era necessário saber o destino.

Caminhou descalça pela pulida esteira que cobria o

[1] Camaleão.

chão feito de tábuas de *mussocosso* de côr parda, e tendo descido a esteira fina da janela e fechado a porta cuidadosamente, ficou assim imersa numa meia escuridão; depois, aproximou-se vagarosamente de uma *chitounda de molela*, — uma pequenina cêsta de vime entrançado,—murmurando numa ansiedade dolorosa: «— *Peno malungo!... peno malungo!*»[1] — tomou de dentro da cestinha dois pequeninos machados recobertos de missangas vermelhas a imitar pingos de sangue e depois foi tirando e pondo no chão, primeiro, quatro grossas placas escamosas sacadas do dorso do crocodilo, cinco placas córneas do insectívoro *papa-formigas*, e depois um pauzinho talhado em quatro faces, cada uma delas tendo gravados a fogo certos hieroglifos misteriosos, cabalísticos.

Então N'fuca, segurando em cada uma das mãos um pequeno machado, cujos pingentes de missangas vermelhas, tocando uns nos outros, produziam um ruído especial, começou fazendo os passos de uma dança ritual em redor dos objectos postos em linha, volteando e redopiando em volta dêles, excitando se metódicamente com uma melopea murmurada em voz baixa, e foi cada vez redopiando mais rápida, até que de súbito, com um grito, largando os machados, agarrou nos pequenos objectos e atirou-os ao ar, deixando-os cair ao acaso sôbre a esteira, e logo com curiosidade mórbida, abaixando-se até ao chão, encolhendo o corpo, examinou com a mais profunda atenção as posições relativas em que ficaram as diferentes peças e consultou a face hieroglífica do pequeno pau.

---

[1] Depende do céu!... Depende do céu!

Era um encantamento, uma consulta do destino o que ela estava fazendo... Três vezes recomeçou a dança, e três vezes consultou os augúrios e de cada vez se tornava a sua face mais pálida e as suas pupilas negras, esmaltadas e brilhantes, pareciam sumir-se espavoridas nas órbitras cheias de sombra.

— Oh! — murmurou ela — está escrito! N'fuca precisa decidir! Morte! sempre Morte! horror! Está escrito! mas a N'fuca custa a decidir ¿quando será? tem de ser! oh!... tem de ser! e o Niné?... pobre Niné!—e imersa em tristes pensamentos, quebrada de emoções, ansiosa, foi sentar-se junto à janela que deitava para a varanda, num alheamento completo de sentidos.

A noite ia-se aproximando ràpidamente e as sombras galgavam rápidas por sôbre os tetos colmados das palho-as maticadas e caiadas, dispersas pelo grande quintal ue dava para os terrenos de cultivo.

Junto do poço, sob as bananeiras donde já escorriam ombras espessas, as molecas silenciosas e fatigadas en-ouxavam roupas nas celhas. A movimentada labuta quo-diana do *luane* ia acabando, as cabras recolhidas solta-am, a espaços, uns fracos balidos, já sonolentas, quietas, eitadas a um canto do terreiro.

A Bandiná subiu a escada, torneou a varanda, e che-ou-se com cuidado ao pé de N'fuca, que continuava imó-el junto da janela que abria para o vasto quintal.

— Não querê comê? *sinhára?* — preguntou solícita, sor-indo-se tímida e mostrando a alva dentadura.

Ela estremeceu, como se tivesse acordado de um so-no, e respondeu desabrida:

— Não! diz à Chinga que traga Niné... quero ver

Niné; não tenho visto Niné... ¡ Traz Niné para ver se
está melhor!

— Sim N'fuca — respondeu a Bandiná, desaparecendo
rápida e saracoteada, a fim de ir dar o recado à Chinga.

E a N'fuca ficou outra vez imersa no seu pensar con-
tínuo, tamborilando com os dedos carregados de anéis no
encôsto da janela, e os seus beiços mexiam-se como se
estivesse travando um diálogo íntimo com uma personagem
que só ela via e que só com ela comunicava.

E a face de N'fuca foi-se tornando serena, dominada
por uma terrível vontade, por uma resolução inabaláve
que só aflorava ao rosto na expressão fixa e cruel dos
seus olhos negros.

*

* *

Dias passaram quando, uma noite, alguém bateu d
fóra com pancadinhas curtas e rápidas, dadas com os nó
dos dedos, à porta do quarto de N'fuca...

— Eh! quem bate? — preguntou ela.

— Zudá — ouviu dizer em voz baixa e rouca.

— Ah! Zudá!... — exclamou N'fuca, fazendo-se pá
lida. E foi abrir apressada e comovida.

Entre os umbrais da porta alumiada pela luz fraca d
pequeno candeeiro de petróleo que iluminava o quart
destacou-se a alta e magra figura do negro.

— Entra Zudá, cuidado! fecha a porta...

Então o negro, entrou, fechou a porta empurrando-
com as costas e aproximando-se de N'fuca, devagar, s
lencioso, curvado, cravou nela os olhos vítreos, de escl
róticas raiadas de sangue e apresentou-lhe na mão u

pedaço de cana de bambu, grossa bastante como um punho fechado de homem, tapadas as duas extremidades por dois espessos bocados de casca de árvore.

N'fuca, triste, horrorosamente pálida, também silenciosa, pegou com cuidado no grosso bambu, não ocultando pelo franzir das sobrancelhas negras, o asco que a aproximação do tubo de madeira lhe causava, e disse apenas:

— Estar aqui?

O negro teve um gesto afirmativo com a cabeça.

— Kambiasa no floresta?... segrêdo?

O negro teve o mesmo gesto de assentimento.

— Mais nada?

— Kambiasa pregunta se é preciso preparar *moavi*... forte... é segrêdo.

— Não! — exclamou ela com as faces contraídas... a face dolorosa...

O negro ficou impassível.

Então N'fuca, pôs com cuidado o tubo em cima da mesa, foi buscar mais umas moedas miudas, e dando-as ao Zuda, disse-lhe:

— Bem, agora vai embora e toma êstes *quinhentos*.

O preto, sempre silencioso, recebeu o dinheiro; depois a passos largos e vagarosos, saíu do quarto, e o seu passo pesado e tardo, ouviu-se no silêncio da casa, até êle acabar de descer as escadas da varanda.

Então N'fuca, que tinha ficado de pé junto da mesa onde tinha colocado o tubo de bambu, teve uma contracção nervosa, cerrou os olhos e duas lágrimas ardentes lhe queimaram as pálpebras, filtrando-se cristalinas por entre os longos e espessos cílios. Limpou as ràpidamente com as costas da mão com enérgica vontade de dominar a sua

comoção, e depois dirigiu-se ao fundo do quarto, segurando com cuidado o tubo; aí aproximou-se de uma mesa, sôbre a qual estava uma caixa de sândalo, toda esculturada em desenhos e arabescos, enfeitada a embutidos de marfim e tartaruga, meteu-lhe dentro cuidadosamente o tubo de cana, que ao de leve bateu com uma das extremidades na esquina interior do rebôrdo da caixa.

Depois sombria e muda, com uma resolução fria espelhando-se-lhe na face dura, no olhar negro e fixo, permaneceu de pé uns momentos junto à caixa que fechou lentamente.

Encolheu os ombros .. e sorriu-se.

Não se lhe desprendia da mente a idea que o Sousa se fôsse embora, rindo, leve, de ânimo fresco e bem disposto, e ela ficasse assim abandonada como um trapo inútil. Agora que não tinha protector, agora que não tinha amigo, ficaria na dependência do vingativo Teixeira e vexada por todos os brancos que mandavam naquelas terras, que ela bem sabia quererem apoderar-se dos seus *luanes* e do seu prazo na alta Zambézia, por certo mal cultivado, e mal explorado, mas ainda assim rico em cera, em côcos, e outros produtos coloniais de grande valor.

Ah! ¡mas a sua resolução era inabalável! sim! era fatal!

Peno malungo! Peno malungo! Do céu dependia, e o feitiço falara... O Sousa estava já no seu espírito, condenado a desaparecer... abandonava-a sim, mas não mais se riria dela, longe, com as mulheres brancas.

Mas N'fuca ao pensar isto, estava oprimida e devia sofrer muito, porque o peito arquejava-lhe com violência, mas revoltava-se com toda a sua selvagem alma contra a humilhação do abandono ¡ela que tantos homens vira

rendidos aos seus perturbadores encantos! E o pobre Niné? quem o protegeria? tão doentinho há tempos! último rebento de uma série de cruzamentos de diferentes raças ¡ exposto sem resistência desde o nascimento, à acção doentia do clima da Baixa Zambézia! N'fuca inteligente como era, sabia bem o alcance da sua hedionda resolução. Ela ia praticar um acto vil, um crime, acirrada pelo ódio, que todo o seu coração criava ao branco, que desde séculos dominava nas suas terras sem outra cousa mais fazer do que explorá-las em seu proveito. ¡ Era ódio o que ela sentia! não era raiva de amôr, era ódio! porque outra cousa não era êsse sentimento que a desesperava no abandono de um ente que lhe fugia, e cuja posse ela via desvanecer-se. O Sousa, protegendo-a contra as ambições da Câmara e de todos os brancos ávidos e rapaces, com o seu prestígio de autoridade militar, com a sua alegria despreocupada, despertara nela um sentimento novo... Ah!... mas agora não... o que lhe tinha era ódio...

¿¡ Não provocara êle a terrível consciência de que ela era uma criatura desprezível, que constituía apenas para o branco um pretexto de baixo prazer sensual? Daí o seu desespêro aliado ao rancor que lhe fizera criar e tendo feito essa aliança temerosa, a primeira vítima dêsse rancor seria êsse rapaz leviano e fútil, alegre, e despreocupado com os sentimentalismos bárbaros das mulheres de côr e de sangue ardente.

Ah! se o visse tombar inanimado!

Porém essa imagem comoveu-a... e a final... ¡ ai! a final ela não sabia o que queria, porque sentia engolfar-se num abismo que não compreendia ¡ era uma alma simples, toda fogo e braveza, queimada agora por um rancor de vingança! Que fazer? Que fazer?... e a pobre N'fuca

outra vez se foi ajoelhar em frente da pequena imagem de Nossa Senhora do Livramento, murmurando anciosa, uma oração, miserável farrapo humano no seu desregramento mental. E outra vez no silêncio do amplo quarto imerso em escuridão uma prece aflita sussurrou :

Kristu oningué !
Kristu uinguélelé !
Oh ! mamâne M'ruco oréra.

XX

Quando Paulo entrou na casa de bilhar do Palácio, o jovem Governador estava jogando uma partida com o Guerra, o antigo administrador do prazo Mahindo.

Este, com voz plácida e branda, sempre que acontecia carambolar desculpava-se, como se cometesse um grave erro de cortezia palaciana, e isto sucedia muitas vezes, porque o Guerra, no *Madrid* e no *Aurea*, tinha sido bom jogador e mostrava mesmo com complacência e uma pontinha de vaidade, a quem queria ver, uma pequena chapa de oiro tendo gravado o seu nome e por baixo: «Prémio de honra de Torneio de Bilhar — Café Madrid», e seguia-se a data, — emquanto Sua Excelência era o seu tanto ou quanto o que em calão de jogador se convencionou chamar um *pexote*.

E ao mesmo tempo que jogavam iam conversando em assuntos regionais.

— Pois não tenha dúvida, meu caro amigo ¡ êsse prazo mais tarde ou mais cedo tem que vir cá parar! E' lógico — dizia o Governador cofiando o bigodezinho negro, brilhante, bem cuidado, entre duas tacadas erradas.

— Peço desculpa a Vossa Excelência senhor Governador ¿ mas o que é lógico?

— Meu caro, trata-se de fundar, está claro, com a maior base em capitais estrangeiros, porque os portuguêses fogem a estas coisas, uma nova sociedade de exploração

agrícola, com os prazos de que o falecido Conde de Vila Preta era arrendatário e que em tão bom caminho de cultivo intenso e rendoso deixou, quando morreu. Natural é que os prazos de Tangalane, Madal e Cheringone façam parte desta nova sociedade.

— Fazem Vossas Excelências muito bem — respondeu brandamente o Guerra todo inclinado sôbre a borda do bilhar na decisão duma bola a recuar, dando uma tacada rija, firme.

— Pois nós precisamos quanto antes mandar deitar abaixo êsses milhares de cajueiros que Você lá tem... e plantar coqueiros, sinzal, coconote, árvores ricas.

— Peço desculpa a Vossa Excelência senhor Governador — respondeu o Guerra, fazendo um *masser* — Vossa Excelência está a julgar errado ¡ deitar abaixo os cajueiros! ¡ a única coisa que há tantos anos nos tem feito ganhar algum dinheirinho!

— Você verá! Se não for êste ano, será quando a *Société* puder. Demais a mais já temos a promessa da entrada do Duque de Riviera na *Société* com uns capitais importantes, e estou convencido que também faremos a diligência para arranjar o Inhassembe e o Prazo Pepino na margem direita — arranjam-se assim uns quarenta mil quilómetros quadrados ou *redondos*... já não será mau. Hein!... é o ideal para a copra!

— A copra não é melhor que o caju — murmurou o Guerra fazendo uma bola de fantazia, *a puxar*.

— Você está a ver que, com a constituição da nova Sociedade, as culturas daqui em diante vão tomar um incremento, como nunca tiveram: veja lá o que diz aqui o nosso excelente e ilustre Director Gerente da Companhia do Borosinga — disse o Governador dando uma tacada

falsa que fez com que a bola saltasse a tabela e fôsse rolar no chão.

Assim interpelado directamente, o Director gerente em Africa daquela esperançosa Companhia, que estava calado, sério, apreciando o jôgo fino do Guerra, sorriu e respondeu com convicção e gravidade, na sua fala cheia de sotaque estrangeiro:

— Oh! *si*, com certeza, nós temos que trabalhar muito, ter muita *corage*, fazer muitas experiências, de que algumas terão mau sucesso *¿nest-ce pas?*

— Pois sim! mas com o meu amigo lá de dentro, a mandar, com o seu saber, tenacidade e coragem, há de ter sucesso, verá...

— Oh! muito *obrrigado*! mas os senhores accionistas, ao princípio não podem contar com dividendos .. talvez um sexto do capital empregado na cultura, daqui a alguns anos é que dê algum lucro.

— Em todo o caso, o ilustre Director há de ceder-me... — e o Governador tossiu, preparando se para dar uma tacada certeira, destas de *meia bola e fôrça.*

Fez a carambola, interrompeu o jôgo, e virando-se novamente para o Director, continuou muito insinuante, muito risonho:

— ...Há de ceder-me umas acçõezinhas... ¡¿ sim!?

Mas o estrangeiro ficou calado, sério, impassível, impenetrável, e o Governador errou a bola que se seguia.

— Então?... poucochinhas!? insistiu êle.

— Vinte e cinco! — exclamou o Guerra, concertando os óculos... peço desculpa a Vossa Excelência senhor Governador, mas parece-me ter ganho a partida.

— Está muito bem — disse o Governador arrumando o

taco e depois foi sentar-se junto do estrangeiro, que começara outra vez a discretear:

— Oh!... *si*... haveria culturas que depois de feitas, se teriam de arrancar para semear *outro couso*: já mesmo acontecera isso com o algodão... não tinha dado nada, cá em baixo, na Baixa Zambézia; isso era bom lá para cima, para os prazos no norte. Em tempos, tinha-se já cultivado o algodoeiro, e os tecidos de Sena tinham tido fama. Contudo far-se iam mais experiências ¡que belo resultado se obteria se a Província de Moçambique se podesse libertar do algodão das Índias e de Manchester!

Ainda mais! ¡já trezentos mil pés de cafezeiro tinham sido arrancados! ¡e a praga dos gafanhotos! que no outro ano tinha devastado uma boa área do prazo! ¡e a varíola que se tinha feito sentir com intensidade, e que provocara a fuga dos pretos, quási em massa!...

— Oh! *si!* tudo isto, o accionista tinha de pagar, mas êle tinha fé que a sua Companhia daria lucros compensadores, e dêstes sacrifícios dos senhores accionistas àquela Colónia portuguesa, surgiriam, como antigamente com o oiro, o marfim e o escravo, novas riquezas para o Portugal moderno... seria o novo Brasil, as nossas colónias da Africa Oriental e Ocidental.

Paulo escutava com interêsse o entusiasmo convicto e sereno do estrangeiro, e via naquela face pálida, enérgica e séria a vontade firme de vencer, e as suas palavras tomavam um cunho de gravidade e de fôrça, que se impunham sem esfôrço.

Mas o Governador puxou-o de lado, e encetou com êle, em voz baixa, uma conversa numa volubilidade de gestos toda meridional, em que Paulo às vezes ouvia apenas frases

destacadas «...acçõezinhas... cotação elevada... novo lançamento de obrigações... empréstimo», etc.

Paulo relanceou o olhar pela sala. A um canto, o Sousa muito alegre, de uma alegria nervosa, conversava com o Brás Lobato, que se demorava a beber uma cerveja, em pé, junto da janela, e o Teixeira, fumando cigarros uns atrás dos outros, com a testa vincada, pálido, dessa palidez amarelada dos anemiados pelo impaludismo, estava armando as peças de um fonógrafo de cilindro, a última novidade americana.

Todo entregue àquela distracção, estava calado; apenas vincava mais a testa, quando uma risada mais forte do Sousa conversando com o Brás Lobato, se ouvia na sala.

Um rapaz louro, que o Paulo conhecera na manhã do almôço em casa do Teixeira, sòzinho a um canto, afinava devagarinho uma guitarra e dois cavalheiros, tisnados do sol e do ar livre, chupados pelo calor do clima, de barbas crescidas, muito negras, o olhar brilhante e decidido, revelando o caçador do mato, as faces enérgicas e tornadas mais negras em contraste com a alvura imaculada dos seus fatos brancos, fumavam melancólicos e calados, como árabes do deserto ardente, em descanso á porta da tenda errante, depois de uma correria...

A pesar das janelas abertas de par-em-par, altas janelas que arejavam a sala, armadas com finas rêdes para interceptar a entrada dos insectos atraídos pelas duas luzes dos candeeiros de petróleo incidindo sôbre o taboleiro verde do bilhar, o calor era intenso naquela noite, e contudo àqueles homens já aclimatados parecia não lhes fazer grande impressão, e conversavam serenamente sem mostrar incómodo maior.

Paulo aproximou-se do Teixeira para observar melhor

a máquina maravilhosa que reproduzia fielmente o som, o timbre, o modo de dizer especial de cada laringe humana, e que era a última novidade scientífica lançada pela América. Junto dela estava uma caixa de carvalho, envernizada, contendo uma série de rôlos, encerados com uma densa camada de cera côr de chocolate, metidos em cilindros de cartão, anunciando pelos seus rótulos, os motivos de ópera, os versos recitados pelo actor em voga, fixados e prontos a fazer vibrar uma membrana de mica, quando se enfiavam num cilindro de aço, e se soltava o detentor da mola de um maquinismo de relojoaria.

¡Era simplesmente maravilhoso!

—¿Já ouviu isto, senhor Paulo?—preguntou o Teixeira.

—Já ouvi uma vez em Lisboa, numa loja da Avenida. Lembra-me de ter ouvido uma coristazinha do Teatro da Rua dos Condes, a cantar uma cançoneta do Tim-tim--por-tim-tim.

—*A Imprensa*—uma Palmira... bem sei!...

—Eu também tenho aqui um cilindro, para logo se imprimir. Vocês todos hão de dizer ou cantar qualquer cousa—disse o Teixeira, espanejando com uma escôva especial as peças interiores do maquinismo falante.

—¿Então sabe que o amigo Sousa, vai para Lisboa ámanhã? Já tem tudo tratado, bilhete comprado, etc..

—Não sabia! E' surpreza! ¡E não quiz despedir-se de ninguém!

—E sabe que a Dona Rosário me mandou dizer que precisava falar muito comigo, se eu podia chegar lá a casa uma tarde...

—¡Ela está mas é com mêdo! Parece que alguém lhe meteu na cabeça que eu quero levantar outra vez a ques-

tão dos *luanes*, disse-me o meu cozinheiro, que parece tem lá inteligências dentro de casa... Agora é que é talvez ocasião de eu aproveitar... para domar aquela menina bonita — disse o Teixeira casquinando uma gargalhada abafada, e abaixando a cabeça para dentro da caixa da máquina. — E o que tem mais graça é que o Sousa me pediu ontem para eu olhar pelo Niné ¿então que diz a isto?

Mas o Paulo não respondeu porque nesta ocasião o Sousa, como se tivesse pressentido que estavam a falar dêle, vinha de braço estendido para um aperto de mão, dizendo sorridente:

— Bravo! ¿então o senhor Paulo por cá hoje?... é caso!

— E' verdade! — respondeu Paulo sorrindo também — alguma vez havia de ser! ¿diga-me, o Lucena ainda não apareceu por cá?

— Ainda não! — disse o Sousa com um ar frio, que diligenciava parecesse indiferente.

— Então foi agradecer o *achar* — disse Paulo.

— Talvez — disse o Sousa sem fazer grande caso, olhando curiosamente para a máquina falante que o Teixeira espanejava.

— E o Guilherme Carvalho?

— Esse — disse o Sousa rindo, não sei por onde anda; talvez esteja lá para a Companhia da Zambézia, com o Brás Moniz e o Nactzama. Ele aqui vem pouco, só para tratar de cousas de serviço. ¿Olhe lá, Você parece que está incomodado com o calor?

— Efectivamente, aqui está muito — disse Paulo com ar fatigado.

— Então venha daí ao terraço da casa de jantar, tomaremos um refrêsco.

— Vamos lá — ¿Você não acha calor?

O Sousa encolheu os ombros como quem dizia que já estava acostumado.

Entraram na sala de jantar que dava para a explanada do quintal, acenderam cigarros e acomodaram-se junto de uma pequena mesa de ferro, entre as portas onde, chegava muito esbatida a ténue claridade do candieiro aceso a meia luz, com a torcida abaixada.

— Aqui estamos melhor—disse o Sousa, levando à boca o copo de Wisky e soda que um moleque tinha preparado, sob as vistas do Manuel, o dispenseiro que o Governador tinha trazido consigo de Lisboa para tomar conta do recheio do Palácio. Depois, o moleque, indo agachar-se a um canto, começou a puxar com movimentos cadenciados e lentos um *pancá* enorme... e aspirando uma fumaça, olhou para Paulo e logo batendo-lhe no ombro disse alegre:

— Pois então! ¡¿ quere Você alguma coisa para Lisbôa! ?

— Bravo! Parabens! era isso o que eu também queria, mas tenho que andar por esta Costa de Africa para baixo e para cima durante dois anos, a não ser que adoeça, e que retire pela *Junta*. Ainda agora eu cheguei!

— ¡ Pois eu já cá estou desta vez há três anos a seguir... e farto disto! e a final poucas libras na algibeira... Não vale a pena.

Riu-se e, como que lembrando-se de repente de qualquer cousa, pôs-se sério e continuou:

— Pois naquela noite do batuque ¿Você lembra-se ainda?...

— ¡ Ora se me lembro! Ainda tenho a canela dorida aqui, neste sítio — disse Paulo apontando com o dedo — da pancada numa trave... ou o que fôra.

— Pois naquela noite quis romper com aquela madama,

quis sair a mal... a final não saí, mas não tornei lá... ela é que vem hoje, ter comigo.

— Ah!...

— ¿É verdade que Você recebeu um presente dela? ¿não lhe mandou um *saguati* de *achar* de limão? — preguntou o Sousa com curiosidade.

— Não foi de limão — disse Paulo rindo-se, foi de manga... um petisco qualquer da Índia que aqui também usam... se quere que lhe diga com franqueza, eu não gosto que me mandem coisas para comer, vindas de gente que eu não conheço.

— Ai! não é bom... não.

— Mas emfim como nunca tinha provado...

— Gostou?

— Uma coisa! — disse Paulo com um gesto de indiferença — é bom talvez para *monhé*; é picante, desenjoativo, e excitante, gosto mais de caril. Ela também na mesma ocasião mandou *saguati* ao amigo Lucena.

— Ai! sim? mandou? pois isso é que eu não sabia — disse o Sousa com a voz um pouco transtornada — tem graça, eu também recebi... foi *saguati* para os três mas eu não comi... Comecei a desconfiar muito desta rapariga, depois da última scena em que a vi que nem uma féra. ¡Se eu não estivesse já há muitos anos costumado a lidar com estas pretas e mulatas, tomava mêdo! E hoje que ela vem cá, logo, preciso estar de pé atrás, não me apareça com mais algum disparate... sabe? eu pedi ao Teixeira para me olhar pelo petiz.

— Ao Teixeira!? — não pôde deixar de repetir Paulo.

— Sim! então?

— Nada — respondeu Paulo que não percebia.

— E' o rapaz que há aqui mais competente para a ter na ordem, e depois, êle gosta dela, e ela que isso percebe, com a sua endemoninhada fôrça de encantamento há de conseguir que êle não prosiga mais na idea de lhe tirar as cubatas... e o Niné...

— E essa creança? é verdade! preguntou Paulo pasmado do plano.

— O Niné, cá se irá criando até ter idade de se lhe dar um destino, tem sucedido isso a muitos .. arranja-se-lhe um futuro... os *luanes* hão de ser dêle.

— Se não lhos tirarem...

— Não .. os de Sena não tiram, são de posse secular... mas o Niné... receio muito que não vingue... dizem-me que tem andado há tempo muito doente, e depois, — isto aqui para nós muito em segrêdo — ¡¿ quem tem a certeza de que seja meu filho!? Eu cá não tenho... e fiquemos por aqui — disse o Sousa levantando-se da cadeira onde até ali estivera sentado.

Com o cigarro entalado entre os beiços, deu uns passos, depois voltou outra vez para junto de Paulo, parou, encostou a mão ao espaldar da cadeira e continuou, virado de frente para êle:

— A N'fuca também tem respeito a um preto que conserva lá no *luane*: é um preto esquisito, o Zudá. ¿ Você viu alguma vez êsse negro?

— Eu não, pouco tenho ido lá; só duas vezes e sempre com o Lucena.

— Ah! sim! o Lucena — disse o Sousa mastigando as palavras — eu sei, há um ano que êsse menino freqüenta a casa, nos intervalos da navegação, e como ela tem sido pouca... Mas deixemos lá o Lucena. Como ia dizendo, o Zudá é um preto que parece ter alguma influência sôbre

a N'fuca, escusado será dizer que é um grande malandrim-aposentado — é um maganja da costa — antigo-*capitão* do José Bonifácio; talvez tenha sido cúmplice na morte do seu infeliz camarada tenente Semeão de Oliveira... e pertencia à gente que em 1892 invadiu os prazos Licungo e Macusse.

O *tipo* conhece-me bem desde a época em que passei as passas-do-Algarve na aringa de má morte, onde eu julguei ficar para sempre, tendo-me fugido todos os sipais. Em 1886, o Governador de então convenceu os maganjas a entregarem as armas que eu lá tinha sido forçado a abandonar, prometendo êles pagar *mussoco* Ora! ¡nunca pagaram nada, dizendo sempre que eram gente de guerra!... até que veio o Coutinho e arrasou aquilo tudo.... e hoje já pagam.

— ¡Muito devemos nós, na Zambézia, a esse bravo!

— Muito! e aos companheiros dele, mas não devemos esquecer os outros... os antecessores, os mártires. Terra africana mais regada de sangue português não há outra na nossa A'frica, que eu desconheço a história de todas as outras nossas colónias...

— Também eu! e .. ¡há muita gente boa que só lê as *mayonnaises* francesas que correm mundo embrulhadas em capas amarelas, a três francos o volume!

— ¿Também, para quê ler? Lá em Lisbôa ninguém faz caso disto. . Encolheu os ombros em sinal de desdém... e continuou:

— Ela trata o patife com regalias que todos os outros pretos do *luane* não disfrutam. Alguma vez fazem-lhe partida, porque êle já é meio velhote, e êles são macuas que é raça abjecta.

— ¿Porque é que ela lhe tem um certo respeito?

— Penso que o preto a conheceu em pequena, de que modo não sei, porque êle é maganja da Costa, e a N'fuca em pequena esteve sempre nos prazos de Sena. Mistérios africanos com que não me importo...

O Sousa, largando a cadeira, tornou a dar outro passeio no terraço, silencioso, e, lá dentro na sala de bilhar, ouviam-se as pancadas sêcas das bolas de marfim, nos repiques, chocando-se umas com as outras por entre o sussurro das conversas; depois, todo o ruido parou, e os tons dolentes de uma guitarra começaram ecoando no silêncio da noite.

Era um fado ! um fado triste, melancólico como todos os fados; era a plangência dos sons dessa música tão ouvida a que em Lisboa chamam a Canção Nacional, que enchia agora de notas trinadas as salas do Palácio, e os dois rapazes, agora calados, escutaram com agrado aquela música, onde vinha de envolta com a toada triste da vibração das cordas da guitarra a saudade dos entes queridos tão afastados dêles. Era o triste fado !

— ¡ Pois ámanhã vou para Lisbôa ! — disse o Sousa, como remate à música, quando ela acabou.

— ¡ Eu, se não vou, é porque não posso ! — retorquiu Paulo com tristeza.

— ¡ Afinal, o grande prazer é chegar !... Depois, Lisboa, chega a cansar, às vezes lembra-se a gente disto. ¡ Olhe que é estúpido ! mas é assim mesmo !

— Ah ! mas Você não sabe ? ¡ Naquela noite do batuque, depois que Vocês se foram embora, houve scena ! eu fui bruto ! perdi a paciência ! está claro: fiquei no *luane* ¡ antes não ficasse ! tive que a castigar à bruta, porque ela nessa noite fez-me um arremêsso como nunca tinha feito. ¡ Então não chegou a puxar de um punhalzinho

para me espetar! Hein! que lhe parece!? é mulherzinha de faca na liga — se usasse ligas. ¡E é que chegou a ferir-me! Veja aqui, senhor Paulo — e o Sousa, arregaçando a manga do casaco branco, mostrou um grande arranhão ainda vermelho, levemente inflamado, e que se destacava na brancura da pele do braço.

— Ah! então como foi isso? preguntou Paulo curioso. — E' uma bôa marca das garrazinhas da gata.

— Foi uma scena à moda das do teatro do Principe Real. Eu tinha ficado muito aborrecido com a rebuliçada conseqüente daquela intempestiva intervenção do Brás Lobato e disse-lhe com insolência e aspereza que me ia embora, o que decerto ela já sabia¡ Mas disse-lho com modos irritantes, chamando-lhe nomes feios, e que a deixava com prazer! ¡Sôbretudo o que eu queria saber era quem ali dentro possuía armas de fogo! ¡quem tinha disparado o tiro!...

Ela ouviu-me até ao fim, sem me interromper, com os olhos fechados e a boca cerrada, e eis que se agarra a mim como uma fera, o olhar chamejante, a cabeleira desgrenhada, parecendo uma hiena a cair sobre um antílope e, ululante, o peito a arquejar, os seios de encontro ao meu casaco infiltrando-me no corpo o seu calor sensual e a rouquejar e a gritar-me junto do meu rosto: « — Oh!... *mosungo*! ¡não dizê mais que vai para a mulhê branca! N'fuca tem mêdo de ficar só... perde *luane*, N'fuca não pódi ir mais no prazo de Sena. Teixêra sábi! Teixêra disse que mandá prendê por causa di papeli e *m'cunha* Sousá nô estar aqui... ao pé de pobre N'fuca, cousa mal fêto! eh! uh!... abandoná N'fuca e Niné... oh!... toma cuidado *mosungo*! — » disse ela largando-me, recuando para o fundo do quarto... meio nua porque os

panos chibantes tinham-lhe descaído pelo corpo esbelto, com os seus movimentos frenéticos, e o cinto das libras... ¿Você reparou num cinto com pingentes de libras inglesas que ela trazia naquela noite do batuque?

— Reparei.

— Pois o cinto tinha-se desprendido e jazia a meus pés, com as moedas brilhando com clarões fugazes à luz pálida duma candeia acesa posta sôbre a mesa. Eu agarrei no cinto e atirei-lho à cara. Ela estava bonita a valer com o torso nu, os seios levantados... Agarrou no cinto, atirou-o de repelão para cima da cama e veio para mim outra vez, rojando-se sôbre a esteira, com os braços chocalhando pulseiras e braceletes... a implorar, a agarrar--me pelos joelhos.

— Ah! *mosungo* Sousá nô vai embora! tem Niné. . nô pódi!... nô pódi! Mulhê blanca nô presta para nada, é velha, é magra!...» Depois de repente, levantando-se insultou-me para me fazer exasperar... dizendo:

« — ¡ Mulhê blanca ter *oruculo* [1] à boca! ser *malapua metiava* [2] eh!...»

— Amigo Paulo! com estes insultos grosseiros, eu ia perdendo o sangue frio, não o perdi porque sabia que ali andava nervosismo em excesso, e por experiência sabia que ela gostava, por uma táctica tôda feminina, de me exasperar à fôrça de insinuações. Portanto deliberei não fazer caso do que ela me dissesse... e retorqui com toda a serenidade « — Ah! ¡ isso é que eu me vou embora! estou farto disto!... ¡ Então com esta scena do batuque fiquei pronto! Quem deu aquele tiro?» Ela soluçou

---

[1] Barriga.

[2] Cadela vil.

«— Eh, eu nô tem culpa, *m'cunha* Lucena é que pediu para blanco entrá, N'fuca vai sabê quem disparou o arma. N'fuca desconfia de cozinhêro de Texêra... eu vou falá a Zudá, para dizê. N'fuca nô tem arma de fogo!»

«— O Lucena aqui não pede nada! ¡ouviu! —» disse eu a final colérico. «— Irra! ¡vou-me embora porque quero! não faltava mais nada do que ficar nesta bresundela por causa da senhora Rosário, da senhora preta Dona Rosário!» — E dei-lhe um pequeno empurrão dizendo-lhe: «— A minha mulher não é nada para aqui chamada ¡sua preta¡ que nem preta é ¡é uma mulata! nem mulata é!... não é coisa nenhuma...» «— E Niné? —» disse ela com os olhos muito abertos, a face agora impassível.

— Niné ¡¿eu sei lá se esse môno é meu!? Entra aqui tanta gente... ¡até as visitas do Lucena! e cheguei-lhe outro empurrão. Ah! amigo Paulo agora a verás: Ela tropeçou nos panos descidos pelo corpo, ia a cair mas equilibrou-se rápida, e então cresceu para mim ¡quási nua, pavorosa, perdida! — e via-a então armada com um pequeno punhal. Saltou sobre mim a gritar: «— *Sciu!* ser desprezo eh!... pois ben. Sousá não irá no seu terra! *inhamatanga mavi* [1] *evili! evili!* [2] *munhanja!*

Oh! menino! eu então com êstes insultos perdi a paciência e cheguei-lhe, a valer, a olhos fechados, sem saber por onde lhe dava... ¡Ela não gritava, apanhava sem gemer e procurava silenciosa ferir-me no pescoço com o punhal!

Eu chamava-lhe tudo o que me vinha à cabeça. ¡Você

---

[1] Português de m...
[2] Malandro.

sabe lá de que raça são estas *madames*! Até que, quando lhe arranquei o punhal das mãos, ela se atirou para cima da cama a soluçar e a morder raivosamente as almofadas, e a fazer-me gestos de ameaça — ¡ ¿ Mas Você quere ver de que raça são estas *Donas!?*... ¿ Parecia que isto fôsse uma scena dominante, decisiva, que marcasse... ¿ não é verdade? ¡ Pois meu caro amigo! Não sei como as cousas se arranjaram, dali a um quarto de hora tinhamos feito as pazes ¡ tanta vergonha tinha um como tinha o outro! ¿ E' estúpido isto, não é?

Paulo sorriu. Lembrava-se também de scenas assim... de outro género, mas acabando do mesmo modo — Era sob todos os aspectos, sob todos os climas, a mesma carne fraca... a mesma miséria dos sentidos... [1]

Mas o Sousa, todo excitado com a idea da próxima partida para Lisboa, continuou:

— Emfim, amanhã faço tenção de me ir embora — e, aproximando-se muito de Paulo, disse-lhe em segrêdo — e hoje é a geral despedida... desde o outro dia em que fizemos as pazes nunca mais a vi... nunca mais a procurei... porém ao deixá-la, ela estava macia como um veludo... e então combinou comigo vir encontrar-me na noite da véspera da minha partida, e disse-me que me trazia um *saguati*, mas que só o havia de ver, quando eu fôsse no mar largo, e disse-me isto abraçada a mim e a chorar.

«— Se é coisa de comer não quero» — disse-lhe eu...
«— Não, não é coisa de comer nem de beber, é coisa bonita que N'fuca arranjou, para amigo.»

---

[1] *Gadir e Mauritânia,* do autor.

Paulo sorriu-se outra vez.

Então o Sousa vendo o sorriso exclamou:

— Ah! amigo Paulo! nós dizemos que estamos fartos... e não sei que veneno é êste que se infiltra nas nossas veias... qualquer cousa que se não pode definir bem... que depois lá na Europa lembra com saudade... E estúpido! mas é assim mesmo! Você ainda não conhece isto... nem conhecerá felizmente, porque a sua vida é outra: está aqui de passagem apenas.

Paulo tornou a sorrir... ¡não estava o Sousa a repetir pouco mais ou menos o que êle ouvira ao Lucena numa tarde quente, sentados os dois sob o alpendre amoiriscado da casa da Esquadrilha, decorridos poucos dias depois de Paulo ter desembarcado nesta terra ardente, escaldante de paixões violentas! E talvez o Lucena, dissesse as mesmas palavras, expozesse as mesmas ideas, pensando ambos naquela mesma rapariga, a Dona Rosário, que à força de se referirem a ela, começava a ganhar prestígio no espiríto de Paulo.

¿Poder-se-ia alguma vez dar o mesmo com êle?

Não lhe parecia. Só se esquecesse completamente as recordações de outros céus, de outras alegrias, de outros horizontes, de outras amizades que o prendiam com fôrça à sua terra natal.

Nada aqui o prendia, não tinha o ideal de arranjar riqueza; vivia sem confôrto, sem distracções espirituais. Isto servia para aqueles que chegavam na ânsia da luta tenaz, trazendo consigo a vontade firme de vencer, de enriquecer. Daqui a breves anos a civilização, saneando a Baixa Zambézia, iria atraindo cada vez mais a metrópole ansiosa de riquezas, e seria então a Zambézia uma colónia modêlo talvez como nenhuma outra, esplêndida de prosperi-

dade, como sucedia na *British Central Africa.* Os estrangeiros, com mais recursos monetários do que os portugueses, também pouco adiantavam, também andavam *às apalpadelas* na escolha de culturas e explorações, e também lá numerosas vítimas baqueavam derrotadas pela miséria, pelo impaludismo; mas todos haviam de vencer... e os portugueses melhor aclimatados, com maiores condições de resistência, com a tradição antiqüíssima da sua ocupação ininterrupta, venceriam em tôda a linha.

Ah! mas era necessário que a política colonial fôsse bem dirigida por homens competentes que tivessem lutado pelas colónias, que êsses altos valores guiassem, protegessem os colonos que para lá iam trabalhar para conseguir riqueza.

O delta do Zambeze era insalubre, mas as Companhias que se estavam formando, organizando com vastos capitais, iam com certeza facilitar os esgôtos das aguas paradas, encher de culturas apropriadas as grandes lagoas improdutivas e pantanosas, atenuando-as, ligando-as umas às outras em valas de milhares de quilómetros; creariam assim comunicações rápidas, entre os prazos e o mar.

A região tôda estava pacificada; nunca mais se ouviria falar em rebeldias de *mosungos* e prepotências e crueldades de *Donas;* tudo isto estava a desaparecer, o heróico Azevedo Coutinho acabara-lhes de vez com o prestígio. Herói e honra da sua raça, consumira o melhor da sua saúde e mocidade na selva zambeziana, para que todos podessem trabalhar com garantia e com sossêgo. E agora, o oiro, o cobre, todos os metais preciosos, tôdas as riquezas, iriam saindo pouco a pouco daqueles terrenos privilegiados, de posse tradicional na mão

de portugueses, mas incompletamente explorados e em épocas diferentes abandonados à sua sorte.

¿O que era necessário agora? Confiança, tenacidade, trabalho, método, e uma luta tenaz contra o clima, principalmente na Baixa Zambézia, por meio de uma educação inteligente do colono branco, feita préviamente em escolas técnicas na metrópole.

Missionários, agentes das Companhias, militares, espalhar-se-iam por aquelas aldeias sertanejas, mas nunca consentindo os Governadores que se demorassem muito tempo por lá, porque o europeu nestes climas ardentes, quando durante muito tempo está privado do convívio social dos outros brancos, torna-se neurasténico, violento, ciumento de autoridade, ¡e há sítios onde ainda nenhuma autoridade chegou! Ah! ¡ainda faltava tanto que fazer! ¡Porque não se havia de vencer!

Já em Lisboa a Sociedade de Geografia lutava tenazmente para tornar conhecidas da Nação as nossas vastas colónias, e chamar para eles a atenção de todos os portugueses; já ela procurava estimular os Govêrnos a fazerem mais alguma coisa do que apresentar documentos, quando a sanha cubiçosa do estrangeiro ameaçava arrancar-nos o que tão nosso era.

¿Porque é que o povo português não correspondia ao esfôrço e à boa vontade dos homens que previam os perigos do abandono moral das colónias?

O futuro se encarregaria de tornar práticas as nubladas conjecturas sôbre o nosso domínio colonial ..

XXI

O Manuel dispenseiro, irrompeu na casa de jantar do Palácio, com ar de quem procurava alguém, e foi até ao terraço onde Paulo se achava sentado.

Vendo-o, inquiriu respeitosamente «— se o senhor tenente não tinha visto por ali o senhor Secretário?»

— Sim — disse Paulo—estava aqui a conversar comigo; foi até lá dentro, mas creio que não se demora.

— E' que está ali à porta um preto que pede para falar imediatamente ao senhor alferes. Eu não o percebi bem... O sipai de guarda veio com êle.

— Olhe, aí vem o senhor Sousa — disse Paulo apontando para a sala de bilhar.

Então o Manuel repetiu o recado.

— Mas o que quere êle? não sabes?

— Não sei... eu não entendo bem; apenas percebi que queria falar a *m'cunha* Sousa.

— Algum *milando* — disse aborrecido. — Olha, dize ao sipai que lhe indique a estação da Polícia. Aqui no Palácio não tomo conta... Olha! dize-lhe mesmo que essas questões, os *milandos*, já não são comigo, isso agora é com o alferes Cunha, ali no Quartel... amanhã vou-me embora para Lisboa... dá cá Lisboa! amigo Manuel... hein!?

O Manuel sorrindo dirigiu-se para o corredor da entrada.

O Sousa virou-se para o Paulo:

— Dê cá um cigarro dos seus... ¿Isto ainda é tabaco de Lisboa?

— E', mas, roubaram-me muito, e sabe? não desconfio dos pretos, desconfio mas é do tal impedidozinho que eu trouxe, e que me parece, saíu um bom patife... A alcunha é típica, eu devia ter atentado na alcunha, esta gente da proa nunca se engana nas alcunhas; elas apresentam sempre uma característica predominante do indivíduo visado...

— Então que alcunha tem êle?

— Chamam-lhe o *Rato-cego*; já vê, o rato é um temível roedor... naturalmente roeu-me o tabaco, deixou-me ainda assim umas onças para amostra... e se fôsse só isso...

— Pois amigo e senhor Paulo, ia a dizer-lhe...

Nisto irrompeu outra vez o Manuel pela casa de jantar e dirigindo-se ao Sousa com ar espantado exclamou:

— Oh! senhor Secretário! olhe que há qualquer cousa com o preto... o sipai já lhe bateu, já o pôs fora do Palácio à cacetada, mas o animal volta sempre a dizer que quere falar já a *m'cunha* Sousa e apanha as pancadas a dizer que quere falar a *m'cunha* Sousa, e parece assustado, veio a correr, atolou-se na lama, tem um beiço a escorrer sangue de um soco que o sipai lhe deu, mas não desiste, talvez o senhor Governador quando souber, há visitas...

— ¡Já te disse Manuel, não estou para maçadas! vai-te embora tu e mais o preto... ¡ora que seca! eu já não sou o chefe da Polícia. ¡¿Então hein!?

— Já disse isso ao sipai!...

— Então! ¿porque é que ficas à espera?

— O polícia disse que não é *milando*...

— Bem! ¡acabe-se isto por uma vez! manda-o entrar

acompanhado, pela porta do quintal e que pode vir falar-me... ¡e isso depressa! ¡que tenho mais que fazer, do que aturar pretos! Quero deitar-me cedo — e o Sousa virando-se para Paulo segredou-lhe — hoje é a geral despedida... uh .. lá lá!...

Passaram-se uns momentos e o Sousa dirigiu-se para a porta situada ao fundo do terreiro onde estava o *tennis*, Paulo viu-o afastar-se lentamente e de má vontade até que se perdeu na sombra das dependências onde habitavam os criados. Ainda viu brilhar na escuridão a brasa do cigarro e depois desapareceu de todo.

Neste momento ouviu os sons apagados de uma guitarra que tangia o fado na sala de bilhar, e uma voz entoadinha cantarolou lânguida:

Ouvindo o gemer das águas,
Da brisa sentindo o bafejo,
A teu lado, a sós contigo
Errava à beira do Tejo.

Mas de súbito, vindo do fundo do quintal, soou um grito rouco, e então apareceu um vulto correndo até que entrou na zona de claridade discreta, que o candeeiro a meia luz da casa de jantar projectava para o terraço.

Era o Sousa! vinha esbaforido!

Os olhos que êle já tinha grandes, vinham enormes e esgazeados, e todo êle tremia de ansiedade. Passou por Paulo, sem lhe dar atenção...

— ¿Que foi isso, homem? — preguntou este, levantando-se da cadeira, de chofre e, pressentindo novidade má, seguiu-o, e foi então que o Sousa num arranco de dôr lhe atirou com a triste notícia:

— ¡ A N'fuca está a morrer!

— Hein!? — exclamou Paulo numa interrogação de surprêsa.

Mas já o Sousa tinha desaparecido no corredor.

Paulo ancioso seguiu logo para a sala de bilhar, onde todos estavam agora prestando atenção ao rapazote, ao colono novato e bem recomendado o qual, repenicando com perícia as primas, toeiras e bordões, cantava pondo os olhos em alvo:

> Espelhava-se no rio
> A lua com seu cortejo.
> Era noite... bela noite!
> Por outra debalde almejo.
> Ai!

Mas o Paulo impaciente, não esperou pelo fim da copla, foi despedir-se do jovem Governador, pretextando retirar-se por se achar um pouco incomodado... e logo na sala soaram de todos os lados conselhos solícitos.

— Uma purga amanhã... chegue-lhe de sulfato de soda — disse o Teixeira a rir-se — isso é bílis!

— Não coma carne — dizia outro, irónico, sabendo-se que em Quelimane não a havia...

— Tome quinino .. o cloridrato, não tome o sulfato...

E o tenorino dos fados esperava tocando harpejos, que Paulo se retirasse, para continuar a cantar em verso, o que ele fizera no Atêrro, à noite, naquela noite, com ela e com o almejo a vibrar...

Paulo saíu da sala, saltou de um pulo os degraus da escada, chegou cá fora e gritou pelo Sambô.

— Plonto! siô! — respondeu a voz roufenha do atleta

preto que era chefe dos machileiros, surdindo da escuridão.

— Machila depressa!

— Plonto! siô! — e na treva varias formas confusas se movimentaram com lentidão.

— Depressa! — gritou Paulo.

Dali a uns segundos saltava para dentro da machila e dando ao Sambô a direcção do *luane* da Dona Rosário, mandou seguir a toda a velocidade. Que fôsse pelos carreiros mais curtos sem se importar com as ervas altas e com as poças, ordenou Paulo.

Agora corria à desfilada pelos campos, através de todos os obstáculos e, em breve, juntava-se à machila do Sousa que não possuia pretos tão vigorosos e porque os seus negros com a sua vista aguçada, o seu ouvido finíssimo, já tinham percebido o rasto dos outros machileiros, e tinham-lhe ido no encalço, sem errar. E os dois rapazes seguiram a-par, mas não podendo trocar impressões, porque o balanço das machilas era de uma amplitude tal que não permitia conversas.

¿Como teria sido aquilo?... preguntava a si próprio, emquanto os pretos corriam em carreira desordenada.

Nos primeiros momentos Paulo, vindo da claridade da casa de bilhar, nada viu, em redor tudo era treva, mas os pretos, sem hesitação, e sem darem encontrões em obstáculos, levavam-no rapidamente. De-vez-em-quando percebia que se metiam em capim alto porque ouvia o ruído das ervas passando rápidas, roçando e vergastando a armação e as lonas da machila. Algumas vinham ainda tocar-lhe na cara. Outras vezes pirilampos atravessam-se-lhe pela frente passando de um para o outro

lado, e ondas de mosquitos, pousavam-lhe nas mãos, nas fontes, no pescoço, mordendo-o dolorosamente.

Seguia sempre por entre o capim alto, levando em frente dos olhos a figura daquela estranha mulher, tipo acabado de *Dona* zambeziana mas requintado em expressões de beleza e inteligência que não era fácil encontrar nas africanas.

Pelo menos êle nunca vira nada assim, na outra Costa. Na Ilha de Loanda tinha conhecido a menina Antónia, uma mulata que habitava na palhota da *Velha-magra*[1] e que se dizia filha de um oficial de marinha, e de uma lavadeira mulata da *Velha-gôrda*, mas coitadinha, nada se parecia a modestíssima rapariguinha, com a orgulhosa e inteligente Dona Rosário, rica de *luanes*, exportando copra e mais produtos coloniais por intermédio dos negociantes monhés.

Via na sua frente aquela rapariga tão cheia de mistério, como era ainda o de muitas regiões da sua terra, de educação cristã e costumes semi-bárbaros, e que lhe fizera tanta impressão a primeira vez que a tinha visto, naquela tarde de passeio com o alentado Lucena.

Uma humidade morna fustigava-lhe o rosto, continuava sem descortinar coisa alguma dos caminhos e, a não ser o ruído das ervas e arbustos arrastados violentamente pelos corpos dos pretos, o silêncio era impressionante; só de-vez-em-quando se ouvia o chapinhar dos pés nas poças de água suja, de que sentia os salpicos na cara, e donde vinha um cheiro a podre; miasmas de febre o envolviam, e o ar húmido estava impregnado de exalações mefíticas.

---

[1] *A velha magra da Ilha de Loanda*, do autor.

Paulo tentou dizer ao Sambô para sair daquele caminho, bateu com a mão no bambu, e só à segunda pancada a machila parou.

— Sambô! — gritou Paulo.

— Siô!?

— ¿Não poder ir outra estrada? — disse, imitando a fala do preto.

— Pódi... si...

— Então deixá este caminho.

— Si sió.

— Falta muito?

— Nô siô...

— Onde vai *m'cunha* Sousa?

— Ir adiante. Siô querêle passá adiante?

— Não... vê se chegas ao mesmo tempo.

— Si-siô... andá! *árrakaká!* uuuh!... — gritou o Sambô, dando um estalo formidável com a língua, e a machila abalou outra vez em carreira veloz.

Junto ao solo encharcado, o ar estava irrespirável; parecia que ia cair chuva, e Paulo lembrava-se com terror se vinha de repente algum aguaceiro, semilhante àquele que presenciara logo no primeiro dia da sua chegada a Quelimane. ¡Seria outro desastre!

Então Paulo sentiu de-repente correr-lhe um estremecimento frio pelas costas, como se lhe tivessem deitado sôbre os ombros um balde de água fria... Oh! oh!... pensou, isto é um aviso! preciso mais cautela! mas já agora, sinto que me puxa a curiosidade, pobre N'fuca! Quero ver o que aconteceu... nunca mais verei aquela linda mulher, se se der alguma fatalidade, emfim talvez seja exagêro do preto que levou a notícia ao Sousa ¡e êle que se vai embora amanhã! que estava contentíssimo!... ¿e o fi-

lho, o tal Niné? ¡como tudo muda de um instante para outro!

Então Paulo julgou ouvir ao longe uns gritos agudos, apagados.

Prestou mais atenção, abstraindo, filtrando os ruídos estranhos.

Efectivamente, era assim a-modo uma cantilena breve de vozes, seguida de um grande silêncio; depois continuava, e era de um efeito lúgubre no silêncio da noite. E os machileiros continuavam correndo na treva espêssa.

Mas as vozes iam-se aproximando, era sempre o mesmo côro, entrecortado de gritos plangentes, não havia dúvida, estava-se a chegar ao *luane* da Dona Rosário.

Continuaram a marcha, e quando chegaram junto da paliçada que rodeava a casa, Paulo por entre o clarão fumegante e avermelhado de alguns archotes acesos que os negros agitavam sôbre as cabeças, e que espalhavam pelas paredes das palhotas e pelos troncos e ramarias das árvores uma côr sanguinolenta, tétrica, viu um formigueiro atarantado de gente negra, que entrava e saía numa algazarra de confusão, indo levar a nova a outros *luanes* próximos com grandes gritos.

E os choros eram constantes em frente da varanda. As mulheres sentadas sôbre os calcanhares, formando círculo, improvizavam um côro no qual se expressava a sua estima pela morta, e as suas muitas virtudes; depois, uma delas relatava um incidente qualquer notável da sua vida, e no fim, todas as vozes se uniam num côro triste, em geral expressão de mágua.

Os dois jovens arrancaram-se de sacão de dentro das machilas, subiram a escada num fôlego, e na varanda, viram o Lucena sentado numa cadeira de palhinha, curva-

do, com os cotovelos fincados nos joelhos e chicoteando com lassidão o taboado do pavimento.

Assim que os viu, levantou-se a repêlo, e veio ofegante, numa angústia bem visível a correr para os dois e disse:

— ¿Querem-na vêr? Ela está ali, dentro do quarto, esperem um momento porque as mulheres da casa estão a lavá-la com água quente — e fazendo uma visagem de repugnância explicou: — Ela coitadinha ¡ estava toda suja de sangue!

— De sangue? mas então como foi?

— ¡ Eu ainda não estou em mim! ¡ esta catástrofe foi tão rápida! Pode dizer-se que se passou tôda à minha vista... parece um sonho mau ¡ e não obstante é a mais triste das verdades! — e o Lucena opresso, encostou-se à varanda represando as lagrimas.

— ¿ Mas o senhor estava cá? — preguntou o Sousa com a voz rouca, numa interrogação ciumenta.

— Estava... acabava de chegar à porta do quintal, mesmo no instante em que o facto aconteceu; que grande desgraça! Eu a saltar da machila e a ouvir dentro de casa, lá em cima na direcção do quarto da N'fuca, um pavoroso grito de angústia, de surpreza, de dôr! um grito tão ancioso e horrivel que me parece ainda estar a ouvi-lo, ainda o tenho dentro da cabeça... ¡ Era um grito que confrangia... de violento e pavido!

— Oh! com a bréca! disse eu comigo ¿ o que será? e abalei pela escada acima, num estado de terror intenso... Corri à porta do quarto que estava fechada por dentro, e que ninguém vinha abrir, ao mesmo tempo chegavam espavoridas as moiecas, a Luísa, a Bandiná, a Rosa... o mulherigo das palhotas corria em baixo de um lado para o

outro, e um preto, esguio, magro, alto, apareceu junto de mim, o qual, com decisão e fôrça, meteu os ombros à porta; eu ajudei-o também, e logo com o nosso duplo impulso a porta estalou nos gonzos e foi dentro, e nós atrapalhadamente fomos de roldão para o interior do quarto. Então, à luz da candeia que iluminava fracamente o recinto, e que estava à borda de uma mesa baixa, deparou-se-nos um espectáculo impressionante que tão cedo não poderei esquecer. Junto dessa mesa, caída sôbre o lado direito, o busto semi-nu, a camisinha quási arrancada, um braço sob o corpo, e levando a mão que lhe ficava livre ao pescoço, num gesto de asfixia ¡a pobre mulher desfalecia! pequenas crispações lhe torciam a boca aberta num último grito de aflição, de terror e surprêsa, os olhos abertos fitavam mas pareciam não ver, mexia os labios, mas já não podia falar e a face ia descorando e entumecendo; e da boca, dos ouvidos e dos cantos dos olhos, começou a sair um fio de sangue — ¡e o Lucena, interrompeu-se com um esgar de horror!

¡O Paulo e o Sousa escutavam mortificados, surprêsos!

O Lucena continuou, dando uma grande palmada nas costas da mão, por causa dos mosquitos:

— O preto agarrou logo nela e levantou-a do chão pondo-a em pé e inclinando-lhe a cabeça para trás, sempre silencioso, pois que até ali não tinha dado uma palavra; então pediu-me por gestos para lhe deitar na boca um pouco do óleo da candeia tirando o mecheiro, evidentemente para a fazer vomitar, o que não conseguiu; eu, atarantado, inútil, — nunca tive geito para médico — desejava fazer qualquer cousa, sem ver, sem perceber nada daquilo, lembrei-me de uma crise histérica em alto grau. Estas raparigas mulatas são em geral muito nervosas,

Corri à porta a pedir água, uma toalha molhada, qualquer cousa fria, e a Bandiná partiu logo correndo; gritei depois da varanda que um homem fôsse avisar o senhor Sousa, e despachei outro em procura do médico da Esquadrilha, que como Vocês sabem, reside no Chinde, mas que de vez em quando vem a Quelimane, e agora está cá, e pedi mais luzes, muita luz, para ver dentro do quarto da pobre N'fuca. Ouvi a voz da Bandiná, a dizer-me que já vinham as toalhas, e quando o quarto se iluminou com as candeias e um candeeiro de petróleo, que a Bandiná aflita trazia, e uma velha atrás dela com um cântaro cheio de água, e toalhas, é que eu observei bem os estragos que o desastre já tinha causado.

O preto já tinha deitado com cuidado e respeito a pobre mulher sôbre a *fumba* do leito, e pronunciava baixo e contínuamente – «*Oh! mambua! oh!... mambua! Kambiasa mambua!*» — olhando ao mesmo tempo para todos os lados e cantos da casa com a acuidade de vista de que a raça negra é dotada... e abanava a cabeça em ar de desânimo. Depois arranjou um tição ardente com um pauzinho, na chama de uma candeia, e dirigindo-se com êle para junto da N'fuca, queimou-lhe o peito em três sítios, sempre abanando a cabeça. Cheguei-me à esteira, onde a N'fuca, sempre desmaiada, continuava a sangrar pelos ouvidos e nariz, mas já em menos quantidade, e vi que o sangue se coagulava imediatamente; e a Bandiná, tão atarantada como eu, tapou-lhe a cara com uma grande toalha molhada em água. Junto da porta do quarto, as pretas e os pretos do *luane*, aterrorizados, em montão, empurrando-se, davam berros e guinchos, exclamações guturais saíam das bocas escancaradas, e toda a habitação andava em balbúrdia. Alguns homens acendiam archotes,

cujos clarões, iluminavam o quarto em relâmpagos de côr sanguinolenta. ¡ Era um espectáculo horripilante!

O Lucena interrompeu-se, bateu de leve com o chicote na cadeira e murmurou:

— ¡E' espantoso como se morre de um momento para o outro!... em plena saude!

— Mas a final? — exclamou o Sousa ansioso.

— ¡ Foi a mordedura venenosa de uma cobra o que matou a N'fuca! — respondeu o Lucena.

— De uma cobra!? — exclamaram o Paulo e o Sousa.

— Sim, foi então que eu percebi, porque o preto alto, que tinha arranjado um pequeno tronco bifurcado e cortado quási rente nas duas extremidades da forquilha que elas formavam, com êle na mão direita, explorava com cautela e lentidão, o quarto, rosnando coisas, abaixando-se, esquadrinhando debaixo das mesas, e por detrás das malas, e das várias trapalhadas que para aí há. De repente, ao levantar com o tronquinho o canto de uma esteira, deu um salto para trás, ao mesmo tempo que me fazia repetidamente sinal para todos saírem do quarto. Instintivamente corri para a porta e lá esperei. Então o negro, com mil cuidados, rodeou a esteira, arteiro, e ajoelhado foi correndo com o peso do corpo, e com a palma da mão, dando pequenos assobios, por sôbre a esteira como que empurrando lentamente qualquer objecto, até que o vi com a rapidez fulminante de um relâmpago, cravar a estaca no chão. Mas eu estava ancioso e, da porta pareceu-me ver no leito o corpo da N'fuca alongar-se, esticar-se, e corri, para lá...

— Estava a morrer!? — preguntou o Sousa opresso.

— Sim, estava a expirar — disse o Lucena lentamente — ainda lhe pus a mão sôbre o coração ainda lhe senti as

últimas fracas pulsações... ¡e logo a morte... o irreparável, o inexorável, foi-me revelado pelo frio que ia subindo das mãos para o peito! e os pés já estavam violáceos... ¡estava morta! Na minha aflição, dei um grito, virei a cabeça, e as molecas apinhadas à porta entraram, rodearam o leito em grande chôro, e então vi o preto, de joelhos ainda sôbre a esteira, com a mão direita fincando com toda a força a varinha bifurcada no chão, e com a outra, onde brilhava um objecto esbranquiçado que não poude distinguir o que fôsse, a bater pancadas repetidas e sêcas sôbre qualquer cousa que soava abafadamente, como se batesse em cima de uma camada de feltro, depois, levantou-se brandindo no ar, apertada pela cabeça, entre os grossos dedos descarnados e fortes como duras tenazes, o corpo pendente de uma pequena cobra. Foi só então que eu percebi a causa da morte da N'fuca ¡a mordedura de uma cobra! venenosíssima para em tão pouco tempo a matar sem se lhe poder acudir. As pretas agora agarravam-se num chôro ao corpo da N'fuca, onde a morte já começava a espantosa obra da rigidez cadavérica.

— ¿Mas então uma sangria no braço não lhe teria feito bem?

— Eu sei lá! — disse o Lucena — eu sei lá sangrar! — e continuou: — Por fim o negro saíu do quarto com a cobra e a Bandiná que de tôdas as mulheres era a que mais expediente mostrava ter, disse-me que o preto a ia queimar à cozinha, porque as cobras tinham tanta astúcia, que se fingiam mortas para verem se escapavam...

¡Imagine que tudo isto que lhe estou contando não demorou mais de vinte minutos! E' espantoso! ¡os senhores já apareceram, e o doutor ainda não!

— Agora, a boas horas! — disse Paulo.

— O preto teve coragem! — disse o Lucena.

— ¿ Era um preto alto, assim já homem de meia edade, magro, com mau aspecto, com um colar de cornichos entremeado de contas verdes? — preguntou o Sousa com voz lenta.

— Sim, parece-me que sim; lá a côr das perolas de vidro, não reparei. Se êle não procura a cobra, eu não percebia de que é que a N'fuca sofria, na escuridão do quarto, e a cobra podia saltar sôbre mim...

— Preciso ver o Zuda, era o Zuda, é necessário que eu o veja... ¡ mas como é que eu hei de arranjar isto agora! — e o Sousa desalentado, deixou-se cair numa cadeira ocultando o rosto entre as mãos e Paulo ouviu-o murmurar:

— ¡ E não sei o que hei de fazer! Ah! que desastre! que desastre!

— As mulheres velhas do *luane* estão a lavar o cadáver, — continuou o Lucena — e a vesti-lo para o colocar na *fumba*... Era cristã...

— Era... — disse o Sousa — há de avisar-se o pároco da Igreja de Nossa Senhora do Livramento — e caíu num silêncio absorto, alheado.

— Mas... — preguntou o Sousa saindo da sua abstracção — ¡ ¿ como é que se explica a presença aqui de uma cobra tão venenosa, cujo veneno mata em vinte minutos!?... Hein!? — disse êle para o Lucena, franzindo o rosto numa desconfiança, numa interrogação agressiva.

— Eu sou prático do mato, estas cobras, procuram as solidões das florestas, os sítios húmidos e pantanosos, escuros, arredados de ruídos e de gente... ¿ como diabo é que apareceu aqui uma? Só a capelo ou a alca-

tifa. Eu não a vi... e então num *luane* tão antigo, sempre cheio de movimento... ah! isto não fica assim! o Governador há de mandar fazer uma investigação... Oh senhor Lucena! ¿não lhe parece que tudo isto não é casual?... haveria crime!?

Então o Lucena estremeceu. Uma desconfiança! aquela idea fez-lhe mêdo. Um crime!? E êle era o único branco que tinha assistido à tragédia... ¿como explicar?... ¡se a cobra já tinha sido destruída, e os sinais das mordeduras estavam deturpados pelas feridas produzidas com o tição ardente com o que Zuda queimara a pele macia e fina da desditosa N'fuca!

E o Lucena, espantado, surprêso da feição que o caso tomava preguntava a si próprio, ansioso, o que se iria passar... ¡E um ar de pesadelo pairava agora em roda dos três rapazes que estavam calados e sucumbidos na comoção dos primeiros momentos!

Mas Paulo viu passar a Bandiná, levando na mão um cesto, chamou-a de parte e preguntou-lhe se não tinha visto o caso... e a Bandiná, logo com volubilidade, contente por dar explicações, detalhes, respondeu de boa vontade, pondo o cesto no chão para falar com mais abundância de gesticulação.

Zai! tinha sido a primeira a entrar no quarto onde a N'fuca agonizava — o que era mentira — e logo tinha visto que era veneno de cobra, já havia dias que a *sinhára* N'fuca tinha encontrado uma *inhoca* na varanda, enrolada, e tinha ficado, desde êsse dia, apreensiva. Era mau sinal! « — ¡Parece até que foi no dia da festa! — » disse a ladina Bandiná a sorrir, já esquecida do pavoroso drama que se desenrolara em minutos naquela casa.

— Bem, mas depois? — interrompeu Paulo, obser-

vando que o Lucena e o Sousa a escutavam com interesse.

— Depois, Zudá apanhou cobra, matou cobra, queimou cobra, mais nada, e Bandiná e *m'cunha* Lucena estiveram ao pé de n'anha N'fuca até ela morrer...

— ¿Mas não te lembras de mais nada? ¿Zudá não te disse nada?... Vocês lá conversam uns com os outros, dizem coisas que não contam à gente... hein! .. ¿que diz a Bandiná?... que disse Zudá?...

— Zudá não diz nada, não fala, Zudá entrar de noite no quarto de *n'anha* N'fuca, com um bocado de bambu na mão, com muito segrêdo, Bandiná estava no poço e bem viu. Bandiná não gosta de Zudá... ser mau...

— Ah! — disse o Sousa lá da cadeira, onde estava sentado — ¿o Zuda entrou no quarto de N'fuca?

— Si siò!

— Donde vinha?

— Vinha do estrada.

— ¿E foi logo ter com a N'fuca?

— Si siô, passou longe do poço mas Bandiná viu...

— E depois?

— Mais nada, Bandiná viu sair a èle do quarto, sem o bambu, ia a contar dinêro.

Então os três rapazes entreolharam-se surprêsos.

— Esta agora! — disse o Sousa.

Paulo pensou então ¡¿teria sido um suicídio!? num desespero...

— Esse Zuda gozava aqui no *luane* de umas regalias que os outros pretos não auferiam: êle tinha uma palhota à parte, êle não trabalhava de enxada, êle falava com a N'fuca quando lhe apetecia, era temido... — murmurou o Sousa pensativo.

Mas a Bandiná, disse que «êle nunca falá com *n'anha* senão quando *n'anha* mandava chamá, e a última vez que *n'anha* N'fuca tinha mandado chamá tinha sido uns dias antes, e depois Zudá tinha saído do *luane*, e Bandiná não o tinha visto senão agora, e Bandiná não gostava de Zudá».

— Bem! podes ir embora — disse Paulo, e a Bandiná pegando no cesto e fazendo chocalhar as pulseiras e os colares desceu a escada a correr.

— ¿E se eu mandasse prender já êsse Zuda? — disse o Sousa.

— Não era mau, para ver se êle sabe alguma coisa mais — respondeu o Lucena.

— ¡ Mas se eu me vou embora amanhã! — disse o Sousa desesperado — Oh! senhores! em que ocasião veio isto! E depois, o preto desaparece se dá tento que o andam a procurar ¡ isso de o agarrarem leva às vezes meses! mete-se no mato, os outros pretos protegem-no com mêdo destes patifes, êstes macuas são medrosos, êle é um maganja. Onde é a cubata dêle? vamos lá, talvez que à volta já as velhas tenham arranjado e vestido o cadáver da minha N'fuca... ¡ que a final eu gostava dela!...

— ¡ Quem é que não gostava! — disse o Lucena com um suspiro.

Então Paulo seguiu com o Sousa e mais uns pretos alumiando com archotes os carreiros do *luane*.

¡ Fazia o calor abafado de sempre! ¡ e não obstante, Paulo com a pele húmida e o suor a escorrer-lhe pelas ilhargas, sentia a sensação do frio! E a luz dos archotes, atraindo mosquitos, formigões alados e miríades de insectos esquisitos enchia o ar de zumbidos, de assobios, em redor das suas orelhas. Dois carreiros apareceram; os

pretos dos archotes tomaram por um dêles, e ao fim mostraram-lhe a palhota do Zuda, isolada das outras; chamaram-no, ninguém respondeu. Não estava lá. Então a Paulo deu-lhe a curiosidade de entrar.

A porta era muito baixa, teve que se curvar quási em ângulo recto: lá dentro ninguém; mas a palhota estava abandonada de fresco, porque ainda se viam no chão restos de mapira, e as cinzas de uma fogueira ainda quentes. Pairava no ar um cheiro horrível que obrigou Paulo a saír imediatamente cá para fóra não sem observar o interior bem iluminado pelas luzes dos archotes que penetravam pela porta e pelos interstícios junto do teto afunilado.

A um canto, um catre, com a *fumba* estendida em cima, e no terreno, à roda, havia um sulco cavado no solo para se deitar uma infusão vegetal, destinada a garantir o sono contra o carrapato e mais bichezas noturnas...

Num canto estava uma zagaia; sôbre um tamborete um pote de barro, que ainda tinha tabaco; um apoio de madeira para descansar a nuca, e, em desordem no chão, tachos, cabaças, uma *kata* e trapos imundos.

E Paulo, ao ter outra vez de se curvar, já enojado, para sair pela porta da cubata, deu com a vista no brilho intermitente e doirado de um minúsculo objecto que faiscava solitário ao clarão trémulo da luz dos archotes.

Pegou-lhe com curiosidade e, nesse momento, um arranco súbito de surprêsa, fê-lo soltar uma exclamação surda.

— Oh!... ¡mas isto é a cápsula pulida de uma bala de revolver!...

— O que é? — preguntou o Sousa, vendo Paulo, já cá fora, a mirar com insistência o pequeno objecto.

— Nada!... — respondeu — é uma contazinha de la-

tão, de feitio esquisito que achei lá dentro... gosto de coleccionar estas coisas... Vamo-nos embora.

— Vamos! o marôto pôs-se ao largo... ah! ¡que se eu não tivesse de embarcar amanhã! — disse êle agitado — mas encarregarei o Cunha de me indagar... ¡isto não fica assim! — murmurou num soluço...

Paulo encontrava-se prêso subitamente de uma ansiedade dolorosa, opressiva, sufocante... A sua descoberta sugeria-lhe pensamentos incongruentes que êle logo repelia com violência... mas vinha-lhe à memória a recente conversa com o Sousa no terraço do Palácio, em que êle contara que a desditosa N'fuca dissera a propósito da não existência de arma de fôgo no *luane*, que ia castigar a Luísa por ter entendimentos com o cozinheiro do Teixeira... e Paulo alvoroçado, entrevia na sombra do mistério, um drama ainda mais terrível...

Agora o Sousa pensativo, ia adiante calado, e ambos voltaram à varanda onde o Lucena disse que as cerimónias das lavagens e preparo do cadáver já estavam prontas, ao passo que os gritos das carpideiras, em baixo no terreiro, continuavam monotonamente plangentes.

No vasto quarto de N'fuca, numa atmosfera pesada, onde cheirava a uma mistura de coisas esquisitas, incongruentes e fedorentas: certas ervas queimadas, água-de-Colónia, aguardente e catinga, à luz mortiça de duas lâmpadas fétidas que faziam agitar grandes sombras pelo alto teto e pelos recantos, os três jovens contemplavam silenciosos o corpo sem vida daquela que fôra talvez a mais bonita mulher zambeziana, exemplar esquisito em requintes de paixão, flor exótica dessa portentosa região africana, essa *senhora flor* — N'fuca — como lhe tinham cha-

mado os macuas, e que tinha lançado em volta dos pescoços daqueles dois homens que agora ali estavam juntos um do outro, ao lado de Paulo, o encanto dos seus belos braços, tão bem torneados como se fôssem um bronze de arte, que se transformasse sob o calor da paixão, em carne macia, e que os tinha adormecido a ambos sôbre os seus túrgidos seios, no cansaço voluptuoso das suas carícias enervantes. E agora, sem deixarem transparecer um ao outro os pensamentos e as recordações que vertiginosamente lhes acudiam aos cérebros, despediam-se para sempre com saudade daquela original e rara flor da Zambézia, mudos e imoveis nas suas fisionomias sérias e graves.

XXII

N'fuca estava morta, e afigurava-se a Paulo que, com o desaparecimento súbito dessa linda mulher de côr, bela no seu género de flor tropical, fruto apetitoso, sazonado e saboroso dessa Zambézia tão pouco conhecida em Portugal, morria também a tradição secular de uma bem portuguesa província colonial, e que, a pesar de bem portuguesa, ainda estava semi-oculta e misteriosa nas riquezas que encerrava nos seus vastos territórios.

Assim no Barué, no Luenha, havia oiro fino, que os pretos vinham vender a Tete, e os prazos tongas e baruistas ainda estavam por desbravar da selva que os recobria; sabia-se vagamente que não havia pântanos no Barué, êsse vasto território que os navegadores antigos já conheciam dirigindo-se para êle, do porto de Sofala.

Desaparecera para sempre essa representante do prestígio imenso das *donas* zambezianas, prestígio que fôra acabando dia a dia, porque a vida colonial começava a ser outra, muito diferente da que até ali tinha sido, e uma vez iniciada esta transformação, era rápida a feição moderna que o tratamento indígena ia sofrer.

Já não era possível a revolta e a intriga entre régulos e *mosungos*, e se ainda os havia poderosos, em breve iriam ser apeados do seu pedestal de fama de serem inexpugnáveis as suas aringas, e de poderem mobilizar milhares de *insacas* de guerreiros ferocíssimos.

Naquela vasta província, na Alta e na Baixa Zambézia,

já todas as terras estavam pacificadas, reduzidos os seus régulos à impotência, e à sua verdadeira importância. As hordas de negros selvagens, assassinos e bandidos, salteadores e ladrões mulatos e goanenses insubmissos ao domínio português, estavam desfeitas, e o seu prestígio destruído porque os portugueses, pela tenacidade dos seus negociantes, dos seus militares e dos seus sertanejos tinham feito obra de posse definitiva. ¿Seria ela duradcura?...

Os esforços, a luta, as energias gastas, a saúde perdida, o sangue derramado naqueles plainos ardentes, por tantos homens de Portugal ¿seriam em pura perda de utilidades práticas para a Nação Portuguesa?...

O patriotismo dos sertanejos, do Exército e da Marinha que lá tinham deixado a sua saúde, e tantas vidas, tantos sacrificados em prol da Pátria — porque os lucros e ganhos das campanhas eram ridículos em relação ao esfôrço empreendido — teriam na metrópole o devido aprêço para d'ora-avante não deixarmos extorquir por estrangeiros a mínima porção do território avassalado, tributário agora de Portugal, assegurando assim o domínio efectivo de vastíssimas regiões: Zumbo, Manica, Quiteve, Barué, Angonia e mais terras desconhecidas onde sertanejos, homens patriotas e valentes, homens de acção, de coragem, e de inteligência, tais como o benemérito Manuel António de Sousa, Anselmo Ferrão, e outros, por tantos anos tinham palmilhado os sertões, contribuindo para a sua definitiva posse, correndo de lá com as incursões vexatórias dos vátuas e sempre ajudando as expedições portuguesas, com o concurso da sua lealdade e da sua experiência do mato, sempre prontos a combaterem ao lado das fôrças portuguesas, sem mercadejar o seu auxílio. E tantos que

tinham pugnado pela honra da Bandeira Portuguesa, algumas vezes mesmo desprotegidos completamente de recursos e de incitamento oficial. ¿Teria aprêço em Portugal essa luta contínua? — preguntava Paulo.

O tenente Lucena concordava, fazendo oscilar a cabeça em gestos mudos de afirmativa... sim, era necessário que todos soubessem, que todos apreciassem o que em valor prático as nossas colónias podiam daqui para o futuro render para a Nação, para não as irem entregando à exploração dos estrangeiros, sem *contrôle*, sem plano, sem ideal, sem acautelamento de interesses... Mas discordava de Paulo com respeito aos *mosungos*. Achava que o mulato e o canarim em Africa estavam sempre prontos a revoltar-se contra a autoridade, tinham sido êles as almas danadas de tôdas as insubordinações dos cafres. Grande quantidade de mártires pela grande causa da Pátria, desfeitos já em pó naqueles sertões adustos, tinham expirado ensopados em sangue, no meio de horrorosas torturas por culpa das rebeldias e intrigas dessa gente.

¡Só a família Cruz, à sua parte, desde o traidor *Bereco* êsse bandido chefe da dinastia dos Bongas, tivera cincoenta anos de rebeldia franca, expondo os portugueses aos maiores vexames!

Três expedições militares lá tinham ficado trucidadas, por entre as defesas da sua inexpugnável aringa e, ainda havia poucos anos passados que o negociante português ou *monhé* que navegasse pelo Zambeze, ao passar em frente do prazo Massangano, tinha que se sujeitar a pagar taxas e multas ao mulato tirano, desviando a vista das caveiras dos desgraçados oficiais da segunda expedição, que branquejavam espetadas por cima da porta principal da aringa, em troféu vaidoso, e a ver os pretos do Bonga a

passarem revista às fazendas, na praia, dentro das almadias e coxos à espera de ordens para seguir, e equipados com o armamento português.

Teriam sido assim o Caetano Pereira, o Manuel Vaz dos Anjos e mais tantos tiranetes de maior ou menor importância, e teriam sido assim as Donas, opulentas, cruéis e lascivas, e por fim ¡ oh desgraça ! oh tormento ! os agentes das influentes Campanhias estrangeiras, protegidos fortemente pelos próprios soberanos, que formavam sindicatos de testas coroadas, e que pela voz dos seus missionários atrevidos, constantemente desnacionalizavam, intrigavam o preto, incutindo-lhe o desdém por Portugal, pela língua portuguesa, e pelos costumes portugueses, e ao mesmo tempo solicitando dos Govêrnos benevolentes, favores de expansão, de protecção de pautas alfandegárias, de facilidades de transportes .. e outros. Ainda há bem pouco tempo tinha lá estado o estrangeiro em observação arteira, a ver contente a cerração de tormenta que, soprada por êle, se tinha dirigido em 1895 para Portugal, envolvendo nela o vulto cruel do afamado Gungunhana, o sanguinário régulo de Gaza, êsse vátua temido, descendente cruel e feroz do terrível Manicusse, tronco dessa dinastia de sanguinários e criminosos que reinava havia mais de setenta anos, em absoluto, com Maneva e o Musila.

Lá estava o estrangeiro tenaz e rapace a observar interessado se Portugal teria ainda energia e recursos financeiros, para lhe destruir o poder imenso que dominava desde o Incomati ao Zambeze.

¡ Felizmente, Portugal teve ainda êsse poder viril, e foi então um brado de pasmo por essa Europa fóra !

Paulo ouvia em silêncio a voz sussurante, de *ss* muito

ciciados, do alentado Lucena e sentia com pesar e pavor, a compreensão nítida da indiferença criminosa a que a nossa Africa tinha sido votada durante tão longos anos pela opinião pública nacional.

Lá dentro, no quarto mortuário alumiado pela luz bruxuleante e fétida das candeias alimentadas a óleo de palma, o vulto esguio do cadáver da que fôra a linda e provocante N'fuca, essa elegante Dona Rosário, por quem tanto branco se tinha apaixonado, aparecia esbatido nas sombras movediças das mulheres embiocadas que, em silêncio, rondavam em volta do catre fúnebre; e, cá fóra, na explanada, sob a varanda, os choros e as lamentações das carpideiras, acocoradas sôbre os calcanhares, postas em círculo, lugubremente enchiam o ar de pavor e de tristeza, o que fazia uivar os cães dos quintais próximos, estranhos àqueles gritos lancinantes, e durante um dia e uma noite êles ressoariam pungentes pelas terras do *luane*.

Mas o Lucena continuava sussurante, sibilando os *ss:*

— Havia lugar para todos... e um dia, que com certeza vinha próximo — êle tinha fé — a Alta Zambézia seria um alfobre de riquezas, com o seu bom clima, já em condições de boa adaptação à raça branca ¡não ouvira êle dizer que havia lá para cima velhos residentes de sessenta anos, com trinta anos de residência!...

Com certeza, essas vastas regiões de solo ainda virgem, povoar-se-iam com a resistente raça de Portugal, de certo raça vigorosa, mas a que faltava recursos scientíficos e monetários para saber vencer as deficiências do clima. E então, acabaria de vez a tradição de que a Zambézia era o *cemitério dos brancos*. E prosseguiu: — ¿O Paulo amigo ignorava ainda, que a Angonia era, por exemplo,

um vasto sanatório, e um vasto celeiro segundo as opiniões de médicos e de exploradores? Por certo não sabia?...

E a serra da Morrumbala, lá para o Chire, possuía relativamente perto da Baixa Zambézia, como nenhuma outra região, excelentes condições para ser a estação de repouso e de cura para os impaludados das terras da Baixa Zambézia, que actualmente gastavam tanto dinheiro em passagens para Portugal, abandonando forçadamente interêsses e trabalhos importantes.

Visse Paulo, alguma vez, se a ocasião lho proporcionasse, que aquela montanha subia em altitude a mil e trezentos metros. ¡Pois a cinqüenta metros a temperatura era tal que já apetecia agasalhos!... E na base, onde o grau de calor era o da planície, nascentes de águas sulfurosas em temperaturas de setenta a setenta e dois graus afluíam à superfície, explêndidas para os herpéticos e para os reumáticos.

Com os recursos da civilização europeia, e com o dinheiro drenado das *burras* dos capitalistas prudentes da metrópole, as grandes planícies inundadas das margens do Zambeze perderiam, com o andar do tempo, a sua maléfica acção sobre o organismo humano, e então, com estradas, com caminhos de ferro, com hotéis confortáveis, fábricas rumorosas de maquinismos trabalhando as matérias primas ¡a Zambézia seria o segundo Brasil português!

Paulo ouvia-o com um sorriso de incredulidade...

¡Era um sonho de um lírico!... de um visionário! ¡Quanto dinheiro era necessário para se chegar a tal apuro! ¿onde é que êle se iria buscar? a Portugal?... Estavam bem servidos os zambezianos.

Paludosa era a Itália desde Roma a Spezia, acumula-

vam-se lá milhares de pessoas, e a sciência ainda não debelara o mal e isto na própria Europa ¡¿ como queria o Lucena amigo aclimatar a família da raça branca na Zambézia!?

— O futuro é que havia de dizer—respondera o Lucena, com ar convicto.

Um ruído de passos apressados veio distraí-los da conversa donde nada de prático se concluía e Paulo viu uma machila que vinha transportada à maior velocidade das pernas dos pretos.

Irrompeu num derradeirc impulso pelo quintal e veio parar junto da escada, e dela apeou-se um indivíduo de aspecto distinto, magro e alto, de óculos, vestido de azul, chapéu de palha na cabeça, apoiando-se a uma bengala de madeira preta com castão de prata.

— E' o médico da Esquadrilha que está em Quelimane agora; porque êle reside no Chinde, e eu mandei-o chamar — disse o Lucena encaminhando-se com o Souza para a entrada da varanda.

— Infelizmente o médico servirá só para passar o bilhete de óbito — disse o Sousa com tristeza.

Cumprimentaram-se numa saudação breve.

— Então? — preguntou o doutor — foi mordedura duma cobra venenosa, segundo me disseram...

— E' verdade, doutor, lá se vêm bem os sinais em triângulo, em pleno peito — respondeu o Lucena.

— Vamos lá a vêr isso — e o doutor dirigiu-se para o quarto mortuário com o Sousa, emquanto Paulo e o Lucena ficavam encostados à balaustrada da varanda.

O exame médico foi rápido.

Dali a momentos o doutor aparecia na varanda. Acen-

deu um cigarro, cuja brasa brilhou na treva, e atrás dêle o clarão do fósforo mostrou o vulto do Sousa, destacando-se na sombra.

— Oh doutor ! ? —preguntou êle — ¿ seria casual, ou seria um suicídio, êste trágico acontecimento ?

—Hum ! . . . a idéa de suicídio parece-me que se deve pôr de parte. . . isto deve ter sido desastre. Pela posição dos sinais da mordedura, isto teria acontecido, talvez estando ela sentada num banco baixo, ou inclinada sôbre qualquer objecto donde a cobra saltou. . . talvez sôbre o leito, as cobras têm muito o costume de se esconderem entre as roupas da cama. . . já não era o primeiro caso.

O Sousa calara-se, e absorvia-se nos seus pensamentos. . . Que desgraça ! ¿ a quem entregaria êle no dia seguinte a criança, o Niné ? era impossível ficar em Quelimane, teria de o levar comsigo, e mais a ama, para o vapor. . . procurar depois em Lourenço Marques quem lhe tomasse conta dêle. ¿ E se a preta não quizesse sair da terra, o que era o mais provável. . . deixá-lo-ia aqui entregue a uma dona qualquer que a isso se prestasse ?. . . Pobre criança ! . . . O Lucena ou o Teixeira fariam o obséquio de lhe dar a mesada para o sustentar e para o tratamento dos dois. . . Que desastre ! . . . que desgraça !

O doutor dirigia-se agora aos dois jovens tenentes:

— Isto, ainda assim, não é muito vulgar. . . Em Quelimane há viboras ; não digo que não apareça alguma cobra *da palha,* mas com a virulência do veneno que matou em tão pouco tempo esta pobre rapariga. . . é realmente pouco vulgar. . . Eu já aqui ando pela Zambézia há algum tempo, é verdade que não tenho saído do Chinde, mas para mim, é o primeiro caso dêste género.

— Também não tenho ouvido falar, — disse o Lucena. Casos fatais com jacarés é que são muitos...

— Ah! sim, uns cem por ano se não fôrem mais. Não se passa uma semana que em qualquer aldeia de borda de água não haja a lamentar a perda de uma vida, e é tão perigoso o rio nalguns sítios que a própria água para usos domésticos é tirada de lá por meio duma cabaça atada a uma corda, de cima da margem que se procura alta... e nem mesmo os remadores dos coxos e almadias escapam, porque o crocodilo atira-se à mão que segura a pagaia, se ela vai um pouco mais rasteira à superfície.

— Felizmente aqui ainda não vi nada disso — disse Paulo.

— Agora em ofídios, a fauna da Zambézia não está também mal servida, mas nos logares pouco habitados. Há a giboia, isolada nas grandes florestas; há a víbora negra e cinzenta, que pode vir na lenha da cozinha, ou para bordo, no combustível das fornalhas da caldeira; há a cobra *da palha* no mato, oculta entre o capim sêco; há a cobra verde da agua, uma que o preto ao sentir-se mordido, berra por socorro, mas não se tira da água emquanto não lhe acodem porque tem a crença de que, emquanto lá estiver não faz efeito o veneno; e há emfim a cobra *capêlo* de efeito mortal, e dizem que a *alcatifa* que é fulminante, e que parece projectar o veneno a distância, mas é rara. Foi pena terem destruído o bicho, para se ver agora.

— Eu é que tive a culpa, que não reparei, — disse o Lucena — mas o doutor não imagina como todos estávamos atarantados.

— Faço idea .. ¡ e depois sem saberem por onde é que ela se tinha sumido! podia ainda fazer mais vítimas.

— Isso nem lembrou... eram todos à roda da pobre rapariga.

— Ah! se ela tivesse resistido durante algum tempo à acção do veneno, talvez o suco da *ophioxilum serpentinum* ou da *ophiorhira mungos*, mas — e o doutor sorriu-se — ¿onde encontrar essas plantas a tempo para preparar o contra-veneno?

— Só talvez na palhota de algum preto feiticeiro, dizem que êles conhecem bem as plantas, e têm certos remédios infaliveis que o branco parece ignorar ainda — replicou o Lucena.

— Sim é verdade, há curas inexplicaveis... isso há...

— Isto ainda está muito perigoso emquanto não puderem dar cabo de todos elas — disse Paulo.

— E na Índia? ¿não morre todos os dias gente com a mordedura das cobras? e não têm cidades maravilhosas há séculos?...

— Ah! pois é — disse o Lucena — agora mesmo quando o doutor entrou aqui, acabava eu de dizer ao meu camarada que a Alta Zambézia virá a ser uma região saudável, com o correr do tempo... e a Baixa Zambézia também, ainda que seja mais difícil, e até lhe falei na serra Morrumbala, como sendo a Cintra da Zambézia.

O médico sorriu-se e puxando uma fumaça ao cigarro encostou-se à varanda, murmurando lentamente:

— Ah! sim, a climatologia da Zambézia está muito pouco estudada; há apenas alguns apontamentos de curiosos um dos quais sou eu... A terra, a água, o clima, dão à Baixa Zambézia uma fertilidade enorme, mas uma enorme insalubridade também. O solo é riquíssimo de substâncias orgânicas de fácil penetrabilidade pela água de que a argila é ávida; o clima é inter-tropical puro,

magnífico gerador de anemia tropical... e magnífico meio para a pululação malarial no solo e nos indivíduos.

Paulo ao ouvir isto, olhou para o Lucena, mas êste batia ao de leve com o cavalo marinho na borda da cadeira parecendo não ouvir.

Paulo lembrou-se perfeitamente do calafrio que tinha sentido irradiando da espinha dorsal, ao sair da residência do jovem Governador, e prometeu a si mesmo reforçar a dose diária do quinino, e não andar de noite por fora.

O Brás Lobato, que era mais forte do que êle, já tinha sido tocado por um acréscimo. ¡ Verdade é que muito quinino fazia-o surdo !

Mas o médico continuava a falar :

— Eu tenho, como é naturalíssimo atenta à minha profissão de médico, pensado mais de uma vez nas questões que se prendem à vida do branco nos climas inter-tropicais e, creio bem, que muitíssimo se pode atenuar a acção do clima e do solo... porque também há muito desleixo, muita incúria, e muito êrro praticado contra a higiene. Essas pançadas tradicionais à antiga portuguesa, por exemplo... tudo isso vai à conta de impaludismo, quando o indivíduo cai doente.

Depois, o doutor dirigindo-se directamente ao Lucena, disse-lhe :

— Eu já estive na Morrumbala, éramos três brancos e cincoenta pretos, demoramo-nos por lá um dia e uma noite, e no dia seguinte, com bem pesar nosso, descemos outra vez para as altas temperaturas da base.

— E então?

— Efectivamente o solo da Morrumbala não é pantanoso e tem altitudes em que o clima não é tropical; o calor é menor, e portanto a tensão do vapor de água também

menor; nós subimos só até meia encosta, até por sinal levantara-se naquele dia uma grande ventania do sueste, senti frio, e é minha opinião bem firme, que deve ser salubre; portanto a saúde é possível, e a colonização propriamente dita deve tornar-se bastante fácil e prática, dando lucros rápidos a quem lá se fôr estabelecer.

— Veja! senhor Lucena, ali em cima, em Chilomo, os ingleses andam vermelhuscos, e meu caro senhor, já lá arranjaram boas e confortáveis casas, avenidas largas e bem orientadas para o arejamento, muitas flores, etc. Porquê? Porque praticam melhor a higiene para se adaptarem ao clima; olhe que êles não são mais resistentes do que nós, antes pelo contrário...

— Talvez por essa razão é que tomam mais cuidado...

— Oh! senhor! ¡até os pretos e os sipais, têm outro aprumo, já inglesado! E compare com os nossos, veja mesmo os nossos funcionários, em geral mulatos e canarins que veem desde tempos imemoraveis para esta província, veja-os a fumar cigarros durante e depois do serviço, nos telégrafos, nos correios, nas alfândegas, nos armazéns de troca de géneros e de fazendas para o interior, e depois espapaçados numa molengueira que os predispõe explendidamente para a febre, a idear fortunas rápidas, grandes negócios de terrenos com estrangeiros, para estes lá trabalharem, e êles receberem os lucros para irem gozar para a Índia, ou para Lisboa, ¿e diga-me se não é necessária uma boa educação colonial?

— Isso é verdade, mas para mim esse remoque não serve, porque eu não fumo, faço *tennis* umas tardes por outras na residência do Governador e na casa Coelho e Carvalho, e empreguei tôdas as minhas economias em

acções do Borozinga de que tão depressa não verei dividendo... ¡ Já vê !

O doutor virou-se para o Sousa:

— ¿ Então o senhor vai amanhã para Lisboa?...

— Eu já não sei! ¡ mas não posso adiar a partida! Ah! tenho um enorme desgosto em não poder acompanhar esta pobre rapariga até à última morada... que emfim, sempre foi para mim alguma coisa de íntimo... Aqui os entêrros são pela calada da noite...

Mas o doutor interrompeu:

— Outros afectos lá o esperam ¿ não é verdade?

— Oh! sim com certeza, mas... — murmurou o Sousa e, disse qualquer cousa que ninguém percebeu; porém na escuridão da varanda os seus ombros alcachinados marcavam bem a depressão do seu moral.

— Olhe, meu caro, lembre-se das frases da liturgia fúnebre: « *terra volta para a terra, poeira volta para poeira e feliz daquele que morre no seio do Senhor!* »

— E' o patético cristão — disse Paulo com solemne entono.

O Lucena então falou:

— ¡ Mas foi terrivelmente triste êste desenlace fatal! Ah! esta rapariga tinha uma graça especial, e o seu aspecto não era vulgar. Na Europa, com educação, rica como era, juntamente com os seus encantos físicos, seria alguém de destaque e tornar-se-ia uma criatura excepcional no seu meio. Era uma flor, mas flor selvagem, porém cheia de um perfume enebriante de sedução. Os macuas chamavam-lhe n'anha N'fuca, *a senhora flôr*... poesia cafre, o que prova que a sabiam apreciar.

Então o Sousa ergueu o busto flácido e olhou demoradamente para o Lucena ¡ e aquele olhar foi inexpremível! ¿ Pesar, ironia, ciume? Só êle o podia dizer...

— Meus senhores, se me dão licença, eu despeço-me; nada tenho aqui a fazer — disse o doutor — E' bom acender uma fogueira, se têm alcatrão é queimar um pouco, ou folhas de eucalipto por causa desta mosquitaria que voeja incessante em redor de nós e do cadáver — disse êle, dando uma grande palmada na testa para matar um dos zumbantes insectos que lá pousara e o mordera.

— ¿Os senhores ainda se demoram por aqui? — preguntou.

— Ficamos mais uns momentos,

— Bem, então até à primeira.

— Chama o machileiro! — disse o Lucena a uma moleca que ia saindo do quarto.

— Si siô.

Dali a momentos, o doutor partia para Quelimane.

Agora, as mulheres de casa entravam e saiam do quarto mortuário embiocadas em *lôpas* [1] brancas ou azuis, em sinal de luto, e no terreiro da explanada as carpideiras só interrompiam o chôro e os coros fúnebres descrevendo as virtudes da defunta numa toada plangente, para irem beber *cachaça* à cozinha, onde já se encetara uma distribuição de *pombe* sob a vigilância da criada velha que aparecera na noite da malograda ceia de despedida do Sousa.

A cozinheira, pelos modos, não fazia senão matar galinhas porque, de espaço a espaço, ouviam-se os gritos delas a debaterem-se para fugirem das mãos que as procuravam agarrar.

Preparava-se no emtanto a comida para os convidados.

---

1 Panos de algodão.

Durante dois dias, depois do entêrro, que seria cristão, o *luane* estaria em alvorôço.

E tão depressa a sepultura encerrasse os despojos mortais da pobre N'fuca, quebrados sobre ela os calangos e outros objectos sem valor de que tinha feito uso em vida, regressados os acompanhantes ao *luane*, matar-se-ia uma galinha no sangue da qual todos os convidados mergulhariam um dedo, durante uns momentos de silêncio, com respeito e compunção.

Seguir-se-ia um batuque rijo, e uma perna dessa galinha morta na ocasião do enterramento, pendurar-se-ia à porta da casa que a pobre N'fuca tinha habitado a fim de qualquer convidado que não podesse ter assistido á fúnebre cerimónia a tocar com o dedo, como os presentes tinham feito no sangue — *como um desejo de paz com o espirito da morte* — e o batuque duraria pelo menos oito dias, com bebedeiras, excessos, pancadaria e depois .. o esquecimento completo.

A original Dona Rosário, talvez a última representante das antigas Donas zambezianas, não deixava impressão mais profunda no cemiteriozinho de Quelimane — *terra que voltava para a terra* — onde ia dormir em paz o sono eterno. ¡Só Niné, algum dia, se vivesse, seria a única pessoa que dela se lembrasse! porque os vivos passam indiferentes a quem morreu, mesmo àqueles a quem a arte levantou monumentos admiraveis que também acabam por cairem em ruínas e desaparecerem.

Por detrás do arvoredo copado do quintal, por entre os tetos colmados das palhotas espalhadas no *luane* daquela que se tinha chamado a Dona Rosário — a linda *n'anha* N'fuca — a luz avermelhada da aurora aparecia, e

a luz do sol que dali a nada seria deslumbrante, ia afastando com rapidez as sombras da noite.

Dali a pouco, num céu côr de ópala, listrado de nuvens côr de rosa, num incêndio que começou enchendo todo o horizonte de rútilos clarões, o sol apareceu...

Então essa terra fecundíssima, mais um dia se ia encher de calor; ia desentranhar-se em riqueza para quem a estava explorando, e o carvão, o cobre, a prata, o oiro, e outros metais de moderno aprêço, mais um dia se aqueceriam nos seus filões à espera de quem os fôsse, com audácia, tentar extrair da terra nesses distritos mineiros de que a Zambézia é farta e rica, valor imenso da colónia mais tradicional nos usos e costumes portugueses.

Podia e devia ser um tesouro de benesses para os seus possuidores, Portugal já não podia viver sem as suas Colónias. Era necessário tomar toda a conta nelas, arrancando-as do marasmo em que vegetavam havia mais de trezentos anos.

Dizia-se em Lisboa que estava nas Colónias o futuro de um Portugal novo, mas o povo pouco se interessava, ainda sob a impressão da Africa dos presídios do século XVII.

E a Zambézia continuava a ser o *cemitério dos brancos*.

O mais difícil começava agora a fazer-se; fortes Companhias iniciavam entusiastas o impulso à agricultura, êsse labor da terra, que era o principal ofício da Zambézia. A par da porção de território ocupado e cultivado, drenado de águas impuras, iriam modificando assim as más condições telúricas.

Nos gabinetes dos homens públicos que administravam superiormente as colónias, não deviam preponderar aqueles para quem a política era apenas uma fina rêde de enrèdos e habilidades, mas tôdas as competências que punham ao serviço da Pátria, estudos e preocupações de engran-

decimento colonial, é que abririam larga porta às ideas práticas adequadas ás exigências da moderna vida. ¡ E Portugal é ainda, em grandeza, a segunda Nação colonial da Terra!

¿ Perdidas as colónias, qual seria a razão da existência dos portugueses?

¡¿O desabar real de todo o passado histórico e grandioso, seria o *Finis Patriæ*!?

Sim! era necessário agitar a opinião pública, e com ela como ponto de apoio da acção dos Govêrnos, defender as nossas Colónias contra as pretensões estranhas; e beneméritos seriam todos aqueles que de algum modo concorressem para êsse patriótico fim.

E um dêles era a propaganda scientífica, metódica e generosa, feita pela conferência, pelo livro e pela imprensa diária, pelo cinema, pela gravura, talvez pelos encantos de um turismo fácil...

Os três jovens estavam cansados da vigília, um torpor lhes invadia os corpos lassos, ao passo que a terra rapidamente ia aquecendo.

A Paulo passava-lhe na mente tudo a que tinha assistido durante o primeiro mês de residência em Quelimane, nesta terra de calor e de febre.

E o seu olhar pousava agora na morta jacente sôbre a *fumba* do leito, cujas formas se adivinhavam sôbre os panos ricos que a recobriam e onde as claridades do sol cada vez mais intensas, punham fulgores amarelados nas suas faces frias e rígidas, onde não havia já uma palpitação de vida, dessa vida tão interessantemente vivida, no seu meio especial, naquelas ainda bárbaras e misteriosas terras de paixões violentas, de trabalho intenso, e de luta constante contra o clima e contra os homens...

Mas um arripio brusco que lhe trespassou as costas, gélido como o frio golpe de uma lâmina, veio lembrar-lhe que já era o segundo que sentia desde o comêço da noite, e a consciência de sair dali, agora que as evaporações forte da terra iam fazer espalhar no ar todos os maléficos eflúvios da malária. Nunca Paulo sentira como neste momento essa impressão desagradável de torpor que antecede em geral a eclosão de um acesso febril, e era com tristeza que êle via aproximar-se o momento em que também sucumbiria ao influxo deletério do clima.

Os outros rapazes, o Lucena e o Sousa, sérios e silenciosos, teimavam em velar o cadáver não querendo dar mostra de arredar pé dali. Então Paulo pretestando ter que fazer na casa da Esquadrilha, olhou mais uma vez a face marmórea daquela que fôra uma linda mulher, viu as figuras contristadas daqueles dois homens que o acaso das suas diferentes carreiras militares, tinha juntado ali em frente daquele despôjo inanimado de uma *Dona* zambeziana, relanciou o olhar por aquele scenário pitoresco que servira de fundo a todas as scenas de um estranho drama de amor africano e, tendo mandado chamar os seus machileiros, despediu-se da interessante N'fuca com um último olhar e, por entre a negraria respeitosa e bronca, passando pela varanda, desceu a escada de madeira toscamente aparelhada. Dali a momentos a machila que o transportava, ao grito de impulso do atlético Sambô, internava-se nos caminhos sombreados de bananeiras e coqueiros, que rodeavam o *luane* da Dona Rosário, e desapareceu em breve sob as sombras das árvores frondosas.

Agora, o modesto Arsenal de Quelimane ia encetar os trabalhos no *Chirua*, e Paulo percorreria depois nêle o

Rio dos Bons-Sinais, e novos aspectos e paisagens, scenas inéditas do viver pitoresco da Zambézia êle veria, durante as excursões em serviço da Capitania do pôrto, onde, quatrocentos anos antes, os companheiros de Vasco da Gama desembarcaram, esfomeados, fatigados, mas alegres de esperançoso anseio, com os bons sinais da maravilhosa terra da India, nossa riqueza, nossa perdição...

E tanta abóbora lá comeram que, para o cafre, o português é ainda o *inhamatanga*, o abóbora...

*

* *

Acaba aqui, leitor, um dos bafientos folhetos da caixa de cânfora, encontrada na Rua da Verónica.

Se alguma vez te lembrares da N'fuca, desaparecida num coval do cemitériozinho cristão de Quelimane, pondera que ela foi a lídima representante de uma semi-bárbara Zambézia, e que hoje, essa colónia prossegue na rota da civilização, e aumenta sempre em valores explorados com sciência e método, joia inestimável do nosso património colonial.

E eu, Carlos Crispim da Cunha Carvalho — o nome não importa, mas sempre é bom apontá-lo à gratidão dos pósteros — sinto prazer em expor, que hoje os Govêrnos, a benemérita Sociedade de Geografia e homens de valor e de saber, empregam quotidianamente esforços inteligentes, honestos e intemeratos contra as pretenções do estrangeiro, numa acção de conjunto para o máximo interêsse da Nação, visto que as Colónias são dela partes integrantes e o melhor penhor da nossa independência política e económica.

Junho 1927.

INDICE

Depósito : — Avenida da República, 43, 2.º, direito.